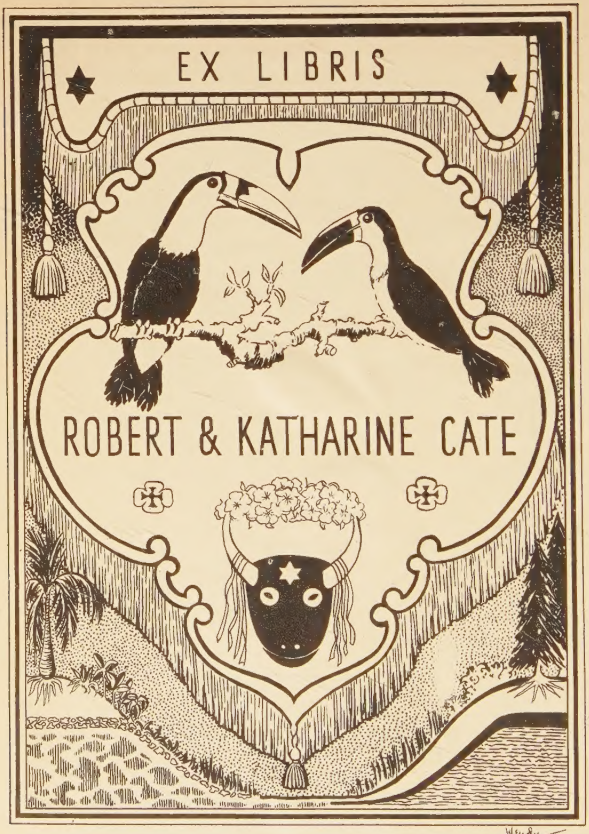

EX LIBRIS
ROBERT & KATHARINE CATE
Wendy 1963

Digitized by the Internet Archive
in 2025

https://archive.org/details/maxambombasemara0000mari

MARIO OLIVE

MAXAMBOMBAS e MARACATUS

De Mario Sette:

Ao Clarão dos Obuzes
Rosas e Espinhos
Senhora de Engenho
Quem vê caras
A Filha de Dona Sinhá
O Vigia da Casa Grande
Velhos Azulejos
O Palanquim Dourado
Sombras Baraúnas
Terra Pernambucana
As Contas do Terço
João Ignacio
Brasil minha terra
A Mulher do meu amigo
Seu Candinho da pharmacia

MARIO SETTE

MAXAMBOMBAS E MARACATÚS

ILLUSTRAÇÕES DE
PERCY LAU e NESTOR SILVA

EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA
RUA QUIRINO DE ANDRADE 23 — TELEPHONE 2-1406
CAIXA POSTAL 3675 — SÃO PAULO

Cronicas de um Recife que eu não quiséra fôsse ainda o que era, mas de que tenho saudades por haver deixado de ser o que foi.

Dir-te-ei primeiramente
Qu'este Recife d'agora
Não he mais, nem já parece
Qual o conheceste outr'ora.
Novas casas, novas ruas,
Vão surgindo de repente;
E não podes calcular
O quanto se augmenta a gente.

(O CARAPUCEIRO — 1840).

Pastoris

Noite de sabado.

O comercio a retalho fecha vagarosamente. Um negociante esperando que o visinho cerre tambem suas portas na ganancia do ultimo tostão para a gavêta. Ruas de Santo Antonio entristecendo e lampeões sendo apagados. Caixeiros, em grupos nas calçadas, alguns ainda enfiando os paletós e pondo as gravatas, antegosam o dia todo de vadiação do proximo domingo. E de um deles sai a pergunta costumada, infalivel:

— Vocês vão hoje ao pastoril?

— De onde?

— Da Encruzilhada?

— Não. Eu vou ao da Torre.

— Pois eu, não. Prefiro o de Herotides. Dança Xandúzinha, de mestra.

— E no da "Volta da Torre", Argentina é a contra.

— Isso é bom para você que é do azul.

— Está visto. Morro com ele...

— E eu com o encarnado.

— Não vão brigar logo daqui!

Pastoris

Tomam uns o bonde que lhes serve e que ao passo manso dos burros vem de dentro do Recife e segue para o arrabalde. Outros rapazes dirigem-se á rua da Aurora para pegar o trem das nove e meia para Olinda.

No Recife de outrora, sem cinemas nem futebol, o pastoril constituia o divertimento do gôto da gente nova. E da velha tambem. Pessoal fino e pessoal do pé no chão. Todos os sabados, desde Outubro a Janeiro, havia "funções" animadissimas. Em varios suburbios, destacando-se, porém, as da Torre e Encruzilhada, esta sob a direção de um mulato chamado Herotides que dançava de "velho" e era de famoso e equivoco renome.

Os pastoris davam que falar a semana inteira e provocavam tanto entusiasmo que degenerava em desaforos, agressões, inimizades e taponas. Tal e qual como nos prelios esportivos da atualidade. Tambem brocavam as algibeiras dos partidarios em ceias, joias, passeios de carros, e outros agrados ás pastoras bonitas e engraçadinhas.

Quer as maxambombas, quer os bondes tinham que fazer nas noites de sabados. E despejavam aquela multidão ás portas de uns barracões de lona ou de madeira enfeitados de bandeiras e iluminados a acetilene. Em frente alinhavam-se taboleiros de bolos, fogareiros fritando peixes, barris com geladas de abacaxis, baús de empadas de camarões, barraquinhas vendendo cervejas, café e aguardente. A fumaça dos candieiros a carbureto invadia as narinas sufocando e cheirando mal. Na bilhetaria os braços estendiam-se avidos portinhola a dentro pedindo o ingresso almejado e ajudando o bilheteiro a elevar as torres de pratas do imperio, de niqueis de dois tostões, de moedas de vintem. Sem falar nas cedulas que iam para uma caixa de flandres, ao lado.

Paravam carros trazendo familias lórdes ou moços de

dinheiro. Corriam pelas bôcas dos assistentes os nomes famosos desses rapazes, quase sempre estroinas, resingueiros, sedutores. Eram temidos pelos barulhos que provocavam, desafiando a policia, quebrando cadeiras, puxando pistolas, arrebatando pastoras e indo depois para casa muito tranquilamente. Mesmo porque os pais, no outro dia, pagavam os estragos, mesmo os de ordem moral... Houve alguns desses valentes celebres, na epoca, com façanhas não menos famigeradas. E alguns acabaram como era natural que acabassem.

O interior dos barracões mostrava-se catita com os seus festões de palha de coqueiros, galhardetes de papel de seda, folhas de canela no piso, balõezinhos de gomos coloridos. A plateia era formada de cadeiras, bancos, tamboretes, mandados levar de casa ou oferecidos pela empresa. Aos lados, divisões de chita para as familias: os camarotes. Custavam 5$000 cada um. O tablado requintava-se em ornamentos e luzes. Arregaços de rosas de pano. Fócos de acetilene no extremo de varas. Engalanamentos vistosos, ingenuos, berrantes.

De quando em quando uma das pastoras botava a cabeça de fóra. Um rostinho pintado, uns tufos de tarlatana azul ou vermelha nos cabelos, uns dentes á mostra. A assistencia, reconhecendo-a, pronunciava-lhe logo o nome:

— E' Albertina...

— A segunda do encarnado...

— Aquilo dansa que faz gosto.

— E a voz! Tem uma graça quando canta o

Correi, pastorinhas,
Vamos a Belém...

— Para você tudo do encarnado é uma beleza! Ela está longe de ter o geito da "libertina".

— Quem? Aquela lambisgoia, uma magricéla! Parece uma vassoura...

Sai um muxôxo desdenhoso. Revidam com uma ironia:

— E a "segunda" um botijão...

Uma terceira voz:

— Minha gente, deixem a arenga para quando começar o pastoril.

A concurrencia ja se tornara notavel. Casa cheia. Animação grossa em perspectiva. Mal se podia romper aquele povão. Borborinho de vózes, de risos, de amúos, de queixas, de suspiros de calor, de vaias, de protestos pela demora. Tósses, espirros, chôros, arrôtos, assovios. Os instrumentos da orquestra afinavam-se. Notas estridentes de pistons, notas graves dos trombones, estardalhaços dos ganzás, gemidos de um violino.

Via-se de tudo, ali. Matronas e mocinhas em trajos leves, sem chapéus, vindas das redondezas. Senhores de aspectos severos ou mansos, gostando de recordar os pastoris "do seu tempo", desculpas para virem mirar as pernas das pastoras de agora. Rapazes gamenhos, cheirando a Coeur de Jeanete ou Trèfle Incarnat, exibindo o terno novo, de flor no peito; mulatinhas de vestidos de chita, falas dengosas, cabelos lustrosos de Oriza ou de banha de jasmins; creoulas de gaforinhas sobrando dos chapeus desabados e de cacêtes nas mãos; mulheres-damas conhecidas com suas longas capas de veludo acompanhadas das amas; oficiais da Guarda Nacional entufados com as fardas e irradiando marcialidade emquanto não se formasse um "anguzó" qualquer com tiros e tabicadas.

O subdelegado comparecia cêdo, de feltro acabanado, andar gingador, olhar duro, bengala de volta, seguido

de duas ou tres ordenanças de quépis de banda e compridos réfles.

Quase dez horas. Impaciencia geral. Reclamações, berros, sapateados.

— Essa jóça não **principeia**, não?

— Está parecida com as obras do porto...

— Ou com o bonde elétrico para Olinda...

— Vai com isso!

— Eu já vou lá dentro meter o porrête nessas pastôras!

Uma velha surde no tablado e suplïca:

— **Aquéta**, minha gente. As "meninas" estão se vestindo...

— Sáe daï, Marócas Bôca de Mulambo!

E' uma antiga mundana. Outróra tivera fama como meretriz e como "borboleta" nos pastoris em vóga. Agora, dirigia as pastoras e servia-lhes de alcoviteira junto aos rapazes que as requestavam. Chamavam-na de "abelha-mestra". A alcunha provinha da sua boca desdentada, móle, imprecisa nas palavras que pronunciava.

Por fim a orquestra rompe a primeira jornada. Os cordões aparecem em cena. Duas filas que se defrontam de mulheres mais ou menos selecionadas pela boniteza, pelo bem-feito do corpo, pela graça dos meneios, pela frescura da idade, pela doçura da voz. Vêm todas de saias de setim ou setineta, bem rodadas, pernas de fóra, corpetes justos, braços nús, laços de fitas, uma especie de corôa nos cabelos e pandeiros nas mãos. De um lado, todas de azul; de outro lado, todas de encarnádo. No centro, a diana, de trajo metade azul metade vermelho.

Entram num passo de dansa e cantam em côro:

Bôa noite, meus senhores,
Viemos cumprimentar,
Que já é chegada a hora
Chegada a hora
Nós queremos
Nós queremos é vadiar...

Voltas e reviravoltas. Mesuras. Requebrados. Sorrisos. Olhares. Um curso de sedução.

Quase todas eram morenas de pele côr de bolo tostado, pernas grossas, seios empinados, cabelos bem pretos, olhos maliciosos, fuzilantes, cutucadores.

Espoucam aplausos:

— Viva o azul!

— Bravos da segunda do encarnado!

— E' sempre a mestra!

— Ninguem pode com a "contra", minha gente!

— Meu coração é para a diana...

A mestra dirigia o partido rubro; a contra-mestra o azul. Ha um intervalo. Reencetam as jornadas. Agora entôam:

Oh! gentileza tão formosa e bela
Eu não sou lirio nem tambem jasmim...
Das pastorinhas sou a mais querida
Sou a princesa deste pastoril...

Crescia o entusiasmo. Fervia. Espumava. Derramava-se por vezes. Doestos, provocações, ameaças, ironias, cacetadas. E não raro uma detonação, uma facada.

— Minha Nossa Senhora, matou!

Ouvia-se o grito alarmante. Havia um homem no chão perdendo sangue e gemendo. Povo em róda. O subdelegado acudia com as praças.

— Quem foi? Quem foi?

— Sei não... — respondiam quase todos, temendo ser testemunhas.

— Foi um rapaz que fugiu por ali... Um alourado, grangazá, de chapeu de palhinha...

A autoridade corre a vista em róda. Um mais afoito segreda-lhe:

— Eu maldo que quem deu a facada foi o filho mais velho de seu coronel Totonio. Aquele do "sangangú" na festa do Poço.

O filho do coronel Totonio que era chefe politico num arrabalde. O subdelegado mudou de atitude e desistiu de perseguir o criminoso. Apenas ordenou ás praças:

— Vão chamar a padiola.

Continuava o pastoril. As pastoras extremavam-se em agradar, apurando as vózes, enfeitando os gestos, sensualisando os remexidos, mostrando os dentes e fazendo valer os contornos dos seus corpos. Uma delas cantara com bregeirice uma cançoneta muito apreciada na epoca: **Be... ri bi bi** ..Outra entoara uma valsa dos Sinos de Corneville, erguendo a saia e mostrando o começo da coxa:

Olhai... olhai...
Apreciai...
Como isto é bom...
E' bom que doi...

Entrava em cena, lá pela meia-noite, o pastor. De cajado na mão. Era o pardo Herotides. Alto, geitoso, de voz e maneiras efeminadas. Uma ruidosa salva de palmas. Os cordões cantavam:

Oh que festa! Oh! que festa!
Oh! que festa de amô!
Que já vem chegando
O nosso bom pastô...

E o pastor se anunciava:

Sou pastor, seu fazendeiro,
Morador no Jiquiá.
Vim do Rio de Janeiro
Ver meu povo como está...

Prosseguiam as jornadas. E os aplausos.

— O azul no seu palacête e o encarnado comendo cacête.

Replica:

— O encarnado no meu jardim e o azul comendo capim.

Assim iniciavam-se as novas brigas.

Aparecia tambem o "velho" que dizia graçólas, contava anedótas picantes, fazia palhaçadas e apregoava, em leilão, flôres em favor das pastoras. Uma rosa para a mestra, um cravo para a diana, uma angelica para a terceira do azul, uma dalia para a libertina...

Os lances alcançavam ás vezes preços altos. Bastava estar presente um moço rico gostando de se mostrar ou sequioso por alguma das raparigas. Iam para as mãos do "velho" as pelêgas de cincoenta e cem mil réis, e vinham pelos olhos das homenageadas as promessas das recompensas de amor.

Depois de certa hora as familias iam se retirando e o ambiente envolvia-se em um cheiro mais ativo de pecado. As pastoras, nos intervalos, misturavam-se cá em baixo com

os admiradores. Bebiam cerveja, comiam empadas, fumavam cigarros. A madrugada vinha chegando.

Um arzinho mais frio. Bocejos, cansaço, saciedade.

No palco a derradeira jornada:

Já raiou a aurora
Resplandece o dia
Vamos companheiras
Com toda alegria...

De fato o sol queria tomar conta do céu.

E aqueles rostos tresnoitados, aqueles olhos excitados pelo alcool, aquelas vózes meio roucas, aquelas pernas entorpecidas, aqueles pés doendo, aqueles bustos suados das pastoras exigiam descanso. Elas saiam mancando, sonolentas, extenuadas. Mas os adoradores reclamavam-lhes os sorrisos, as caricias, os olhares, os beijos...

Elas tinham de pôr nos olhos amortecidos as chamas do feitiço; tinham de emprestar aos braços derreados a flexuosidade dos amplexos amorosos; tinham de dar ás vozes quebrantadas a modulação das ternuras.

E com os trajos vistosos já amarrotados, com os pandeiros sem vida, com as faces sem carmim, com a alma sem desejos, esgueiravam-se por entre o povo que saïa e iam se sumir nos bôjos dos carros que haviam trazido ao pastoril os moços ricos...

* * *

Os pastoris, quando dansados em casas de familias, por "mocinhas direitas" eram denominados "presépes" ou lapinhas. Tinham outro aspecto, outro encanto, outro sabor. Realisavam-se em palcos improvisados nos quintais

ou em salões. Expediam-se convites: vinham parentes, visinhos, amigos.

Punham-se cadeiras como nos teatros deante do tablado que recebia caprichosa ornamentação, ás vezes mesmo com luxo e com arte. Ao fundo ficava a lapinha com o Menino Jesus na mangedoura, os reis magos, os rebanhos, os pastores... Um grande arco de folhagem em armação de arame, enfeitado de flôres naturais ou de papel. Balõeszinhos, velinhas de côres, missangas.

As pastoras eram meninotas ou mesmo mocinhas dos seus 13 para 20 anos. Estas, aliás, tinham mais apreciadores. Bem ensaiadas, bem vestidas, bem entoadas. E com um certo requinte de graciosidade, de desembaraço, de chiste. Quando não fôssem tipos de muita boniteza.

Esses presepes fizeram epoca. Alvoroçaram milhares de rapazes, ocasionaram infinitos namoros, resultaram explendidos casamentos. Apaixonamentos por uma "mestra", por uma "segunda do azul", por uma "borboleta", levaram essas lindas pastoras ao Palacio do Bispo ou á capela do Pritaneu num vistoso cortejo de carros cheirando a cravos... Os moços poetas escreviam versos para serem recitados ou cantados pelas suas preferidas. Os partidos azul e encarnado despertavam entusiasmos, delirios, fascinações. E tambem amôres desdenhados que faziam os corações sangrar...

As "funções" prolongavam-se por toda a epoca da Festa. Setembro a Fevereiro. Aos sabados. Depois da ultima jornada havia ceia. Na noite de Reis era o "queima".

Noite bonita, emotiva, mas triste, mas saudosa.

Iam desfilando as jornadas. Entremeavam-se cançonetas. A mestra, uma lourinha alvoroçada e agil, entoava o "Pela Janela":

Perto dos céus com os passarinhos
Habito um quarto alegremente;
Pela manhã com mil carinhos
Vem dar-me o sol um beijo ardente...

A Contra-mestra, de um moreno-mel, menos esfusiante, porém, toda graça, cantava a modinha sentimental Adalgisa:

Acórda Adalgisa
Que a noite deslisa
Vem ver o luar... ..

E a Diana, uma endemoniada pequena da rua do Hospicio, verdadeiro corropio de namoros, punha a plateia em risos com os versos gaiatos do "Meu bem estou cortado aï,?" ou do "Coió sem sorte".

Havia uma jornada de musica mais movimentada, de uma gesticulação ritmada, de uma airosidade especial que, bem ensaiada, punha a assistencia em fogo de entusiasmos. Quando os cordões em côro entoavam:

Quá... quá... quá...
Tira o leque da cintura
Deixe a gente se abanar...

todas as pastoras, num só gesto, puxavam das faixas de seda uns leques de papel, abriam-nos de golpe e prosseguiam na dansa abanando-se com faceirice.

Era sempre um numero de sucésso.

Já madrugada saia a lapinha para o queima. Senhoras da casa destacavam do presépe o arco de folhagem já sêco e ele era carregado pelas pastoras até o pateo da igreja mais proxima. Um cortejo interessante, um acompanhamento vultoso.

O "sereno" tambem se incorporava. Pelas ruas desertas abriam-se janelas e surdiam caras sonolentas. Ladravam cães de sitios, investindo as grades. E muitas vozes cantavam melancolica, saudosamente:

A nossa lapinha
Já vai se queimar
E nós, pastorinhas,
Estamos a chorar.

Queimemos, queimemos,
A nossa lapinha...

Levavam balõezinhos acêsos de bojos multicôres. A orquestra fechava o prestito executando a conhecida toada do queima. E afinal no adro da igreja o fogo consumia a lapinha. Estalidos de folhas sêcas. Linguados de chamas. Rólos de fumaça.

E as pastoras, dansando em volta:

A nossa lapinha
Já toda queimou
Até para o ano
Si nós vivas formos...

Lojas, modas, amores e dansas

— Quanto custa este sargelim, **seu Deodato?**

— 200 réis o covado, major Abreu.

— Minha Nossa Senhora da Penha! Que carestia!

— São os direitos da Alfandega. Cada dia paga-se mais. Esta caixa me deu trabalho para tirar! Paguei até armazenagem...

— Não sei aonde se vae parar! Inda a semana retrazada me pediram num armazem 5$000 por uma peça de madapolão inglez. Faça idéa! Muitas comprei eu por 3$500...

— E isso é nada... O meu alfaiate já me avisou que não farei mais umas calças de cachemira sem pagar a 4$000 o córte. Está ouvindo?

— Qual! Só mesmo uma revolução para varrer esses governos ladrões. Podiam ter aproveitado, agora, depois da guerra. A trópa de linha está acostumada a brigar.. Era um instante. Tudo melhorava como numa magica.

— Quer sempre o sargelim, major Abreu?

— Córte seis covados, córte. Maroquinhas me encomendou tanto...

Por traz do balcão comprido e arranhado, o lojista,

em mangas de camisa, sem colarinho, de bigodes grossos, tesourava a fazenda depois de have-la medido bem, renteando-a seis vezes ao covado de madeira que servia tambem para exemplar os caixeiros. O major ainda tentado pelos preços ou premido pelas exigencias da esposa, fez mais compras: uma chapelinha de palha de seda, por 4$200; um cache-nez de pura lã a 6$000; uns córtes de chita pra casa a 2$400; uns babadinhos e escumilhas, umas luvas de pelica a 2$500 o par e outras miudezas, um par de meias por 960 réis. Pagou tudo com um patacão de ouro.

E saiu sobraçando o embrulho, todo hirto na sua sobrecasaca preta, calças brancas, chapeu alto, bengala de cabo de ouro. Um figurão de suissas respeitaveis.

Lá se foi para a casa de "Madame Leal" que pregueava bordados a 20 réis o metro.

Isso foi no tempo em que os jornaes da oposição, sempre querendo salvar a patria, clamavam contra a carestia da vida, o descredito dos homens publicos e avisavam á nação do abismo para que caminhava.

O cambio andava por 27. E um par de botinas de cordovão para homens custava 10$000. Por uma casa na rua do Socêgo pagava-se 8$000 de aluguel mensal.

Uma cousa pavorosa!

No seu aspecto antigo as lojas do Recife tinham muita semelhança com as das nossas cidades do interior mais atrazadas onde se vendem de mistura fazendas, taboadas e manteiga. Aliás, naquela epoca, a manteiga era francêsa. A caixeirada medrosa e desageitada não tirava os olhos do patrão que numa carteira ao fundo tomando notas em um português infame, ou em conversa com os amigos á porta da loja, vigiava tudo. E ai daquele que enrolasse mal uma peça de poupelina ou agraciana, que quebrasse um frasco de Oleo de Oriza, que désse um dez réis de trôco

Rua da Cadeia Velha

errado! Abriam-se os estabelecimentos comerciais ás sete horas da manhã e fechavam-se ás nove da noite, ao bater do sino da matriz. Cerravam-se com estrepito as portas, botavam-se as trancas de ferro, passavam-se as chaves do tamanho de um boi... E os caixeiros iam, então, lavar o tijolo da loja, depois de varrido, arrumar as prateleiras, conferir os apurados.

Depois, cear e dormir. Em regra eles comiam e pernoitavam no sotão.

Lojas sombrias de outróra.

Já as conhecemos muito melhores, muito mesmo. Algumas até puxando a elegantes, mas, mesmo assim, cadê a graça e o encanto de hoje? Quem admitiria uma moça sozinha fazendo compras, conversando cinema ou futebol com os caixeiros? Viria o mundo abaixo. Si alguma o fizesse seria dada logo por "assanhada", "cabeça doida" ou "não valendo mais nada"...

Naquela epoca recuada, bem raras as senhóras que iam fazer suas compras. O lar ainda tinha um tanto de clausura e nem tudo ficava bonito para "uma mulher direita". O andar de loja em loja era uma dessas ações que não lhe "assentavam". E quando o faziam nunca prescindiam do marido, do pai ou de uma parenta já velha. Em regra os chefes de familia é que executavam essas taréfas das compras mandando levar em casa as fazendas, os calçados, os chapéus para escolher. Costumava-se adquirir os tecidos para vestidos, em peças, de modo que num dia de festa do Poço ou de procissão saïam todas as moças de trajos iguais. Todas de cambraia com salpicos, de surá azul-claro ou de chita com tremidos.

Em geral só se usava o querosene e o gaz carbonico, bem mofino por sinal. Houve mesmo na rua Nova um estabelecimento de musica que, faz poucos anos, em pleno

reinado da eletricidade, ainda mantinha rotineiramente o candieiro de querosene.

A proposito da luz deu-se um fato gosado. Os negociantes da rua Nova cotisaram-se para aumentar a iluminação publica daquela arteria elegante, conseguindo assim da companhia mais alguns combustores. Um dos subscritóres, entretanto, roeu a corda e não pagou a quóta. Por castigo, os colegas deixaram apagado o lampeão que ficava á porta do "carona" com um letreiro assim:

O 56

Ainda não paga o gaz
mas tem a satisfação
de vêr o bico sem luz
e a coluna sem lampeão.

Se todos os que fogem a compromissos semelhantes tivessem sempre um letreiro indicativo, parece-nos que este mundo seria uma floresta de cartazes...

Em 1887 já as casas a retalho publicavam na imprensa seus anuncios convidativos. A Loja das Listras Azues, á rua do Queimado,oferecia mantelêtes de veludo, vivos para enfeitar vestidos, luvas de côres, babadinhos, baleias para corpinhos, missangas... A Florida tambem apregoava extratos Brisa da Serra e Rosa Sangali, vidrilhos para capas e capótas, baréges, cóques, seda romana em listrinhas, esguiões, setim alsaciano de quadros, pentes com inscrições para cócós, anquinhas...

As anquinhas custavam 1$300. E como sabem, fizeram furor. Eram umas armações de arame que serviam para tornar as saias redondas e fingir carnaduras que não

se possuiam. Deram sorte e foram o assunto de conversas, criticas, anedotas, humorismos.

A proposito desses enchimentos que punham em enganador relevo os quadris femininos, escreveram uns versos assim:

Anquinhas que esconder
Podem sem dificuldade
O Batalhão da cidade...

E outro humorista glosava:

A vantagem das anquinhas
E' fazer a creatura
Com formas de tanajura...

A mania do recheio acentuava-se. Não somente para os lados das ancas mas, tambem para o dos seios.

Numa noite de sermão na Sé, em Olinda, com muita gente e muito calôr, uma moça cahiu desmaiada. Um faniquito, como se dizia na epoca. Suores frios, palidez, dentes cerrados. Carregaram-na para a sacristia. Deitaram-na num marquesão de jacarandá. Desabotoaram-lhe o vestido para uma fomentação de oleo canforado trazido da visinhança. E de lá de dentro do seio tiraram um travesseiro de menino...

As saias muito compridas, roçando o chão, obrigando as senhóras a andar com a mão sustendo a demasiada cauda, deu margem a estes versinhos:

Senhóra, não seja bôba,
tire a mão da retaguarda.
Isto é feio! Que cacoête!
Olhe a vaia que não tarda...

A epoca das saias roçando o chão foi contemporanea da em que os rapazes deram em usar, como penteado, uma trunfazinha de cabêlo na frente, chamado "bendegó", talvez em alusão ao celebre aerólito caïdo nos sertões da Bahia e transportado para o Museu Nacional, no Rio. A irreverencia dos jornais tambem não poupou essa moda e lá surgiu esta quadrinha:

Tanta tolice que féde
tanta asneira que faz dó
gaforina de moléque
já se chama bendengó.

Tempos de outróra, tempos de monarquia, retrogados, mesquinhos. Mas, mesmo assim, havia os piratas, os "quengos" como eram denominados mais recentemente no Recife. E, o que se torna mais digno de nota, nesta epoca de avanço feminino em todos os sectores de atividade: — já floresciam os piratas do sexo gentil.

Haja vista este anuncio de uma folha bem velha:

MODISTA FUGIDA

A conhecida por Sinhá de tal que a dois mêses levou do Terço um chapéo de senhora para concertar e 25$000 adiantados, queira entregar o referido chapéo ou o dinheiro.

* * *

Nosso tempo de rapaz alcançou as familias mais amigas da rua, porém, mesmo assim andavam as mães habi-

tualmente empencadas com as filhas. Nunca se via uma senhóra sozinha ás compras. Todavia elas gostavam de correr as lojas, ver as novidades, conferir os preços, atender aos reclamos dos jornais. Com os seus longos e espêssos vestidos e os seus grandes e povoados chapéus, enfeitavam as nossas arterias elegantes; desciam dos bondes de Fernandes-Vieira e Torre; miravam as joias do Couceiro, os retratos da Flosculo, as fazendas do Louvre, as miudesas da Atrativa, as capotas do Adolfo, os sapatinhos da Botina Maravilhosa.

E os estudantes, á porta do Café Rui, em alas irreverentes, gostavam de assistir ao desfile das moças e de vêlas subir aos bondes da Carril mostrando uma fração misteriosa de pernas.

A' noite, vinham ás ruas varias familias em trajos mais caseiros, sem chapéus, num á vontade de quem aproveita a frêsca, digere o jantar e não precisa interromper, para adquirir um covado de chita, um carritel de linha Bispo ou um pacote de agulhas, os trabalhos domesticos nem as lições de piano com o professor Claudio Leal ou com a professora d. Marócas Vaz.

Nessa epoca os estabelecimentos comerciais se iam toucando de maior faceirice. Apareciam armações claras, balcões convidativos, vitrinas tentadoras. Somente em ruas como Queimado, Rangel, Livramento ainda se punham caixeiros ás portas agarrando os freguezes matutos desembarcados em Cinco Pontas. Mesmo assim viam-se tulhas de fazendas quase no meio do passeio e abriam-se sobre êle umas empanadas que nas horas de sol eram desenroladas por meio de manivelas. As farmacias tinham um ar de ante-camara da morte, com dois grandes frascos cheios de um liquido verde e vermelho, que nunca ninguem soube explicar para que serviam. Havia umas na praça Maciel Pi-

nheiro tão escuras, sujas e sinistras que ao entrar ali para a compra do remedio o freguez tinha a impressão de ir buscar o atestado de obito... Ou o ataúde.

Quando se inaugurou a Casa da Julia em andar-terreo, com luz elétrica, mostruarios alegres, mocinhas nos balcões, foi uma estupefação, um embasbacamento, um escandalo. Os moralistas clamavam contra aquilo. "Um antro de perdição"! Quem já viu donzelas em contacto diréto com os homens? E aqueles "espia-marés" da Academia rondando as pobrezinhas? Era para casar? Não, seria para outras cousas. Mulher empregada, mulher caixeira! O mundo estava perdidozinho da silva. Depois, veio o costume. A inauguração da Casa Ingleza, de madame Brack, foi recebida como um melhoramento comum. E as mocinhas continuavam laboriosas, honestas, uteis. Algumas até haviam arranjado casamento melhor do que muita recatada conversadora de muro ou de janela...

Houve, como é natural, nas principais ruas do antigo Recife, entre os anos de 1900 a 1910, lojas de muita fama e de vultosa freguezia. Para não parecer reclamo de encomenda, falemos apenas das desaparecidas.

Na rua da Imperatriz existiu um Bazar da Bôa Vista no grande predio de azulejos que constituia então a esquina da Hospicio. Vendia artigos diversos, com apurados sortimentos de novidades, e sobretudo brinquedos. Lembra-me bem de umas miniaturas dos bondes da Carril, em madeira, obra tôsca, porém que a meus olhos de menino muito tinham de sugestivos. A Loja Apólo, tambem, foi notavel. De miudezas destacava-se igualmente A Carinhosa. De fazendas A Ave do Paraiso. Frequentadissimo o Atelier das Viégas, modistas careiras e em vóga. Daquela arteria, no entanto, o estabelecimento tipico era o Salão Odilon.

Com suas vitrinas ostentando bustos femininos, em cêra, para exibição das cabeleiras que ali se confeccionavam com esmero. A' entrada, de um balcão, apanhavam-se uns cartões numerados para a ordem em se ser atendido nos córtes de cabelos e no escanhoar das barbas. Lá dentro um vasto salão com cadeiras de braço sobre estrados em frente de amplos espelhos de molduras douradas. Ao lado uma mobilia de jacarandá para a espera da vez.

Presidindo tudo o velho Odilon Duarte, alto, corado, simpatico, de barbas alvissimas, dolman branco, barrete de seda preta, todo amavel para a freguezia.

Quantas vezes entrei ali para cortar os cabelos, em creança, ganhando depois um boneco como recompensa do sacrificio da imobilidade por uma meia hora! E, mais tarde, quantas outras vezes, sim, tornei a aperecer por lá, afim de raspar uma problematica barba, ganhando, depois, um melhor sorriso de uma boneca...

A rua Nova ostentava lojas como A Liga, A Casa Gerard, com seus balcões forrados de veludo grená e as suas luvas de pelica, a Chapelaria Adolfo, A Botina Ingleza, A Farmacia Modêlo, a Venda do Lima, O Gato Prêto. A Casa Gondim era o ponto dos usineiros e senhores de engenho; a Casa Metropole, dos esportistas. Na Livraria Economica se reuniam todas as tardes os literatos famosos da epoca. Artur Muniz, Faelante da Camara, Artur de Albuquerque, Mendes Martins, Franca Pereira, Faria Neves, Alfredo de Carvalho. Era com uns olhos cheios de admiração e quiçá de inveja que eu os olhava de longe, eu que escrevia uns versinhos de amor ainda não publicados em jornal...

A rua 1.º de Março, mais conhecida pela rua do Crespo teve suas casas comerciais de renome. O Louvre, aristocratica, a Viuva Guilherme, a Papelaria Pernambu-

cana, a Livraria Francêsa, a Loja de Chapéus de sol dos irmãos Souza. Esta constituia o ponto dos politicos, dos ataques, das satiras, dos assuntos para A Provincia. E alí se viam Gonçalves Maia, Thomé Gibson, Juvencio Mariz, Oswaldo Machado, João Teixeira, Balthazar Pereira, Manuel Caetano, Milet, José Mariano. Tantos outros. Na rua do Crespo loja que se inaugurou com ares moços e deu sorte foi A Risonha, do Petronilo Lins. Muita cousa bonita lá se vendia: gravatas plastrons, camisas de peito duro, colarinhos de 8 centimetros de altura, extratos de Piver e Roger Gallet, meias de fio de escossia. E o Lins, todo agrado, chegava ao ponto de nos fiar, a nós rapazes da epoca.

Em roda dos balcões da "Risonha" passou a juventude elegante da epoca. Era o plantão da rapaziada fina. E o Lins sabia atrail-a. Fazia freguêses e transformava-os em amigos. Por ali se avistavam todos os dias o Rosa e Silva Junior, Manuel Monteiro, Solano da Cunha, João Pessôa, Franqlin Séve, Gilberto Amado, Casado Lima, José Augusto, João Demetrio, Abel Chermont, José Raul de Moraes, Eugenio Sá Pereira, Pedro Ernesto, tantos outros que vieram a ter realce na vida de hoje por este Brasil afóra...

Abundavam na rua do Crespo os azucrins dos vendedores de bilhetes e os passadores de pules que esperavam em frente do Fiúza o bicho que déra.

E as atuais matronas, que por todas essas lojas peregrinaram, na sua graça de casadoiras, no seu encanto de namoradas, no seu enlêvo de noivas, esprimidas nos espartilhos, vaidosas nas blusas afogadas, de dedos espiando pelos mitaines de rendas, de rostos emoldurados pelos chapéos de longas plumas!

As lojas eram um pretexto para uma olhadela á rua Nova, uma folga do cativeiro habitual dentro de casa,

uma promessa de liberdade... Depois, encontrava-se sempre, por acaso, alguem cujo bom dia, sorriso ou aceno constituia tudo para quem o recebesse. Um nada era tudo naqueles tempos de dificuldades, de apertos, de vigilancias, de consumições amorosas.

O namoro era um "caso serio". Havia lares em que essa palavra gosava de tão má fama que pronuncia-la valia por uma blasfemia, um pecado, uma cousa feia.

Tinha-se que recorrer ao lampeão da esquina. Aos olhares á distancia. Por vezes de uma calçada para um terceiro andar de sobrado dos antigos. E, ali, aguentar sol e chuva. Em tróca de um brilho de pupilas tão afastadas que pareciam estar mais longe do que os astros mais remotos... Mesmo assim brilhavam tanto!

O namorado firme. A rua não existia para ele. Somente a janela ou a varanda. De parasita roxa ao peito, colete de traspasse, plastron vermelho, calças tabicas, colarinho têso, ele só via a sua "Ela" debruçada no peitoril, de tranças soltas, blusa listrada, com uma flor entre os dedos, aguardando o momento de largal-a por descuido, com um gritinho avisador:

— Ui!

Para ele a rua não via nada daquilo. Nem os passageiros dos bondes, nem os visinhos de defronte, nem o menino que vendia balas de cambará, nem mesmo o apagador de lampeões quando a lua estava para sair...

Mezes de namoro e nunca se haviam falado. Nem tinham muita esperança disso. Quando muito uma cartinha em papel enfeitado com um crômo ou um postal moderno, levado por uma creada tolerante.

Outros recorriam aos jornais, assim:

M. D. F. I. J. S.

Qual será a ausencia que me fará esquecer-te?

N. A. C.

Mais felizes eram os namorados de postigo. Apezar dos riscos que corriam. Ele de fóra, ela de dentro. Afagos de mãos, rostos juntinhos, conversas deliciosas. Um "chamêgo", como se dizia. Porém, com o olho na esquina ou no corredor. O "velho", brabissimo, fechava a loja ás 9 horas, e a titia Nana, solteirona, era embirrante mesmo!

Quantas carreiras! Quantos passos apressados, em disfarce de quem vae pegar o bonde! Quantas vezes mesmo um flagrante e um carão assim:

— Seu bilontra, puxe de minha porta! Você pensa que eu tenho filha para cascabulho?...

Muito genro, depois querido, começou deste geito.

Alta noite eram as serenatas. Outra maneira de se comunicar com as pequenas.

Diziam-se as cousas amorosas em versos e em musica. Violões plangendo lá fóra e uma voz "tão bonita":

Que noite, o plenilunio é
como um sonho,
assim tristonho
boiando pelo céu, beijando o mar...

ou o

Querida Flora!
Gentil donzela!
Chega á janela'
Vem me escutar...

Houve, em certa epoca, a moda das mocinhas usarem nas blusas, perto dos seios, uns frocozinhos de seda ou de flôres miudas a que davam o nome de "mangericos", em alusão a uma canção em vóga.

E foi por isso que, em parodia, cantava-se com a mesma musica, um tanto maliciosamente talvez:

Todo rapaz que namóra,
Seja pobre, seja rico,
Pede logo á sua bela
Para ver seu mangerico.

As dansas tambem serviam aos amôres. Como sempre. Mas, dansas e musicas caracterizam as epocas e os costumes. No Recife de ante-ontem só se admitiriam as de reverencia, as de distancia, as de ceremonia e lentidão. Eram proprias das moças que de raro saiam ás ruas, em cadeirinhas, ou espiavam os homens por traz das urupemas dos abalcoados em xadrez. Proprias de uma existencia de reclusão e indolencia, com molecotas para fazer todos os serviços caseiros e dar cafunés gostosos nas yayas e yayazinhas deitadas nos marquezões. Dominava o minueto cheio de zumbaias, de curvaturas e genuflexões.

O seculo XIX foi dando fim a isso. Já prometia ser o irrequieto pai do doido varrido seculo XX. Vieram outros habitos, outras musicas, outras dansas. O mantenélo e o galope. Houve narizes torcidos, resmungos, espantos. Não se dansava outra cousa... Por fim apareceu a quadrilha. Um critico da epoca ironizava:

Não penses que as taes quadrilhas
São quadrilhas de ladrões.
São modernas contradansas

Enlaces de corações.
Quem viu uma todas viu,
Pois são todas semelhantes;
Mas não sei que chiste têm
Que agradão tanto aos amantes.

Modas de Paris. "Só faltava se cuspir á francêsa". Caiam as urupemas das varandas. As meninas botavam as cabeças de fóra. E as manguinhas tambem. Na rua Nova abrira-se uma casa de cabelereiros parisienses que vendia chinós, marrafas, crescentes, cachos, pentes de tartaruga e uma tintura que não manchava a péle... E cortava cabelos por 320 reis. Nos carnavais as moças "de faces afogueadas e desenvoltas" atiravam laranjinhas de cheiro para os visinhos. Nada mais de palanquins, nem canôas, nem onibus. Agora, bonde, maxambomba, séges. Agua encanada, gaz carbonico. Nas bandeiras de São Gonçalo, as gamenhas, com as salvas, o cajado e o resplandor do santo, por sinal casamenteiro, pediam esmolas aos rapazes. Depois beijavam as reliquias e diziam aos gamenhos, com malicia: "Agora, pegue o beijo"... A São Gonçalo imploravam:

Seja bonitinho,
E queira-nos bem.
Aquilo que he nosso
Não dê a ninguem.

Era o medo da "forquilha".

Aprendiam a tocar piano com professores em vóga. Embora o Carapuceiro aconselhasse aos pais tomassem cuidado com esses professores porque havia alguns

Que emquanto o solfejo ensina
Vai fugindo com a menina.

Dansava-se ainda e sempre a quadrilha. Porém, não menos, a polca, a mazurca, a valsa de corropio. Epoca do "Quanto dóe uma saudade", "Minha Esperança", "Os banhos de Olinda", "Quem comeu do boi", "Chô araruna!", "Gran Via", "Dona Juanita", "Sobre as ondas"... Dansas pretexto para o olhar mais visinho, o sorriso mais proximo, a frase mais ao ouvido.

Todavia, ainda o rigor era grande. Apresentações previas. Consentimentos dos pais. Nada de agarrados. Mãos do rapaz apenas aflorando a cintura da dama. Reverencias no convite e no agradecimento.

Apareceram o schotisch e o pas-de-quatre.

Estava-se no limiar de 1901.

As musicas tomavam afoitesas. Cantavam-se cançonetas bregeiras e modinhas provocadoras. Sentia-se que estava para vir cousa diferente... Tomava-se o faro do samba, do fox-tróte, da marcha carnavalesca.

Bem longe ainda do nosso "hoje". Do que se tóca e do que se dansa.

Entretanto, em 1840, deante das quadrilhas, as pobres e inocentissimas quadrilhas um moralista versejava:

Si os nossos avós surgissem
Do seu eterno jazigo,
Quando vissem as quadrilhas
Que diriam, meu amigo?

Semana santa de outrora

A semana santa que eu conheci não era quase nadinha parecida com a semana santa de hoje.

Não sabemos si isso seja sinal de menor religiosidade ou efeito do recúo no tempo da tragedia do Calvario. Nem cabe ao cronista esmiuçar motivos. Relembra apenas o passado, nestes sete dias evocadores do martirio de Jesus, querendo acreditar que o fenomeno de desrespeito da gente atual seja mais um fruto das exigencias da vida moderna que uma crise de fé.

Verdade é ir já longe a temperatura mistica formada no Recife logo após o carnaval e que se acentuava até formar completo nevoeiro de tristeza, de recolhimento, de piedade, durante a Semana Santa. Mal deixavam de guisalhar os pierrôs, os dominós, os principes, mal se recolhiam ás sédes definitivamente as Pás e os Caiadores, mal estiavam os batuques do Leão Coroado, Cabinda Velha e outros maracatús, o povo tratava de pensar na quaresma e de ouvir os sermões nas sombrias naves com altares velados por longos panos roxos. A palavra emotiva, perturbadora, temerosa do padre Augusto, os conselhos suaves do cônego Araujinho, as pinturas magistrais do suplicio de Cristo, de

monsenhor Fabricio, atraiam os fieis e punham-lhes arrependimentos amargos nas almas pelos pecados cometidos durante o Carnaval.

E vinham tambem chegando as procissões. As modistas recebiam encomendas de vestidos de sêda preta. A loja de madame Girard não sabia como preparar tantos pares de luvas de pelica negra ou cinzenta. As vestidoras de anjos que moravam nas ruas estreitas e descuidadas do bairro de São José tratavam de pôr a arejar, de passar ao ferro, de reformar os trajos de Menino Deus, de Nossa Senhora da Soledade, de Senhor dos Passos, de Anjo Gabriel...

Eram tipicas essas vestidoras de anjos. Quase sempre umas solteironas, esguias, narigudas, feiosas, de matinês de madapolão com galões encarnados, de cócós arrepiados, quando não eram já velhotas tabaquentas e carólas, frequentadoras assiduas da Penha.

E nas casas o assunto não era outro:

— Eu vou vêr a de Encontro no pateo de Santa Cruz.

— A dos Martirios, eu vejo do sobrado da Naninha, no pateo do Terço.

— Este ano a do Senhor dos Passos vai ser uma beleza. A gente do Amorim mandou buscar de fóra uma tunica toda bordada a ouro para a imagem.

Eram varias as procissões: das Chagas, dos Martirios, do Bom Jesus dos Pobres Aflitos, do Encontro, dos Passos, do Triunfo, do Enterro, da Ressurreição. Cada uma no seu bairro, da sua igreja, com seus admiradores e partidarios. Algumas boliam com a cidade inteira. As cocheiras botavam para a rua todos os seus carros, de bolieiros metidos em sobrecasacas de botões dourados, cartolas, luvas. Os bondes da Carril e as maxambombas traziam gente pendurada nos estribos e nas portinholas. Desde a lordêsa da

Madalena e da Linha Principal ao pessoal pobre de Afogados e Santo Amaro, todos confluiam para o centro afim de apreciar as mesmas cenas e os mesmos aspectos de todos os anos. Porque si ha espetaculo que não mude é o das procissões.

O bairro de São José sempre teve um ambiente propicio a essas procissões da quaresma. Ainda hoje o conserva. Os seus pateos silenciosos e quietos, as suas ruas envesgadas e estreitas, os seu bêcos pitorescos e sujos, os seus templos antigos e descuidados — enquadram bem ainda as ceremonias da semana santa, quer as de culto interno, quer as cá de fóra.

Nas noites de "correr igrejas", nas tardes dos sermões, nos dias de procissões, o movimento nesse bairro se reveste de um colorido beato de epoca primitiva, distante, ingenua. São as devotas de vestidos ruços e antiquados, são os carólas de caras atoleimadas ou fingidas, são as irmandades de opas desbotadas, são os anjos de tarlatanas machucadas e canutilhos prateados gingando num ar de quem vai para o céu.

E as confrarias desfilam. Confrarias de nomes piedosos e suaves: Nossa Senhora do Rosario, São Benedito, Santa Rita de Cassia, Santissima Trindade, São José da Agonia... Passam de pendões alçados, de lanternas e cruzes em vertical, de barandões batendo no chão. E entre os irmãos o povo destaca os tipos conhecidos no bairro pelas suas atitudes pouco cristãs e pouco angelicas na vida publica ou privada:

— Lá vai todo empinado seu José que vende carne do Ceará pôdre...

— E seu Chico que dá de tirar sangue na enteada.

— Olhe seu Tonico que namora a mulher do compadre.

— Todos feito santos...
— Do pau ôco.
— Me deixe...

Os sinos principiavam cêdo a chamar os irmãos para vestir os habitos e as opas nas irmandades a que pertenciam. E eles obedeciam sem demora ao apêlo. De armazens, de escritorios, das repartições, das fabricas, das companhias, saia gente de rumo ás sacristias dos templos. Nos lares a lufa-lufa dos preparativos femininos. Penteados sempre dificeis por causa dos inumeros grampos, das multiplas marrafas, dos pentes trepa-moleques, dos niniches, dos cachos supostos. O arroxamento dos espartilhos com os seus cordões apertados a muque de creadas, em fincapé, transformando cinturas de travesseiros em pescoços de ganços, exigia igualmente grande antecedencia. Depois as duas ou tres saias de baixo, bem engomadas, bem duras, com bem róda. E havia ainda os vestidos complicados de rendas, de gólas, de botões, de pingentes. Mais os aneis, os bróches, os birimbélos, as pulseiras, os relojinhos pendurados, os chapéus presos por longos grampos, os véus de bolinhas tapando os rostos... Indumentaria complexa, demorada, praticada deante dos largos espelhos dos guarda-roupas, com a ajuda das escravas ou das negrinhas já fôrras que, por sua vez, iam com as patrôas, de chitas novas, ver os prestitos quaresmais.

Houve algumas procissões no Recife, desaparecidas na epoca moderna, que fizeram seu sucesso. A de Triunfo, por exemplo. Saïa da Ordem Terceira do Carmo com imensa pompa e longo acompanhamento. Levava 14 andôres com cenas da Paixão de Jesus. Por seu turno, não querendo ficar por baixo da congenere e rival, a Ordem Terceira de São Francisco punha na rua a procissão das Cinzas. Esta caïa mais no gôsto do povo por ter uns

laivos carnavalescos. Não saisse ela logo no dia seguinte ao da terça-feira gôrda! Vinha na frente um bôbo, metido num camisolão de estopa, de mascara na cara, soprando numa cornêta e brandindo um rêlho contra os moleques que lhe atiravam caroços de pitombas. Seguiam-se diversas figuras simbolicas: Adão e Eva, Caim e Abel, Os Inocentes, As Tres Virtudes, O Juizo Final, A Morte, a Justiça, O Diabo, além de uma dezena de andôres conduzindo santos de nomes exquisitos: Santa Bona, Santa Angela de Fulginio, Santa Margarida de Cortona, São Vibaldo, São Ivo Doutor e São Francisco em varias passagens de sua vida. O povo apelidava certos santos: — São Vibaldo era o santo do pau ôco; São Lucio e Santa Bona, que iam numa só charóla, eram os "bem casados".

Esse cortejo deixou de sair durante muitos anos, cousa de uns 30, até que em 1893 Olinda quis recordal-o e a igreja de São Francisco obteve permissão episcopal para esse cometimento. Constituindo novidade para a geração moça daquele tempo avaliar-se-á bem o que foi. Um cronista escreveu: "Parecia ter-se o Recife mudado para Olinda". Apezar das fadigas do Carnaval, terminado na vespera, ninguem deixou de ir assistir á procissão das Cinzas. E as ruas misticas, silenciosas, desertas da velha terra de Duarte Coêlho, lá por cima, se vestiram de festa, de ruidos, de movimento, como de raro acontecia fóra da semana santa. As maxambombas partiam com passageiros até nos tôldos; as canôas voltaram a ter prestimo de transporte humano. Os carros eram cotados a 200$000. Irmandades do Recife deixaram de tomar parte no prestito por falta de condução. E, por esse mesmo motivo, muita gente ficou para dormir em Olinda á espera dos primeiros trens do dia seguinte.

A procissão dos Fogaréus realisava-se em epoca lon-

ginqua. Lugubre e bizarra ao mesmo tempo. Representava a procura de Jesus, pelos judeus, para ser preso. Saía á noite de quinta-feira-maior. Todos de fachos nas mãos, em passo largo, de igreja em igreja, como quem anda á cata de descobrir alguem. Pereira da Costa fala tambem de outra procissão exotica e remota, um quê de medieval: a da encomendação das almas. Aparecia á meia noite de sexta-feira da Paixão, entoando canticos plangentes, com musica funebre, matracas, campainhas... Iam nela apenas individuos do sexo masculino. Hoje, certamente, as mulheres já se teriam metido tambem. Nessa epoca o sexo feminino não podia siquer vel-a passar. Trancava-se em casa, porém provavelmente espiava pelos postigos, saboreando o fruto proíbido. Os homens trajavam mortalhas brancas, tinham apenas os olhos e as bôcas á mostra, conduziam lanternas acêsas. Alguns punham grandes pedras ás costas; outros, flagelavam-se. Um irmão de opa verde pedia esmolas para as almas.

Já nos belos e calmos tempos em que o inglês Koster flanou por este Pernambuco de 1816, a Semana Santa era uma sequencia de ceremonias suntuosas e tocantes. "Na quinta-feira-santa saí ás 3 horas com dois de meus compatriotas a visitar as igrejas que estavam iluminadas com profusão e muito bem armadas. Toda cidade achava-se em movimento; as mulheres das alta e baixa classes não mostravam o minimo escrupùlo em percorrer as ruas a pé, o que está em desacôrdo com seu habitual costume".

E acrescentava trajarem essas donas e doninhas lindas sêdas com vistosos adornos, mostrando o que de mais bonito possuiam. No dia seguinte havia mais severidade nos trajos, nos ornatos, nas maneiras. "Estava tudo triste". Koster foi assistir ao descimento da cruz. Uma grande cortina separava a capela-mór do resto da nave, e, depois

da comprida ceremonia da Paixão, caiu o velario deixando ver uma grande cruz com uma imagem de Jesus em tamanho natural. Ao redor, anjos figurados por meninas; um homem de cabeleira representando São João e uma mulher ajoelhada fazendo as vezes de Maria Madalena. Ouvira dizer Koster não primar essa mulher por sua pureza, motivo por que a escolheram para representar a adultera arrependida, talvez no intuito de regeneral-a. Quatro centuriões romanos subiram as escadas, tiraram a corôa de espinhos do martir, e, fazendo o descimento da cruz, envolveram Jesus num sudario para sair na procissão do Enterro.

Uma cena precursora das que vemos hoje no cinema.

A semana santa do meu tempo possuia tambem outra expressão. A cidade, de fato, enchia-se de tristeza, de quietude, de melancolia, de respeito. Só se viam nas ruas roupas pretas. Quem não as tivesse se abstinha de sair. A indumentaria para esses dias de dó pela divindade constituia capitulo importante do ritual catolico, entrando nele, confesse-se, grande dóse de vaidade feminina. Mas, onde não se intromete essa vaidade? Si até no crépe da viuvez...

Os jornais anunciavam com destaque:

PARA A SEMANA SANTA

Cachemiras pretas, merinós de ultima moda, gorgurões garantidos, capas de vidrilhos, damassê parisiense, mantilhas de sêda, leques de plumas, chapelinas de veludo.

Andava-se devagar, falava-se baixo, poupava-se o riso. Pianos cerrados a chave para um menino traquinas não arrancar de repente notas profanadoras. Não se varria a casa, não se espanavam os moveis, havia até quem não tomasse banho... Bondes sem campainhas, maxambombas apitando rouco. Somente a matraca de hora em hora arrepiando a pele dos cristãos e substituindo os sinos Quem se rebelasse contra essas atitudes de silencio e de tristeza era logo tido como "judeu".

Lembra-me dos sobrolhos de minha avó e do seu indicador em vertical quando eu, menino, arriscava uma tréla ou uma risada. "Nosso Senhor morreu!". Eu me encolhia todo, mas resmungava contra essa divindade que morria todos os anos para atrapalhar meu direito de brincar.

As consoadas eram igualmente de muito relevo nessa quadra de abstinencias, jejuns e sacrificios. Havia convites de uma familia a outra para consoarem em conjunto. Outras, mesmo sem convite, se prometiam:

— Olhe, Marocas, eu vou consoar com você na sexta feira, ouviu?

— Vá minha negra. Jeronimo vai comprar umas curimans no viveiro do compadre em Afogados.

— Eu levo o azeite de dendê.

Desde o Carnaval se tornara obrigatorio o peixe ou o bacalhau nas mesas catolicas ás quartas e sextas feiras. E na semana santa era de segunda a sabado. Somente no domingo da ressurreição a carne de boi vinha de novo em cena.

A preocupação das "comidas de preceito" dava que fazer ás donas de casas. Muitas iam pessoalmente aos mercados com os maridos escolher o que melhor lhes conviesse para os manjares dessa quadra de sacrificios. Apareciam de presentes as curimans bem gordas e os ca-

morins lustrosos, lembrança de um cliente agradecido, de um compadre amigo, de um candidato a emprego, de um coração qualquer interessado ou grato. Compravam-se as cavalas, as carapebas, os carangueijos, as siobas, os aratús. Tudo servia. Os verdureiros traziam quiabos, brêdos, maxixes, gerimuns. Tambem se disputavam os mariscos apanhados nas "crôas" da praia de Santa Rita, pelas "mariantes". Das vendas vinham os camarões sêcos, as tainhas da lagôa, as latas de dôces em calda, as garrafas de Figueira e Moscatel...

Todos se muniam de elementos culinarios capazes de compensar á saciedade o jejum da paschoa.

A pesca dos viveiros constituía um espetaculo animadissimo, profano, festivo. O viveiro é tipicamente recifense. Como o frêvo. Sitúa-se nos arrabaldes beijados pelas marés. Os seus proprietarios zelam durante o ano inteiro pela sua guarda, criam e cévam as curimans, os camorins, as tainhas para vendel-os por bom preço na semana santa. Na noite de quinta-feira-maior faz-se a pescaria. Acorre gente muito levada pela gula, pela curiosidade, pela ambição, pelo folguedo, pela economia. Uns a carro, outros a cavalo, a maioria de bonde ou a pé. Armam-se barraquinhas para vender café, bolos, cerveja, aguardente, frutas. Povo lórde e povo humilde. Todas as classes. Rapazio alegre, mulheres de vida torta, brabos de cacête á mostra, soldados de policia, peixeiros da Cabanga, compradores em regateio, velhos viciados, meninos vadios... Um luarzinho que sempre se oferece pela Paixão vê muita sujidade de alma nessa noite em que as almas fingem estar limpas com a confissão e a eucaristia Cousas feiosas e gaiatas perdoadas pelas autoridades e tambem por Deus. Eles bem conhecem as creaturas humanas.

As rêdes são atiradas ás aguas calmas dos viveiros e depois puxadas pelos homens que enfiam as pernas no lôdo da vasa ou se mantêm ás margens fazendo fincapés. E cativos lá surdem os peixes misturados com lama, os cevados peixes da predileção do povo, ainda bolindo, ainda protestando contra a prisão. Deante do tamanho, da boniteza, da gordura, grelam-se os olhos e sobem os preços. Ha um cheiro vivo de maresia invadindo todas as narinas e se espalhando pelos arredores.

A pescaria prolonga-se até o dia amanhecer.

Hoje ela já perdeu muito do seu colorido e da sua animação. Todavia ainda é feita com regular concurrencia de interessados e de curiosos. E tambem de pecadores...

Nos lares, cuidava-se dos carurús, das frigideiras, dos molhos de côco, do mingau-pitinga, do vatapá, do bóbó, dos bolinhos de arroz, do bacalhau com verduras, do escabéche.

Que mãos tinha, para isso, na nossa casa, a Chichica que lá se criara e vivera até se casar! Os seus quitutes...

Ia-se depois ver a procissão do Enterro. Desfile sombrio, piedoso, evocador, com irmãos de opas e capuchos, a cruz envolta no sudario, a matraca estalando, as beús de caras tapadas, as lanternas cobertas de panos roxos, o esquife do Senhor Morto carregado pelos padres. Vinha o andor de São João Evangelista apontando para o esquife. O andor de Maria Madalena aflita. O andar de Nossa Senhora chorando. As cabeleiras das imagens balançavam com os movimentos das charólas. A musica tocava funeral. O povo ajoelhando-se pelas calçadas... E eu, menino, voltava para casa com a impressão daquele espetaculo triste, comovente, arrepiador.

No outro dia, porém, a tristeza era curta. Eu me lembrava logo dos judas. Apareciam sempre alguns pela minha rua, estraçalhados pelos moleques de uns "cortiços" da visinhança. E gostava de assistir ao martirio simbolico dos malvados que todos os anos matavam numa cruz o dôce Jesus que era tão bom.

De rompante um foguete desgarrado, impaciente, espoucante. Meus ouvidos esperavam pelo resto. Não tardava. Outros foguetes, girandolas, sinos, repiques. Mais sinos ao longe. Diziam-me em casa da beleza que era a aleluia nas igrejas. Os altares ficando sem os velarios roxos, os pombos voando pelas naves, os padres com vestimentas alegres, os canticos das moças no côro, as ondas de incenso, a claridade do sol... E eu tomava parte nesse jubilo cristão: corria, gritava, rufava o tambor, soprava a corneta, dava ordens de comando, beliscava as amas, bolia com as primas, voltava a ser o "encapetado" da frase de minha Dindinha.

Os trens apitavam de novo. Os bondes retomavam as campainhas. E o molecorio, ás voltas com os judas, a berrar:

Aleluia! Aleluia!
Carne no prato
Farinha na cuia...

Novos sinos, novos foguetes, novas musicas.

Meu avô, na sua cadeira de braços, com os seus olhos cégos, fumando o cachimbo, apurava o ouvido, reconhecia os repiques e afirmava:

— Agora é que está rompendo no Aterro da Bôa Vista. Indagorinha foi na matriz de São José.

Carnaval do meu tempo

A orquestra com a sua toada conhecida aproximava-se. Ouvia-se já distintamente a cantiga dos foliões:

O morcêgo bateu asas
Mas não pôde avoá...
Quem não tem prazer na vida
Não diverte o Carnavá.

Era o primeiro bando de mascarados a passar no domingo lá por nossa casa.

Eu, que os esperava desde o amanhecer, ficava feito barata tonta. E o reboliço na rua tomava ares de loucura epidemica. Abriam-se de golpe as janelas de toda a visinhança. Corriam ao portão os modestos moradores de um cortiço de defronte. A meninada gritava. Enchiam-se as esquinas de gente á frêsca.

— São os morcêgos!

— Venham ver depressa!

— Côrra Melinha!

— D. Nenem... D. Dondon.. Chica!... Vocês perdem...

O Maracatú

Acorriam todos. Patrões e creadas. Brancos e negros. Até minha avó, eternamente resmungando contra os mascaras, contra esses "tres dias de juizo", largava disfarçadamente os filhós que fritava com gabada pericia, e arriscava uma olhadéla de beiço torcido para a tróça que passava num estardalhaço de orquestra e de cantos. Somente meu avô, vivendo imerso nas trévas de uma catarata, não se mexia da sua cadeira-preguiçosa e continuava a fumar o cachimbo, ouvindo a musica, sabe Deus com que saudades da mocidade e da visão. Na imensa alegria, na inegualavel ventura de minha infancia seria esse talvez o unico instante de compreender o horror da cegueira: — a impossibilidade de apreciar o Carnaval.

Nesses "tres dias de juizo" eu não saía da janéla, com a minha paciente e meiga Sinha Aninha, ao lado, protegendo-me e animando-me. Porque o meu entusiasmo pelo Deus Momo se misturava a um temor pronunciado pelos mascarados. Gostava doidamente de vê-los, porém tinha mêdo dêles.

Mascarados! Que importancia eles assumiam perante meu espirito de creança! Tomava-os, na imaginação infantil, como sêres reais que apareciam nas manhãs de domingo da quinquagesima e se sumiam nas tardes da quarta-feira de Cinzas misteriosamente. Para mim eles eram eternamente assim, burlescos, guisalhantes, coloridos, engraçados. Não imaginava siquer que continuassem a viver, sim, junto a nós, mas com seus trajos habituais, com suas maneiras comuns e com as suas proprias mascaras. Somente depois, muito depois, vim a saber disso... Quantas vezes no meio do ano, interrompendo um brinquedo, indagava de mim mesmo: "Onde estará aquele dominó azul que boliu comigo na rua do Hospicio?" ou "Em que casa morará o cabeça-grande que fez medo a minha prima

Gina?". Que satisfação seria a minha si ele me aparecesse de repente, como uma alma de outro mundo, sem ser dia de Carnaval?

Passavam os morcêgos. De setim preto, lantejoulas, fazendo piruetas, abrindo e cerrando asas, cantando ainda:

O morcêgo bateu asas
Mas não pôde avoá...

Depois, eram pierrôs de babadinhos e canudos, diabinhos dando com os rabos nos moleques, os principes de trajos vistosos e cabeleiras brancas, os caveiras com as costelas á mostra, os professores de palmatoria na mão e mascaras de burros, os dominós de veludo, os fronhas nas cabeças e saias de baixo penduradas aos pescoços, os bobos de fraques com botões de bolachas... Em bandos, em bandos... Tantos que não se podia dar conta de todos.

Castanhólas, guisos, falsêtes, gaitas, récos-récos. Carreiras e gritos:

— Você me conhece?

— Ai... ai... ai...

— Mascarado! Mascarado!

Lá em nossa casa, desde umas semanas antes, picava-se papel. Vinham das lojas folhas e mais folhas de papel de seda verde, azul, encarnado, amarelo, roxo, roseo. E, deante de meus olhos em festa pelos anuncios de Momo, trabalhavam as tesouras de minha Dindinha, de minhas tias Yaya e Nenem, de minha mãi, de Sinha Aninha, de Chica... Ás vezes eu me metia a ajudante, mas o insucesso era fatal: saía cada graudão de meter medo. A habilidade consistia justamente em transformar o papel quase

num pó que era para "judiar" com os outros. Dava uma coceira de corpo abaixo do cristão ir tomar banho e mudar a roupa.

Enchiam-se caixas de sapatos, cada uma de sua côr. E minha avó relembrava o tempo de moça em que, em vez de se picar papel, fabricavam-se limas de cheiro. Reunia-se a familia inteira nos antigos solares. As senhoras e sinhazinhas sentadas nas marquêsas de jacarandá; as escravas pelo chão em esteiras de pipiri. Acendiam fogareiros, derretia-se em latinhas a cêra, a terebentina e a tinta. Depois em fôrmas de madeira ou gêsso moldavam-se as duas bandas da lima e após enchê-las de agua Florida ou de Colonia, soldavam-nas. Eram os projeteis carnavalescos da epoca. Atirados contra o inimigo, estouravam por percussão e molhavam a pessoa toda. Quando não eram as limas, era o banho dentro de uma gaméla, de uma tina, de um barril... Nesse tempo não havia mascaras; existia apenas Entrudo.

Agora, o papel picado e a bisnaga de agua perfumada. Uns compravam as bisnagas nas lojas, em caixinhas, de varios tamanhos: ns. 6, 8, 10, 12. Outros traziam os tubos de chumbo vasios e enchiam-nos em casa. Mais economico. O brinquedo de bisnagas era intenso, nervoso, formidavel. No meio da refrega, rasgava-se o fundo do tubo com os dentes e derramava-se todo o liquido de uma vez nos cabelos das moças já cobertos de papel picado.

Á tardinha, em menino, eu ia com meus pais, para a residencia de uma tia, Sinhá Pequena, na rua do Hospicio. Levava um saquinho de papel e umas bisnaguinhas. Dali, via o desfilar da mascarada, dos clubes pedestres; O Caiadores, o Vassourinhas, o Parteiras da Boa Vista, o Lenhadores, as Pás, dezenas e dezenas de outros. Havia

anos de se licenciarem para mais de cem. E assistia tambem ao desfilar do povo que vinha dos arrabaldes, descendo das maxambombas na estação das Oficinas e tomando o caminho da rua da Imperatriz.

Uma delicia incomparavel para meus olhos de dez anos esse espectaculo. Só uma cousa me fazia esfriar o encanto: o maracatú. Ouvindo ao longe o batuque, aproximava-me de meu pai ou subia ao cólo de minha mãe. Aquele

Bum... bum... bum... bum...
Bum... bum... bum... bum...

apavorava-me. Não sei mesmo porque. Sons vagarosos, monotonos, soturnos... Associava-os logo aos rostos melados de tinta, de zarcão, de suor, do rei, da rainha, dos nobres, dos tocadores de zabumbas. Gente horrivel, sinistra, mal encarada. Mistura de trajos luxuosos, de cabeções de rendas, de chales vistosos, de turbantes garridos, de fetiches africanos, de umbélas de seda, de bonecas agitadas por cima das cabeças de todos... E o batuque inalteravel, e a toada arrepiadora:

Arruenda que tenda que tenda...
Arruenda de totoróró...

Essa impressão da infancia gravou-se-me de tal maneira no cerebro que ainda hoje ao ouvir um ensaio de maracatú, num arrabalde, ha no meu sistema nervoso como que um leve fremito do pavor antigo.

Carnaval de meu tempo...

Que tristeza quando na tarde de terça-feira a matriz da Boa Vista principiava a dar os tóques de Cinzas! Com o escurecer caía uma verdadeira nostalgia dentro de mi-

nha alma. O frenesi do brinquêdo, o falsête dos mascaras, o entono das cantigas, as marchas dos clubes, os clarins do Cavalheiros da Epoca, não arrefeciam, sim. Antes subiam de intensidade num paroxismo de folia. Porém a certeza de que tudo aquilo no dia seguinte cessaria, doía-me no coração.

Faz chorar
Faz chorar
O saudoso Carnaval.
Amanhã é quarta feira
Acabou-se o Carnaval...

Eu sentia uma saudade que somente muitos anos depois vim a experimentar maior. De outras cousas tão pouco carnavalescas.

E parecia-me uma blasfemia ouvir minha avó sentenciar: — Felizmente deste estamos livres.

*
* *

Carnaval de meu tempo de rapaz. Ainda muito semelhante ao de menino, porém visto por mim com outros olhos e outros sentimentos.

As vesperas. Os ensaios dos clubes. Ruas cheias de povo. Animação antecipada. Apresentavam-se os zés-pereiras do Clube do Dêdo, alusivo ao professor Faustino que curava com apalpadelas as doenças mais incuraveis; do P. M. tróça irreverente e maliciosa aos homens passados dos 60 anos; do Filomomos, a nossa mais fina sociedade de criticas; dos Cavalheiros de Satanaz, dos Filhos da Candinha, do 33... E os pastoris do Cara Dura? Quem deles não se recorda?

O Cara Dura fôra fundado por oficiais do 14 e do 40, batalhões do exercito estacionados no Recife ha muitos anos. Queridissimos do povo. E nas noites de sabado que antecediam o de Momo, saía pelas ruas do Recife uma carroça com um palco armado em cima, seguida de um outro veículo levando um Zé Pereira. Em pontos adequados da cidade o prestito parava, a multidão afluia, o pano subia e os endiabrados caraduras, de vestidos de pastoras, e caras limpas, com bigodes e tudo, dansavam as jornadas conhecidas dos pastoris, diziam graças, recitavam versos, cantavam cançonetas apimentadas... Um desadouro! Uma coqueluche do povo!

— O Cara Dura hoje sai.

— Eu estou rente lá. Vou para o pateo de Santa Cruz.

— E eu para a subida da ponte da Boa Vista.

— Eles vão cantar esta noite a cançoneta "Pelo buraco". Engraçada, não é?

Mil cousas vi
do meu agrado...
Pelo buraco...

— Me deixe que os endemoniados outro dia cantaram uma paródia sem-vergonha mesmo: "Pelo buraco"...

Nas tres tardes de Carnaval todas as arterias principais do Recife se enfeitavam de bandeiras, de arcos, de corêtos, de folhagens. As bandas do exercito e da policia tocavam até tarde. Lampadas a alcool e bicos de gaz aumentavam a iluminação comum. Cada rua tinha sua comissão de ornamentos. E os clubes, os cordões, as tróças varando a cidade toda.

Ai! amô
Amô do coração!
Viva Santo Amaro
Beberibe
Jaboatão...

Desfilavam os prestitos luxuosos do Filomomos, do Nova e Meia do Arraial, do Cavalheiros da Epoca, do Cara Dura. Alegorias de gôsto e criticas de espirito. As alegorias da rosa, do bouquê, da concha, da lua, das sereias. As criticas do ôco do mundo com José Maria dentro, o da Bernarda, no tempo de Floriano, o do Bolo de Noiva, o do Cambio a 5, o dos bilhetes Sangaios, o dos ratos da Caixa Economica, o do incendio da Alfandega...

O côrso era mofino. Carros de passeio, a cavalo, com familias e algumas fantasias. O calçamento das ruas não ajudava. Exibiam-se muitos cavalerianos. Gente da capital e dos engenhos. Cada um queria mostrar a beleza e as proêsas dos seus animais de séla. Atropelavam, machucavam, metiam sustos. Reclamava a imprensa, mas... a maioria dos cavaleiros pertencia á politica dominante. Figurões e filhotes de figurões...

Ressaltava-se a pôse dos que gostavam de bancar autoridade nesses tres dias. Delegados, sub-ditos, suplentes, inspetores de quarteirões todos percorriam a cidade de ordenanças atrás.

Nasciam no Carnaval os nossos mais famosos ditados: Está falando, boneco. Espicha couro velho. Está namorando, hein?, Pau com formigas, É do mato...

O confeti destronara o papel picado e o lança perfume vinha cavando aos poucos a ruina da bisnaga. Esta vitoria custou mais. Ainda os combates se travavam a

bisnaga nº. 12, molhando as bonitas pequenas de vestidos afogados e longas tranças. Que custo para se meter um punhadinho de confeti pela góla do casaco! O enroscar das serpentinas multicôres, a chuva de pós dourados, as borboletas de papel crespo que se prendiam por um carrapicho ás blusas, bem nos seios...

Morria, no entanto, muito cêdo o Carnaval. Dez horas e tudo acabadinho. Nem mais um carro, uns mascaras, um clube. Ouvia-se ao longe o batuque dos maracatús caminhando para as sédes, ao recolher. Ruas vasias e sujas. Lampeões apagando-se. E nas casas, a ceia de filhózes, os comentarios, as esperanças na noite de terça-feira:

— Para o ano eu vou comprar mais bisnagas.

— E eu vou picar mais papel. Em Janeiro começo logo.

Uma cousa não mudou. Antes ampliou-se. E hoje como ontem arrebata, entusiasma, enlouquece, arrasta. A gente de todas as idades, todas as classes, todas as côres. Uma cousa legitimamente recifense e bôa como o que ha de bom no mundo. Mistura de arrancos, de remexidos, de estacadas, de reboliços. Ao compasso de uma musica quente, buliçosa, gosada. Musica que puxa o povo como o olhar de uma mulher provocadora.

Essa cousa é o "passo", é o frêvo.

Os bondes de burros

Lap... pá... lap... pá...

Rua Nova. Ano de 1902. Movimento das 4 para as 5 horas da tarde. Regresso do trabalho. Fechamento de armazens, repartições publicas, escritorios. Ultimas compras vespertinas das moças. Plantões ás portas da Casa da Julia ou do Café Rui de rapazes de calças tabicas, jaquetões de golas de sêda, colarinhos altos á Santos Dumont. Passam mocinhas de tranças dobradas ou cachos insolentes, já de vestidos semi-compridos atestando a puberdade, largos chapéus de palha com fitas escorrendo pelas flexiveis abas, bolsinhas de camurça ultima moda. Seguem-nas mamães atiladas, vigilantes, segurando as longas saias e premidas pelos torturantes espartilhos. Procuram-se os bondes de Madalena, Torre, Fernandes Vieira para a volta aos arrabaldes. Ou o de Rua da Aurora para tomar o trem de Olinda. Quer escurecer. Os acendedores de lampeões aparecem com suas compridas varas e vão fazendo brilhar nos topes das colunas de ferro os bicos de gaz metidos em camisas incandescentes. Gritam os gazeteiros o Jornal Pequeno e o Correio do Recife.

Na meia serenidade da arteria elegante do Recife transita um carro. Um carro chamava sempre a atenção. Era uma vitoria de rodas vermelhas, de capota muito lustrosa, de interior estufado a casemira branca. Bolieiro de farda cinzenta e botões dourados, cartola impecavel. Conduz uma senhora e uma menina. Todos as reconhecem: é d. Maroquinhas e a filha. Esposa e caçula de um armazenario de assucar riquissimo, habitando um palacête da Passagem, familiares em viagens á Europa. Descem á porta da loja de Madame Gerard. Entram, miram-se nos grandes espelhos das paredes, debruçam-se nos balcões acolchoados de veludo grená. A senhora estende o braço, abre a carnuda e alva mão direita para que lhe tomem a medida para um par de luvas de pelica branca com baguetes pretas. São para o baile do Internacional, no sabado. O marido vai assumir a presidencia do aristocratico clube. Ele estava ali defronte, no Maniva, provando a casaca.

Lap... pá... lap... pá...

Os bondes, caminho dos suburbios, passam. Surdindo do engasgo da estreitissima rua do Cabugá dobram vagarosamente o oitão da matriz de Santo Antonio e sóbem a rua Nova, atendendo a um e outro passageiro que deseja subir ou descer. Param a um simples aceno de chapéu de sol ou a um agudo psiu. E retomam a marcha num desapertar brusco do bréque e num estalar rapido de chicote.

Lap... lap... lap...

Á frente da alfaiataria do Melicharéque, quase esquina do bêco de Santo Amaro, os bondes estacam. Parada obrigatoria. De outro bequinho, ali existente, chamado dos burros, sai uma paciente sóta tangida por um mulato de roupa de brim pardo e boné da Carril. A mula

Os bondes de burros

é jungida aos tirantes junto das outras duas que já vêm cativas á tração desde a estação inicial, no Brum. O homem da sóta trepa no estribo ao lado do cocheiro. Entram mais passageiros superlotando o veículo.

Ruido de freio destravado. Estalidos de chicote. Rumor surdo de rodas. Prossegue a viajem. O cocheiro debruça-se na platafórma, distende o braço, vibra o rêlho. Surra o animal do centro, os das extremidades. Com impeto, com insistencia, sem pena. Dá estouros com a bôca, grita, encoraja. A tira de couro encolhe-se em espiral e alonga-se em linguado. Ganha velocidade o carro, toma cada vez maior impulso. As mulas arrancam chispas das pedras do calçamento golpeando-as com as ferraduras Vai-se vencer a rampa da ponte da Boa Vista.

— Burra, caminha! Eh! burra! Eh! Eh!

Numa carreira extrema o bonde atinge o agudo da ladeira. Redobram-se as exortações do bolieiro, intensificam-se as lambadas, bate-se com o cabo do chicote na metalica platafórma, ressôam os berros do homem da sóta(alenta-se de todas as fórmas a energia tracionadora da parêlha. De subito porém os animais perdem a coragem, o folego, o entusiasmo. Diminue-lhes o esforço, a resistencia, a decisão; pernas retezam-se, paralizam-se a meio do aclive. Ainda umas vergastadas de rijo, uns apêlos de bôca. Inutil. Recorre-se ao bréque para o carro não descer de novo, para não se dar para trás. É o prégo", o prégo infalivel, o prégo esperado, o prégo de todos os dias. Chicotadas violentas, pragas, lamentos, vociferações, até "peladas" em surdina, tudo debalde. Dali para cima nem mais um passo. Passageiros, interrompendo a leitura dos jornais ou o cochilo da viajem, descem para aliviar o pêso, ás voltas com os embrulhos de pães da tarde. Ainda debalde.

De um quiosque ao pé da ponte, á sombra de uma gameleira, carroceiros que bebem um café ou matam o bicho, suados do trabalho e melados de assucar, mas contentes e galhofeiros com o dia já ganho nas Cinco Pontas, zombam do impasse que por ser costumeiro nunca perde o seu aspecto comico. Principalmente pelas caras de fome e de impaciencia dos passageiros.

— Mula do inferno! Anda peste, anda diabo!

Nem como cousa. Os burros conhecem o valor da gréve pacifica. Não se mexem. Lá em baixo, em meio da rua Nova, tres ou quatro bondes aguardam a vez de subir a rampa e de pregar tambem.

Vem afinal, como de habito, do bequinho dos burros uma outra sóta, trazida por um outro mulato de boné de oleado. Calmamente. Como quem tem certeza de chegar. E chega. Atrelam esse quarto burro ao lado dos tres primeiros. O seu condutor sóbe ao estribo, á esquerda do cocheiro. Destrava-se o bréque. Novos berreiros, novas chicotadas, novas pancadas na platafórma. Os animais arrancam, fincam as patas nos paralelepipedos, movem-se a custo, espicham os pescoços, arrastam o carro e vingam finalmente a ponte. Um alivio!

Tiram as sótas que regressam sózinhas aos seus postos habituais, no bequinho, pensativas, fatigadas, com seu ar de dever cumprido, com seus graves oculos de sóla... O bonde segue de rumo á rua da Imperatriz. Os outros, que esperam, deslocam-se em carreira. E pregam tambem.

Cenas de todos os dias num Recife sem automoveis, sem passeios de pedrinhas, sem alto-falantes, sem arvores catitas, sem saias curtas, sem cinemas falados, sem mulheres eleitoras...

De musica havia apenas a gaita de Lezeira, um po-

pular cégo que pedia esmolas soprando num realejo e dizendo cousas espirituosas ou ingenuas. Conhecia os veículos da Carril tateando-lhes os numeros em relevo das plataformas. E exclamava num triunfo de reconhecimento e de saudação:

— Eh! 58!... Como vai 49?... Já voltou 19?...

E num outro tom, estendendo a mão:

— Minha gente do 19 dê uma esmolinha para Lezeira!

Na rua da Imperatriz existiam tambem burros de reforço, enfileirados, rentes á calçada. Naquele tempo a força em vez de ser medida por cavalos era-o pelos burros. Daí, talvez, a origem dos exquisitos superlativos: "Talento p'ra burro", "Dinheiro p'ra burro", "Boniteza p'ra burro"... Na arteria chique da Boa Vista os prégos eram menos frequentes. Em compensação na subida da ponte da Madalena, do lado de Bemfica, tornavam-se infaliveis e sérios dado a penosa curva da rampa. Ali, mesmo com quatro mulas o carro nem sempre subia. Os passageiros ficavam minutos e minutos á espera e de testas franzidas, maldizendo da companhia, "a peor do mundo" e olhando com inveja as barracas que sulcavam o Capiberibe carregando tijolos...

Os bondes de burros tinham, porém, as suas virtudes. Calmos, vagarosos, simples. Nunca atropelavam ninguem. Paravam á vontade. Bastava um gesto de mãozinha enluvada, de uns dedos cabeludos, de uma bengalinha de menino, de um guarda-chuva de parteira... Ás vezes o dono da casa ainda engulia os ultimos goles do café na sala de jantar ou a mãe de familia enfiava o grampo do chapéu deante do espelho do toaléte e já a creada na esquina mandava o bonde esperar "um bocadinho". O cocheiro era conhecido; ia todas as vesperas de natal receber as

festas no escritorio do comendador; que mal havia em deter a parelha ali por uns segundos? E quando se tratava do chefe politico local ou do subdelegado? Demais, para que pressa? A cidade toda andava tão devagar!

Em cada linha havia os passageiros tipicos, familiares, infaliveis. Quem não se recorda, nos bondes da Madalena, do velho medico dr. Cosme de Sá Pereira, embarcando nos Remedios, e com sua voz espalhafatosa bolindo com todos os seus companheiros de viagem? Conta-se dele que tendo, dias antes recebido de um amigo belo presente de bananas, encontrando-o num bonde exclamou de um banco da frente para um outro muito atrás:

— Compadre, obrigado. Gostei bastante.

O compadre era meio surdo e não percebeu bem:

— O que?!

O dr. Cosme não teve duvidas. Recorreu aos sinais e fez um que traduzia bem a fruta recebida de presente, acrescentando:

— Estavam excelentes. Obrigado.

Na linha de Fernandes Vieira era habitual o solicitador Padilha. De sobrecasaca e cartola. Sempre grave. Entrava no bonde e voltando-se para trás cumprimentava os companheiros com esta frase invariavel:

— Bom dia aos homens.

Uma cara extranha que aparecesse dava que falar Quem seria? Estranjeiro? Comico? Funcionario publico removido?

— Quem é aquele tipo da barbinha que veio hoje no bonde conosco?

— Já indaguei na praça. É o novo inspetor da Alfandega. Chegou ontem no "São Salvador".

— Pensei que fôsse o engenheiro que vem estudar as obras do porto.

— Ontem, tambem, viajou comigo num bonde de Derbi uma mulher bem bonita e toda pintada. Aquela mesmo não é séria não.

— Pintada! Com certeza é alguma hospede da Pensão Siqueira, alguma francêsa.

— Vou aparecer por lá...

— Você, não endireita! Olhe d. Nana!

— Nana é de paz...

Já existia a preferencia pelas pontas dos bancos, maximé porque se podesse subir ou descer por qualquer lado. O ultimo banco tambem merecia simpatias: — os namorados faziam questão dele porque, ao passar pelas residencias das coiós, podiam se virar para trás até o virar da esquina, num extremo olhar de amor e de ternura.

Os bondes eram vermelhos e as taboletas de côres variadas: — amarelas gema de ovos as de Fernandes-Vieira-Hospicio e Fernandes-Vieira-Conceição; verdes as de Afogados-Herval e Afogados-Caxias; rubras as de Torre e Madalena; brancas com uns frisos alaranjados as de Derbi; azues as de Santo Amaro-Hospicio e Santo Amaro-Aurora. Carros de oito bancos com quatro logares honestos cada um. Honestos, sim, isto é, folgados. Avêssos aos bolinas. Uma campainha nos pescoços dos animais ia tilintando pelas ruas da cidade e pelas dos arrabaldes afóra, avisando os clientes e prevenindo os transeuntes. Nas sextas-feiras santas tiravam essas campainhas em sinal de respeito pela morte de Jesus. Ingenuidade da epoca em que não havia a temer as gaitas de automoveis em dias de calmaria, nem as sirenas das fabricas em noites de boatos...

Em certa epoca era muito comum este dialogo:

— Você me tróca por favor este patacão de 2$000?

— Só si for em sangaios, quer?

— Duro ou móle?
— Duros.
— Então, me dê.

Eram os sangaios uns bilhetes emitidos pela Ferro Carril, em cadernetas, para pagamento de passagens nos seus bondes. Meio avermelhadozinhos. Traziam a assinatura do gerente, um sr. Sampaio. Aconteceu, porém, que na impressão o P saiu parecido com um G e daï a crisma que lhes pôs o povo.

Pouco a pouco os sangaios começaram a ter curso franco em toda a cidade. No mercado, nas lojas, nos balaeiros, nos gazeteiros, em toda parte emfim. Os niqueis andavam escassos nessa epoca.

Havia uns sangaios de papel mais consistente, os duros. E outros em papel mais ralo, os móles. Estes eram refugados ou aceitos de má cara porque nos bolços rasgavam-se, machucavam-se, desbotavam, ou facilmente perdiam-se. O povo implicou com os sangaios. A imprensa fez campanha contra eles, chamando-os de dinheiro falso da Carril. Surdiram versalhadas, ironias, trocadilhos. Até revista de teatro. E tambem garuchas, questões, protestos.

Dahi, chamaram aos sangaios, igualmente de "hajapaus"...

Outra cena pitoresca era a dos descarrilamentos dos bondes. Ia um deles rua abaixo, "em disparada doida" como se dizia então quando as parelhas abriam um pouco mais os passos, e, de repente, pulava dos trilhos. Decepção para todos. Uma novidade para os moradores das visinhanças. Um goso para a meninada.

— O bonde caiu!
— Adonde?
— Ali nos Quatro Cantos...
— Vamos espiar?

Iam todos. Chegava povo ás janelas. Patrôas e creadas deixavam os porfazeres para apreciar o desastre. Ofereciam cadeiras ás moças que vinham no carro desviado do caminho. Alguns passageiros mais proximos das residencias iam mesmo a pé. O cocheiro coçava a carapinha por baixo do boné de oleado; o condutor deixava o calculo das passagens e os blocos dos cupões para ajudar o companheiro. Diabo! Atraso de viagem, multa, repreensão... Mudavam a parelha para a retaguarda. Tentavam o reencarrilamento fazendo marcha atrás. O carro pinotava no calçamento e por vezes voltava aos trilhos sem demora, pela força do habito. Acontecia, porém, custar esse reajustamento. Ia parar numa beira de calçada, ia esbarrar num frade de pedra, resvalava num buraco da companhia dos esgotos... E era serviço! Os pasageiros tinham de prestar auxilio. Mesmo em trajos de rigor como sucedeu certa noite de regresso de um espetaculo lirico no Santa Isabel.

Em varios pontos da cidade os trilhos da Carril cruzavam com os das maxambombas. Nesses cruzamentos, alguns perigosos pelo movimento dos trens, havia um vigia abrigado numa gurita e armado de umas bandeirinhas vermelho e verde para os sinais diurnos e de umas lanternas com vidros das mesmas côres para os noturnos. Quase sempre esses vigias eram pernêtas vitimas das rodas das maxambombas. O engraçado, sobre ser curioso, era que esses sinais de nada valiam para o cocheiro dos bondes. Em se aproximando da encruzilhada o bonde parava, o condutor descia e caminhava pacientemente até á esquina afim de, espiando para um lado e outro, verificar com seus proprios olhos si não vinha algum trem, si a linha de fato se achava desimpedida. De lá fazia um gesto de maior espera ou de prosseguimento da viagem. Mesmo

assim, de quando em quando havia uma beijóca da locomotiva com o bonde, ou, pelo menos, um susto...

Embora os bondes possuissem uma campainha para as ordens de parada, ligada por uma corda que corria pelo centro do carro, quase ninguem se utilisava dela, por indolencia ou acanhamento em fazel-o. Comum era bater-se no soalho do veículo com a ponta da bengala ou do guarda-chuva, infaliveis na epoca, quando não se gritava para o cocheiro:

— Pare aí, seu bolieiro!

Não parecia nada bonito aos rapazes e homens ainda fortes aguardar que os carros se imobilisassem para descer ou subir. Cousa de velhos... Constituia garbo e proêsa fazel-o com as rodas em movimento, numa exibição elegante de agilidade e musculatura. Saltar de costas constituia piruêta apreciadissima, menos quando o saltador defronte da namorada media o chão com o corpo e ficava numa poça de lama.

De querozene, a principio, e por muitos anos, passou a ser eletrica nos ultimos tempos, a iluminação dos bondes. Tambem fôra a acetilene. Quando lhes aplicaram os acumuladores o povo irreverente e sarcastico apelidou-os logo de "electro-burros".

Como hoje, existiam as linhas aristocraticas, as burguêsas e as proletarias. Do primeiro grupo seriam as de Madalena e Fernandes Vieira onde residiam os capitalistas: armazenarios de assucar, e de algodão, recebedores de bacalháo, donos de usinas, diretores de bancos, comerciantes em grosso, alguns ainda guardando da monarquia titulos de barões ou de viscondes. Nos outros grupos vinham Torre, Derbi, Afogados e Santo Amaro. Santo Amaro, de todas se mostrava a mais humilde. O seu nome era simbolo de duas estancias tristes: o cemiterio e os asilos.

Bondes raros, vasios ou com gente pobre. Da rua do Lima para cima quase só se viam mocambos e mangues. No fim da linha, á porta do Asilo de Mendicidade o cocheiro e o condutor mudavam a parelha do carro, num ruido tipico de tirantes arrastados, e quedavam sentados num dos bancos da frente, fumando, cochilando, gosando a frêsca do mar, fazendo hora para o regresso ao Brum.

Ruas houve no Recife que mereciam da Carril a visita de seus bondes, e que hoje não disfrutam mais, com a Pernambuco Tramways, esse beneficio. As do Aragão, Barão de São Borja, pateo de Santa Cruz, Apolo, Florentinas, por exemplo. Em compensação a da Intendencia ganhou um movimento que nunca esperou na sua vida.

Os bondes da Carril datavam de 1871. Um ano antes fôra contratado com o sr. José Henrique Trindade o serviço "de carris dentro da cidade e seus arrebaldes". A 23 de setembro de 1871, com o entusiasmo, o jubilo e a curiosidade faceis de calcular, a Pernambuco Street Railway Company inaugurou seu primeiro trecho: o da Madalena, até a entrada dos Remedios. A escolha da linha inaugural explicava-se: — Madalena era o arrabalde da nobreza, dos lórdes, dos palacêtes. No dia da estréa os carros transportaram 2695 pessoas. Só não passeou no bonde quem não dispôs de alguns vintens.

Por muitos anos os passageiros da linha da Torre baldeavam para um carro menor no oitão do Sobrado Grande. A baldeação oferecia cenas interessantes, grotescas, lamentaveis de açodamento, ambição, atropelos, quedas, carreiras, arengas quando as lotações não coincidiam. O condutor desse bondezinho, contam os mais velhos, costumava tocar uma corneta perto da ponte da Torre, chamando os passageiros, quando o carro ia partir para a cidade.

Á epoca da inauguração, os bondes eram todos fe-

chados. A mudança para o tipo americano, aberto, foi lenta. E certamente deu muito que falar, o que ainda hoje acontece quando aparecem inovações, mesmo uteis, como as dos atuais carros do Espinheiro e os novos itinerarios das linhas, via ponte Santa Isabel. Ainda conheci dois dos bondes fechados. Saiam somente em dias de chuva e de festa. O povo dera-lhes a alcunha de "baús".

As passagens não seriam baratas em comparação com as de hoje. Todavia as do percurso no centro da cidade eram-no. Custavam 100 réis da rua do Brum á Praça Maciel Pinheiro e 200 réis dessa praça até os fins das viagens.

As ultimas linhas inauguradas pela Carril, já no nosso tempo, foram: Derbi, Jiquiá e Hospital Pedro II. Esta, não obstante necessarissima, dado o movimento intenso de doentes para aquele estabelecimento de caridade, unico na epoca, custou a se objetivar porque, dizia a oposição, havia um capricho politico do governo em não consentil-o.

Vai como noticia oposicionista.

Em tróca do niquel das passagens e servindo de recibo ás mesmas a Ferro Carril dava aos seus clientes uns papeluchos coloridos, destacados na ocasião do pagamento. Tomaram os nomes de cupões. A principio ninguem queria aceital-os nem guardal-os.

— Não sou fiscal da Companhia... — resmungavam os mais azêdos, num gesto de recusa brusca.

Outros limitavam-se a dizer que não com as cabeças. Somente as creanças gostavam de guardar aqueles cupões de varias côres para brincar de condutores de bondes em casa, com os primos ou os amiguinhos, transformando os sofás e cadeiras em veículos.

Mas a Carril tinha lá seus psicologos na direção. Conhecia o modo de incensar a vaidade humana, aproveitando-a para fins de utilidade sob o rotulo de beneficencia

É um meio habil e infalivel. Ontem como hoje. Haja vista os chás-dansantes, os dias das flôres, as partidas de futebol, pró isso ou pró aquilo, em que a caridade faz ressaltar os nomes de fulanos e beltranos.

Estava em vóga, na epoca, a Liga Contra a Tuberculose, iniciativa nunca em demasia louvada de Otavio de Freitas. Todos contribuiam com seus donativos para a novel associação que já mantinha seu dispensario na rua dos Pires. Então a Carril encontrou o X do problema de fiscalizar melhor suas rendas por intermedio do zelo alheio. Resolveu dar uns tantos réis para a Liga em tróca de cada cupão que fôsse enviado ao seu escritorio.

Os simpaticos á Liga começaram logo a juntar cupões. Porém o maximo de colecionadores se obteve quando a remessa desses cupões passou a ser feita com escala pelas redações dos jornais que publicavam todos os dias noticias assim:

> "Em regosijo pelo aniversario natalicio de sua gentil filhinha Quiteria Beldroégas enviou-nos 500 cupões da Carril para a Liga Contra a Tuberculose, seu querido pai, nosso particular amigo e assinante o coronel Geroncio Beldroégas".

Pegou a doença. Não havia quem deixasse de juntar os recibozinhos da Companhia de bondes e si o condutor, por distração ou sabedoria, deixava de entregal-os ao passageiro tomava desaforo na certa.

— Você quer roubar seu patrão, não é?

— Desculpe... Eu me esqueci, cavalheiro.

— Que se esqueceu que nada! Eu sei... eu sei...

Tornou-se praxe o envio de cupões ás folhas por todos os motivos da vida intima: nascimentos, mortes, batismos,

missas de setimo dia, enlaces, chegadas... A "feira das vaidades" ganhou um carater de epidemia. Os jornais abriram seções: "Cupões". E eram de mais de meia coluna. Apareceram tambem os campeões das quantidades, os que queriam juntar mais que os outros. Enviavam 100.000, 200.000, 500.000, 1.000.000 Emaçadinhos, engomadinhos, separadinhos pelas côres, dentro de caixas enfeitadas, uma beleza! Choviam pedidos aos parentes, amigos, colegas, conhecidos e até extranhos para que "guardassem os cupões", ora em nome da esposa, da filinha, da nóra, da afilhada, da molequinha de casa... Moveram-se pistolões. Houve cartões de chefes-politicos nesse sentido.

Depois, quando a Carril estendeu o beneficio a outras instituições de caridade do Recife, formaram-se os classicos partidos: uns torciam pela Liga, outros pelo hospital Pedro II, outros pelo asilo dos orfãos etc.

Bondes de burros...

Por onde andarão hoje? Dizem-me que por cidades do nosso interior. Talvez. Que fiquem por lá, que não voltem mais ao nosso Recife moderno, trepidante, encantador, de hoje e de sempre. Que fiquem apenas na lembrança saudosa de quem os viu na mocidade, de quem lhes confiou o transporte de esperanças, de ansiedades, de namoros, de arrufos, de desenganos, de ilusões, de tantos sentimentos controversos, mas gostosos, dos tempos em que se tem vinte anos... E em que nem sempre se tinha mais do que o niquel de dois tostões para a volta ao arrabalde, a casa, á cama, no bonde de espetaculo, vindo do galinheiro, com os ouvidos cheios de musica e os olhos cheios de outros olhos...

De mim contarei um fato, para ilustrar. Eu tinha 17 anos e uma namorada. Com quem não me era facil conversar a

sós. Um domingo ela foi á Capunga, passar o dia. Em casa que possuia jardim e portão. Ela morava em sobrado. Imaginem que lampeão de esquina eu fui!

Toquei para a Capunga, de bonde. Domingo: roupa nova, chapéu de palhinha ultima moda, sapatões de verniz de ponta bicuda. E apertados como o diabo! Bonde para cá, bonde para lá. Do Brum ás Graças e das Graças ao Brum uma porção de vezes. E nem uma ocasiãozinha de ver a pequena sozinha...

Afinal, já de noite, quis arriscar uma outra viagem á Capunga. Mas, só me restavam dois tostões no bolço. Fim de mez de estudante... A ida estava garantida, porém a volta? Que importava si désse uma prosazinha com a "menina"? E fui.

Tudo no escuro. Casa fechada. Ela não estava mais lá. Tive de voltar a pé com os sapatões de verniz arroxando os dedos...

Como me pareciam bonitos e ligeiros os bondinhos da Carril!

Um sereno de casamento

Amanheciam as folhas de canela, verdes e cheirosas, espalhadas pelo passeio da rua.

Era o sinal promissor para a visinhança e os transeuntes. O alvoroço em quase todas as casas. As idas e vindas de mocinhas e as conversas de janela a janela das matronas. Entre senhorinhas:

— É, sim.

— Adonde?

— No palacio do Bispo. Ás 7 horas. Papai recebeu convite.

— Vocês vão?

— Vamos; não está vendo meus papelotes?

— Nem tinha reparado. Pois eu tenciono ir é ao sereno. Deve estar muito bom. Casamento de luxo!

— Os carros das cocheiras estão todos alugados. "Seu Sacramento" tomou conta do jantar, imagine! Banquête... Eu avalio os vestidos ricos que aparecerão!

— O seu de que côr é?

— Um verdezinho claro. Ficou bonito. Quem fez foi madame Pigeon. Quer ver?

Entre matronas:

— A Leonor passou a perna em Alzira, hein?

— É verdade. Alzira ficou na bagagem. Tambem o noivo dela não ata nem desata! Vai para tres anos que são noivos. Enxoval pronto, ele bem colocado naquela fabrica. Exquisito mesmo!

— Olhe, não diga nada a ninguem, não, porém Chico me contou que esse rapaz tem uma "bicha" lá para São José. Uma pardinha a quem fez mal e de quem já tem dois filhos.

— Jesus! Que desgraça! Então é por isso mesmo que ele não se casa.

— Leonor, sim, teve sorte. Noivo medico e direito. O dr. Ferreira gaba muito ele. Está feito na vida. Inda por cima casado com moça rica...

— Si tiver juizo...

O dia inteiro é de preparativos e de azafamas. Entram embrulhos de vestidos, caixas de champanha, taboleiros com bolos enfeitados, cadeiras emprestadas, ramos de flôres. De quando em quando, pelas amas ou pelas pessoas mais intimas, sabe-se na rua de novidades da "casa do casamento". A noiva está muito alegre; d. Sinhá é que chora com saudades da filha; o vestido uma lindeza, chegou da costureira indagorinha; a capela de laranjeiras tambem é moderna, nunca se viu igual, veio de Paris; eles casam e vão morar num chalézinho novo na rua da Intendencia; ás tres horas a noiva foi tomar banho, começou a vestir-se; o civil será ás 5; já ha convidados lá...

E de fato param carros á porta e descem senhores de casaca, de claque, acompanhados de senhoras e mocinhas de vestidos de sêda.

— O juiz chegou... Estão se casando... Ela disse que "sim" com uma graça!... D. Sinhá, coitada, choran-

do sempre... Tem gente assim!... Estão amarrados, minha gente!... Agora, só com a morte...

Eram essas as novidades que corriam. De bôca em bôca. Escurecêra. Ia sair o casamento para o religioso.

— Este é que é o serio — comentou d. Marócas, muito beata.

— Pois o outro é que vale. — replicou-lhe o dr. Brito, de idéas anti-clericais.

Vão se enchendo os carros estufados a casemira branca e com bolieiros de sobrecasacas claras. Muita casaca elegante feita agora e muitas outras achamboadas traindo os anos de existencia. Penteados caprichosos, cachos impecaveis, diademas de brilhantes, rosêtas cintilantes, toalétes de alto preço e bom gosto. E uma mistura perturbadora de perfumes parisienses nos ares.

Parte o cortejo. A noiva vai com a madrinha, d. Rosa de Amorim. O noivo, no coupê enfeitado de flores de laranjeira, com o padrinho, o coronel Loyo. A visinhança aponta quase todos os convidados, dando-lhes nomes de relêvo no Recife da epoca.

— Menina, gente lórde mesmo!

— Só faltou o bispo d. Luiz.

— E não é ele que vai casar?

— O que!

Os carros rodam estrepitosamente pelo antigo e aspero calçamento do Recife.

E o cortejo por entre alas de povo ingressa por um dos portões do palacio do Bispo, deixando os convivas e os noivos á porta principal do edificio todo iluminado. Folhas de canela pelo vestibulo, pela escada, pela capela-Espetaculo imponente de luxo, de graça, de emoção. Muitas luzes lá dentro. O altar um verdadeiro ninho de rosas.

Almofadas de veludo nos degráos. As alianças numa salvazinha de ouro.

O povo, cá em baixo, espera a saída e comenta sempre:

— A noiva é bonitinha.

— Pena não ser um pouco mais alta.

— Ele é que é um varapáo.

— Não acho. Homem deve ser assim. Marca nanico, não para mim.

— O bouquê está uma riqueza! Só queria arranjar um cravo...

— Lá no sereno eu acho que consigo. Tem uma colega minha no casamento.

— Embarcam para a Europa na semana que entra. No "Nile".

— Isso é que se chama gosar, hein? Tambem, com tanto dinheiro! Só si fôssem sovinas...

— Este casamento botou num chinelo o do filho do senador Abreu.

— Igual a este só o da filha do governador com aquele moço da Paraíba, um muito simpatico e que fez figura na Academia.

— João Pessoa.

— Sim, esse mesmo.

Um rumor nas escadarias do palacio. Descem.

Primeiro os convidados, de braço, par a par. Uma móstra de vestidos lindissimos. E de rostos tambem bonitos. Não todos, é claro. Porém, justiça, muitos.

Atrás desciam os noivos, já de braços dados, tambem, em toda a plenitude da mocidade, da elegancia e do jubilo.

Creanças apanhavam a longa cauda da noiva. Retomam os carros.

Rodam de novo para o chalé da rua da Intendencia

O coupê nupcial fecha o prestito, de acôrdo com a inovação. Outrora ia á frente.

Calçadas cheias. O sereno domina.

Chuvas de petalas á entrada dos noivos. Entram. Senta-se a noiva ao sofá da moderna mobilia austriaca. Sala luxuosa. Tapetes, cortinados, espelhos dourados, bibelôs cheios de calunguinhas, albuns de retratos, panos de croché pelas cadeiras. Pela porta aberta avista-se o quarto nupcial. O toaléte povoado de biscuís, frascos de extrato, vasos de pó de arroz, jarros com flôres. E a cama, com cortinado de rendas pendendo da cupula em madeira, forrada de colcha azul claro.

O sereno principia a tarefa habitual:

— Aquela casaca do dr. Serapião está pedindo aposentadoria...

— Foi de d. Pedro II...

— E o penteado de d. Nóca?

— Da minha idade e de cabelos pretos...

— A cama dos noivos é azul. Está vendo? Não gosto. Mau agouro...

— Oxente! Que tem a côr da cama com o resto, hein?...

— Minha mana casou-se numa cama assim e foi aquela infelicidade. Até separação.

— Podéra não! Ela é que tem mesmo a culpa. Quem não sabia a bôa bisca que era Zezinho de "seu" Zumba? Um genio aferventado e além do mais gostando de "andar no aguaceiro"... Enganou-se porque quis... Depois, viu-se nas amarélas.

— Olhe, por favor, não fale de minha mana, não, ouviu?

— Desculpe. Não sabia que aquela "princêsa"...

— Minha gente não arenguem aqui, não. Isso de cama azul ou côr de rosa é questão de gosto. O resto são "busões". Além disso, quem fez a cama dessa noiva a tia, d. Caetaninha, uma senhora tão feliz com o marido...

— Eu bem que sei. Ele só anda atras das "quengas"...

— Vão distribuir os cravos. Chi! Logo a emproada da Elisinha. Não me dou com ela desde o colegio Eucaristico. Uma assanhadinha de marca.

— Eu peço um para você. Deixe ela passar perto da janela.

— Não diga para quem é. Tira logo o efeito. Aquilo tem olho de sapiranga...

— Tem mesmo uns zoioões...

— Crescem em tudo que é dos outros. Por isso nunca ageitou um casamento.

— Está até falada...

— No meu tempo o noivo tambem levava bouquê.

— O que, d. Nanóca?! De verdade?

— E então? Janjão levou um até bem bonito. O porta-bouquê era dourado.

— Meu Deus! Que papel! Devia ter ficado um calunga de fogo de vista. Todo afiambrado, de bouquê, com aquele bigodão!...

— Menina, deixe de risadas, ouviu? Janjão não é seu "bumbum de jaléco", não!

— E ele se sentou no sofá junto da senhora, como se usava?

— Sentou-se, sim. E então? Havia de ficar corrupiando pela casa? Nem assentava num noivo. Um ato sério!

Em surdina:

— Esse Janjão sempre foi apombocado...

— Com certeza casou-se de capela de flor de laranjeira...

Alto:

— Eu estouro de rir, comadre Angelina. V. é o diabo em figura de gente.

— Me deixe que eu já não posso me aguentar.

— Mulher não se casa com carrapato porque não sabe qual é o macho.

— Uma verdade, aqui para nós.

— Quem é aquele babaquara de balandrou? Um de cavanhaque?

— Sei não. Cara nova no Recife.

— Ele entrou de braço com aquela moça alta e magricéla de vestido côr de perola.

— Um bacalhau de porta de venda. Para ser mulher dele é muito nova ainda.

— Talvez filha.

— Ou neta...

— Tem cada cara aí dentro. Repare a agua morna da d. Bitoquinha. Mal vestida e sempre "besta". Parece que tem na barriga os contos de reis do marido.

— Nem por isso liga a ele. Olhe o brêdozinho dela com o fona do Joãozinho do coronel Cazuza.

— Aquele não dá agua a pinto...

— Você que diga, hein? Tomou uma paixão quando levou o "córte"...

— Hoje nem me lembro que existe, banga!

Uns saem do sereno já saciados de tesourar ou de invejar os noivos. Outros se aproximam mais das janelas preenchendo as vagas. A rua da Intendencia vai perden-

do o rumor da festa, esvasiando-se, voltando a calma, ao silencio, á tristeza do costume. Os bolieiros cochilam nos carros esperando os freguêzes.

Dentro da casa o vae-vem continúa. Sons de cristais que se chócam em saúdes. Hip... hip... hurras!... Garrafas de champanha desarrolhadas com proposito de fazer barulho. Vêm bandejas á sala. Limpam-se beiços molhados de espuma. Olhos tomam brilho de maior alegria e animação. A ternura de d. Bitoquinha para com Joãozinho do coronel Cazuza toma ponto. Até o noivo se debruça por detraz do sofá e diz um segredo á noiva que sorri.

— Olhe isso, olhe isso!

Gritam muitas vozes do sereno.

E acrescentam maldosos:

— Está falando boneco, hein?

— Inda é cêdo...

— Eu vou dizer ao pai da moça...

— Minha gente, os noivos estão caindo de sono... Estão abrindo a bôca...

Psius. Conselhos:

— Deixem de pilherias!

— Uns moços brancos!

— Olhe as familias...

Um senhor de idade, metido numa casaca meio ruça fecha a cara, torce o bigode branco e sentencia:

— Hoje não ha mais educação... Esses rapazes sãc uns verdadeiros moleques de rua...

— Olha a casaca do homem!

— Quem foi o defunto, hein? Foi o avô-torto?

Uma familia retira-se do sereno. A mãe diz ás filhas:

— Começam as inconveniencias...

Saem tambem alguns convidados. Despedidas. Abraços, beijos, votos de felicidades. Segredinhos. As mocinhas levam os cravos mordidos pela noiva. Outras deixaram clandestinamente alfinetes fincados á colcha azul da cama nupcial. O uso deles, depois, será um eficaz chamariz de casamento.

O sereno diminuiu bastante. Restam apenas agarrados ás janelas moradores das visinhanças. Não querem perder um detalhe. Umas creadinhas do palacête da esquina. Uns estudantes da republica da rua do Aragão.

E é de um deles que parte a ultima frase de espirito e de malicia:

— "Seus" noivos durmam direitinho...

Pernambuco é um céu aberto

Quem viveu no nosso ingenuo Recife dos meiados de 1859 testemunhou a idade de ouro dos caiadores e pintores.

É o que narram os cronistas da epoca. Foi uma chuva de trabalho que talvez nunca mais se repita. Só poderá ser comparada á dos farmaceuticos, por ocasião da influenza espanhola ou a dos vendedores de ganga encarnada na revolução de 1930. Caia-lhes o dinheiro nas mãos como outróra escorria o maná nas bôcas dos hebreus.

Para todos os cantos da cidade aqueles honestos artistas eram solicitados com interêsse, com carinho, com promessas, e eles para lá se transportavam apressados, a pé, carregando escadas, latas, pinceis, bróchas, tintas, cal, numa ansiedade de atacar as paredes, os muros, as portas, os oitões, as fachadas... Azafama formidavel, verdadeira mobilização de uma classe, não para gréve ou para luta, mas ao contrario para uma atividade pacifica, transformando a sordida e secular sujeira de sobradões, de casas terreas, de edificios publicos, de meiaguas, de igrejas, de mocambos, numa vestimenta alegre e fresca de domingo, toda exterior, para "inglês ver", como possivelmente já se

dissesse nesse tempo, tão pouco mudam as frases, os costumes e as fitas...

Procurava-se, deste modo, um pintor ou um caiador tal e qual se cata hoje um emprego: pedidos, rogos, cartas de empenho, ofertas, ameaças, prisões. Todos os escravos tiveram de se adextrar na arte de restaurar pinturas e caiações, com proveito para os senhores, com serventia para os parentes e conhecidos desses senhores.

— Sinhá Pequena, minha negra, você podia me emprestar seu moleque Bonifacio?

— Móde o que, Candóca?

— O oitão lá de casa está tão sujo!

— Ahn! Minha comadre Yaiazinha, do Atêrro da Bôa Vista, já me pediu ele tambem! Olhe, si não mandar Bonifacio, serve Januario?

— Serve.

Atenazara os recifenses a mania do asseio? Ou, tratava-se de uma doença que pegava?

Não. Os miolos, integros. A saúde, perfeita.

O que havia era tão somente o desejo de atender ao pedido da municipalidade para que todos limpassem suas casas porque os imperadores viriam visitar Pernambuco, pela primeira vez, em Novembro proximo. E tornava-se necessario que todos os habitantes da capital imitassem os poderes publicos, mostrando aos regios visitantes, pelo menos por fóra, alguma cousa de apresentavel. O apêlo teve a mais simpatica acolhida.

Todos se esforçavam em ganhar titulos de zelosos, afirma um jornal antigo, e não "ficou uma só casa por mais pobre que fôsse sem se vestir de galas".

E não somente a classe dos manejadores de pinceis e bróchas teve seu vento a favor. Os alfaiates, as modistas, os carpinas, os decoradores, até os funileiros enche-

ram os bolços. Principalmente os funileiros: o Recife já possuia algumas ruas iluminadas a gaz carbonico, grande e luxuosa novidade, mas eram poucas. O resto da cidade vivia ás escuras. Para clareal-as durante a estada dos augustos imperantes recorreram aos candieiros de folhas de flandes protegendo vélas de estearina. Candieiros parecidos com os que existiam faz vinte anos nas estações das maxambombas de Caxangá e de Olinda. Apenas, nestes, o querozene substituia o espermacete.

No pacato Recife de 1859 o anuncio dessa visita foi um fervedouro de atividades. A municipalidade parecia ter tomado uma injeção de azougue. De marasmatica passou a dinamica. Taparam-se buracos, remendou-se o calçamento, capinaram-se os pateos, aprimorou-se a rampa dos cais, aplainaram estradas, douraram interiores, passaram tinta e cal em tudo quanto foi edificio publico. Tomaram outro aspecto logo os Arsenais de Guerra e da Marinha, a Inspetoria de Fazenda, o Correio, a Alfandega, o Hospital Pedro II, a igreja do Corpo Santo, o Consulado, o Palacio do Campo das Princêsas, as velhas pontes do Recife e da Boa Vista, os Arcos... Depois, começaram os engalanamentos, as luminarias. Armaram balaustradas, piramides, colunas, arcarias, pavilhões, corêtos, balcões, na Linguêta, no cais do Colegio, na rua da Cruz, no largo do Arsenal, no Atêrro da Boa Vista, em Fóra de Portas. Preparou-se um Te Deum na igreja do Espirito Santo, no qual foi gasto a soma de doze contos de reis. Alguns vereadores se ofereceram a custear do seu bolso a construção de um pavilhão onde se faria a entrega das chaves da cidade aos imperadores. O Monitor das Familias, jornalzinho da epoca, fez este rasgado elogio a esses vereadores: "Honra e gloria á cidade do Recife que soube escolher tão benemeritos representantes!"

O arco da Conceição

Na verdade, homens publicos que gastam das suas algibeiras em nome dos cofres da nação já era cousa extraordinaria. Hoje, seriam metidos logo na Tamarineira.

A praça da Boa Vista estava deslumbrante, contam os cronistas. Nunca se vira espetaculo assim. Ali, armaram uma "suntuosa arcada de gosto mourisco". Arcos com arregaços de flôres, colunadas cobertas de fazenda verde-amarelo, galhardetes nos topes de oito mastros, "quadros transparentes iluminados pelo magico clarão da luz do gaz", inscrições em homenagem aos imperantes, galerias accessiveis mercê de largas escadarias, camarins mobilados para os reais visitantes assistirem ás festas populare, o chafariz do centro golfando agua que se irisava pela "incidencia feérica" de 1.640 lampeões, dos tais de vélas de espermacete... Do camarim destinado aos imperadores, dizia o noticiarista: "As paredes deste casto recinto dedicado á virtude são guarnecidos de papel em que se vêm a simplicidade e o gosto".

Não se sabe si esse jornalista teve alguma comenda.

Toda a cidade só tinha um pensamento: essa visita excepcional. Todos queriam ver como era um soberano. E uma soberana, tambem. Não havia quem não tratasse de mandar fazer uma fatiota nova. Vestidos de sedas, setins, musselinas e chitas para as mulheres, conforme as pósses. Casemiras, alpacas, cheviotes e brins para os homens. As fardas da Guarda Nacional tambem abundavam.

O Recife tomou um outro ar. Por alguns dias deixou de ser a cidade que almoçava ás 8 da manhã e jantava ás 4 da tarde. Para ceiar ás 7 e dormir antes das 9. Não tinha ainda bondes nem maxambombas. Os coches eram raros. Os pianos, novidades. O transporte para os arrabaldes efetuava-se pelo onibus do Claudio e

pelas canôas que partiam do cais do Apolo com destino ao Varadouro. Quase não se viam moças nas ruas. E poucas nas janelas. Quando muito espiavam atravez das rotulas de xadrez das varandas de pau. O passatempo dos homens consistia em, á noite, sentaram-se nos banquinhos da velha ponte da Boa Vista para comentar o fato politico ou a vida do visinho. A unica distração do povo eram as festas do Poço da Panela, do Monte de Olinda, de Santo Amaro das Salinas e as procissões da quaresma. O Carnaval ainda não valia grande cousa: apenas a brutalidade do entrudo. Os jornais nem davam noticia dele.

Imaginem o rumor da vinda de Pedro II e d. Tereza Cristina! A curiosidade, a alegria, o entusiasmo, a ansia.

E a 22 de Novembro o vapor APA fundeou no Capiberibe. Chegara ás 2 da madrugada e ficara no Lamarão á espera do dia para entrar no porto. O povo não dormira. Enchia os cais de olhos fitos no paquete lá longe. "Numa luz clara que nele brilhava e foi então o iris celeste que anunciou á terra a noticia desejada".

Seis horas de um dia explendido. O APA transpôs a barra entre salvas. Cortou "as aguas do mosqueiro" e diante do Arsenal de Marinha ancorou "pegando o chicote de amarração". Centenas de botes rodeavam o vapor. Brilhavam neles as cartolas e os fardões. Vivorio. No porto todas as embarcações embandeiradas em arco. O areal do Brum, o cais do Arsenal, as rampas da Linguêta, os arrecifes, o Picão, o Forte do Matos, tudo tomado de gente. 11 horas quando a galeota imperial, toda franjada de seda, com um toldo de veludo, a oito remos, desatracou do vapor e se fez de rumo para o cais do Colégio. Vinham atraz em fila dezenas de outras embarcações com autoridades, com militares, com fami-

lias. Batidos de sol cintilavam os dourados dos chapeus de dois bicos, dos alamares, das dragonas, dos espadins, das condecorações. Singravam jangadas de bandeiras imperiais nos mastros e de vélas novas.

Subiram o Capiberibe tão manso, tão lustroso, tão largo, suavemente, até quebrar a ponta do Forte do Mato. Cada vez mais luz havia e mais encanto na paizagem. Dia sem nuvens, de um azul crú, de uma luminosidade de doer. E de uma beleza de enfeitiçar. O Recife num dos seus grandes, e muito comuns, triunfos de conquista. Os coqueirais de Pina se mostravam ao longe numa imponencia de verdura e de graciosidade. O rio medalhado de sol. A cidade, muito plana, muito airosa, muito alegre toda ela se oferecendo aos visitantes. Os sinos das igrejas tocando nervosamente. As musicas rompendo o hino nacional. A multidão aclamando. As trópas estendidas ao longo do cais de uniformes de gala. Os mastros de todos os veleiros empavezados.

E foi ali que Pedro II, ainda na galeota, sensibilizado, entusiasmado, feliz, teve a frase historica e justa:

PERNAMBUCO É UM CÉU ABERTO!

No pavilhão chinês armado junto da rampa, o Bispo, com a sua benção, apresentou aos imperadores o crucifixo que eles beijaram de joelhos. Ali a assistencia era da mais alta linhagem. Fardões, casacas, vestidos decotados, croisês, passamanes, espadins... Duzentas meninas de branco com charpas amarelas homenageavam D. Tereza Cristina. Sob o palio foram os "augustos visitantes" para o pavilhão central onde lhes entregaram as chaves da cidade, trabalhadas em ouro. As mesmas encontradas ha pouco tempo nas mãos de um colecionador, no

Rio. Hoje em dia o que vale é uma chavezinha de Roll Royce...

Somente depois do Te Deum, na igreja do Espirito Santo, sairam os imperadores, ainda debaixo do palio, para palacio. Tropas formavam alas pela rua do Colegio e da Cadeia Nova, hoje Imperador, de armas apresentadas, emquanto as cornetas, tambores e bandas prestavam tambem continencia. O povo, curioso, até nos telhados se fôra acomodar.

Das varandas ornamentadas com colchas de seda e veludo, com balõezinhos multicôres, com palmeiras e crotons, senhoras e senhorinhas, de trajos novos, lindas nos seus penteados de cachos, atiravam rosas, cravos e umas florzinhas de papel verde-ouro envolvendo delicados versos. "Essas flôres mimosas pareciam cair do céu". Tremulavam lencinhos de cambraia, agitavam-se leques de plumas, desciam sorrisos de labios provocadores. E as palmas atroavam de ponta a ponta da rua.

Formaram igualmente os alunos do Ginasio Pernambucano com a sua farda vistosa: casaca verde, colete amarelo e cartolinhas.

A alegria era tão intensa que muita gente chorava. Pais erguiam nos braços os filhos pequenos, moças se punham em bicos dos pés, velhos tremiam de emoção. E sob o palio franjado de ouro e de varas de prata, precedido dos nobres, dos militares, dos sacerdotes, caminhava o Imperador, em uniforme de gala, elegante, risonho, com a sua bela barba loura, ao lado da Imperatriz, de vestido decotado, maternal, simples, contente. Ambos venturosos, tranquilos, amaveis, certissimos da perene afetuosidade do seu povo.

Cinco horas da tarde. Um esmorecer do dia como tantos da nossa terra. Viração do mar, tonalidades agua-

das do céu, sombras embaciando o rio, um roseo avelu dado para as bandas de Olinda... O prestito atingira o palacio. Suas Majestades sobem a escadaria e lá de cima se mostram á multidão que enche o Campo das Princêsas.

Uma apoteose de aplausos.

A' noite toda a cidade se enfeitou de luzes. As luminarias. Não houve pobre que não acendesse sua velinha á porta do mocambo. "Mais de duzentas mil luzes afugentavam as trévas". E mais de sessenta mil pessoas vieram ás ruas. Ia-se do Aterro da Boa Vista á Fóra de Portas ver as ornamentações e as luminarias.

Um dia como nunca!

E á noite, regressando ao lar distante, moída de cansaço, com o corpo sem poder mais se manter em vertical, com os olhos a se cerrarem de sono, com os pés ardendo, com os cabelos já livres do penteado, muita mocinha disse á mãe velhinha e tropega que não podera ir á festa, num entono de vaidade, de entusiasmo, de inedito gôso:

— Mamãi, eu vi o Imperador assim pertinho de mim...

Tipos de rua

Muitos tipos familiares aos olhos de quem viveu no Recife a uns trinta anos atrás foram se sumindo aos poucos, saindo de cena sorrateiramente, tão sorrateiramente mesmo que somente muito depois demos por falta dêles para sentir saudades.

Acostumaramo-nos a vê-los desde creanças e associavamo-los aos impulsos de nossa curiosidade, de nossa extranhêsa, de nossa graça e de nossa gula.

Hoje, por certo, não nos mereceriam mais a mesma atenção, o mesmo encanto, a mesma simpatia, porém uma vez desaparecidos ficaram-nos na lembrança com todo o atrativo e doçura das cousas que não tornam, que não ressuscitam que morreram antes de nós.

Os ciclistas

Não sei si no resto do Brasil a bicicléta teve a acolhida obtida no antigo Recife. Nem si, tambem, ella assistiu por lá a um ocaso tão rapido e tão completo de sua fama

e do seu prestigio como na linda cidade em que nasci, por um grande acerto do destino.

Quando apareceu, renteando o Capiberibe, aquela geringonça de duas cordas, exigindo de seus montadores habilidades de equilibrio e pericias de agilidade, foi um espanto seguido de uma admiração.

Até então o que todos nós conheciamos desde meninos era o velocipede. O velocipede!

Qual a creança, daquele tempo, que não o desejou? E que, conseguindo-o, num dia de aniversario ou de festa, nele não se encarapitou desde o amanhecer até o ir dormir, percorrendo os recantos da casa, os jardins, as calçadas, os quintais?

Guardo a recordação indelevel do meu, de rodas pintadas de vermelho, com um assento de couro amarelo, com os guidões envernizados, explendido, magnifico, divino!

Ele me proporcionou grandes alegrias, inenarraveis triunfos, mas tambem um susto danado. Imaginem que uma tarde, correndo pelo oitão da casa em que morava, ali á rua do Riachuelo, abalroei com as pernas de um sargento do 14. O militar parou, olhou-me sevéro, talvez por gracejo, e eu receando uma prisão, encolhi-me, botei o velocipede para dentro e nessa tarde limitei-me a correrias pelo terraço.

A bicicléta foi, portanto, um escandalo na epoca em que só se admitia o velocipede.

A principio poucos se afoitaram a vir de publico no novel engenho de locomoção. Mesmo porque, si acontecia serem escassos os exercicios preliminares, e o montador levava um tombo defronte da casa da namorada, ou de familia sua aparentada, o acidente resultava grande desprestigio para o candidato ao matrimonio.

A moça via logo que ele não ia lá das pernas, em exata expressão, para ginasticas semelhantes, como, por

exemplo, o equilibrio das finanças domesticas, de modo a deixar folga nos orçamentos para os vestidos da madame Pigeon, os camarotes da Sansone no teatro Santa Isabel, o landô para a festa do Poço, as joias no Couceiro, a casa para a temporada do natal em Olinda...

Pouco a pouco, entretanto, a bicicléta venceu os escrupulos, os receios, os acanhamentos, vendo-se a pedalar pelos bairros da cidade meninos, jovens e maduros. Escoteiros ou em grupos. Em bonitas maquinas saidas na vespera da Alfandega ou já em segunda mão meio cascudas. Tinha-se a sensação da velocidade tão rara com o bondezinho de burro e a maxambomba. Saia-se por instantes daquele ramerrão pacato e moroso da vida de então do Recife. Corria-se numa terra em que tudo andava a passo de procissão.

Houve apaixonados do ciclismo que se tornaram celebres. Um desses: o João Dubeux. Não largava a bicicléta e contava dela proesas tão famosas quanto hoje são as travessias dos oceanos pelos aviões. E nós, ouvindo-o, experimentavamos inveja de não realisar façanhas iguais ou de não possuir uma "aranha" daquelas.

Mas, onde o ciclismo alcançou o apogeu do exito foi nos velodromos recifenses.

De começo as corridas tinham logar no Derbi, nesse Derbi que Delmiro Gouveia transformou num duplo paraiso. O dos generos baratos, no mercado, e o dos divertimentos de graça, cá fóra.

Quem não se lembra das noites do Derbi? Hein?!

Depois, o velodromo passou para a rua do Sêbo, ali no atual Politeama. Enchiam-se as arquibancadas de entusiastas e curiosos. Os aplausos, o vozerio, as aclamações, os partidos, o frenesi das partidas e das chegadas, tudo

isso constituiu para o Recife de ontem o que é o futebol para o Recife de hoje.

Com uma diferença: — o pontapé era dispensavel.

Na pista rodavam em renhidissimos pareos os admirados ciclistas, de camisetas em riscas berrantes, de calções justos, de sapatos de lona branca, de rostos decidos e venustos.

Quanta vitoria retumbante! Quanta audacia temeraria! Quanta conquista de premios! Quantas investidas de corações femininos!

Os olhares, os sorrisos, os gestos discretos de cabeças e de mãos daquelas jovens vigiadas por pais severos e por irmãos brigadores, iam para os corredores destemedidos, traduzindo partidarismo simpatia, entusiasmo e amor...

Muitos ciclistas corriam mais pela "sua dama" do que pelas suas côres". E maior recompensa eles recolhiam á noite, numa esquina da rua do Hospicio, num oitão da rua Velha, numa rotula da rua do Aragão, num muro da rua da Soledade... do que nas medalhas entregues deante da multidão em aplausos no recinto do velodromo.

Aquelas, sim, pagavam bem a pugna, o risco, a emoção, o triunfo. Fôsse uma flor, uma carta, uma frase, uma fita das tranças ou mesmo um desses beijos furtados que poderiam custar umas bengaladas ou uma carreira.

E quem eram esses vencedores, esses campeões de outrora? Quem eram?

Posso dizer os nomes dos vivos porque são hoje homens sérios, dignos e alguns meus amigos.

Lá vai:

Arthur Lundgren, Oscar Berardo, Othon Mello, Gaspar Neves, Alberto Amorim, Francisco Pessoa de Queiroz, Fernando Piereck, Horacio Moreira, Franklin Seve, Guedes Pereira Filho, Eugenio Mendes Jacques, João Maranhão...

Quem os vê no mundo contemporaneo industriais, negociantes, capitalistas, politicos, doutores, capitalistas, laureados por outros triunfos talvez duvide de que já tenham sido, como realmente foram, os mais queridos rapazes da gente que amava os esportes e das mocinhas que amavam o casamento num Recife de mil novecentos e pouco...

A negra da costa

Com a saia redonda, com o cabeção rendado, com o turbante de côr, com os argolões e as pulseiras de ouro, com o chale vistoso, todos os dias nos visitava oferecendo bolos, acaragés, pamonhas de garapa, grudes, cangicas...

E, de mistura, umas figas prêtas contra feitiços, das que ela usava tambem no pescoço retinto. Havia algumas dessas negras ainda maduras, de rostos bonitos e carnadura tumida, mas a maioria era já velhusca, enrugada, começando a pintar...

Os taboleiros vinham cheios de guloseimas. As pamonhas envoltas em folhas de bananeira, os acaragés numas vasilhas cheirando a dendê, as cangicas numas tijelas de louça da China de côres e desenhos variados.

Tudo muito apetitoso.

Falavam manso e numa méscla de português e africano. Tomavam a benção a todos quando entravam nas casas e davam aos freguêses o tratamento blandicioso de "Yaya", de "Yôyô" de "Sinhazinha".

Contavam delas costumes e ritos extravagantes. Que quando morria alguma negra da costa, as outras se reuniam e entre canticos banqueteavam-se deante da defunta.

E falavam das suas feitiçarias exquisitas, das suas danças bisarras e sensuais — o candomblê, o xangô, o alufá, a mandinga...

Moravam geralmente lá para os Coêlhos.

Teriam muito que contar do seu passado, talvez faustoso e nobre, como o daquela Tereza Rainha, de que nos fala Tolenare que a conheceu, em Pernambuco, em 1817. Surpreendida em adulterio, ainda em terras africanas, foi condenada á escravidão e vendida. Trouxera, ao chegar, anelões de cobre dourado nas pernas e nos braços. Recebia homenagens das companheiras e recusava-se a trabalhar. Depois, tornou-se ás bôas e veio a ser excelente escrava. Uma vez, trabalhando na moenda do engenho, prendeu nela os braços e foi necessario amputa-los. "Bela mulher de 27 a 28 anos, muito alegre e palradeira". Sustentava altivamente que fôra rainha de Cabinda.

A majestade do seu porte revelava mesmo o titulo de realeza que possuira. Embora se visse agora despida de grandeza, invalida, com um canto de palha para dormir na senzala e com um filho no ventre sem que soubesse ao certo quem dêle fôsse o pai.

Quantas das negras da costa do meu tempo teriam sido, na Africa, pelo menos, dama de honra de alguma rainha!... E quantas outras deixaram por aí filhos como o de Tereza, esposa do rei de Cabinda!...

Os tocadores de tachos

Eram italianos e concertavam panelas, frigideiras, caçarólas e outros utensilios de metal de nomes menos airosos.

Andavam pelas ruas, de porta em porta, batendo com um páo nos vasilhames que levavam para reparos: botar uma solda, substituir o fundo, repôr uma asa, desamassar uma tampa...

Faziam, com isso, um barulho medonho.

E tipico.

Porque, ouvindo-o, logo a dona da casa gritava para a cosinheira:

— Sia Quiteria vá buscar aquele papeiro para endireitar. O italiano vem aí.

Ajustavam o concerto, pedia-se pressa, regateava-se um bocado e afinal lá se ia de rua abaixo o tocador de tachos a atordoar os ouvidos com o seu incessante:

— Tem... tem... tem... tem...

Já em 1889 um jornal recifense anunciava, com pavor, haverem chegado mais oito tocadores de tachos. E comentava jocosamente: a companhia lirica gratuita vai aumentar.

Naquele tempo eram esses pobres homens a fazer barulho na cidade. Eles somente.

E hoje?

Os eletricos, os automoveis, os radios, as vitrólas, os jogadores de futebol, os camelôs e os aviões...

Os homens das opas

Tiradores de esmolas para as igrejas.

De opas de todas as côres. Vermelhas, do Santissimo; verdes, das Almas; roxas, do Corpo Santo; azues, amarélas, brancas de uma porção de outras irmandades e confrarias.

Traziam a sacóla com um emblema religioso por fóra, que muita gente beijava sem repugnancia e sem medo de microbios, ou, então, uma bandeja enfeitada com um santo deitado no centro das moedas.

Geralmente dava-se um vintem ou um dobrão de 40 réis. O niquel de tostão valia ainda muito.

Aceitavam tambem os pedintes ovos, carreteis de linha, sangaios... Alguns andavam com um guarda-sol colorido. Escolhiam uma freguezia para cada dia da semana.

Diziam os maldizentes que muitos desses tiradores de esmolas prosperaram associando-se aos santos a que serviam.

Pelo menos, deitando os ovos nas galinhas chócas que tinham em casa.

A fanfarra alemã

Por muito tempo uma fanfarra alemã, estridente, metalica e nem sempre oportuna, azucrinou os ouvidos dos recifenses.

E o repertorio já se tornara tão conhecido que muita gente se escondia ao começar o concerto ao ar livre dos gordos e sanguineos musicos germanicos.

Era a epoca da valsa da viuva alegre...

Com os seus instrumentos e estantes os alemães apareciam num certo trecho de rua ou de praça e ali se instalavam. E rompiam a tocar. Uma, duas, tres peças.

Juntavam curiosos. Para ouvir ou para zombar.

Mas, no momento em que um dos executantes saía de chapéo na mão recolhendo as esportulas, a debandada era completa.

E um engraçado protestava:

— Isso de graça já é caro, que dirá pagando?

Os carregadores de pianos

Desapareceu o costume outro dia, mas já vale a pena recorda-lo. O caminhão e o carroção da Tramways matou esse meio de transporte tão tipico de nossas ruas antigamente.

Hoje, quem tenha o seu piano a sair da Alfandega ou da loja, ou para leva-lo de uma casa para outra, recorre á garage. Comodo, rapido, seguro. E barato.

Outróra, vinham os oito homens praticos no serviço. Contratados de antemão e com cuidado. Chegavam com as suas toalhinhas nos ombros, musculosos, dispostos, de confiança.

Punham as rodilhas, formavam de quatro em quatro, e com o piano nas cabeças, marchavam de rua afóra, de passos militarmente harmonisados, em cadencia impecavel, cantando:

Yaya me diga adeus
Olhe que eu vou embarcar.
O vapor entrou na barra
O telégra deu siná...

Um tirava os versos e os outros respondiam em côro.

Zomba, minha negra
Zomba, meu sinhô
Quem quisé se embarcar
O trem de ferro já chegou...

Iam assim de dentro do Recife até Caxangá sem um descanso.

E ainda se chegava ás janelas com alvoroço para vê-los passar e ouvi-los cantar de mais perto. Vê-los de caras

Carregando o piano

suadas, vermelhas, de bôcas abertas e peitos estufados, sem arrefecer a marcha, sem amolecer o canto:

O vapô entrou na barra
O telégra deu siná...

As velhas de lenços nas cabeças

Ainda foram muito do nosso tempo.

De quando em quando encontravamos uma délas na rua. De vestido escuro, já ruço, em segunda mão, ou de chita barata e discréta, com o classico lenço dobrado cobrindo os cabelos e com as pontas amarradas debaixo do queixo.

Mulheres de condições humildes que não podiam usar capótas. E como o aparecer em publico, tendo-se já idade, e muitas vezes os cabelos cortados, com a cabeça descoberta, fôsse desrespeitoso e pouco decente, elas usavam aquele lenço de recato e de respeito.

Passavam por nós em direção das igrejas para as missas ou os terços, de rumo aos mercados para as compras, ou, então, a caminho de uma casa conhecida onde recebiam uma esmola costumeira.

Eram geralmente acolhidas com simpatia e carinho, por serem prestimosas, dedicadas e reconhecidas. Ficavam para almoçar, demoravam o dia inteiro. Tinham nomes suaves e simples. "Sinha Nana", "Sinha Tereza", "Sinha Rosa", Falavam baixo, com acanhamento e com receio. Contavam historias do tempo antigo, da escravidão, da guerra do Paraguai, do entrudo, da visita do imperador, da barateza de outróra. Distraiam os meninos pacientemente com historias da carochinha.

Muito devotas, benziam-se a cada momento e cheiravam a cêra de igreja. Conheciam todos os padres e falavam deles com uma reverencia. Os seus grandes dias eram os das procissões ou os das solenidades da semana santa. Madrugavam nos degráos externos do Corpo Santo, da Penha ou da Matriz da Bôa Vista para vêrem de bom logar o oficio de Trevas, o sermão das sete palavras, o lava-pés, o descimento da cruz...

Nas horas de doença e de agonias de uma casa da sua amizade nunca faltavam.

Queriam talvez provar com esse gesto que assim como tinham vindo comer á mesa dos protetores, vinham tambem chorar á beira dos ataúdes.

Mas, diziam que elas eram alcoviteiras, trazendo "escritinhos" para as moças das casas...

As antigas boleiras

Quão diferentes desses homens de caixas envidraçadas ás cabeças, inexpressivos, carrancudos, asperos! Talvez sejam bonitas as guloseimas que levam para vender, porém falta-lhes aquele geito, aquela doçura, habituais das antigas boleiras do Recife.

Existia entre elas e as creanças, suas melhores freguêsas, um entendimento perfeito. Dir-se-a com maior justesa uma atração.

A boleira e a creança completavam-se.

Uma queria bem a outra. Pouco a pouco ia desaparecendo da parte da vendedora o méro interesse do lucro, substituido pelo repontar do aféto. "Meu freguezinho" ou meu "Yôyôzinho" chamava assim a mulher aos pequenos clientes. E todos os dias já os esperava avis-

tar nas calçadas de casa, de roupas mudadas, sob a vigilancia das amas, com uns vintens nas mãos para a compra dos bolos do costume. Si não os via, assustava-se. Indagava por eles. Sabendo-os doentes, entristecia, aconselhava meizinhas, pedia a Nosso Senhor para pô-los logo bons.

Por sua vez a creança criava amizade á "freguêsa dos bolos". Festejava-a. Sabia-lhe o nome. E pela Festa, entre os presentes que o pai adquiria nas lojas havia um córte de vestido ou um chale para a humilde vendedora.

Hoje, o homem que apregôa bolos, nas ruas, é um revoltado, é um impaciente, é um revolucionario. Quando não é um tuberculoso ou um sifilitico.

As boleiras de outrora eram mulheres sadias, robustas, sexagenarias, de sangue limpo e de espirito calmo. Sempre sorridentes, bondosas, mansas. De chita de bolinhas ou de bichinhos, com a rodilha alvissima, o taboleiro asseiado. Traziam ao ombro um banco de abrir.

O taboleiro fazia gôsto. Tirava-lhe a tampa de flandres e o aroma dos bolos se espalhava pela casa inteira. Do fundo do quintal os meninos acudiam :

— Sinha Generosa está aí!

— Mamãi, me dê um vintem!

E os olhos infantis namoravam os pasteis de nata, os cocorótes, as fatias de pão de ló, os bons-bocados, os ciúmes, as cocadas, os pés de moleques... Tudo separado por especies. Saborosos, convidativos. A escolha tornava-se dificil para uma creança gulosa.

A familia não ignorava de onde provinham esses bolos. Gente sem doenças, mãos sem feridas, vasilhas especiais. Manteiga inglêsa da bôa. Fôrmas bem lavadas. Ovos de quintal.

Não havia perigo nem repugnancia.

Bolos de vintem, de quarenta réis. O tostão ainda valia muito. Raros os meninos que dispunham de um niquel.

E mesmo sem ele comiam á vontade.

A ponto da vóvó advertir:

— Vocês comem tanta cousa dôce que um dia botam lombrigas pelos olhos...

Os brabos

Foram muito do Recife de ontem.

Se-lo-ão ainda do de hoje, mas sem o realce e a importancia, quiçá o prestigio, de dantes.

Uma classe. E respeitada, garantida, dificil de acabar, mercê dos prestimos que possuia, maximé no capitulo da politica.

Os chefões da epoca os amparavam. Eram os "capangas". Quem não se lembra da aura de fama dos capangas?

Apontavam-se o do doutor fulano, o do coronel beltrano, o do major sicrano. Bolir com um deles seria cutucar com os esteios do mundo velho. Viria tudo abaixo. Uma facada sorrateira, num virar de bêco, era o menos que acontecia.

De começo foram os capoeiras, modalidade mais agil e publica dos valentes. A capoeiragem, no Recife, como no antigo Rio, criou tais raizes que se julgava um heroi sobrenatural quem tivesse forças de acabar com ela. Que nada! Saisse uma musica para uma parada ou uma festa e lá estariam infaliveis os capoeiras á frente, gingando, piruteando, manobrando cacêtes e exibindo navalhas. Fa-

ziam passos complicados, dirigiam pilherias, soltavam assovios agudissimos, iam de provocação em provocação até que o rôlo explodia correndo sangue muito e ficando defuntos na rua.

Havia entre eles partidos. Os mais famosos foram o "Quarto" e o "Espanha". E as bandas musicais, por sua vez, possuiam dobrados das predileções de uma ou da outra facção desordeira. O dobrado "Banha Cheirosa" era um desses. Tocal-o constituia já uma ameaça á ordem publica.

Partiam gritos sediciosos:

— Viva o Quarto!

— Fóra o Espanha!

E os versos desafiadores:

Viva o Quarto
Fóra o Espanha.
Cabeça sêca
E' que apanha...

Ou então:

Não venha
Chapeu de lenha!
Partiu
caiu
morreu
fedeu.

O barulho tomava proporções terriveis. As facas riscavam os ares e mergulhavam em barrigas. Os porrêtes faziam desenhos nos ares e colidiam com os quengos dos adversarios. Casas fechando-se, gente correndo, meninos chorando, feridos agonisando.

Espetaculo de quase todos os dias. Não havia governador nem comandante das armas que désse fim áquilo. Mesmo porque si havia alguma providencia energica a respeito, uma carga de cavalaria ou um cêrco de tropas de linha, si alguns dos "moleques de frente de musica" iam parar no xilindró, logo aparecia uma força superior que os punha de novo na rua e á frente da primeira banda que fôsse tocar na Penha ou no Prado.

Essa força era a politica.

Os capoeiras, em regra, pertenciam a esse ou aquele figurão dos tempos. Nos dias de eleições retribuiam com serviços valiosos a proteção e a impunidade.

Desaparecidos os capoeiras, ficaram os "brabos".

Menos evidentes, porém perigosos. E protegidos. Não faziam mais proesas na frente do 14 ou da policia, mas não dispensavam atividade noutros setôres. Havia brabos de varias categorias. Uns da alta róda, outros de esféras inferiores. Cavavam a vida em ser brabos. Obtinham favôres, empregos, regalias. Desde a entrada gratuita no pastoril até os beijos das meretrizes...

Os de classe superior trajavam bem, andavam de carro, usavam brilhantes. Quase não diferiam do resto dos viventes no aspecto externo. Apenas, assim como que uma cara fechada, um passo duro, uma bengala grossa. Os de plano baixo eram tipicos: — chapeu de "apara facada", calças bombachas, paletó curto, sapatos brancos, andar balançado e o classico porrête na mão.

Nas festas-de-igreja, nos bumba-meu-boi, nas dansas modestas, surdiam manhosos, penetrantes, geitosos, para depois de umas bicadas esquentadoras se irem tornando agressivos, provocadores, sarcasticos, bulhentos. Procuravam sempre um pretexto para o "bababi". Uma frase

ironica para uma moça: "Está de bico torcido? Quem boliu com seu cachorrinho, hein?". Ou uma outra desafiadora: Êta baêta! Quem não pode não se mêta". Si havia um resmungo, uma replica, um muxoxo, o brabo inquiria já em posição de romper hostilidades:

— Isso é comigo, seu safado?

Sendo frouxo o interpelado, calava-se e ou o tempo melhorava ou ele recebia o pago da covardia numa tapona. Si mole não era, o "banzé" estava feito. Debandada, gritos, chôros, ataques, gemidos, pauladas, apitos, tiros... Essa cena nos pastoris já se tornara banal.

Em regra a policia intervinha com tacto. Porque temesse as rasteiras dos valentes e porque soubesse do prestigio que disfrutavam. Ora o prestigio do dinheiro e da posição quando o brabo era um "moço branco"; ora o prestigio da politica quando o desordeiro servia de guarda-costas de "seu" coronel do Zumbi, da Torre ou do Ambolê.

Quando muito os soldados apareciam fóra de tempo. Os brabos já se tinham ido lampeiros de seu. E nesse caso quem apanhava de réfles ou ia preso pelos cós das calças eram os inocentes, as vitimas. E o subdelegado, todo empafia, todo autoridade, julgava-se a cavaleiro do dever.

No campo da desordem ficavam as cadeiras partidas, a louça quebrada, as barraquinhas em fragalhos, o café derramado, os bolos pelo chão... No outro dia, si o brabo fôra de primeira classe, o pai pagava os malfeitos, mesmo os de ordem moral quando a luta rematava com um rapto de pastora ainda donzela.

Houve tipos celebres na brabêsa do Recife de ontem. Nascimento Grande e João Sabetudo tiveram fama. Seus nomes constituiam terror. Si apareciam num

sitio logo muita gente se retirava prudentemente, preferindo perder a festa a ir parar no cemiterio ou, pelo menos, dar umas carreiras sem vontade.

Geralmente os brabos viviam "azeitando" as mulheres-damas. Cada uma delas, tinha o seu "azeiteiro" que se chamava tambem "cherêta". Gosavam de favôres sem dispendio de dinheiro. Quase sempre tinham direito ás noites, pouco se lhes importando o que se passasse nas alcôvas durante os dias. Ou melhor, ás vezes se importavam bastante porque partilhassem das vantagens, prejudicando as raparigas no seu triste e impudico ganho. Esses eram os de carater mais baixo.

Outros, ao contrario, metiam-se a ciumentos e perturbavam a vida das infelizes mulheres. Rondavam o "brejo" com atitudes ofensivas e as raparigas, medrosas ou apaixonadas, se curvavam aos caprichos, aos maltratos, ás exigencias dos amantes que nem de comer lhes davam. Muitas delas provaram-lhe o aço das facas ou a dureza dos cacêtes.

Essa queda dos brabos pelas meretrizes parecia contagiosa doença. Nos móres e nos mirins. As farras, as bebedeiras, rematavam habitualmente nos prostibulos da rua do Imperador, do Rosario, das Trincheiras, do pateo do Carmo, ocasionando cenas crueis, deploraveis, vergonhosas que a cronica do Recife policial de ontem registrou.

E assim viviam os brabos até que perdiam a força dos esporões num encontro com outros mais brabos que os inutilizavam numa cama do hospital Pedro II ou numa cóva do cemiterio de Santo Amaro.

Os bombeiros

Os sinos começavam a tocar espaçada e repetidamente. A principio uma igreja só cujo toque era logo reconhecido pelos moradores do bairro. Em seguida outra, mais outra. Por fim diversas. Umas proximas. Umas distantes. Badaladas vagarosas, impertinentes, monotonas.

Todos contavam:

— Uma, duas, tres, quatro, cinco... E' no Recife.

— Que nada, Marócas. E' em São José. Sete...

— Conte direito. Foram cinco.

Recontam e concordam em ser o incendio na Freguezia do Recife.

— E' mesmo. Aonde será, minha gente? Fóra de Portas? Manézinho tem um armazem de algodão na rua de São Jorge.

As ruas se enchem de golpe. Correm creaturas de todas as partes. Esvasiam-se casas e bêcos como si os estivessem espremendo. Quem cochila, acorda; quem come, para; quem descansa, esperta; quem conversa, cala-se. Vão todos ver o "fogo". Uns receosos, a maioria por "folguêdo". Na vida calma do Recife um incendio era uma novidade, um divertimento, um ponto de maledicencias, de namoros, de chamêgos, de conquistas.

Acudiam tipos de todas as classes, côres, idades e sexos.

O armazenario, o lojista, o policia, o bilontra, o farrista, o moleque, a familia, a mulher-dama, a criada, o geladeiro, a boleira...

Rumôres de botas, chinelos, tamancos nas calçadas...

E os sinos a insistir no tóque de rebate.

Agora, a corneta dos quarteis.

— E' no 14.

— E na cavalaria tambem. Repare o clarim.

Correrias. Uma velha, na janela, indaga de um transeunte:

— Já soube aonde é o fogo, meu senhor?

— Na Caixa d'Agua...

Outro transeunte mais atencioso explica:

— Ouvi dizer que é num armazem de alcool do cáis do Apolo.

— Minha Nossa Senhora! Logo alcool! Vai tudo embora. E minha sobrinha Tété que móra na rua do Vigario. Vou o rezar o "Magnifica".

Avistam-se chamas por cima dos telhados. Ouvem-se explosões. Sente-se o cheiro da fumaça.

De subito uma campainha. Um tropel. São os bombeiros. Vêm do cais do Capiberibe e trazem archotes. Eles mesmos puxam as carrêtas com as bombas encolhidas, as escadas aos pedaços, a ferramenta profissional. Correm de ponte afóra.

— Coitados! Quando chegarem lá já estão cansados.

— Deviam ter cavalos para puxar os carros. Como no Rio.

Um velho, assistindo ao incendio:

— Hoje inda ha bombeiros. E no meu tempo? Era o povo que ajudava a apagar. Cada um com seu balde indo encher no chafariz mais perto. Uma vez ajudei a acabar com um, brabo, no bêco da Cacimba. Na casa de um fogueteiro, imagine. Eu era balanceiro da Alfandega.

— Por falar em Alfandega. Fogo danado foi aquele outro dia lá, hein? Lambeu tudo. Até os torreões!

— Antigamente era o povo sozinho que apagava. De-

pois começaram a auxiliar as bombas dos meninos do Arsenal de Guerra e dos imperiais marinheiros. Sempre serviam. Hoje é uma beleza com esses bombeiros.

De quando em quando um enorme estouro e as labaredas se avivavam. Paredes ruiam. O telhado abatera desde o começo. O povo com medo não se aproximava. Reuniam-se todos nas imediações da ponte Buarque de Macêdo, do Arco da Conceição ou mesmo no cáis do abacaxi, de outro lado.

A cavalaria rondava abaixo e acima de refle em punho.

Já havia quem fôsse voltando ás casas.

Negociantes mais socegados por saber que a desgraça não os atingira. Familias saciadas de curiosidade. Pequenas contentes do pretexto de umas olhadelas com os coiós. Rapazolas acompanhando as moradoras do "brejo"...

E o comentario:

— Pobre do dono!

— Pobre?! Segúro de 200 contos!...

As saias amarradas

A moda feminina, eternamente caprichosa, a ponto de não temer o ridiculo, ofereceu ao Recife de uns vinte e cinco anos atraz, uma das suas notas mais pitorescas, mais jocosas, mais deselegantes.

As ruas da cidade de Mauricio de Nassau que já tinham testemunhado em epocas mais remotas, o reinado das anquinhas, aquelas celebres chumaços e armações de arame que se usaram para fingir aquilo que nem todas as mulheres possuem de forma relevante, viram tambem em 1900 e poucos as famosas "jupes-entravés", as saias amarradas como o povo as crismou.

Houvera a principio uma tentativa frusta de saias-calções, mas não deu certo.

Os homens, receando perturbadora confusão dos sexos, recorreram á chacóta como meio eliminatorio de semelhante inovação. E encontraram o apoio da maioria da população, pois no Recife provinciano de então, com seus bondes de burros e suas carroças de bois, não se admitiria que as moças quisessem bancar machos, vestindo calças que não fossem as já admitidas em seu sexo, como indumentaria de higiene e de pudor.

E, assim, a unica saia-calção que apareceu na rua Nova teve estrondosa acolhida — a dos moleques.

Ficou naquela. Não houve imitadores. Ninguem mais se afoitou.

Vieram as saias-amarradas. Compridas, esguias, tão cingidas aos tornozelos que as mulheres andavam como gias, aos pulinhos.

Para descer as calçadas, para subir aos bondes, para caminhar depressa... imaginem!

O risivel não as espantou.

Multiplicaram-se as tais saias.

Porem, o desastre...

Era esperado por todos.

E um dia verificou-se...

A antiga empresa de esgotos do Recife abrira um valado em plena rua Nova para concertar um dos seus canos. Buraco profundo, suspeito, mal cheiroso. No tempo em que não existia ainda o serviço admiravel do Saneamento.

Uma linda senhora, toda ciosa de modernidade, de aprumo, de distinção, descera da sua "vitoria" puxada por dois cavalos brancos na esquina da rua de Santo Amaro. Vinha do seu palacete da Madalena ás compras. E quis atravessar a rua para entrar numa loja.

Trazia uma saia entravadissima. No exagero dos que julgam ser elegancia, excésso. Grande chapeu de plumas, espartilho arrochado, aneis em todos os dedos, mitaines, sapatos de saltos a Luiz XV...

Sem quebrar a importancia tenta galgar a vala. Não mediu bem o espaço comparando-o com a folga da saia. O pé falseou. O busto desequilibrou-se.

E a queda foi inevitavel.

Gritos, carreiras, risadas, comentarios, auxilios.

— A moça caíu no buraco do esgôto!

Uma velha rosnou:

— Bemfeito! Quem já viu novilha peada pular valado?

Tiraram-na enlameada, gemendo, imunda.

E, em casa, um banho demorado com muito sabonete e muita agua Florida.

As saias-amarradas, foram, desde esse dia, rareando...

Teatros

Tarde de 20 de Setembro de 1869.

Os sinos da igreja de São Francisco tocam a rebate. Outras igrejas imitam. A fumaça e as chamas bem altas indicam o bairro de Santo Antonio como ponto do incendio. E a noticia corre tremenda, desoladôra: o teatro Santa Isabel está pegando fogo.

— O teatro novo, sinha Rosa?

— Ele mesmo, minha negra.

Alvoroço em toda a cidade. Gente que corre vinda de todos os lados. As pontes se enchem. As janelas dos sobrados povôam-se de curiosos. Mulheres á fresca. Meninos á solta. Sub-delegados com ordenanças. Trópa de linha. Fórma um corpo da Guarda Nacional e vem prestar auxilio. Agora, ás badaladas dos sinos se juntam os tóques das cornêtas nos quarteis. O Campo das Princezas vae ficando cheio de povo.

Chegam as bombas do Arsenal de Guerra com os aprendizes; vem a bomba do Arsenal de Marinha com os imperiais marinheiros; acódem os trabalhadores das capatazias da Alfandega. Escravos trazem baldes com agua de um chafariz perto. Galópam praças de cavalaria.

E o incendio, impavido, zombador, terrivel, destroi tudo sem pena. A mobilização dos atacantes não o assusta nem o arrefêce. As labaredas lambem cenarios, bambinélas, ri-

balta, velarios, espelhos, madeiras, bastidôres, cortinas, moveis... Só ficam as paredes externas.

Fôra-se o teatro Santa Isabel.

Na vespera cantara-se ali o "Fausto". E o fogo era atribuido a um "aparelho de luz eletrica", cousa misteriosa e arteira, deixado por descuido no camarim da prima-dona.

Emquanto não se reconstruiu o Santa Isabel, funcionou no mesmo largo um barracão de madeira com o nome de Ginasio Dramatico. Porque os recifenses daquela epoca não dispensavam o teatro. Houve mêses, antigamente, de haver espetaculos em dois e tres numa só noite. Trabalhava o Santo Antonio, na rua das Florentinas, o Apolo, na rua que ficou com o seu nome, e os suburbanos. Os teatrinhos de arrabaldes tiveram fastigio, fama, fortuna. No Monteiro existiu um, Recreio Campestre, agasalhando em 1868 uma companhia parisiense. Os programas impressos em francês. Querem vêr?

Serment de femme — ballade chantée
Grandin et grandine — romance
La veuve au camelia — vaudeville.
Les baisers — symphonie
Le lac, de Lamartine — romance
Ah! mon ami! — chansonette

AVIS

Loge avec 6 entrées — 20$000
Chaise — 5$000

Ceux qui acheteront des billets autont passage gratis avant et après l'espectacle en vagon. On commencera 8 heures.

Caxangá, Encruzilhada, Capunga, Olinda possuiram tambem teatros. O Melpomene de Olinda obteve noites triunfais. Chamava assistencia até do Recife. Aliás a cidade de Duarte Coêlho mereceu as primicias teatrais no Brasil. Ali, em 1575, no governo de Jorge de Albuquerque, subiu á cena o auto "Rico Avarento e Lazaro Pobre", certamente muito aplaudido pelos fidalgos da epoca, gamenhos nos seus gibões de veludo ou de damasco, e pelas lindas esposas ataviadas de setim, de tafetás, de broches e de joias...

Na Capunga realisavam-se uns espetaculos por moças de familias que foram talvez o maior exito da vida social recifense daquele tempo. Publicavam-se programas nos jornais. E os preços das entradas davam bem idéa do interesse despertado por essas graciosas amadôras. 8$000 os camarotes e 2$000 as cadeiras. Provavelmente muitas dessas artistas trocaram depois a corôa de louros do proscenio por uma capela de flôres de laranjeira oferecida por algum admirador...

A arte perdeu, mas a patria...

Mais remotamente, por volta de 1775, abriu-se na rua da Cadeia Nova, hoje Imperador, defronte do convento de São Francisco, a CASA DA OPERA. Casarão feioso e desasseiado. O povo crismou-o irreverentemente de "Capoeira". Nele se representavam peças dramaticas e sacras, porém, rezam as cronicas que já o genero brejeiro se afoitava em aparecer em cena. E agradava bastante. O publico enchia a plateia e pedia bis a valer. Quem não gostou da cousa foi o bispo que potestou e exigiu das autoridades policiais a cessação daquelas "licenciosidades". Certamente uma delas seria o espirito inocente do entremês "A Parteira Antonica". Foi nessa famosa e deselegante Casa da Opera que Garrafús, tipo popular, filho de um sapateiro de São José, assás conhecido por suas gaiatices, fez uma delas,

querendo bancar "carona"... Como só tivesse um olho são, porque o outro fôra vasado numa briga, quis entrar no teatro pagando meio bilhete. O porteiro reclamou. Ele não era mais menino. Porém Garrafús respondeu com espirito: — como só tinha um olho com vista e portanto só via metade do espetaculo, devia gozar um abatimento de 50 %...

Os dias de espetaculo no teatro Capoeira eram os domingos e quintas feiras. Os assinantes tinham direito a assento de palhinha na plateia por 480 reis. Os camarotes de frente custavam 1$600 e os de lado 2$500. As peças eram representadas com todo o rigor: oratorios, entremezes, dialogos. Asseio e riqueza. Os assinantes podiam assistir aos ensaios gerais. Um anuncio da epoca convidava aos senhores que se quisessem aplicar ao teatro e outro pedia roupas antigas para comprar.

Quem deu, no entanto, verdadeira vida ao teatro no Recife, foi o Santa Isabel. Inaugurado em 1850, com uma empresa dramatica, funcionou até 1869, quando se incendiou, ocupado por admiraveis companhias. Anos houve de ali trabalharem cinco e seis, das melhores que vinham á America do Sul. Conjuntos liricos, levando Trovador, Puritanos, Norma, Traviata, Rui Blas, Lucrecia Borgia, Huguenótes, Rigolêto, Elixir de Amor; dramaticos, com a Morgadinha de Val Flôr, Dama das Camelias, Duas Orfãs, Pedro Sem; de operetas trazendo A Gran Duqueza, Sinos de Corneville, Mascóte, Madame Angot, Amor Molhado; acrobatas, zarzuelas, prestidigitadores...

O teatro Santa Isabel tinha, nesse tempo, ao lado, um castanheiro da Africa cujas flôres desprendiam um máu cheiro de não se aguentar. Os jornais chamavam a essa catinga de "perfume municipal".

A reinauguração do nosso principal teatro, todo re-

construido e com o aspecto arquitetonico que ainda hoje conserva, efetuou-se na noite de 16 de Dezembro de 1876.

A cronica mundana guardou indelevel recordação dessa noite. Haverá cabecinhas bem brancas, nesta nossa éra dos cinemas falados, que ainda se recordem da bela figura ali feita, de um camaróte, ostentando um vestido de seda lavrada, em decóte, o penteado de cachos ou caracóis, a saia bem armada pela anquinha, as rosêtas de brilhantes, os sapatinhos de setim, o leque de plumas... E uns olhos masculinos, olhos de adolescente que cingia um redingóte impecavelmente talhado, lá numa cadeira das primeiras filas...

Deu que falar a reabertura do Santa Isabel! Madame Lecomte, modista da rua da Imperatriz, teve de admitir costureiras suplementares para dar conta das encomendas. Vinham portadores com bandejas de quando em quando. Da Capunga, da Trempe, da Passagem da Madalena, do Mondego, do Chóra Menino, do Monteiro, de Olinda... "O vestido de sinhá moça já ficou pronto?" indagava uma preta de chale vistoso no ombro. "Endireitou a saia de Yayazinha?" reclamava um escravo de fala mansa. E a lufa-lufa das mãos que pregavam bófes de rendas, gólas de veludo, enfeites de seda, botões de fantasia.

A' noite todos os carros das cocheiras rodaram para o Campo das Princezas. Cantou-se o "Baile de Mascaras". Sala cheia, brilhante, fascinadora. Nobreza, formosura, luxo, jovialidade, encanto, ingenuidade, pecado... "Vinha dos camarótes uma luz viva de beleza e de graça", escreveu um cronista. Os bicos a gaz, a imensa flôr do lustre toda cintilando, tornavam feérica a plateia, os corredores, o salão, a ribalta, o terraço. Todos admiravam a decoração, os espelhos, as escadarias, o mobiliario, o pano de bôca. Quando o maestro alçou a batuta e a orquestra iniciou a

ouvertura da opera de Verdi fazia gosto contemplar a assistencia, aquela móstra de elegancia engaiolada na triplice ordem de camarotes e sobrando pelas cadeiras. As sobrecasacas pretas e os fardões dos homens se harmonizavam com os vestidos de sedas listradas tão em moda e com as tarlatanas vaporosas das senhoras e senhorinhas. Cabeleiras naturais em cachos beijando os cólos nús, leques enormes com figurinhas de cêra em relevo, decótes em angulo num entremostrar de seios adornados por camafeus côr de rosa...

A prima-dona Corfezi honrou a noite com sua voz melodiosa, extensa e segura. "Um rouxinol", comentavam nos intervalos. Um velho critico achou que a comica usava os calções muito justos. E uma revista humoristica frisou: — os homens de idade avançada estudam as artistas de baixo para cima; partem da largura dos calções para atingir a largura da voz...

Surdiram nas folhas duas reclamações a proposito dessa temporada. Uma, contra os rapazes que, terminado o espetaculo, pulavam das cadeiras para as frisas, com o intuito de sair mais depressa arranjando os melhores logares nos bondes da Carril e nas maxambombas de Apipucos. A outra reclamação foi no sentido de se achar um meio de esticar os camarotes pois neles havia mais gente do que num "bonde em dia de Carnaval". Nada de novo neste mundo...

Não estiaram os triunfos do nosso belo e velho teatro.

Temporadas de brilho, de concurrencia, de entusiasmo e de lucros se sucederam. Partidos por artistas, beneficios estrondosos, versalhadas de poetas, discursos de academicos, polemicas de jornais, ridiculos de velhuscos apaixonados, ciumes de baronezas, bengaladas ás portas da pensão Siqueira, quebras de armazens de assucar... Quem ignóra o péga de Castro Alves com Tobias Barreto por causa de

duas artistas? E o episodio de Fausto Cardoso atirando ao palco, num paroxismo de aplauso a uma soprano, após a aria da Norma, o paletó, a gravata, o chapéu, o colarinho e até um tamborete do camaróte de bôca? Quem não ouviu de uma vóvó, ainda meio enciumada, alusões ao furor provocado pela prima-dona Senespleida? E a noite em que Carlos Gomes regeu a sinfonia do Guarani?

Até a primeira decada do seculo atual o Santa Isabel esteve frequentemente ocupado. E nessa epoca somente ele existia. Depois, inaugurou-se o Helvetica, na rua da Imperatriz, com artistas de café-concerto, troupes ligeiras e por fim companhias de maior porte. Posteriormente o Moderno e o Parque, hoje cinemas.

Comtudo, a primazia sempre coube ao Santa Isabel. E' famosa a sua acustica. Guardam-se ali recordações de todos os feitios. De arte, de sociedade, de politica, de mundanismo, de amôres. E de historia. Joaquim Nabuco, visitando o Recife, em 1906, discursou no seu palco e afirmou: "Aqui nós ganhámos a causa da abolição".

Em 1900 estreou uma troupe anunciada como infantil, embora trouxesse no elenco duas figuras femininas já "frangotinhas", com ser bonitas, vivazes e tentadoras. Umas "pimentas" como se dizia. então. Consuelo Uhles e Elvira Guedes. Por elas tomaram-se de partido fervoroso as classes academica e caixeiral, respectivamente. E o partidarismo inflamou-se de tal modo que houve mesmo um "tempo quente". Discussões, ironias, aplausos, vaias, ameaças, tabefes... Um "sarapatel". As entradas em cena dessas jovens constituiam temporais de palmas, vendavais de berros, chuvas de flôres. Os beneficios de Elvira e Consuelo boliram com o Recife inteiro. Até houve prontidão nos quarteis. Muito doutor em direito e muito abastado comerciante de agora ainda conservam escondidos na memoria lembranças

daquelas mocinhas, das suas vozes, dos seus olhares... Por fim a empresa dissolveu-se. Elvira Guedes vive hoje no Rio, já matrona e avó. Consuelo Uhles, essa, coitada, rematou a vida numa tragedia passional.

Outra companhia que no tempo fez sucesso no Recife foi a de Cristiano de Souza e Lucilia Simões. Deslumbrantes e deliciosas noites assistidas pelos meus deslumbrantes e deliciosos dezeseis anos de idade. Blanchete, Francilon, Tosca, Corali & C., Zázá, Diana de Lis, Lagartixa... Ah! Lagartixa! Quantas pernas de fóra! Pernas, pernas femininas a móstra naquele 1901 de saias roçando a poeira das ruas! A festa artistica de Lucilia foi das mais finas que o Santa Isabel já viu. Os estudantes trouxeram a nossa patricia da pensão do Derbi num cortejo de carros, com a musica do 14, de bonde, á frente. O teatro transformara-se numa cesta de rosas. Representou-se a Zázá. Lucilia foi coroada em cena aberta. Uma corôa de prata imitando louros. Falou João Pessoa.

Depois... Noites da Tomba, da Silva Pinto, da Vitale, da Amelia Vieira, da Gustavo Campos, da Angela Pinto, da Miranda, da Brazão... Rastro saudoso de enchentes, de beneficios, de festas, de entusiasmos, de vasantes. Reminiscencias das tentativas de entradas gratuitas nos dias de quebradeira. Camarotes da policia, do prefeito, do diretor do teatro... Camaradagens com os porteiros... E as neurastenias do velho Mafra, o bilheteiro do Santa Isabel. De cavanhaque aguçado, de voz tronitroante, de maneiras bruscas, mas afinal bom de coração. Substituiu-o Oscar Gomes, anguloso, queixudo, magro, narigudo, sardento, miope, uma porção de cousas exquisitas para envolver um espirito todo imbuido dos assuntos teatrais, maniaco mesmo pelo palco, ás voltas com atores e atrizes, conseguindo com o

emprezario Juca de Carvalho a vinda de bôas companhias ao Recife.

E os perús de roda das artistas? Quantos famosos! Não vale a pena citar-lhes os nomes para não recordar ciumes em casa.

João dos Cartazes distribuía os programas e cavava ingressos para os caronas.

Santa Isabel de outróra! Da nossa mocidade!

Tempos em que ir ao teatro era ainda um grande acontecimento domestico — Anunciava-se a chegada de uma troupe. Sabia-se da peça de estreia. E ouvia-se por toda parte: "Vamos ter companhia". Outros comentavam: "Já não é cedo. O Santa Isabel fechado a mais de seis mêses". Passavam pelas ruas socegadas os comicos e as comicas. Gente extranha na terra em que todos se conheciam. Os pais de familia compravam os camarotes logo de manhã e avisavam para casa. Principiavam os preparativos. Tiravam-se os vestidos dos guarda-roupas; enrolavam-se papelótes; punham-se á mão luvas, agasalhos, binoculos.

Abriam-se frascos de Houbigant. E ao escurecer tóca a pentear os cabelos, a arroxar os espartilhos, a compor as toalétes.

— Minha gente, vamos, a matriz já deu oito horas.

— O carro chegou, Joaquina?

— Chegou inhor sim. O bolieiro inté bateu na porta.

— Aviem-se, meninas. Deixem de tanta pacholice.

— Leva o bilhete do camarote, papai?

— Está aqui no bolso na sobre-casaca.

— Joaquina, não se esqueça de apagar o bico do gaz...

Nos entreatos vinhamos cá para fóra do teatro onde se estendiam barraquinhas de toldos de lona vendendo café, sanduiches, bolinhos. Chicaras de pó de pedra alinhadas, bules a fumegar. Serviam-se todos de pé. As maxambom-

bas e os bondes esperavam o fim do espetaculo. Todos iam ali fazer uma pequena ceia. Doutores, capitalistas, estudantes, caixeiros, até senhoras.

Outros preferiam saborear uns pães recheiados com camarões que um preto vendia dentro de um baú de flandres, apregoando: "Lanchê! Lanchê!"

Adeante o pregão conhecido do vendedor de charutos:

— Vai cartolinha! Dois um tostão!

Poupavamos os niqueis e sonhavamos entrevistas amorosas com as sopranos e primeiras damas da companhia.

Bons tempos de ingenuidade...

Quando o pano descia no final da peça, a praça da Republica se enchia de gente. Os bondes já cheios desfilavam, um atrás do outro, pela rua do Imperador caminho dos arrabaldes. As maxambombas de Caxangá e Dois Irmãos apitavam e seguiam seu caminho ganhando a ponte da rua do Sol, transpondo o Capiberibe.

A um canto de banco, um espectador saudoso cantarolava uma aria do Tim Tim:

Somos tres jacarés
Somos tres jacarés,
Que na Espanha,
Não puzemos nossos pés...

Passadôres de festas

— Aonde se vai passar a festa, este ano, meu pai?

A pergunta saía já no fim do jantar. O velho chefe de familia, de palito na bôca, metido no paletó de seda-palha, de chinelos cara de gato, fazia a digestão perto do alpendre. A esposa, ao lado, para agradar á filha testemunhava:

— Tem feito um calor nesta casa! O verão começou brabo.

— E' mesmo, meu pai. Estou com o corpo cheio de brotoejas.

O assucareiro, lembrando-se de uma bôa venda de assucar feita naquela manhã quando estivera na "praça", á sombra das gameleiras da Linguêta, recordou-se tambem de um oferecimento que tivera.

— E' verdade. O Antunes me disse hoje que si eu quisesse ir passar a festa no Monteiro me cedia uma casinha que alugara. Não póde ir porque tenciona embarcar para Lisboa em Novembro. Até rasoavel o preço: 500$000 pela temporada.

— Ora, no Monteiro! Esse arrabalde já passou da moda. Tão triste! Eu preferia Olinda. Tem mais graça.. Tia Sunça vai para lá com as meninas.

— Lilica precisa mesmo de banhos salgados, Sinhó. Ela anda anemica, se queixando de tonturas... A Quina Labarraque não faz mais efeito.

O velho céde depressa. A ele tanto faz um logar como outro. Contanto obtenha parceiros para o lú. Nessa tarde mesmo combinam cousas: — alugarão uma das casas da estação do Carmo. Souberam existir duas ainda vagas. Levariam os trastes indispensaveis em canôa, porque no ano passado no carroção da maxambomba tinham se quebrado varios moveis; precisavam comprar baêta azul e galões vermelhos para as roupas de banho.

— Bem compridas. Nada de escandalos. — recomenda o assucareiro.

Uma semana depois a mudança. Camas de vento, cadeiras, mesa de pinho, baús de flandres, armario, panelas, o cachorro e o louro. Aboletam-se, como é possivel, na improvisada residencia de "passar festa". A tia Sunça está quase visinha, na rua do Sol. Inicia-se sem demora o "desadouro". Risadas, tagarelices, correrias. E projétos.

No dia seguinte, bem cedinho, ainda escuro, como de costume na epoca, o banho de mar. Estreiam-se os trajos de baêta azul com os galões vermelhos. Casacões folgados e compridos; calças pelos tornozêlos. Os homens tambem usavam calções do mesmo tecido com camisetas de listras. Rara a moça que entrava no mar sozinha. As mãos dos banhistas eram obrigatorias, por precaução. E formavam-se então cordões. Acontecia, por vezes, que uma vaga mais forte e menos polida levava a todos na praia de roldão. Gargalhadas, assobios, sustos e muito rosto feminino corado porque na queda mostrara-se um pedaço de perna...

Ao longo da praia ficavam os banheiros feitos de palhas de coqueiros, formando entre uns e outros verdadeiras ruas. Cada familia mandava construir o seu, com um ou dois com-

partimentos para a divisão dos sexos. E as pessoas que não usavam os banhos ou se compraziam em aprecial-os, sentavam-se ás portas, acompanhavam com a vista os entes queridos que se atiravam áquele contacto com as ondas crespas.

Esses banhos costituiam um ruido mundano. Desde que se inaugurara o trem para Olinda. Davam que falar. Namôros dentro d'agua, embora á distancia, olhares dissimulados de rapazes, frasezinhas de raro a raro trocadas.

— Vai á partida na casa do dr. Simões?

— E eu sei!...

Os papais viviam de olhos arregalados e as mamães punham toda astucia em descobrir si as meninas prestavam atenção a "gente que não prestasse". A filha do comendador Raposo não teimara em se casar com um homem de "cabelo mal com Deus"...

Os jornais antigos agitavam os encantos olindenses:

Banheiros á beira-mar
Não tem conta, é caso raro.
Inda o dia não é claro
Já lá vão por Carmo afóra
Pai, irmão, marido e nóra.

Vê-se Yaya tão nervosa
De fofinhas de flanéla
Côr de rosa ou amaréla;
Com seu fraque bem bordado
Fugindo do mar irado.

Vê-se pisando sestrosa
Sinhazinha nas areias,
Sem botinas e sem meias.
Correndo de vez em quando
P'ras ondas que vêm rolando.

Que lindo quadro na praia!
Como é belo ver-se a volta
De Yayazinha que solta
Os cabêlos anelados
Das verdes ondas molhados!...

Durante os dias, emquanto os pais e maridos ganhavam dinheiro no Recife, as familias viviam da casa de uma para outra, em conversas, ouvindo piano, discutindo modas, queixando-se da creadagem. A' tarde, mudavam roupas e iam para a estação do Carmo ou dos Milagres esperar as maxambombas que lhes traziam da capital as pessoas que as interessavam. Umas vinham logo no trem de 3 e meia; outras no expresso das 5; muitas nos trens de 6 ou de 7 e meia, porque trabalhassem no comercio. Geralmente, após o jantar iam todos se sentar na praia e ali se fazia um pouco de sociedade, de maledicencia, de namôro, de cochichos...

Aos domingos uma musica tocava no corêto do pateo do Carmo e tomava-se sorvete na barraca da Liberdade. Fóra disso, havia os passeios, em grupos, pela cidade alta, visitando as velhas igrejas, atravessando as silenciosas ruas coloniais, indo-se até o terraço da Sé admirar o panorama do Recife e do mar, ou até o Monte. Realisavam-se tambem excursões pela praia, em trajes caseiros, pés descalços, levando balaios, para trazer cajús das matas dos Boltrins.

Nas proximidades do Natal intensificavam-se "partidas". Na casa de um, na casa de outro. Dansava-se a noite inteira. Essas dansas constituiam o encanto das moças, embora se estivesse ainda no tempo da valsa, da polca, do pas de quatre, todos ceremoniosos, os pares bem distanciados com as mesuras do consentimento e do agradecimento, sob a vigilancia paterna. Mas eram daí mesmo que saíam os noivados e os casamentos.

Emquanto as filhas valsavam, as matronas em roda tesouravam os vestidos alheios ou lastimavam-se da carestia de tudo. Carne-verde de 800 reis, carvão de 400 reis a barrica, queijo do Reino a 5$000 um!

— E um par de botinas com cano de veludo a 9$000!

— As fazendas, minha negra, sem se fala. Não tiveram o desafôro de me pedir ontem, no Paradis des Dames, 1$500 por um covado de seda-palha francêsa?

— Ah! Eu é que sei bem o amargo desses preços. Estou fazendo o enxoval de Fininha. Quem já viu madapolão de 6$000 e cambraia Vitoria de 2$800 a peça, hein? Quem já viu?

— E meu marido me disse que as cousas ainda vão para peor. O cambio continúa a descer...

— Fizeram a republica para endireitar e tudo ficou peor, minha gente.

— Foi mesmo.

O piano tocava a polca "Chóra Pitanga", muito em vóga.

As dificuldades de vida traíam-se nos versinhos das folhas:

Oh! que vista, caro amigo!
Hoje aqui tudo é brincar...
Si quiser banhos tomar
Me diga para alugar
Casa frêsca em bom logar.

Mas, lembre-se que esta terra
Ja não é qual dantes era;
Só, aqui, o luxo impéra,
Só vejo rendas e fitas
Fivelinhas exquisitas.

Assim, si d. Quiteria
Quiser banhos vir tomar
Que não venha se embrulhar
No seu chale costumeiro
Gaste mais algum dinheiro...

A afluencia de veranistas, todavia, longe de arrefecer mais aumentava. Não somente para Olinda, porém, igualmente, para Monteiro, Poço da Panéla, Apipucos, Tijipió, Caxangá. Os alugueis das casas triplicavam-se. De ano a ano peor. Novos predios surdiam. A praia de Olinda ia sendo aproveitada para moradias de passar Festa desde Milagres até São Francisco. A capelinha dos Milagres já não tinha por visinhos coqueiros e jurubebas apenas. Era notavel o luxo: cambraias bordadas, brincos de brilhantes, voltas lapidadas, luvas de pelica, capotas de plumas, braceletes de esmeraldas, capas de vidrilhos, faixas de seda, pentes de ouro nos cóques, leques de madreperolas.

Aos domingos aumentavam-se as mesas, emendavam-se atoalhados por causa dos parentes e amigos que vinham passar o dia. Compravam-se cavalas e siobas inteiras chegadinhas na jangada e trazidas por "Seu Mano".

Um morrer de gastar dinheiro. E o cambio a cair...

Corriam assim os mêses de Setembro a Fevereiro. Mêses em que, ás ventanias de Agosto, se sucediam os dias limpidos, suaves, bonitos do céu pernambucano. O mar despira-se da faixa barrenta do inverno e agora todo ele tomara uma assinatura de verde. As estradas enxugavam. As mangueiras sustentavam os frutos e os cajueiros pontilhavam-se de vermelho e amarélo. Tudo toma um ar de quem veste roupa nova e anda contente com a sorte. Dias em que ha sol que queima, mas nunca matou ninguem. Noites

em que ha enxames de estrêlas no céu e uma frescura deliciosa na terra.

O periodo agudo das festas era de Natal a Reis. Bumba-meu-boi, pastoris, mamulengos, fandangos, barraquinhas, tivolis, retrêtas.

Novenario do Bomfim. E, ao romper do Ano-Novo, fogos de vista, salvas de um navio de madapolão, combate com uma fortaleza de sarrafos, pombos pelos ares, repiques das igrejas, estralejar de foguetes, o hino nacional.

E abraços, e felicitações, e bençãos, e beijos. E sorrisos de longe que parecem indagar:

— Será este ano?

Ao cair das primeiras chuvas, o regresso.

Partem do Carmo os trens com carroções cheios de moveis. Visitas de despedidas, oferecimentos, saudades. Uns voltavam ao palacête da Madalena, outros ao sobrado da rua Nova, tantos á casinha terrea da Ponte Velha, da Soledade, do Mondego.

E a esperança do Carnaval na bôca das moças:

— Eu vou ver da casa de minha tia, na pracinha.

— E eu da rua da Imperatriz.

— Já comecei a picar papel.

— Eu, tambem.

— Tomara que já chegue!

— Tomara mesmo!

Cinemas e pequenas de dantes

Quem assiste hoje á ruidosa saída do Parque e do Moderno, á hora do termino da primeira sessão, e não faz parte da geração dos trinta anos, se recorda de aspecto semelhante nos cinemas de antigamente. Haverá, talvez, os que finjam não se lembrar, mas isso será efeito da tinta nos cabelos... Não dizem que ela bóle com o miôlo, e, portanto com a memoria? Por força da tinta, encurtam o passado. Ele é comprometedor: o bonito é olvidar depressa o que fomos, o que dissemos, o que pensamos, o que prometemos... Bonito e comodo, principalmente em politica. Daí o vermos uma avó de agora, querendo ser jovem, torcendo o nariz quando se fala nas maxambombas, assim como quem interroga com inocencia e ignorancia: "Maxambomba! Que bicho é esse?"

Na realidade, entretanto, a retentiva está integra, perfeita. Ela evoca perfeitamente o reboliço, os empurrões, a afluencia de gente ás saídas de outrora do Paté, do Helvetica, do Roial, quando esses iniciaram o cinema por sessões com exito tal que as calçadas se enchiam e os bondes passa-

vam a custo. As salas de espera ficavam de não se mexer um braço. As bilhetarias eram assaltadas pelos candidatos a ingressos. Não se falava em outra cousa em toda a cidade e desciam matutos do interior com os olhos sêcos de curiosidade.

Esse espetaculo, guardadas as proporções, já se teria oferecido aos recifenses na epoca recuada do aparecimento, como novidade, do Cosmorama, o legitimo pai do cinematografo. Iam todos espia-lo ali na rua da Imperatriz, por 500 reis a pessoa. Uns orificiozinhos num tabique forrado de sêda japonesa. As nossas donairosas mamãesdindinhas, de corpos velados por espessos vestidos de gorgurão armados em anquinhas, iam na companhia dos graves esposos de redingote em cachemira diagonal, vêr, por aqueles buraquinhos interessantes, vistas maravilhosas da Suissa, do Egito, da Italia, de Paris, dessa Paris eternamente sedutora e maliciosa de onde vinham as modas nos vapôres e os meninos nas cestinhas...

Foi de tal monta o sucesso do Cosmorama que os anuncios nos jornais surdiam em versos:

As vistas do panorama,
Assim bonitas como são,
Tanto servem para passatempo
Como tambem de instrução.

Havia, porem, o insatisfeito já desejoso de ver "aquilo se mexendo".

— E' pena se vêr tudo parado!

E mexeu-se mesmo, depois. Atualmente, com as fitas musicadas, mexe-se e remexe-se.

As primeiras peliculas animadas foram tambem exibidas na rua da Imperatriz. O animatografo, como o denominaram

na epoca. A vida era então bastante calma, o tempo suficientemente largo, as conversas pacientemente longas para se poder pronunciar uma palavra que evóca um bonde grande da Pernambuco Tramways com dois reboques. Nome comprido e feio como um piolho de cobra. Hoje, cinema ou cine parece um aviãozinho portatil voando e zumbindo em roda das cabeças femininas.

Eu vestia calças curtas quando fui ver o animatografo. Sala escura, meio misteriosa, cheirando a almas de outro mundo. Tive meus receios. Sobretudo porque em casa, minha dindinha, avêssa a modernismos, exclamara:

— São artes do inimigo!

O pano branco estirado na parede iluminou-se todo. Expectativa, ansiedades. Olhos esbugalhados. E começaram a se mostrar cousas extraordinarias: um trecho movimentado de rua européa, uma bailarina dansando nos bicos dos pés, um trem que partia da estação e vinha crescendo para cima da platéa. Recúos de bustos, gritinhos de sustos, risadas. Exclamações:

— Minha gente!

— Tive uma agonia!

Tudo agradava. Maximé a bailarina porque oferecia unico meio honesto, nesses tempos distantes dos nossos, de se admirar as pernas das mulheres alheias... O programa das fitas acabava deixando todos ávidos de mais "belesas daquelas". E a multidão saía em atropelo, com um unico comentario na boca:

— Eu passava a noite inteirinha vendo aquilo...

Posteriormente começaram a exibir peliculas curtas com ingenuos enredos. Um leve pretexto para mover as figuras. A historia de uma menina bondosa que tinha um cão. A dedicação de um marujo. O sacrificio de um soldado. Uma cena de escola. E já causavam admiração.

O largo do Corpo Santo

Cinema suco do meu tempo de rapaz foi o Hervé. No teatro Santa Isabel. Fez longa e rendosa temporada, com uma concurrencia que só a do "Gente Nossa", do Samuel Campêlo, atualmente. Nos camarótes e cadeiras a lordêsa da Ponte de Uchôa, da Madalena, do Caminho Novo; a inglesada da Linha Principal; a gente meúda das ruas da Bôa Vista; o povo meio matuto de São José; os ricaços portuguêses dos palacetes de azulejos com dois cachorros de pedra nos portões. E no paraiso, os estudantes.

O velho bilheteiro Mafra coçava o cavanhaque sem conseguir atender a todos os pedidos de ingressos. "O 9? Está vendido ao Dubeux da Alfandega". E o 12, do outro lado?" — "Esse, meu negro, reservei para o Mandú Amorim". — "Que diabo! Veja mesmo o 13. Tenho cisma com esse numero, mas não ha geito..." — "Nem o 13. Hoje, com essa fita do Ultimo Dia de Um Condenado, até o azarento foi encomendado. Creio que pelo dr. Silva Ferreira".

E tanto aperreavam o Mafra que ele acabava dando um daqueles estouros, arrepios superficiais e rapidos de sua alma mansa e lisa.

O teatro ficava florido de moças. Daquelas lindas moças de tranças compridas, faixas de seda nas cinturas delgadas, faces muito palidas, saias muito longas e blusas de gólas altas, ultimo modelo da "Rainha da Moda". Orquestra do Romeu Dionesi tocando a "Fingida" de Nuno Guedes, a "Gran Via", o "Tim-Tim", a valsa "Espana"... Nas fitas comicas uma marchinha que o Mario Mélo evocou outro dia, na sua gaita, no Radio Clube. Coiós com sorte ou sem ela. Epoca dos olhares distantes, dos sinais com leques, dos sorrisos escondidos. E dos pais vigilantissimos. No paraizo a um namoro menos discreto, gritavam:

— Negrada, oie ele!

Ou:

— E eu fico assim?

O Hervé dava programas de muitos filmes porque fôssem de poucos metros. Alguns ficaram na lembrança de quem os viu e apreciou: A Lenda das Borboletas, colorida; Santos Dumont volteando a Torre Eifel, natural; O Jardineiro caipora, comica; o Ultimo dia de um condenado, dramatica.

Houve um filme repetidissimo: As maxixeiras.

As matronas protestavam: — Indecente!

Hoje teriam de modificar a classificação deante das netas dansando em um salão moderno. Ilusão de ótica moral...

Somente em 1909 tivemos o cinema permanente, por sessões. Na rua Nova: o Patê. Convidativo, confortavel, vistoso, tipo dos do Rio de Janeiro. Exito formidavel. Revolucionou o Recife inteiro. Quer nas vesperais, quer á noite, cheíssimo. As calçadas ficavam tomadas e os bondes passavam a custo. Ia-se cêdo para entrar logo, como nos teatrinhos do interior. Comprar bilhete significava uma vitoria. Todavia os pessimistas boquejavam com os infaliveis ares dos seus infalibilissimos prognosticos acerca de todas as iniciativas:

— Aquilo não dura dois mezes.

— Dura nada! Nem um. Ouvi dizer que no Rio já está esfriando...

— Diversos cinemas fecharam á falta de fregueses.

— Está visto! Que dirá aqui, hein seu Marcolino? Numa terra destas!

— A mais infeliz do mundo. Com esse governo...

— E temos lá gente para ir a cinema todo dia?

— Maluquices dos Guedes Pereira.

— Fogo de palha...

Abria-se meses depois o Roial, juntinho do Patê. E após o Vitoria, em seguida, para o "pessoal de segunda". Assanhou-se o péga dos programas quilometricos para arranjar mais freguezia. Um prometia 12 filmes, outro 20, um terceiro 30. Entrava-se ás 6 e saia-se ás 10 sempre se vendo cousa nova. Homens sizudos deram para regressar aos lares depois das 10, o que, nos tempos que corriam, constituía um grave escandalo, uma indisfarçavel imoralidade. A culpa era, entretanto, invariavelmente do Patê ou do Roial, mesmo que não o fôsse.

E dos filmes tão atraentes da Cines, da Ambrosio, da Gaumont, da Eclair, da Nordisque. Fabricas francêsas, italianas e dinamarquêsas magnificas e gabadas. Delas sairam colossos cinematograficos como Os Miseraveis, Ultimos dias de Pompeia, Cleopatra, Garoto de Paris, Quo Vadis, Atlantis, Notre Dame, Maria Antonieta, Germinal, afóra outras miuçalhas de menor valor. Nelas trabalhavam como "astros" Gabriela Robini, Lidia Boreli, Asta Nielsen, Francesca Bertini, Gustavo Serena, Krauss, Bigodinho, Maciste, Deed, Rodolfo, Max Linder, Valdemar Psilander.

O norte-americano, no genero, apresentava ainda pinoias — cintas mesquinhas e desinteressantes.

Max Linder teve uma vóga semelhante á do Gordo e o Magro, atualmente. Era, porém, um comico elegante, discreto, fino. De modalidade "yankee", apalhaçada, havia o Deed ou o Bigodinho. Maciste era o rei da força — predileto da plateia que hoje aprecia as séries, o Tom Mix... Robini, Boreli e Bertini foram artistas do naipe feminino que tiveram fama e grande numero de "fans", em português.

Psilander, esse merece a continencia das viuvas de Rodolfo Valentino. Foi um simpatico e esbelto galã dinamarquês das fitas da Nordisque. Deu o que fazer ás moças da

epoca. E muitos imitadores teve nos rapazes. Em cinema, ele, inventou, precursoramente, os beijos tipo Zepelin: — compridos e amarrando a torre dos labios para demorar...

Valdemar Psilander, ai Jesus das pequenas do meu tempo.

Elas, tambem, viviam enfeitiçadas pelo cinematografo. Não havia ainda criticos da téla, nem revistas especialisadas, nem paginas inteiras nos jornais. Mas, já se discutiam em familia os nomes dos artistas, as suas habilidades, os programas, as fabricas, os assuntos. Como hoje, as moças ansiavam pela noite para irem com os papais ou os manos mais velhos, ao Patê, ao Roial, ao Helvetica, ao Politeama, ver o sucesso do dia. Dele diziam maravilhas as amiguinhas que o haviam apreciado na vespera ou no Rio de Janeiro mezes antes. O cinema constituia um encanto indefinivel: — alem do entretenimento delicioso das vidas alheias através dos filmes, o pretexto amavel para os encontros de olhos, para a móstra dos vestidos, para as tagarelices com as visinhas de cadeiras... Tanta cousa gostosa mesmo! Para quem, outrora, vivia tão dentro das casas, com uma festa de igreja rara e uma companhia no Santa Isabel ainda mais escassa!

E, na manhã seguinte, o comentario com a amiguinha de junto, no portão ou mesmo pelo muro.

— Minha negra, como aquele eu ainda não tinha visto igual!

— Qual foi?

— A filha do faroleiro.

— Melhor do que O Pequeno Jaques? Do que Sangue de Boemio?

— Nem se compara! Bate longe. Você não falte hoje, ouviu? E tem uma comica, menina, que eu quase morri de me rir. A barriga me doía!

— Como foi? Conte... conte...

— E' a historia de um homem que fez um roubo e vai correndo pela rua perseguido pela policia. Corre, corre e afinal entra sem ser visto numa loja. Numa casa de fazer colchões. Ele se esconde numas palhas e fica quiétinho ali. Dali a pouco os operarios vêm e sem maldar de nada cosem o colchão todo com o homem dentro...

— Minha Nossa Senhora! Que agonia!

— Escute: — o colchão era de encomenda para um casamento. Os carregadores levam ele para a casa dos noivos, estendem na cama. De noite os noivos vão se deitar e de repente tóca o colchão a se mexer. Aí é que é a graça mesmo! Eles se assustam, pensam ser alma do outro mundo e saem de camisolas pela rua a gritar... Engraçado de verdade!

— E' parecida com aquela do sapato apertado, se lembra? O noivo vai visitar a noiva, pela primeira vez, com um sapato apertado mesmo. Na mesa do jantar, ele procura aliviar o pé e sem ninguem dar por isso se descalça... A gente via tudo por baixo da mesa. De repente vem o cachorrinho lá de dentro e carrega os sapatos para a cosinha. E quando o noivo se levanta... E' da gente morrer de se rir...

Mas o cinema não era apenas o cenario das fitas bonitas ou engraçadas. Era tambem o pretexto de outros prazeres:

— Você nem imagina o que me aconteceu ontem!

— O que?

— Aquele rapaz que passa aqui todas as noites... O de jaquetão azul marinho.

— Sei. Um que é estudante de direito. Alto, louro, de bigodinho torcido...

— Você como repara!

— Tenha ciume não...

— Bobagem! Você é quase noiva.

— Eu? Quem me déra.

— Escute: pois aquele rapaz ontem quando eu entrei no Roial com vôvô, ele estava defronte na porta de Madame Julia. Daqui a pouco ele entrou e disfarçando veio se sentar bem juntinho de mim. Imagine! Fiquei de mãos frias, nem sabia onde estava mesmo... Felizmente vôvô é miope e não conhece esse rapaz. Depois, fui me acostumando.

— Tambem, no escuro... Hein?

— Maldosa! Me deixe!... No meio da fita quando eu senti foi aquilo caindo no meu cólo... Era uma parasita e um bilhete.

— Cadê?

— A parasita eu escondi na minha gavêta. Bonita mesmo! O bilhete está aqui. Ele promete me pedir no fim do ano quando se formar...

— Quem diria?! Um casamento de cinema...

Uma velha noite de festa

Toda a cidade tinha uma nova cara.

Era como si houvesse um proposito geral de muita satisfação, e, por parte de certas classes, de pouco trabalho.

Iam se fechando mais cedo os grandes armazens do largo do Corpo Santo e das ruas do Brum e Apolo; os gordos e ricos assucareiros, com suas calças brancas e seus fraques talhados no Falbo, despediam-se afavelmente dos caixeiros, nas calçadas que o assucar tornava escorregadias e amareladas, indo tomar os bondes de Madalena ou de Fernandes Vieira, de rumo aos seus palacetes; os empregados, com as "festas" nos bolços, com as cabeças cheias de projetos para de noite, ganhavam outros destinos num alvoroço de escolares que saem dos estudos antes da hora.

As casas em grosso da esguia rua da Cadeia, depois de uma manhã de pasmaceira, em que apenas serventes e abridôres de caixas da Alfandega vinham pedir a gratificação costumada, cuidavam tambem de cerrar as portas porque nada havia mais a fazer, dali para as cinco horas.

No cais da Lingueta dissolvera-se logo ao meio-dia a "praça". Corretores, banqueiros, armazenarios de assucar

e de algodão, contentavam-se em prosar nos banquinhos de ferro que circulavam as gameleiras, e, após o aperitivo no Ship Chandler, igualmente tocavam para casa.

Somente do "outro lado" se verificava movimento no comercio, nas lojas a retalho da rua do Crespo, do Cabugá, do Queimado, Nova e Imperatriz. Compras de guloseimas nas vendas do Cristovam, do Lima, do Martins; de sapatos na Sapataria Cesar, na Botina Maravilhosa, na Sandalia Chic; de fazendas e miudezas, no Paradis des Dames, na Loja do Povo, na Liga, na Iracema, e na Risonha que era nova, mas onde o Petronilo Lins fizera a conquista de todos os fregueses. E para os chapéos, procurava-se a Casa Adolfo, o Rafael, o Virgilio Cunha, a Colombo.

No vai-vem das ruas centrais, a romaria dos pequenos embrulhos, pequenos e grandes. Quase sempre de calçados, chapéus de palhinha, queijos e folhinhas, indiscretos pelos formatos e proprios da epoca.

E as frases tipicas ao encontro de conhecidos:

— Bôas festas!

— As mesmas...

— Adonde vai passar a Noite?

— Eu? No Caxangá. Tenho uma tia, lá. E você?

— Na Casa-Forte. Dizem que está um céu... Dansa o fandango de seu Marcolino do Chacon...

As compridas carroças puxadas a bois passavam em fila enfeitadas com folhagem de coqueiros, com vistosos crotons ou laçarotes de papel de seda, já vasias, caminho das cocheiras. Vinham de dentro do Recife, de Fóra de Portas, cheirando a assucar, transpondo o Arco de Santo Antonio e, dobrando o cáis do Colegio com destino ao bairro de São José, ou seguindo em frente para se recolherem aos Coelhos. Ganhadores com caixões cheios de generos nas cabeças; outros levando debaixo do braço os perús

de pescoços enfeitados com fitas; ou os balaios pejados de frutas, bandejas com pasteis cobertas com panos de croché.

Ás veses era uma mulatinha graciosa, de vestido novo, de olhos reinadores, que levava ou vendia esses pasteis, o que fazia A PROVINCIA dizer nuns versos finamente maliciosos:

Mostrando a gala de um vestido novo
Reservado p'ra festa do Natal
Na singeleza de mulher do povo
Sadia e jovial
Eis a musa gentil da gulodice
Tez escura, cabelos carapinhos.
No labio um riso cheio de meiguice
E pleno de carinhos.

Leitor amigo ou desafeto mesmo
Não precisamos conhecer quem és...
De porta em porta vai batendo a esmo
A preta dos pasteis.
Podes servir-te sem gastar dinheiro,
Fica por nossa conta essa despesa,
Mas, depois de vasio o taboleiro
Que não fique a "freguesa"...

Já eram daqueles tempos os piratas... Si eram! Quantos conheceu o Recife de ontem! Cala-te bôca!...

Pouco a pouco o bairro do Recife virara uma brenha. Escuro, triste, silencioso. As suas ruas de altos e velhos sobradões com cachorros de pedras amparando as desconjuntadas varandas, de lobregos bêcos, formados por meiaguas cheirando a mofo, cochilavam. Apenas os bondes atravessando a rua do Bom Jesus, na angustura dos fundos do Corpo Santo, faziam ecoar o choque das ferraduras

das mulas nas pedras asperas do calçamento antigo; e nas bodegas das esquinas do Forte do Matos, de Senzala, do Beco Largo, meretrizes de flôres nos cabelos e cabeções se desmanchavam todas com embarcadiços dos bacalhoeiros atracados ao trapiche Conceição.

Em contraste, Santo Antonio e Bôa Vista eram todo animação, mesmo quando ao escurecer o acendedor de lampeões viera de poste em poste, com a sua longa vara com um santelmo na extremidade, cutucar os bicos de gaz que logo piscavam a sua luz amarelada como uma flôr de algodão que brotasse de repente.

Ainda matronas e moças nas lojas. Com o anoitecer, afoitavam-se familias mais modestas, de trajos meio caseiros, sem chapéos, algumas de papelotes.

— Este 34 não servirá?

— Deus te livre! Pensa que eu tenho pé de boi?

— Menina, não vá ficar arroxado! Você mais tarde se inferna... Vigie bem: a gente tem que ouvir a missa no môrro do Arraial!

— Banga! Que me importa!

Aquela outra adquire uma fita larga, côr de rosa, para a cintura; vai mesmo bem com seu vestido de salpicos. E ela imagina a impressão a causar áquele sargento do 14, moreno guapo e entroncado, recemvindo de Canudos e que ginga todo quando passa pela rua de Santa Rita com a sua larga calça garance, a tunica de vivos vermelhos, o guritão de meia banda.

Compram-se marrafas para os cóques, mitaines de algodão, leques de papel com cisnes boiando num lago ou namorados de mãos agarradas, cintos de argolas, bolsinhas de camurça, coleções de postais.

Ao longo das casinhas de bilhetes da praça da Independencia enfileiram-se os costumados taboleiros de bolos e

na Puerta del Sol, todo engalanado de palmeiras e bandeirinhas, com os garções de roupas engomadas, já o pianista bate nervoso nas teclas um pas de quatre de Alfredo Gama. Os arcos da rua do Cabugá estão acesos em honra do Natal. Estudantes no Café Rui bolindo com as moças. O comercio a retalho vai fechando tambem. Sómente os cabelereiros não param; cabeças penteadas, rostos escanhoados, toalhas sacudidas e outras cabeças e outros rostos para ficarem bonitos e limpos. A loja do Odilon, na rua da Imperatriz, com seu velho ar fidalgo, está com amplo salão cheio. Cada um se mune de seu cartãozinho de ordem, á entrada, e fica lá dentro nas cadeiras de jacarandá, esperando a vês.

Dentro das casas a lufa-lufa dos preparativos.

Desmancham-se crespos deante dos espelhos, estendem-se vestidos em cima das camas, armam-se cabelos. Tarefa penosa e dificil. As mãos desembaraçam as madeixas, trépam os cóques complicados, enfiam grampos de metal, fincam marrafas de tartaruga com debruns fingindo ouro. Por vêses, de repente, desaba tudo. Impaciencia, aborrecimentos, blasfemias:

— Tomára que venha uma moda bem esquesita: a das mulheres usarem os cabelos cortados!

— Minha filha, que pecado é esse? Bata na boca. Mulher de cabelo cortado só doida que sai da Tamarineira.

— Ou gente atôa de teatro — acrescenta uma titia. Você não viu a comica no "Amôr Molhado"?

— Pois não é para se dizer uma barbaridade assim? A inferneira deste penteado! Deus me perdôe.

— Dê cá, dê cá que eu ajudo...

A vós do dono da casa já de roupa nova:

— Vocês não se esqueçam que temos de tomar o trem das 9 e 20. E são quase 9.

— Daqui para as Oficinas é perto, papai. Um pulo!

— Estação das Oficinas?!!. Quem pega trem hoje ali? Que esperança! Nem lá, nem na rua Formosa, nem na rua do Sol... A gente tem é de gramar até o pateo de Palacio. Vamos cortando caminho pela ponte da Caxangá...

— Chi! E meu sapato que não está nada manso...

— Eu não disse? Foi comprar 33 para mostrar pézinho de menina! Agora aguenta a noite inteira.

No quarto, alumiado a gaz-carbonico, as moças, depois das camisas, ajustam os espartilhos; carêtas e espremidos para encaixar os colchetes; esforços de quem sirga um navio para apertar os cordéis; afinal está o torax enfardado. Metem-se de cabeça abaixo as duas saias de madapolão bem duras de goma; o vestido de cambraia bordada ou a blusa de fantasia de góla alta e mangas fôfas. Um ramo de angelicas ao peito, num tubosinho de vidro cheio dagua; o relogio pendente de um broche, os aneis de brilhantes, o chapéu com um cacho de cerejas; extrato de Piver.

A tia, pondo a capota, elogia a belesa da sobrinha:

— Ficou bonita mesma. Esse chapéo dá com seu rosto; pena é você não ter um bocadinho de sangue nas faces... Descorada! Não ha jurubéba que faça efeito.

— Só pintando, tia Naninha.

— Você já viu moça de cara pintada prestar, menina? Sai-se.

Os bondes passam cheios, principalmente os de Torre e Afogados onde ha missas do galo com festejos. Ruas povoadas. Os sinos das matrizes já começam a chamar. Rodam landôs, vitorias, berlindas com familias lórdes de rumo ao Monteiro, ao Paço, a Olinda...

— Aquilo sim. Vai-se para aonde se quer á vontade e depressa!

— Mas, tambem, 100$000 cada um.

— Ora, quem pode gastar...

— E ás vêses não se arranja. Você não se lembra do dia da procissão de Cinzas? Seu pai quiz alugar um na cocheira do Valete e cadê? Todos apalavrados.

As estações da maxambomba estão apinhadas. Móstra de roupas novas; mistura de perfumes; algaravia de vôzes. Nas bilhetarias empurrões, risadas, arengas, gemidos, suspiros, arrependimentos, ensaios de barulhos...

O trem apita; ruido de ferragens, de vapôr em escapação, de engates entrebatidos, um farol mortiço, um arquejo de marcha diminuida.

E os vagõezinhos quase ás escuras estacam defronte da calçada.

E' o avança.

— Gracinha, aqui. Tem canto.

— Tem nada. Quanta gente em pé!

— Eu vou neste de detrás.

— Cuidado com a porta. Olhe aquela moça que morreu no Carnaval.

— Oh! mamãe não judie com eu! Dando beliscão!

— E' para você não ser foguete.

— Amalia, bote as meninas todas juntas da gente, ouviu? Nada de facilidades. Esses bilontras...

— Assóbe, pessoal.

Confusão tremenda. O condutor dá um apito. A maquina silva, o trem arranca de novo na sua onomatopéa conhecida:

Chá com pão
Chá com pão
Bolacha não.

Dos carros vaiam os que não obtiveram logares. Um gaiato grita para uma velhota toda gamenha:

— Talvez te escreva!...

Alguem pergunta:

— Este trem é da Linha, não é?

— Não senhora, é de Caxangá.

— Ai Jesus! Eu quero ir para Casa Forte.

— O geito, agora, é saltar no Entroncamento e tomar o outro, que vem atrás. Mas, cuidado para não se enganar de novo. O de Arraial vem tambem aí...

No carro da frente uma banda de musica tóca um dobrado.

— E' a do 27?

— Não; é a Charanga.

— Então a festa está bôa mesma.

Pela estrada nova afóra casinhas iluminadas; sambas; foguetes.

Paradas: Zumby, Cordeiro, Iputinga. Nas longas retas o trem vai se acabando pelos trilhos, numa dança danada. Ganha velocidade; apita; bufa e chocalha. E chega.

Caxangá, todo luzes, todo bandeiras, todo fatiotas cheirando a alfaiate e costureira. Já a musica do exercito tóca no corêto "**Amoreuse**". O povo que vem no trem se junta ao povo que enche o pateo. Barraquinhas. Postes de fogo de vista. Tablados de pastoril e de fandango. Vivendas abertas e festivas. Carros a um canto, vasios, com os bolieiros de sobrecasacas azues e botões dourados, cochilando.

A Charanga desembarca do vagão e formada desfila garbosa e afinada explodindo o dobrado Horacio Rios. Ritmo de sapatos brancos; dolmans alvos e espelhantes; instrumental cintilando sob as lampadas a alcool que fazem o largo ficar "que nem de dia".

Uma dança no chalé do comendador Belisario que tirou o primeiro premio da Gazeta Gastronomica do Café Rui.

— Com 5 tostões, tudo aquilo, hein?

— Tem comida e bebida para um mês...

— Só de presunto, tres.

— 20 duzias de vinho Figueira!

— Dois perús...

— Homem feliz!

— E você não sabe de nada? A filha, aquela empôadazinha da Menininha, vai ser pedida por aquele cadête...

— Serio? Uma menina que ainda usa saia curta!

— Curta? Hoje apareceu de vestido comprido, pelos tornozelos. E está bestinha mesmo! Armou o cabelo, sabe?

— Tinha uma trança tão grossa!

— Você viu "yáyá"?

— Foi para Olinda, para a bandeira do Bomfim. Disse que isto aqui era festa de matutos...

— Eu sei... Ela anda é de coió... Um primo que móra lá. Inda outro dia vi eles tomando banho salgado. "Yáyá" tem uns modos de que eu não gosto nada. Não eu que aparecesse a meu namorado com aquela roupa de baêta em cima do corpo...

A noite festiva vai correndo.

Resa-se a missa no altar armado defronte da Igreja.

A multidão aflue toda para ali, comprime-se.

Dança depois o pastoril. Pastoras com trajos classicos; corpetes azues ou vermelhos; saias redondas; pernas meio de fóra. Escandalo para uns; goso para outros.

Agora, o fogo de vista. Morteiros que estrelejam o céu muito estrelado. Rodas multicôres...

O painel com um voto de BOAS FESTAS em letras luminosas.

Uma musica já se foi embora.

Ha uma queda de entusiasmo.

Sono, cansaço, pés doendo, bôca amargando, desejo de retirada. Os trens descem cheios. Nova luta para arranjar logares. Muita gente vai "pegar canto" em Iputinga. Despedidas.

— Bôas festas, minha negra.

— As mesmas para você, meu bem.

Beijos.

A maxambomba arrasta os vagões á cunha pela Estrada Nova. Quer amanhecer. Os que vão sentados, cabeceam. Os que vão em pé grelam os olhos á força para não cochilar. Carêtas de enfado, caras de encervejamento, resingas de resaca, pessimismo e valentias de máo humor.

— Este trem é um cágado.

— Só se arrebentando essa porqueira.

— Esta Caxangá é a vergonha de Pernambuco.

— Tambem o gerente é um inglês que não faz caso de ninguem.

— Diz que "brasileira não estar satisfeita vai a pé"...

— Afoito!

— Por isso foi que o turuna do Floriano deu aquela resposta.

— Ah! isso só fica bom quando tivermos o bonde eletrico. Então, sim, não haverá motivo de uma queixazinha assim.

— Dia de São Nunca...

Uma pisadela, num balanço mais forte.

— Diabo, olhe meu pé! Logo o dedo do calo dagua!

— Desculpe, minha senhora.

— Ora desculpa não é remedio para passar dôr ..

Um gaiato:

— Bote dordentina gelada...

— Psiu! Psiu!

Entre dois homens maduros:

— Eu não gostei da festa, este ano. Uma insipidez!

— Nem eu. A do ano passado, sim. Mais animação, mais graça...

— Tambem este ano... Com a crise... O assucar uma miseria... O governo, uns gatunos...

— E isso endireita mais!

Uma velha, que ouviu, entre dois bocejos, o dialogo:

— Festa? Só no meu tempo de moça. Fazia gosto. Hoje, até enjôa. A gente ia de canôa para Olinda, saltava nos Arrombados, passava o dia em casa do compadre Adelino, um sobrado grande amarelo com uma sotéa. De noite, ouvia-se a missa do galo em São Bento; depois vinha a ceia de garfo, peixe cosido com pirão, frigideira de aratú, perú gordo, presunto, doce de calda, queijo suisso... E vinho Moscatel muito!... Dançava-se lanceiro até o dia raiar... Me lembra até de um ano em que fui com meu vestido de gorgorão azul, de anquinhas bem armadas... Ah! meu tempo de moça! Aquilo nem se compara com hoje!

A neta, uma mocinha que ia a um canto, pensativa, com uma rosa no peito, opinou:

— Pois eu gostei muito da festa deste ano. Ainda não passei outra igual na minha vida...

E os seus olhos grandes e escuros pareciam estar ainda vendo aquele rapaz de buço a apontar, de jaquetão de gola de seda, que no largo de Caxangá, aproveitando-se do rojão da missa, tivera a ousadia de lhe dar aquela flôr, soprando-lhe ao ouvido:

— Meu anjo do céu!

O trem avança.

Vai clareando.

Caminho Novo... Soledade.

No quartel do 2.º as cornetas tócam alvorada.

Entra-se na estação das Oficinas. Desce muita gente. Passos arrastados, sonolentos.

Uma mulher, que mora na rua de São Gonçalo, coxeia, puxando pela mão uma creança que parece andar ainda dormindo.

E a mulher, num resmungo, seguindo as filhas moças, protesta:

— Para o ano, si Deus quisér, ninguem me tira de casa.

Cenas e usanças

Nosso pai

Na calma da tarde o sino da matriz começava a tocar vagarosamente. Todo o bairro traduzia, por muito conhecidas, aquelas chamadas lentas, tristes, repetidas, numa expressão de dever penoso a cumprir. E logo, dentro de casa, uma mulher interrompendo o engomado, murmurava:

— Vai sair Nosso Pai!

Corria á janela uma das filhas moças. Olhava, observava a igreja defronte. Pela porta do centro, de todo aberta, entravam alguns homens, irmãos do Santissimo Sacramento ou almas piedosas, quando não espiritos morbidos que gostavam de testemunhar as aflições alheias. Iam tomar capas para acompanhar o viatico.

Bisbilhotando, sem se virar para trás, a mocinha satisfazia a curiosidade materna:

— **Seu** Hemeterio da botica já foi.

— Aquele, Deus me perdôe, fareja defunto...

— E seu André do mocotó, com o Major Terencio das Alvarengas.

— Ah! esse tem obrigação. E' secretario da irmandade.

— Agora chegou Padre Augusto.

— Coitadinho!... Não descança uma hora. Vive puxado mesmo! Uma freguesia destas! E' capaz de entisicar.

— Chi! Mamãe! Sabe quem entrou na matriz? Aquele homem que roubou a mulher do capitão da policia...

— Ele pensa que bota areia nos olhos de Nosso Senhor. Apois sim. Daqui mais pr'aqui.

E a engomadeira, depois de sentar o ferro nas brasas do fogão, batia com a mão aberta num ombro e no outro.

Os sinos repicam. Ela sempre dá uma fugidinha á janela, não obstante ter de entregar a roupa de uma freguesa do bêco dos Ferreiros, á boquinha da noite. Mesmo porque precisava fazer umas compras na Ribeira da Bôa Vista e ir beijar os pés do Bom Jesus dos Pobres Aflitos, em São Gonçalo. Era a sua devoção. Mas o Nosso Pai ia sair. Queria vel-o.

Descem a escadaria da matriz os primeiros irmãos, de opas vermelhas. Um segura a cruz de metal, o outro a caldeirinha. Seguem-se mais seis ou sete homens tambem paramentados, trazendo cirios ou pegando na umbela côr de ouro. O vigario vai de mãos postas, com uma casula vistosa, apertando contra o peito a sagrada particula. Um meninóte tóca com força a sineta.

Dlen! Dlen! Dlen!

As almas se comovem. Transeuntes estacam, descobrem-se, dobram os joelhos. O bolieiro de um bonde cóntem os animais e bréca o carro. Tira o boné de oleado. O cortejo passa. A campainha vibra bem alto, tangida pela creança que faz daquela romagem de consolo, de piedade, um motivo de festa e de distração para os seus

12 anos. Sempre as maguas de um servindo de alegria de outrem...

Numa varanda de madeira, uma moradora de cabelos soltos, **matinée** branco e saia de chitas, indaga da visinha que enrola ás pressas o cócó:

— Para quem será, hein Feliciana?

— Eu maldo que seja para d. Carlota. Anda tão bamba! **Derna** que o filho foi para Canudos...

— E não voltou até hoje! Aquele maldito Antonio Conselheiro dá cabo de todo nosso 14.

— Si dá! Não torna nem a musica. Tão bôa, hein? Pois eu maldo que é para ela mesma. Teve um ataque outro dia.

— Me lembro tambem de Nóla. Botou tanto sangue pela bôca!

— E ela não foi para Chã de Carpina?

— Foi não. Olhe, repare, tomou para as bandas da casa de d. Carlota. E' para ela, coitada!

Defrontando mil comentarios o viatico atravessava as ruas. Gente mais que se descobre; olhos que se baixam; mãos que batem nos peitos. Na imaginação de todos se representa a cena sombria do agonisante, num leito de rico ou de pobre, num chalé vistoso ou numa casa terrea, á espera da hostia divina que lhe abrirá as portas do céu.

E a campainha vibrando, vibrando...

Dlen! Dlen! Dlen!

Era assim o Nosso pai no meu tempo de menino e de rapaz. Hoje já não sai com tanta solenidade.

Maior pompa teve em epoca mais remota de que falam os crónistas e os avós. O Santissimo vinha á rua quasi numa procissão. Cruz alçada, irmandades, palio. E a massa do povo que o acompanhava contrita, rezando-se, penitenciando-se.

A' sua passagem a vida da cidade como que paralisava. Fôrros e escravos ajoelhavam-se e permaneciam nessa atitude de recolhimento e humildade até o cortejo se sumir. Se havia algum quartel perto a sentinela bradava:

—'As armas!

Formava a guarda com toque de continencia e apresentação de carabinas. E o oficial de dia destacava um pelotão com os respectivos corneteiros e tambores que seguiam o viatico, numa marcha batida, até o recolher. A's vêses saía tarde — de noite — com as lanternas acesas, pelas ruas escuras, mais triste, mais dolente, mais lugubre.

Os sinos dobrando e a sineta vibrando.

Dlen! Dlen! Dlen!

Muita gente pulava da cama, abria as janelas, punha vélas de chamas vacilantes nos peitoris. Os homens vestiam-se ás pressas e seguiam o viatico.

Inda me lembro de uma frase ironica de meu avô paterno:

— Quem sou eu para acompanhar Nosso Pai fóra de horas?

O quatorze

O 14 foi o mais antigo e o mais querido batalhão do exercito no Recife de ontem.

Havia outros, mas ninguem tirava daquela unidade o bem-querer do povo. Tanto assim que o velho quartel do Hospicio só é conhecido pelos que viveram a uns trinta anos atrás pelo "quartel do 14", e quase toda zona do Pombal, então habitada por "mulheres de soldados" tomou o nome de "Aldeia do 14".

Nenhum outro batalhão deixou um rastro assim de lembrança e de saudades. Porque, o nosso Recife já foi de

grande prestigio militar, quanto á expressão de efetivos das forças nele acantonadas. Hoje, anda por baixo, neste ponto. Mas, como se vê, o general Manuel Rabelo quer lhe restituir o valor antigo e com um brilho ainda maior.

Os quarteis do Hospicio, da Soledade, do Cais do Ramos, das Cinco Pontas e a fortaleza do Brum abrigaram a um só tempo, respectivamente, o 14, o 2.º, o 27, o 40 e o 4.º de artilharia. Era calça encarnada á béssa. Muita animação nas redondezas. Muito dinheiro no comercio. E alguns barulhos no "bréjo", — as redondezas das ruas Bela, Fogo, Trincheiras, Hortas e Aguas Verdes onde habitava o meretricio barato. Quando não eram os pégas com a policia ou com os "manichupas" da guarda-civica.

De quando em quando as ruas da cidade se alvoroçavam com as musicas, as cornêtas e os tambores. Os batalhões saiam a exercicos, a passeatas, a continencias. Ora na Campina do Bodé, ora no largo de palacio, ora na campina do Derbi. Si não eram as manobras anuais em São Lourenço, em Beberibe, no Monteiro, na Varzea.

Muitas figuras de valor e simpaticas passaram pelo comando das armas, na nossa região, e nas unidades que a compunham: — generais Jaques Ouriques, Rocha Calado, Travassos, Leite de Castro, Belarmino de Mendonça, Artur Oscar, Carlos Pinto, Pantaleão Teles, Joaquim Ignacio, Torres Homem. Coroneis Eduardo Silva, Gavião, Serra Martins, Aguiar, Toscano de Brito, Medeiros, Carlos Teles, Antonio Neri.

Mais tarde, numa reforma do exercito, o 14 desapareceu. Formou-se no Recife um regimento de infantaria composto dos 34, 35 e 36. O 40 passou a ser 49. No quartel do 34, no Cáis do Ramos, iniciaram-se os exerci-

cios do Tiro Pernambucano fundado logo após a lei do sorteio militar. Ali, as paredes do velho convento dos jesuitas, viram os desageitados "quatro á direita" e os retardados "meia-volta volver" do Mario Melo, do Pedro Pontual, do Oscar Maia, do Armando Baltar, do João Silvio de Miranda, do Carlos Burle, de tanta gente mais, inclusive o cronista, desejoso de ser reservista e medroso dos dois anos de caserna.

Muita elegancia marcial apareceu nas ruas do Recife, naquele tempo de uma fardinha "kaki" malenjorcada, com uns vivos azues espantados e sem gosto...

O 49 tornou-se famoso na campanha pró Dantas Barreto. Nesse 1911 o Recife teve de novo uma epoca agitadamente militar. Cerca de 3.000 homens em armas. Veio até de Lorena o 53 de caçadores. Da Paraíba e Maceió acorreram companhias isoladas. Os quarteis encheram-se.

Depois, ficamos apenas com o 21.

De todas essas unidades, porém, o 14 foi a que mais aqui demorou e mais querida se fez. No Recife foi creado. Em 1831 já existia. Até que por sinal rebelou-se e pintou a manta na cidade. A historia conta cousas prêtas a respeito. Mas, foi doidice de menino. Depois tomou juizo e sempre se mostrou bem comportado. Todos lhe queriam bem. Quando a republica se proclamou já estava velho no quartel do Hospicio. A sua oficialidade lançou uma "ordem do dia" entusiastica, assinada pelo seu comandante tenente coronel Feliciano Caliope Monteiro de Melo, com um "está conforme" do alferes secretario Ignacio Joaquim Pereira Lobo. Falava-se nessa ordem do dia "das tropelias, violencias e ganancia das camarilhas que de certo tempo a esta parte" tinham sido colocados á testa do governo "deste grande paiz" e terminava por afirmar que a

republica "era o unico governo digno do homem que presta verdadeiro culto á liberdade".

Em 1891 tomou parte na deposição do governo Contendas, tiroteando com a policia no pateo de palacio, na noite de 18 de dezembro, sob o comando de Serra Martins. Em 1897, com o 27, partiu do Recife em demanda de Canudos onde, ao que se dizia, Antonio Conselheiro queria restaurar a monarquia no Brasil. Os nossos olhos de menino viram-no passar, puxado por um dobrado saudosissimo, com os capoeiras a esgrimir cacêtes e navalhas á frente da musica, e com um punhado de mulheres chorando atrás do cerra-fila. E nos sertões da Bahia fez bravuras. Honrou Pernambuco. Cita-o Euclides da Cunha como um dos batalhões mais destemidos no combate da Favela: num só dia perdeu tres comandantes.

Em 1903 lá se foi novamente defender a patria nas nossas divisas com a Bolivia. Demorou muitos mezes. Castigou-o o impaludismo, o beriberi, a nostalgia. Re gressou numa tarde de Carnaval. Extranho e comovente espetaculo. Pelas ruas do Crespo, Nova, Imperatriz, cheias de foliões, desfilaram aqueles nossos soldados escapos da morte, fazendo-se fortes, amarelos, magros, tropegos, mal podendo com as armas, mas contentes de reverem a sua terra e a sua gente. O povo atirava-lhes confeti e serpentinas...

O 14! Um soldado do 14 tinha para o recifense uma expressão que não têm os soldados dos outros batalhões. Havia mesmo, si não me engano, uma quadrinha assim que define esse culto do pernambucano pelo seu batalhão preferido:

O 14 é prata fina
O 2.º dois de ouro;
Policia, mata-cachôrro,
Manichupa, chapéu de couro.

Manichupas eram os soldados da guarda-civica que tinha o seu quartel na rua do Rosario da Boa Vista, numa casinha terrea de frente para a rua do Aragão onde num verdadeiro engasgo os bondes de Torre e Madalena faziam curva para entrar no pateo da Santa Cruz. Os "manichupas" usavam uns bonés de couro muito exquisitos, e quiçá ridiculos, achatados atraz, redondos no alto e quase sem pala. A rixa entre o exercito, "a linha", como se chamava no tempo, e a policia e os manichupas era velha e ronhenta...

Da minha infancia guardo indeleveis recordações do 14. Nossa casa, na rua do Riachuelo, ficava perto do seu quartel. Posso dizer que me criei ao som das suas cornêtas. Toques de alvorada, de render da guarda, de boia, de revista, de recolher, de silencio... Pelas manhãs e ás tardes, os exercicios, bem defronte de nossa casa, no terreno baldio onde hoje se ergue o palacio da Faculdade de Direito.

Eu não saía da janela. O batalhão vinha se estender em linha. E começavam as evoluções. Para aqui para ali. Formação de pelotões. Carreirinhas de acelerados. De joelhos para atirar. Rastejar pelo capim. Marcar de passos. Ensinos de cornetas aos recrutas. Avanços pela rua afóra...

Não perdiam meus olhos um só movimento. Toda minha vida estava presa áqueles soldados de fardas pardas e guritões de borlas vermelhas. Ou de calças vermelhas e tunicas azues.

A's vezes, no final dos exercicios, havia um tóque especial. Formavam-se as colunas. A musica tomava a dianteira da formatura.

Um oficial, a cavalo, de espada luzindo ao sol, gritava:

— Batalhão, sentido!

E logo, após:

— Ordinario, marche.

Uma pancada surda no bombo. O dobrado explodia. As pernas moviam-se num ritmo só.

O 14 marchava a caminho da rua da Aurora.

Tão bonito o 14!

Um dia, foi-se e nunca mais voltou. Igualzinho a meu tempo de menino...

Mez mariano

O mês mariano, cantado e festivo, nas residencias familiares do antigo Recife constituia um motivo de encanto religioso e um chamariz profano de namoros.

Houve algumas dessas devoções famosas, atraentissimas. Para elas era mister um convite pessoal, porque naquele tempo não fôsse nada facil penetrar os humbrais de um lar. Carecia-se de fiador e dos bons. Mas, obtendo-se o almejado ingresso tinha-se onde passar distraido todo o mês de maio, frequentando-se o culto á Maria.

A concurrencia escolhida, as moças bonitas, as vozes entoadas, os acompanhamentos afinados, as musicas sacras deliciosas, e depois, quase sempre, ceias apetitosas — ceias das de outróra: de garfo.

Isso sem falar nos casamentos e noivados que se esboçavam, dando em resultado tantos jovens da atualidade. Eles poderão se rir, deante de um album de velhas fotografias, das figuras que os pais fariam hoje com aqueles trajos compridos e pesados, sem se lembrarem de que essa indumentaria, tão elegante na epoca, muito ajudou a vinda dêles ao mundo.

Na rua da Conceição, sobretudo, existiu uma familia bastante devota do mês mariano. E sabia sel-o com explendor, realce e bom gosto. Em muitos outros pontos da cidade "cantava-se mês de maio", congregando parentes e amizades das redondezas ou mesmo de muito distante.

Com antecedencia, correndo março ou abril, preparavam-se vestidos e ternos. Comparecia-se aos ensaios. Aprontavam-se rosas de pano, enfeites de papel-lata, tufos de tarlatanas, bandeirinhas de seda, resplandores de lantejoulas, castiçais de vidro, velas de côres. Encomendavam-se flores naturais.

E antegosava-se o exito:

— Este ano Luizinha vem cantar.

— Então vai ser uma beleza mesmo! Com aquela voz!

— Papai quer ver si chama d. Lisá Diniz para tocar, e o irmão dela, o Carlos, com a flauta. Dois artistas de valor! Imagine!

— Ninguem dá no mês de maio daqui. Esse pessoal rabeia mas apanha sempre.

— Todas as cantadoras são escolhidas. Não acontece aquilo da casa de d. Nanú. Você se lembra?

— Me deixe, Nazinha! Quando começaram a cantar e eu ouvi aquela voz fanhosa:

Virge soberana
Sois uma arta **rosa!**
Dentre as mais fulôres
Sois a mais formosa.

— Eu fiquei besta, minha negra! Tapei a bôca para não estourar! Como se chama para cantar uma tabóca rachada daquelas!

Na primeira noite, cedinho, a casa se enche.

O altar está armado na sala de frente todo cheio de flôres e de luzes. Afastaram para isso os dunquerques de pedra marmore, as cadeirinhas douradas com estofos de gorgurão verde, mudaram de logar os etagères enfeitados de calunguinhas e jarros. Foi preciso até tirar da parede o grande espelho de moldura oval com uns florões no alto.

Do lustre que pende do fôrro estão acêsos todos os bicos com camisinhas incandescentes. E o vento brincando com os pingentes de cristal executa um trecho musical.

Janelas abertas. Cortinados bem afastados. E o sereno lá fóra, travêsso, irreverente, malicioso.

Os donos da casa acolhem as visitas. As moças vão lá para dentro e voltam sem chapéos, endireitando as tranças ou os cócós, fincando melhor os grampos nas madeixas.

Explicações de retardos:

— Quase não vinha, meu bem. Zezinho chegou mais tarde para jantar, perto de 5 e meia! Tivemos de nos preparar ás carreiras para não perder o trem da Linha Principal de 6 e 50. Corremos até a Estação da Casa Forte... Ele já vinha apitando...

— Eu, tambem cheguei agora porque o diabo do bonde pregou na subida da ponte da Madalena. E cadê que saía? Trouxeram duas sótas e nada. Os burros não tinham força, coitados!

— Não dão de comer aos animais! Essa companhia só se pegando fogo nisso tudo. Cada vez peor. Nunca mais construiu uma linha. A do Hospital Pedro II ficou em projéto para o dia de São Nunca.

— Tambem com esse governo de ladrões!

Acórdes ao piano. Vão começar. Movimento de atenção, de preparo. Escolha de logares.

Os rapazes procuram ficar perto ou defronte de quem lhes convém.

— Yaya, você começa.

— Eu não presto para tiradeira.

— Então, Dondonzinha.

— Vôtes!

— Porque? Tão entoada! Pensa que me esqueci do presépe em casa do comendador Moraes?

— Milú é que é tiradeira de verdade.

— Só mesmo eu!

E procura se esconder entre as companheiras. O jogo de empurra prolonga-se. Ninguem quer iniciar a résa.

— Si Santa estivesse aqui já se tinha principiado. Aquela não tem vergonhas...

Uma voz no sereno:

— Bonito elogio!

A dona da casa intervém:

— Vocês já viram o luxo dessas meninas? Pois quem vai tirar é Joaninha.

A filha obedece, embora fazendo um gesto de acanhamento.

Tudo se anima. As vozes alteiam-se, clarificam-se, adoçam-se. Ha expressão nos canticos. Ha ternura, emoção. Entôa-se o

No céu, no céu,
Com minha mãe estarei.

Entôa-se a ladainha.

E ao terminar, desculpas:

— Eu estava tão rouca.

— E eu sem me lembrar direito dos versos. Me atrapalhando.

Um estudante de Direito, todo de preto, alto, louro, madrigalesco:

— Cantou como um rouxinol.

— Ou como um pavão?

— Não diga isso. Acredite que fiquei extasiado. Uma garganta de ouro... Vou escrever um sonêto.

— Sério?! Não mangue de mim!

As velhas amas da casa, de vestidos de chita nova, saem da sala e vão cuidar da ceia.

No intervalo ha recitativos. O estudante louro tem "um geito" para recitar! Uma das moças tóca a Dalila. O poeta recorre a um confrade antigo:

Si eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! Não seja já...

ou "A Doida de Albano":

Anda cá, meu filho, escuta,
E's amigo de tua mãe?

As matronas limpam os olhos.

As moças enternecem-se.

A cantadeira da "voz de rouxinol" compreende os versos de amor. São para ela.

Dansava-se tambem. Com o ceremonial da epoca de se tirar a dama numa reverencia, e de se ir leva-la ao sitio de onde saíra, com outra reverencia. Dansavam-se as polcas, os pas-de-quatre, os schotisch, as valsas do tempo, com as musicas de Artur Lima, Nuno Guedes, Raul Moraes, Alfredo Gama. Pares afastados, dedos nas cinturas, mão nos ombros dos cavaleiros. Todavia, um floretear de frases. Aqui, uma declaração de amor. Ali, uma combinação de passeio ao Derbi. Acolá, uma ciumada:

— Eu bem que vi você indagorinha num "brêdo" medonho com Alice. Fiquei mesmo "abafada"...

— Meu anjo, que calunia! Eu que te amo acima de todas as mulheres!

— Eu sei... eu sei... Pois fique sabendo: si vir outra vez você se derreter com Alice, não tenho mais "banda" com ninguem, e dou-lhe um "córte" de verdade. Está ouvindo?

No meio da valsa, a dona da casa anuncía:

— Minha gente, a ceia!

O grafofone

De porta a dentro, com a ceremonia de visinha amiga, a filha do coronel Evaristo investe radiante e alvoroçada até a sala de jantar:

— Vamos ver uma novidade grande, vamos todos.

— Que foi, menina? Sua mãi teve menino?

— Que menino, que nada, d. Rosa! Papai tirou no clube um grafofone e já mandou para casa. Venham ouvir.

Todos se animam. O grofofone era, de fato, uma cousa novissima no Recife. Poucos já o haviam ouvido. E esses mesmos, na maioria, de lonje. A maioria não sabia ainda nem como era. Neste rol d. Rosa, muito caseira, com onze filhos para criar.

Foram todos. A' vontade porque morava perto e já se estava á boquinha da noite.

Demais a rua Velha era tão socegada.

Sobre a mesa de refeição coberta por um pano de oleado o coronel Evaristo depunha solenemente, como num rito religioso, a machina falante. Uma caixa de madeira amarelada, com um cilindro de metal, um braço acustico, um diafragma de diamante, e a corneta prêta.

Todos miravam o aparelho com ares extranhos, curiosos, timidos.

— E fala mesmo, Sinházinha?

— Fala e canta. Tóca musica.

— Tibes vôtes! E' da gente se benzer.

O coronel dá corda. Desenfia de uma caixinha de papelão o tubo de cêra de carnaúba. Mete-o no cilindro de metal, ajusta o diafragma. E anuncía:

— A aria do Rigolêto.

Espectativa, silencio, beliscão num menino que faz uma pergunta.

Fanhosamente o tenor entôa o

La dona é mobile

— Explendido!

— Eu parecia estar no Santa Isabel.

— Você se lembra daquela companhia do ano passado, Zézé?

— Agora, uma cançoneta.

Muda-se o tubo. Sempre com uma gravidade de quem oficía. E sai a cançoneta em vóga:

Fui com a Familia
P'ra revista
Em honra de 13 de maio...

Risadas. Exclamações. Aplausos.

Segue-se um dobrado. Um sólo de clarineto. Um trecho de violino. E por fim a aria final da Traviata.

Um filho de d. Rosa reconhece a musica e grita:

— Sinha Tonha canta isso tambem. E' assim:

Yaya, tem tabaco aí
Me dê uma pitada
Que eu quero dormir...

— Menino! Você, em casa, vai apanhar.

— Oxente, mamãi! Sinha Tonha não canta quando lava roupa?

Ainda ha uma canção da Gran Via — O Cabalero del gracia. E a audição maravilhosa termina.

O coronel promete comprar no dia seguinte outros cilindros na Violéta. Soubera que tinham recebido novidades. A valsa do Tim Tim, a modinha Bem sei que tu me desprezas, a marcha da Aida, a cançoneta Meu bem estou cortado aí?

Saem os visinhos depois dos adeuses e dos beijos numa face e outra.

Na rua:

— Que coisa! Parece natural!

— Depois disso, minha gente, não ha mais nada que se inventar...

O homem do dêdo

Ele chegou ao Recife com o seu nome proprio, e dizendo-se "professor" mas o povo deu-lhe a alcunha de O homem do dêdo.

Estabeleceu-se no Derbi e anunciou curar todos os males deste mundo com a simples aplicação das mãos na parte doente.

Quem dele não se recorda?

O alvoroço do povo foi enorme. E o Derbi que já perdera o encanto e o atrativo dos tempos de Delmiro Gouveia voltou a ser o ponto de concentração de quase

todos os recifenses: — não para ouvir musica, correr nos tivolis ou ver os pastoris, mas para sarar de mazelas, para recuperar a vista, para se libertar de aleijões ou deixar de ser mudo...

O curandeiro prometia-lhes o milagre da cura imediata.

E a noticia dessas curas maravilhosas começaram a se espalhar, como acontece sempre. Uns tinham ouvido contar, outros garantiam tel-as presenciado.

Um paralitico déra uma carreira, um cégo enfiara uma agulha, um mudo cantara uma modinha e um doido déra para mestre de meninos...

Bastara para isso o contacto das mãos do "professor".

A fama crescia. Como hoje nos dias da Santa de Tigipió e do Tahra Bey. Nesse ponto, o progresso do Recife, como o do mundo, é nulo. Um defunto de vinte ou cincoenta anos atrás si tivesse um aparelho de radio na sepultura ficaria pasmo das novidades cá de fóra, mas quanto ao feitio ingenuo do povo nessas historias de milagres e curandeiros estaria inteiramente informado. Nada mudara a gente. Nem mesmo em acreditar tambem nas promessas politicas...

A romaria para o Derbi era incessante. Amanheciam enfermos lá e dormiam outros ao relento. Na hora das consultas o atropelo assumia proporções de lutas. Calor, arroxos, pisadelas, impaciencias, invejas, resmungos, resingas, namoros, insultos, ciumes, resfriamentos, quedas, taponas... Para se chegar ao pé do "professor" tinha-se padecido tormentos merecedores de uma passagem em carro diréto para o céu. E os contratempos? Soube-se de gente que fôra lá com um calo inflamado e apanhara uma pneumonia, de quem tivesse um talho rebelde a cicatrizar

e levasse uma facada mortal, de outro que coxeava e quebrara uma perna...

Os bondes da Carril e as maxambombas de Caxangá levavam passageiros pendurados, fazendo acrobacias e arriscados a ficar debaixo das rodas. Que importava? Si lhes sucedesse a desgraça de cortar um braço ou um pé, o homem do dêdo lhes arranjaria logo um substituto ou grudaria o cortado.

As consultas aumentavam diariamente. Os ricos tiveram horas marcadas com remuneração mais gorda, é claro. Chegavam de carro e eram atendidos sem os vexames da multidão. E os milagres continuavam a ser apregoados: a visão restabelecia-se, os nervos motores reagiam, os tecidos reajustavam-se, as dôres cediam, os tortos endireitavam-se, os cardiacos faziam ginasticas, os hepaticos comiam pirão, as moças estrabicas ganhavam concursos de beleza, os caiporas tiravam diariamente o bicho...

Porém, um dia a situação encrencou-se para o lado do homem do dêdo. Fôsse porque as mulheres bonitas precisassem sempre de novas aplicações das mãos do professor nas partes enfermas, fôsse porque ele houvesse demorado de mais a apalpadela, o fato é que uma tarde o tempo se fechou e houve bengaladas dirigidas ao milagreiro. Quiseram ensinal-o a ser menos indelicado ou menos afoito. Carreiras, gritos, sustos, apitos, debandada geral O professor que não tinha muito confiança no poder curativo das proprias mãos para sarar algum lapo de cacête ou de faca nas suas carnes, pôs-se ao frêsco e em segurança.

E deu por finda a missão curadora dos recifenses sofredores. Passou como passam todos os milagreiros. Nenhum capenga ficou elegante, nenhum cégo ficou lendo, ne-

nhum chagado sarou, nenhum mudo fez discursos, nenhum maluco largou as maluquices.

Deixou apenas assunto para o carnaval em que saiu um Clube do Dêdo e para as cançonetas maliciosas da epoca.

O dêdo nunca tivera tanta consagração.

Nem mesmo hoje com as datilografas e os telefones automaticos...

O enterrado vivo

Primeiro ele cobriu as paredes de reclamo e os jornais de noticias sensacionaes.

O homem que se enterrava vivo e passava cito dias na cova sem comer nem beber, saindo de lá disposto, bolindo, alegre como si houvesse passado uma semana na praia de Olinda no mês de Festa.

Era o português Julio Vilar.

Largara o seu querido Portugal para vir mostrar aos irmãos brasileiros essa rara singularidade de passar sem comer, perspectiva que seduziu logo todos os sovinas do antigo Recife. A vida andava tão cara!

O enterro do Julio Vilar realisou-se no salão de entrada do Cinema Helvetica. Não obstante ser paga a entrada, foi concorridissimo, o que nem sempre acontece aos em que ha carros á disposição.

Cavaram uma funda cova, meteram o jejuador num ataúde e desceram-no á sepultura com todas as formalidades e testemunhas. Pela tampa de vidro via-se-lhe cá de cima a cara e por um tubo acustico podia se lhe perguntar como ia passando da barriga vasia.

E ele ia passando muito bem porque o emprezario todas as manhãs informava-o acerca do rendimento da bilheteria.

Podera não! Todo o Recife pagou dois mil reis para ir mirar-lhe o rosto amarelo e resignado...

Foi um acontecimento na cidade.

— Você já foi ver o enterrado-vivo?

Apareceu até uma canção com este estribilho:

Julio Vilar
sinhô, sinhô;
já se enterrou
sinhô, sinhô...

Esse caso do Julio Vilar faz-me lembrar um outro que se deu em Caruarú, no ano de 1923. Surdiu ali um imitador do enterrado-vivo. E num dia de feira fez-se sepultar numa loja com muito reclamo e muito espalhafato. A 500 reis a cabeça para irem vel-o no buraco. Ele contava na certa com um resultado espantoso pois dos tres ou quatro mil matutos que acorrem, aos sabados, á feira de Caruarú, certamente a metade não deixaria de pagar para ver essa cousa extranha: um homem vivo feito defunto. O sertanejo era ingenuo e curioso...

Passou dois dias na cova e quando de lá saiu quase morria de verdade com a emoção, a surpresa, o espanto. A bilheteria rendera apenas 12$000.

O matuto fôra menos jéca que o recifense.

O comedor de vidro

Ao contrario do que não comia nada apareceu esse que comia até vidro.

E de verdade. Sem tapiações, sem truques.

Para ele um copo, uma chaminé de candieiro, uma vi-

draça, eram "sopa". Mastigava aquilo e engulia como si fôsse um peixezinho macio e sem espinhas. Deu que falar a exquisitice do homem.

Os donos de lojas de louça assustaram-se e preveniram-se. Quando lhes entrava nos estabelecimentos um individuo desconhecido, mirando as vitrinas, experimentando uns artigos, eles se punham de guarda ao mostruario dos cristais.

Uma taça de bacará seria para o comedor de vidro um desfolhado.

As rodas cientificas botaram os oculos e estudaram o "fenomeno".

E ele continuou, deante de nescios ou sabios, a triturar e a ingerir jarros, calices, licoreiros, vidros de molduras, sem precisar bicarbonato de sodio ou nox-vomica.

O estomago dava conta de tudo.

Por fim a ciencia deu o comedor de vidro como doido e mandaram-no para o hospicio da Tamarineira.

Para demonstrar juizo ele deveria, como tantos outros, se atirar a especies diferentes de "comidas"...

Os Lucas

Uma nova seita religiosa ou que se presumia ser. Humilde e ingenua como o cristianismo nos seus principios. Quando não havia ainda as catedrais famosas nem os palacios do Vaticano.

Os Lucas eram um grupo de homens do povo, habitando um sitio na Madalena, no logar que tem o proprio nome adotado pela seita. Realisavam ali ceremonias de culto, com orações, canticos, bençãos do terreno, predicas e exemplos de humildade e de bondade.

Não comiam carne porque consideravam os animais

como seus irmãos. Andavam de tunicas e gorros brancos. Os homens de cabelos e barbas crescidos; as mulheres de cabeças raspadas.

Quando saiam á rua, para vender verduras ou frutas, traziam consigo um jumento de orelha cortada que lhes era animal sagrado.

Faziam penitencias e jejuns.

Entrando numa casa exclamavam logo: "A paz de Jesus esteja em vossos corações".

Si viam alguem montando um cavalo exortavam-no: "Desce de teu irmão!"

Inofensivos, trabalhadores, piedosos, honestos, bons. Por isso mesmo eram alvos de injurias, de remoques, de pedradas, de vaias, de perseguições.

— Malucos!

Certamente a classificação caberia hoje aos apostolos de Jesus, na sua simplicidade, si eles voltassem á terra.

Por fim a policia interveio e os Lucas sumiram-se, dispersaram-se, ou talvez, para melhor se acomodarem ao mundo, tenham resolvido adherir ao parasitismo, á maldade, ao tartufismo...

O salto da morte

Surdira no Recife um francês, o Prescott. E anunciara o prodigioso salto da morte. Tratava-se de descer em bicicléta uma prancha estreita e ingreme, a alguns mètros de altura, e num salto mortal passar para outra taboa nas mesmas condições continuando por ela a carreira até o chão. Emocionante, arriscado, incrivel!

Prescott fez lá o seu bonito e ganhou dinheiro a roldo porque não houve quem não pagasse a entradazinha do

Prado Pernambucano para admirar aquela reviravolta de causar frio nos corações.

Empavonado, o francês já se preparava para ir repetir a proêsa em outras terras quando lhe aparece o pernambucano Joviniano de Melo, rapaz do comercio, esportista de merito, ciclista de renome, prometendo imitar o salto da morte.

O Prescott dá uma risadinha de superioridade parisiense e como indice seguro de descrença, de sarcasmo, oferece um conto de reis a Joviniano como premio da façanha si a conseguir realisar.

Marca-se o espetaculo para o proximo domingo.

O entusiasmo dos pernambucanos aguça-se. O Prado superlota-se — Ha barulho para se conseguir um ingresso. Em toda parte só se fala no salto da morte. Nos banquinhos da Linguêta, sob as gamaleiras da rua do Imperador, nas mesinhas do Café Rui, ás portas da Casa da Julia, nos velhos corredores da Faculdade de Direito. O mesmissimo tema. Uns confiavam no exito do pernambucano; outros temiam o fiasco; muitos receavam um desastre.

E no Prado a concurrencia só era comparavel á de um encontro de futebol entre dois grandes clubes nos dias de hoje. Nem um fiapo de logar vago. Viam-se até moças nos colos umas das outras e si os rapazes tambem não se acomodavam nos regaços femininos era porque naquele tempo ainda não se permitiam as liberdades de agora. Gente trepada até nos muros que têm cacos de garrafas contra os ladrões. Questão de geito... ou de pratica.

Bondes, carros, maxambombas a despejar passageiros no Lucas.

Joviniano Melo nem parecia! Nem como cousa! Calmo, disposto, conversador. Houve quem o aconselhasse a de-

sistir... Sorriu, balançou negativamente a cabeça. Era um rapaz robusto, espadaúdo, simpatico, amavel. Vestira a camisêta e os calções de ciclista e trouxera a sua bicicléta de confiança. A multidão ao vel-o no alto da prancha emudeceu. Os corações perdiam os freios dos batimentos. A musica parou de tocar. Moças taparam os rostos.

Joviniano dispôs a maquina, examinou-lhe as ródas, segurou firme o guidon, montou e começou a descer o declive. Ganhou velocidade, desceu mais, mais, beirou o abismo... Precipitou-se. Deu o salto. Um salto admiravel de precisão, de rapidez, de elegancia. E deslisou pela outra prancha, equilibrado, sereno, impecavel como si rodasse numa estrada suave e segúra.

Já ouviram uma trovoada no sertão?

Pois o Prado Pernambucano parecia uma trovoada daquelas.

Berros, palmas, vivas, risos, exclamações, abraços, beijos. Até chôro.

Joviniano sorria para todos com uma tranquilidade e modestia de quem não fôsse o herói da festa.

De subito, um grito:

— Minha gente, lá vai o francês fugindo...

— Pega ele!

— Pega!

Prescott ao ver a vitoria de Joviniano tentava arribar para não pagar o premio prometido.

Agarram-no.

O delegado dr. José dos Anjos interveio. Evitou que a intervenção partisse das tabicas pernambucanas...

O francês engrolou uns "pardon, messieurs", coçou os bolços e começou a tirar de lá, com indisfarçavel pena de sovina, cedulas, pratas, niqueis e até dobrões de cobre...

Somando-se tudo, não atingia o conto de reis. Apenas 800$000.

— E o resto?

— Demain, matin, n'est ce pas? Demain, matin, s'il vous plait.

Com a garantia de um patricio, o Prescott viu-se livre. Embora resmungando baixinho e longe:

— Des sauvages... des sauvages...

Uma passeata levou Joviniano até em casa.

E no outro dia ele distribuiu com os pobres o dinheiro do premio.

Os antigos cafés

Era o comercio fechar as portas, era a iluminação publica diminuir, era o bonde levar aos arrabaldes os patrões e caixeiros, e tudo se revestia de um ar de paragem abandonada ou de povoado sertanejo.

Silencio, vasio, quietude.

Apenas, de longe em longe, o golpeio das ferraduras dos burros no calçamento das ruas, denunciavam um carro de Afogados ou de Torre correndo para o Brun, a recolher-se.

Ficavam raros notivagos pelos cafés sob os olhares sonolentos dos garções até dez ou onze horas. Serviam uma cerveja preta, um conhaque, um sorvete de maracujás.

E, depois, lá se iam para casa, emquanto as portas do estabelecimento eram batidas com estrepido e reforçadas com grandes trancas de ferro.

Na Bôa Vista, destacavam-se o Café Santos Dumont e o Modêlo. Na rua da Imperatriz. Os mais conhecidos da rapaziada. Porque, na epoca, as familias de raro frequentavam um café e isso mesmo de dia. A' noite não parecia

de bôa moral. Tanto estudante lá dentro. Ás vezes mulheres da vida facil. Os rapazes agrupavam-se ás portas, grelando as pequenas, conversando, discutindo. A' "boquinha da noite" eles ali se postavam e de quando em quando decidiam nas mesinhas a bozó quem pagava o refrêsco ou o grogue.

Da rua Nova foi celebre por muitos anos o Café Rui. Frequentei-o menino com meus pais que ali iam comprar umas empadas de camarões gostosissimas. Pelo menos para meu paladar de creança. Torrava-se e moiam café á vista do freguês numa engrenagem que me despertava sempre a curiosidade. Era o ponto prediléto dos academicos de direito. Viviam em constante algazarra, em brindes, em vaias, em pilherias de moços. Das portas do "Rui" eles espiavam as pernas das moças ao subir nos bondes.

Defronte, ficava o Café Familiar. O nome indicava bem o seu feitio mais calmo, mais recatado, e, por isso, atraía melhor as familias para o sorvetezinho modesto dos tempos. Modesto e barato. Entravam as numerosas próles seguidas dos "velhos", por vezes levando tambem uma tia solteirona e uma ama de confiança. Vinham á vontade. Abancavam-se em roda de uma mesa redonda e todos sérios, calados, "bem comportados", chupavam as colherinhas transbordantes do "cajá", do "mangaba" ou do "abacaxi". Um menino, guloso, pedia outro... Porém bastava o olhar duro e a sobrancelha cerrada do pai para abrandar-se o desejo das repetições.

— Faz mal — segredava-lhe menos aspera a voz materna.

Em Santo Antonio, o café de mais renome foi incontestavelmente o 15 de Novembro, na rua do Imperador. O "Café do Girão", como tanta gente o chamava. José Girão, de alma bonissima e cara habitualmente alegre, de

todos se fazia estimado. Situava-se o estabelecimento onde hoje está o armazem de fazendas Othon Mendes. Um predio baixo, de telhado em beiral, com umas varandas largas de rotulas envidraçadas. Estendiam mesinhas pela ampla calçada e no interior entre grandes espelhos garatujados de reclamos e vitrinas cheias de bolos e empadas, distribuiam-se mesas de tampo de marmore, umas redondas e outras ovaladas.

Durante o dia o Café do Girão tinha a freguesia de comerciantes que vinham tomar qualquer cousa para enganar os estomagos e dos politicos que acertavam interesses ou combinavam bernardas. Si havia companhia no Santa Isabel apareciam artistas antes do ensaio e esses atraiam os perús e os caronas todo amabilidades...

A' noitinha a concurrencia era maior. Rapazes, jornalistas, velhos, pecadoras. "Pessoal do brejo", como se dizia na epoca.

Cerca de 7 horas o nosso grupo tocava a reunir no Café do Girão. Vinha o Osvaldo Silveira, guarda-livros, muito gordo, de mãos abanando, risonho, de nariz suado; vinha o José Raul de Moraes, alto, esguio, elegante, de maneiras diplomaticas, metido num jaquetão de gola de sêda talhado pelo Manuel do Carmo; o Euclides Dias, paraense, quase doutor, com ares de futuro juiz; o Oscar Maia, ás voltas com os instantaneos apanhados nuns banhos misteriosos em Caxangá; o Mario Rodrigues, na folga de um artigo escrito para o Jornal do Recife, ali defronte; o Regueira, baixinho, de preto, um charuto permanente nos labios; o Manuel Alves Guerra, de palavra fluente e colorida; o Oliveira, de uma livraria, alourado, de dentes em ressalto, soltando risadinhas meúdas e gostando de recitar estes versos:

Rosas de Maio que o outono doira
Juncai de petalas o caminho déla...

Era no tempo em que eu fazia, tambem, uns versos parecidos no lirismo, e num dia quase morri de alegria e vaidade por ver uns deles publicados no Diario de Pernambuco.

De ordinario, comiamos uma empada do Crispim e bebiamos uns cafezinhos. As finanças não davam para mais. Cada um dispunha do seu dia para pagar. Quando havia dinheiro, muito bom. Tome lá a cedula e me dê o trôco. Quando, não, já se sabia. O amavel Girão inteirava-se do impasse, sorria, garatujava na secretária uma cousa parecida com um nome e uma cifra... E até o fim do mês. Nos dias festivos, cerveja ou "grafofones" — o **cocktail** de então...

Nunca se passou disso, diga-se com justiça e verdade Faziamos do "15" um méro ponto de palestra num Recife vasio de diversões. Ponto de ligação com os amigos e com outras amizades inocentes para a idade... De lá só saiu tonto uma vez o Oscar Maia; — com um charuto que teimou em fumar pela primeira vez. Deu-nos trabalho. E divertiu-nos.

Tivemos tambem nossos instantes de emoções. E de bravura revolucionaria. No caso da vacina obrigatoria, por exemplo. Os que sempre se propuseram a salvar a patria, acharam de util patriotismo se opor a salutar medida de evitar as bexigas. Vacina obrigatoria era uma "lei infame". E ao bate boca dos comicios, acrescentaram o quebra-lampeões na cidade. No Rio, estalava a revolta. A rua do Imperador nunca deixara de ser barulhenta.

De subito, um tiro na calçada do Girão. Uma musica que ali tocava por ser justamente a data da Republica,

debandou. Nós... nos encolhemos todos á espera de outro disparo para dísparármos.

Ficou naquêle. E não havia ainda metralhadoras, Deus louvado.

Quando dos espetaculos no Santa Isabel apareciamos no "15" com melhor indumentaria. Extrato de Houbigant ou de Piver nos lenços. Cabelos penteados a esmero. Gravatas novas. E uma pôse que fazia o Girão sorrir comsigo mesmo.

Ele sabia que iamos direitinho para o "paraiso".

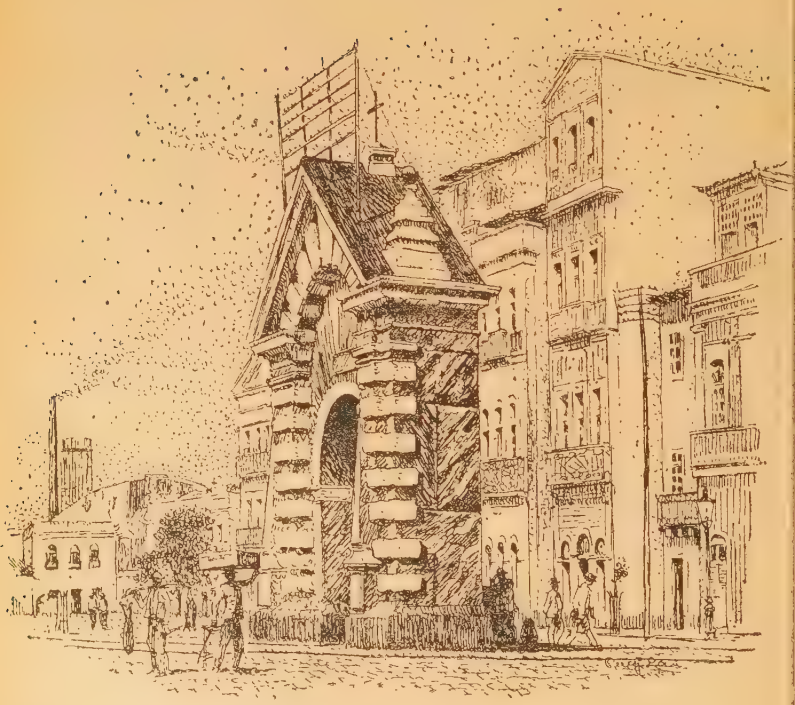
Festas dos arcos

Os moços nunca as viram; os velhos não mais as verão.

Não se vestiam de excessivo realce, é certo, porém tinham muito de pitoresco e de tipico. As do Arco de Santo Antonio, por mais modestas, nem exigiam o fechamento do comercio, antes da hora costumada.

O Arco de Santo Antonio barrava a rua 1.º de Março, ao subir da ponte. De um lado a "Livraria do Ramiro", do outro, "O Barateiro". Perto, a "Viuva Guilherme", "A Graciosa", e "Loja de Chapéus" do Zé de Melo, a "Livraria Francêsa" expondo nas vitrinas do oitão os novos livros de sortes para São João.

Todo aquele trecho final de rua cerrava-se ao transito dos bondes e das carroças. Transformava-se num campo festivo. Armava-se um corêto de taboazinhas azues e vermelhas com grandes fócos a acetilene nos angulos. Espichavam-se uns cordões com bandeirinhas. Folhagens nos lampeões e no Arco. O Santo Antonio, já em cima, no nicho, entre velas e flôres.



O Arco de Santo Antonio

Durante tres noites resavam o triduo.

Concurrencia pouco numerosa.

A festa não merecia as honras de chiquismo. Festa religiosa de segunda ordem.

No dia 13, porém, o aspecto melhorava. Meio santificado. Os "Antonios" feriavam a data. Havia mais solenidade. Honrava-se, ao menos, a patente do santo.

Cêdo ainda as negras de bolos estendiam os taboleiros rentezinhos ás calçadas; vendedores de geladas; meninos de midobins... De Fóra de Portas chegava pelas pontes do Recife e Buarque de Macêdo gente e mais gente. Mulheres puxando creanças, homens de roupas de brim novas em fôlha, velhas de olhos já pouco afeitos ao movimento das ruas e com vestidos dignos de figurar numa exposição retrospectiva de modas.

Os fracos lampeões a gaz faziam o que lhe era possivel para emprestar claridade ao local. Todavia, as lojas ainda abertas davam uns sobejos de sua iluminação para melhor realce festivo. Passavam as ultimas carroças de assucar, muito meladas, compridonas, baixinhas, arrastadas pelos bois fatigados e babosos. Os bondes da Carril já tinham cortado o trafego por baixo dos Arcos e contornavam agora a rua do Imperador. Ao pé da ponte num quiosque que ramalhuda gameleira protegia homens do povo e barcaceiros viravam uma "bicada", loquazes e expansivos.

De repente o tóque da musica alvoroçava tudo. As portas das lojas povoavam-se, as varandas enchiam-se. E a banda do 14 ou do 27 apontava na estreita rua do Cabugá, em fórma, de tunicas azues e calças vermelhas, no entusiasmo de um dobrado. Por signal o "Conspiração" que estava na móda e era mesmo vibrante.

A' frente da banda um grupo de capoeiras, de cacêtes em punho e as facas de ponta aparecendo nos cós, ginga-

vam, piruetavam, ameaçavam... Todos instintivamente encolhiam-se ao vel-os passar nessas atitudes agressivas. Porque não seria rara a vez em que após uma passagem daquelas aparecesse um cristão se estorcendo no chão com a barriga aberta por uma navalhada. Os capoeiras continuavam a ser o terror das saídas de batalhões e musicas e ninguem podia acabar com eles. Eram na maioria, valentões conhecidos na terra e capangas de figurões ainda mais conhecidos.

Dali a pouco, nos corêtos, tocava-se a valsa "Louca", o pas de quatre "Nair", a "Uma flôr no peito" do Tim-Tim...

Depois, os canticos religiosos que se espalhavam pela rua inteira e iam comover até os tripulantes das barcaças encostadas no cáis do abacaxi. Foguetes isolados, balões, girandolas. Devotos rezando, curiosos "espiando", namorados conversando. Principalmente para o amor servia de toldo protetor a festa do Arco. Não fôra Santo Antonio alcoviteiro das moças... E tambem os amôres pecaminosos se aproveitavam da ceremonia religiosa. Raparigas de vida torta, sem chapéus, com longas capas de veludo, com as creadas atrás á guisa de ordenanças, passavam abaixo e acima, provocando olhares dos homens e muxoxos das beatas.

Cêrca de 10 horas tudo terminado. Aquela festa não ia até de madrugada como as outras, as de fama, as dos novenarios que boliam com a cidade inteira: Santa Cruz, Penha, Santo Amaro, Cajueiro, Poço da Panéla, Nossa Senhora do Carmo...

A musica voltava ao quartel, tocando, de capoeiras á frente. O povo dispersava-se. As luzes extinguiam-se. As varandas cerravam-se. E os bondes recomeçavam a passar por baixo do Arco.

Mais pomposa, muito mais mesmo, era a festa do Arco da Conceição, do outro lado da ponte, no começo da rua da Cadeia. O arco era maior. Em baixo tinha duas lojazinhas: uma em que o Carvalho vendia estampilhas federais e cigarros. Outra oferecendo bilhetes de loterias. O comercio em grosso do bairro do Recife, auxiliava os festejos que mereciam toda a simpatia e prestigio do vigario do Corpo Santo, o conego João Augusto. Havia novenario concorrido. Armavam-se corêtos, um defronte da firma Camorim, outro perto da Drogaria Conceição. E no dia da Conceição quem vinha tocar ali era a Charanga do Recife, banda querida e apreciadissima, sempre aplaudida nas suas dificeis "peças de harmonia".

Dia santificado, dia grande, não faltava gente para aumentar o numero já crescido de fieis residentes no proprio bairro. Acorriam familias dos arrabaldes. Misturavam-se tipos de todas as classes. Desde o "assucareiro" da Passagem da Madalena ao catraeiro da Linguêta. Desde a viuva rica moradora no Caldeireiro á mocinha pobre do pateo do Terço. Do chefe de seção do Correio ao aguadeiro do bêco das Sete Casas. Da "francesa" da Pensão Siqueira á "mulher dama" da rua da Senzala Velha.

Festão!

O Arco recebia o engalanamento das rosas de pano feitas por umas solteironas da rua do Bom Jesus; de folhagens de palmeiras trazidas por um devoto barcaceiro; de folhas de canelas mandadas por um comerciante da rua da Cadeia; de cravos como oferenda de uma moça de Caxangá.

Lá em cima ficava a capelinha com janelas envidraçadas para a rua. A imagem de Nossa Senhora da Con-

ceição no altar. Resava-se missa pela manhã e á noite cantavam a novena seguida de ladainha.

Na esquina fincavam o mastro da bandeira.

Mais tarde fogos de vista. Morteiros, rodinhas, calungas e painel.

Tudo corria bem e em paz.

Quando muito os soldados da policia corrigiam a preta Papoula que se excedia no vocabulario...

As padiolas

Um bonde de Santo Amaro-Hospicio, não obedecendo ao sinal do vigia no cruzamento do trem de Limoeiro, cortara as pernas de uma vendedora de tapiocas-molhadas que ia atravessando os trilhos distraída.

O desastre era raro com o bonde de burros.

E o local concorrido. No Barracão.

Juntou gente muita e depressa. Os mocambos ali perto esvasiaram-se. Mulheres e meninos de preferencia porque a hora fôsse de trabalho.

— Uma coisa horrivel, minha negra. A pobre sinha Quina ia vender suas tapiocazinhas na rua da Aurora e o malvado do bonde pegou ela.

— Morreu?

— Não, coitada, mas porém está ruim... Todas as duas pernas, avalie!

— Nem me conte isso, sia Ambrosina! Estou toda arrepiada...

— Eu, sem querer, vi tudo. Cheguei na porta para botar o ferro no fogareiro e quando dei foi com os gritos e a desgraceira...

— Vão levar ela para o hospital. E' tanto sangue!

— Olhe a policia... Está pegando gente para carregar a padiola. Cadê Zezinho? Menino, vá se esconder depressa. Você tem aquela dôr na caixa dos peitos não pode pegar em peso, não.

O sub-delegado com três praças acudira ao ponto do desastre. A autoridade era um pardavasco de cabeleira crespa sobrando do chapéu desabado, roupa de brim pardo, calças de bôca larga, um cacête na mão. Os soldados de fardas côr de castanha com vivos vermelhos, bonés de banda, compridos réfles nas cinturas.

— Vão arranjar gente para carregar a padióla.

A debandada entre os poucos homens foi rapida. Uns esgueiravam-se pelos bêcos, outros rodeavam a igreja de Santo Amaro, varios trancavam-se dentro de casa. Alguns tratavam de repôr os fretes, que levavam, nas cabeças e seguir seu caminho.

As praças já tinham podido agarrar um mulatinho.

— Eu vim comprar uma libra de manteiga na venda.

— Compra adepois.

— Mas, seu cabo, a patrôa está esperando móde fritar os ovos...

— Tem nada, não.

O rapazola resigna-se. E fica quieto, murcho, calado.

Mais adeante dão caça a um peixeiro que passa levando umas cavalas penduradas do calão.

— Vocês estão bestas? Eu vou lá carregar defunto tendo meu peixe para vender?

— Vende adepois .

— E si ficar pôdre?

— Tem nada, não. Guarde tudo ali no quartel.

O peixeiro hesita e de repente jogando o calão ao sólo afasta-se uns metros e coça-se. Puxa da cintura uma faca agudissima e amolada.

— Apois, então, encoste...

— Amansa".. amansa...

— Encoste soldado de bobagem... Encoste... Venha me agarrar!

Nenhum dos tres militares se afoita. O peixeiro é conhecido como brabo. E já fôra capoeira de frente de musica.

Desistem. Volvem as vistas para outro homem que vai atravessando a rua, talvez sem dar reparo á cena.

O peixeiro guarda a faca, retoma o calão e rósna:

— Pensam que eu sou vadio que nem eles...

Nesse interim, o rapazóla da manteiga havia escapulido. Risada das mulheres.

Uma voz:

— Minha gente, botem uma véla na mão da pobre sinha Quina. Ela está morrendo.

Aifinal, conseguem prender o homem distraído, apesar dele alegar, num tom doloroso, que ia á farmacia comprar remedio para um filho muito doente.

— Mentira sua... Caminhe... Vá...

E o cabo ameaçou-o com o réfle.

Um outro homem, apiedado da mulher, ofereceu-se para ajudar o transporte.

Trazem no quartel a padiola que ali se guarda no mesmo quarto da latrina. Botam sinha Quina dentro. Baixam as cortinas de oleado verde. Põem os varais aos ombros.

E partem.

— Aquela, coitadinha, não chega viva ao hospital.

— Chega nada. Já estava revirando os olhos!

— Pr'o tempo que o bonde cortou as pernas dela!

Aos solavancos, pelo calçamento desigual das ruas, lá se vai a padiola para o Pedro II, lá no extremo dos Coelhos.

Cartões postais

Foi uma aguda mania.

Não se falava noutra cousa.

— Você já tem a coleção de Romeu e Julieta?

— Comprei ontem na Livraria Francêsa. Linda mesmo!

— E a do Casamento infantil, hein?

— Titia Nana me deu.

— A Bela Otero eu não arranjei ainda. Tenho pelejado. Fui na Maison Chic, tinham vendido o ultimo. Só no vapor da semana que entra.

— Agora ha uns postais de veludo, já viu? Mas, são caros! Custa uns deztostões. Vi no album de Mocinha uma porção.

— Tambem, ela é noiva. Recebe de presente quase todas as noites coleções e mais coleções.

— Meu album está tão atrazado... Comecei em Janeiro.

As conversas não variavam muito. O tema era esse na certa. Visita que se fizesse a alguem seria infalivel ter de apreciar os albuns da dona da casa, das filhas, das creanças, da tia solteirona, e até da criadinha de estimação.

Absorvera a mania velhos e moços.

As permutas de postais cresciam dia a dia. Havia verbas nos orçamentos domesticos para isso. Punham-se anuncios nos jornais e nas revistas filatelicas. O correio

via os carteiros entisicarem ou pedir licença estafados de carregar postais. Vinham esses retalhos ilustrados da China, do Indostão, da Guiné, de Mato Grosso, do Transvaal, da Groelandia... E iam para lá outros tantos.

Nos dias de chegada dos vapores da Europa as livrarias do Recife enchiam-se de colecionadores desejosos de serem os primeiros a examinar e escolher as novidades. E mal se abriam as caixinhas de papelão, mãos avidas arrebatavam os sedosos envelopes e olhos ansiosos perpassavam pelas ilustrações dos novos postais. A separação se fazia imediatamente e quando só havia um exemplar de certo postal mais artistico ou mais interessante, trocavam-se frases asperas, fechavam-se caras e nasciam inimizades que hoje talvez ainda perdurem.

Surdiam postais de luxo, em setim, veludo, pelucia, penas, cabelos, mica, aluminio, madeira. Figuras em relevo. Retratos de artistas celebres dos teatros parisienses em atitudes graciosas ou provocantes. Coleções de assuntos sentimentais, humoristicos, historicos, brejeiros, religiosos, facêtos e sensuais.

E o dinheiro a fugir dos bolços dos maniacos.

Houve quem saisse á rua para comprar um par de sapatos e levasse a historia emotiva do primeiro dentinho, do primeiro sorriso, da primeira palavra do filhinho; aconteceu uma moça precisar de umas marrafas para os cabelos e preferir ficar arrepiada contanto que adquirisse a maldosa coleção do dia do casamento, desde a saída da igreja até o beijo por baixo do véo junto ao leito nupcial.

E as resingas, as invejas, os despeitos, as maledicencias?

— Você soube? Deolinda conseguiu sempre o postal da Cléo de Merod. O que falta no seu album...

— Podéra não. Eu não vivo conversando no escuro com os namorados, no fundo do quintal...

— Olhe essa lingua!
— Digo porque é verdade.
— E si for falso?
— Melhor para ela.

Os postais do mesmo modo que serviam de élos para as amizades de extranhos, através dos mares, prestavam-se para atiçar rancôres e perfidias entre visinhos de "parede e meia". Bons para longe, ruins para perto.

E o peor não foi isso. O peor foi a mania dos pensamentos que se seguiu. Pensamentos que deram que fazer a muita gente para escrevel-os e lel-os...

Ia um rapaz fazer uma visita, contente, disposto, esperançado de um namoro, de um casamento aproveitavel. A familia esperava-o e recebia-o na classica sala de visitas varrida e espanada de manhãzinha. Nem uma teia de aranha, nem uma macula de poeira. Os biscuís arrumadinhos nos bibelôs. O espelho de moldura oval com uma lira em cima. Os consólos com porta-retratos e jarrões de louça. Pendem das janelas cortinados de rendas presos por fitas côr de rosa em arregaços. No centro da sala uma jardineira de tampo de marmore com um candieiro belga.

A visita senta-se numa cadeira de braço. Conversa-se.

E aparece a filha mocinha, de vestido claro, saia pelos pés em sinal de puberdade e promessa de casamento, faixa na cintura, cabelo armado em cóque, um ramo de angelicas ao peito. Não é feia, tem sua graça. Cheiazinha de corpo.

E com um pai que é dono de um armazem de recolher muito afreguezado na praça, perto do cais da Companhia Pernambucana.

Dali a pouco fala-se em postais. E a moça, sorrindo,

traz do quarto, muito cheiroso e azul o seu album. Abre-o numa pagina já escolhida e exige:

— Escreva seu pensamento neste aqui.

Surpreendido, vexado, confuso, o rapaz tenta uma desculpa. Mas o velho apoia a filha:

— Ora... O sr. é quase doutor. Deve ter pensamentos bonitos. Escreva.

E a mamãi toda doçura:

— Ele até faz versos, Cazuza. E' poeta!

A moça, bonita; a futura sogra, camarada; o velho, rico.

Que geito? O pensamento mesmo banal, mesmo logar-comum, tinha de sair.

O diabo era quando o assunto do postal não ajudava.

A um conhecido estudante da epoca uma senhorinha pediu que escrevêsse num postal assim: — uma porca amamentando oito bacorinhos...

O primeiro automovel

— Minha gente, lá vem o automovel!

Enchiam-se janelas, portas e calçadas. Povoavam-se de impeto as esquinas. Ninguem ficava dentro de casa sem pelo menos botar as cabeças de fóra. Doentes e sãos. Cada um vinha como estava dar a sua insaciavel espiadela.

Nas lojas os freguêses deixavam as compras em meio; os caixeiros de metro na mão acorriam aos passeios das ruas. Quem experimentasse um sapato aparecia com um pé calçado e outro não. E quem estivesse tomando banho mal se embrulhava na toalha ou na roupa, si não corriam nús sendo de idade em que não faz mal mostrar certas cousas.

— Lá vem o automovel! Lá vem o automovel!

E o extranho carro de longe se anunciava por um barulho danado. Parecia ter o motor na bôca.

Esse primeiro automovel que frequentou a cidade do Recife era do dr. Otavio de Freitas, cientista e homem de letras notavel. Da marca Renault, iluminado a carburêto, com alavancas de marcha exteriores. Tinha o formato de uma "vitoria" e só acolhia duas pessoas. Ao lado do guidão ficava um tubo de borracha que servia para buzinar.

Não me recordo da côr que era pintado, mas não me esqueço do quanto nos pareceu bonito. Tanto quanto hoje nos pareceria grotesco.

Já lá se foram bem trinta anos. Cousa de 1903.

Mal ele apontava todo mundo recebia aviso. A barulheira não se fazia rogada. Acrescida pelo atrito das rodas no calçamento primitivo e irregular do antigo Recife.

O povo admirava-o|

— Bicho medonho para correr!

Não corria de mais, porém, na epoca, em materia de aviação urbana, a medida de comparação era o bonde de burro e a carroça de boi.

O mais garboso e distinto veículo da epoca era o coupê. Preferido para os atos solenes, principalmente para a condução de noivos da igreja ao ninho. Havia um reservado a esse transporte nupcial, todo branco por dentro, enfeitado de raminhos de flôres de laranjeiras. O landô, de quatro lugares fronteiros, tambem gosava de credenciais de luxo. O této era movel, de geito a se poder andar nele de capota aberta ou fechada. Puxavam esses carros parelhas tratadas, gordas, alvas, com arreios lustrosos. No alto das boléas os cocheiros vestiam sobrecasacas com botões dourados e cartolas. As vitorias para duas pessoas seriam mais comuns. Usadas geralmente nos

enterros. Os cabriolés distinguiam os medicos. De longe ou vasios todos os reconheciam:

— E' o cabriolé do dr. Malaquias.

Ou é o do dr. Pitanga.

Os derradeiros carros a cavalos que rodaram pelo Recife foram os do Agra, já avelhantados, rôtos, sujos, decrepitos. Serviam para o acompanhamento dos defuntos ao cemiterio de Santo Amaro. Uma verdadeira decadencia. Até os bolieiros foram perdendo a elegancia dos trajos e substituiram os chapéos altos por feltros ordinarios e ruços.

O automovel varreu tudo. Coupês, landôs, berlindas, vitorias e cabriolés. Nem mesmo os carros funebres escaparam. Hoje, o proprio morto vai para a cóva a trinta quilometros a hora...

A primeira carruagem vista pelos olhos curiosos dos recifenses de antanho foi a trazida de Lisbôa pelo bispo d. Diogo de Jesus. Em 1785. A esse tempo os lórdes da terra, autoridades, assucareiros, senhores de engenho, ricaços de toda sorte, si não queriam democraticamente andar aos encontrões com os escravos, utilisavam-se das rêdes protegidas por toldos de panos finos e suspensas de uma longa cana de angola que vinha aos ombros de dois pretos. Eram as "tipoias" e "serpentinas".

As donas e sinhazinhas preferiam as "cadeirinhas de arruar" ou os palanquins. Mais bonitos e discretos. Alguns, mesmo, verdadeiros mimos de arte, requintes de talha, de pintura, de estofos. Naqueles bojos forrados a damasco ou sêda, com as portinhas franjadas, passeavam as nossas graciosas e pouco vistas conterraneas do seculo passado, indo ás missas dos domingos, aos sermões da quaresma, ás festas de igreja ou ás ceremoniosas visitas.

O alvoroço dos recifenses deve ter sido imensuravel

nesse dia em que apareceu nas ruas a carruagem do prelado. As rotulas de xadrez das casinhas terreas e os postigos em charneiras dos sobrados, abriram-se mansamente para o surgir dos rostos esquivos e timidos das mulheres de todas as idades na ansia natural de ver a espantosa "ségе de arruar de quatro rodas".

Uma maravilha!

— E' o carro do senhor bispo!

Umas ajoelhavam-se, outras, benziam-se. Os escravos paralizavam os trabalhos para admirar tambem. E na cidade inteira não se falava noutra cousa.

Todavia, conta ainda Pereira da Costa, em 1817 só existiam no Recife seis veículos dessa especie.

Banalizaram-se depois. A ponto do Carapuceiro, folha satirica, publicar:

Traquitanas, carros, séges,
Cabriolés e carrinhos,
Obstruem dia e noite
Os populares caminhos...

Tal e qual hoje os automoveis.

Em 1903, o do dr. Otavio de Freitas passava triunfante, singular, inedito, estupendo. Os carros de cavalos ficavam enfiados de rodar ao lado dele.

Aquilo, sim. Ultima palavra.

A' noite, nas calçadas das ruas Velha, Intendencia, Soledade, Hospicio, "salas de visitas" das familias bonancheironas e caseiras, gente que muitas vezes nem tinha "roupa de sair", reuniam-se os visinhos e compadres para comentar os fatos do dia:

— Ouvi dizer que o diacho foi da rua do Crespo á Passagem da Madalena em 15 minutos!

— Minha Nossa Senhora! Que desadouro de correr!

— E' capaz de ir a Caxangá em meia hora...

— Si é! O capêta vôa, d. Inacia. Não viu ele inda não?

— Vi não. Me disseram que ele passa todas as manhãzinhas para o hospital, mas é pela Santa Cruz.

— Adonde foi que o dr. Otavio comprou esse automovel?

— Em Paris.

— Logo vi... Oh! terra para mandar novidades! Cada móda!

— Ela manda até os meninos-novos nas cestinhas...

— Zéca, olhe as meninas ali perto. Tranque essa bôca...

— Mas, isso de automovel não péga, não, compadre.

— Móde o que?

— Fogo de palha... Vem esse e babau, acabou-se. Só de amostra...

— Eu tambem acho. Então, aqui neste Recife: Isto é um logar que não dá mais nada... Daqui para traz, vocês vão ver. Já se foi o tempo das vacas gordas. Me enforquem neste lampeão si alguem comprar outro...

— Depois, um carro com dois cavalos, deixem lá, tem outra beleza. Mais importancia. Num casamento, num batizado...

— E um medico, minha gente? Tem geito um doutor como o dr. João Paulo, como o dr. Pontual numa geringonça daquela?

— Tem não. Medico só de cabriolé. E' o que assenta com o croisê e a cartola. Automovel só para esse dr. Otavio que anda de paletó saco e chapeu de palhinha. Sabe lá tratar ninguem...

— Eu de meu não quero ele junto de minha cama.

— Nem eu, Pai do Céu.

Uma mocinha dá um aparte:

— Pois eu, papai, tenho medo é desses doutores babaquaras, todos de preto, com cara de heréges... Dr. Otavio é tão simpatico! Tomara que ele viesse aqui ver o reumatismo de Dindinha. Eu pedia a ele para dar uma carreira no automovel...

— Menina, deixe de dizer bobagens, ouviu?

— E' melhor pedir a Quiteria sua ceia e ir dormir. Vá logo.

Depois da filha ter tomado a benção aos pais e dado bôa noite aos visinhos, entrando.

— Conversa de gente grande nunca prestou para os ouvidos de uma mocinha de 16 anos.

O primeiro automovel que rodou no Recife ganhou fama e deu o que fazer. Sobretudo por causa do barulho do motor.

Até as mães, quando brigavam com os filhos pequenos, malcreados e chorões, ameaçavam assim:

— Cale essa bôca, ouviu? Sinão apanha uma surra das bôas com a correia de vóvó... Cale essa bôca, Você não é o automovel de dr. Otavio, não, ouviu?

Os velhos medicos

Era uma classe nitidamente distinta das mais a dos medicos no Recife de ontem.

Si hoje os doutores de curar se misturam com o resto dos mortais a ponto de só serem reconhecidos pelo anel de gráo, antigamente até uma creança os destacaria de longe pelo tipo, pelo trajo, pelo modo de condução.

Um medico nunca deixava de ser um senhor grave, de maneiras policiadas, vestindo um croisê preto, usando uma cartola espelhante e trazendo no bolço de cima um termometro aparecendo no seu estojo de metal. E, quase sempre, andava num cabriolé.

Fóra dessa apresentação respeitavel e reservada, pesada e escura, não havia geito de se ser medico, a menos que não se quisesse ser tomado a serio. Surgisse um de paletó saco, chapéu de palha, calça de flanela, flôr no peito, bengalinha, e estava perdido no conceito publico. Não entrava numa casa para ver um doente nem na hora da morte.

— Um pelintra!

Demais, o medico, com ser o aliviador dos males do corpo, era tambem o conselheiro nas doenças do espirito, nos máos bocados da vida, nos descarrilamentos de uma moça, nas loucuras de um filho, no virar de cabeça de uma esposa. Quando algum entrava num domicilio não se poderia afirmar tratar-se de uma febre palustre ou de um sarampo, porque talvez se tratasse de uma filha fugida ou de uma bebedeira do chefe da familia.

O amigo de confiança da familia intervinha tambem nesses delicados casos. Muitos havia que aos clientes antigos e bem amigos não tiravam conta. Contentavam-se com os presentes nos dias de anniversarios ou dos santos de seu nome. Uns botões para punhos, um relogio de ouro, uma carteira com monograma, um perú, um bôlo... Quando não recebiam uma casa ou um cabriolé.

A visita do medico revestia-se da maior solenidade. Alguem da casa o esperava na janela. E de repente o aviso:

— Lá vem o dr. Adrião!

Era o tempo dos doutores Veloso, Ermirio Coutinho,

Carneiro da Cunha, Bruno Maia, Santa Rosa, Pontual, João Paulo, Berardo, Batista de Carvalho, Pereira da Silva, Leopoldo de Araujo, Barros Carneiro, Raul Azedo, Nunes Coimbra.

O cabriolé parara no portão. Descera o facultativo.

Transpondo o jardim com ares de quem é familiar ao ambiente, abre uma porta, limpa os pés no capacho de côco com um "Entre" em letras azues, tira a cartola, entrega-a á copeira, abraça a dona da casa, bate no ombro do compadre, afaga os rostos das "meninas" que vira nascer e já estavam umas moças feitas. Levam-no em seguida ao quarto do doente, o Juca.

— Ontem começou com uma dôr de cabeça, tremendo, todo encolhido, sem querer brincar... Demos um chá de sabugueiro com aconito, botamos um sinapismo... E a febre subindo. A noite inteira sem pregar olhos. Por isso hoje Totonio mandou chamar o dr.

Em róda tudo se prepara. O jarro do lavatorio cheio, a bacia de porcelana com agua mudada, a toalha limpa, sabonete novo. E todos de roupas cheirando a baús.

O medico bota o termometro na axila e tira o relogio do bolço. Emquanto espera, conversa com os pais. Gaba uns sapotis que recebeu ha dias.

— Foram aqui do sitio.

— Excelentes!

Depois indaga si têm ido ao Santa Isabel. A Companhia dramatica é magnifica. O drama "João José" esteve soberbo. E "A Dama das Camelias"?!

38 e meio. Auscuita o medico. Tussa. Respire alto. A lingua? Vamos ver a garganta.

Trazem uma colher de sopa.

Sai do quarto com o compadre. Não é cousa de mais. Uma influenza. E na mesa de jantar onde já o

espera uma folha de papel almaço, um tinteiro e a caneta de pena nova, receita: oleo de ricino, antipirina, xarope de tolú. Quando se levantar da cama: emulsão de Kepler.

— Cuidado com o vento encanado.

O dr. reabotoa o croisê. Aceita um licor de genipapo feito pela comadre. Dá ainda uma prosazinha. E depois faz despedidas. Novo abraço na dona da casa que lhe pergunta:

— Ele pode tomar um caldozinho de galinha?

— Hoje, não. Somente chá com torradas. Deixe passar a febre.

Bota a cartola e sai.

O cabriolé roda á primeira chicotada do bolieiro.

Sinha Generosa, que criou o Juca, diz para a antiga patrôa:

— Não vá só atrás de medico, não, d. Yaya. Dê ao menino, tambem, uns gargarejos de tansagem...

As bandas de musica

Quem passase á noite, a uns trinta anos atrás, na rua do Imperador, no trêcho que vai de 1.º de Março ao largo do Espirito Santo, ouviria de um sobrado os toques de ensaio de uma banda musical que não se afinava nem se harmonisava nunca.

Era uma verdadeira discussão entre as trompas e os pistons, os pratos e os clarinetos, o bombo e a requinta, os rufos e os trombones, numa promessa confusionista e gutural do que hoje se chama jazz-band.

— Lá está a musica do Major Pataca ensaiando — explicava um transeunte.

— E' a Espanta-Ratos... — coloria melhor um outro.

E, com entusiasmo e ruido, a banda fazia das suas até por volta das 10 horas da noite, quando as ruas centrais da cidade já escuras e quietas dormiam a sono solto.

O major Pataca, membro cioso da extinta Guarda Nacional, mantinha a sua filarmonica máo grado os insucessos das suas tocatas em publico e da ironia popular quando a via desfilar pitorescamente assustando a população roedora dos velhos sobrados da rua do Imperador. E, para o seu presidente a gloria dessas saídas para uma festa ou uma manifestação, só se comparava á dos dias de procisão dos Passos em que revestia a farda de major, punha o boné de banda, a espada á cinta e lá se ia acompanhar o andor do Bom Jesus.

Duas bandas musicais, porem, existiram no Recife que mereceram o realce, a fama, os aplausos e os partidarismos que provocaram: a Matias Lima e a Charanga do Recife.

Quando deixavam as sédes, no garbo dos fardamentos impecavelmente brancos e gomados, com o instrumental a reluzir, os dobrados explodindo em harmonias após uma pancada em cheio no bombo — a cidade alvoroçava-se.

Janelas que se abriam, varandas que se povoavam, calçadas que se enchiam.

— Será a Charanga, minha gente?

— Que nada! E' a Matias Lima.

Tróca de olhares acerados. Depois, jubilo triunfal no rosto de um, muxoxo de desdém nos labios de outro.

E a banda passava, num ritmo elegante de sapatos brancos, numa explendida perfeição.

A Charanga do Recife tinha sua séde na rua Nova; a Matias Lima, no Livramento. Da primeira, era mestre

afamado o professor Faustino; da segunda, o professor Lourenço Silva.

Ambas excelentes, caprichosas, estimuladas. Ambas com os seus louros. E os seus partidarios. Por isso mesmo, viviam em resingas.

Aos domingos, si alguma delas ia tocar na famosa retreta da praça Republica, garantia-se a elegancia e o vulto da assistencia. Lá se achava a fina sociedade recifense, por entre as palmeiras do parque, pelos banquinhos de madeira, transpondo os portões do jardim, rodeando o corêto.

E, durante a tarde inteira, apezar dos insistentes pedidos da maxambomba ali perto, a Charanga ou a Matias Lima deliciava os ouvidos da gente madura daquela epoca e protegia o namoro dos maduros de hoje...

Em 1901, si não ha engano, houve um torneio musical entre as duas bandas rivais no jardim da Praça Maciel Pinheiro. Num 15 de Novembro. Anunciado, fez cocegas nos partidarios e despertou interesse nos imparciais.

Bandeirolas, luzes, canelas, gente muita.

As mocinhas das ruas do Hospicio, Velha, Intendencia, Sebo, Conceição, Cotovelo... vieram com seus vestidos brancos e suas faixas mostrar-se ao rapazio de jaquetão de golas de seda e sapatos de bicos aguçados...

As duas musicas chegaram, subiram para os corêtos entre palmas e vivas.

Tocaram o hino nacional.

E dali por deante o torneio foi uma cousa seria. Era cada peça de harmonia de espichar. Cada trecho de opera de fazer suar o adversario. Mas, a resposta não tardava. Tome uma sinfonia complicada, uma valsa deliciosa, uma marcha retumbante com um final barulhento e magestoso.

As batutas do Faustino e do Lourenço não se deixavam vencer. 9, 10, 11, 12 horas da noite e cadê que nenhuma das bandas queria descer do corêto?!

Corriam boatos...

Aquilo ia terminar em taponas!

Ou em tiros muitos, isso sim.

Ou em flandres da policia...

Familias, cautelosas, retiravam-se de manso.

Outras iam para perto das portas dos sobrados.

Os partidarios resmungavam.

Temperatura alta.

E as filarmonicas botando os repertorios para fóra. Os baúsinhos das partes musicais se esvasiando.

Palmas... Ramos de flores... Vivorio.

Quase uma hora da madrugada.

A Charanga tocara uma peça de harmonia lindissima, dificilima, gabadissima. A Matias Lima iniciara outra que não ficava longe.

E foi quando um delegado de policia, sensato, calmo, conciliador, interveio no torneio para evitar maior pancadaria no fim. Nenhuma das bandas deceria primeiro do corêto.

Desceriam e saíriam juntas.

Novamente o hino nacional.

E já com o friozinho da madrugada, a Matias Lima e a Charanga do Recife, cada uma batendo um dobrado nervoso, esquentadiço, formidavel, o que ainda constituia uma provocaçãozinha, lá se foram vitoriosas, elegantes, afinadas, para suas sédes em Santo Antonio.

Desses ciumes e dessas rivalidades a musica do major Pataca estava livre. Ninguem a ouvia.

Uma outra banda musical interessante e original do velho Recife foi a que existiu em certo arrabalde. Tinha

séde numa casinha de taipa de uma rua modesta. Passava o ano inteiro a ensaiar, duas vêses por semana, afim de tocar na grande festa da padroeira local.

Nas terças e nas sextas-feiras, por volta das 8 horas da noite, lá estava o conjunto de amadores a acertar os instrumentos, a se apurar na execução de um dobrado, de uma valsa, de um pas-de-quatre. Não saía nunca para parte alguma. A tocata de exito seria na festa da padroeira. Trocavam-se idéas sobre o figurão que iriam fazer junto ao 14, á Policia, á Monteirense...

Nas vesperas, engomavam-se os uniformes, mudavam-se as fitas dos bonés, passava-se sapolio no instrumental...

Os musicos já andavam pelo arrabalde com um ar de triunfo. Mas todos os anos era assim: — no dia da saída, estalava uma discussão, explodia uma inveja, adoecia um trombone, ou o bombardino, caía uma trovoada... E a banda não punha o pé na rua.

Resignado, calmo, o mestre coçando os cabelos grisalhos, murmurava: — Tem nada não, minha gente. Fica para o ano que vem...

A Briosa

Os oficiais passam á tarde do domingo pela rua do Cotovêlo. Vão de fardas brancas, bem gomadas, de bonés com vivos verdes, bancando marcialidade, mas sem um certo geito.

E logo de uma janela para outra esclarece uma moça á visinha: — O do meio é "seu" Luiz, caixeiro da Loja das Listras; o da ponta é aquele rapaz que vende bichos ali na esquina e o do canto me pareceu Agostinho do açougue.

Eram tres noveis oficiais da briosa. E estreavam os fardamentos feitos na rua das Trincheiras.

Todos tres pacatos jovens. Tinham pago recentemente as patentes de alferes e aproveitavam o domingo para exibir os seus titulos.

Na epoca o sonho dourado de muita gente foi ser da Guarda Nacional. E por isso a nobre milicia que tão fortes e valorosos serviços prestara á patria andava ultimamente transformada numa caricata organização de batalhões que contavam apenas com oficiais e estes, em geral, tão extranhos e avêssos á ciencia militar como o seriam ás regras da gramatica chinesa.,

As nomeações constituiam premio politico, sinal de prestigio ou consolo de vaidades. De quando em quando formavam-se novos regimentos das tres armas nas capitais e no interior e lá vinham os nomes da oficialidade.

Houve gente incapaz de assistir a uma extração de dente nomeada capitão cirurgião; individuos de vidas desorganizadas distinguidos como majores-fiscais; tipos que em casa não eram obedecidos nem pelas creadas elevados a coroneis comandantes; e um camarada residente no alto sertão, nunca tendo visto um canhão, e até medroso dos buscapés de São João, escolhido para tenente de artilharia.

No Recife de ontem os oficiais da G. N., crismados irreverentemente pelo povo de "não sou nada", tratavam logo de adquirir farda, dragonas, talins, espadas, penachos e aproveitavam os domingos para passear a importancia belica ou as procissões para marchar atrás dos andores.

E lá se iam cheios de si, de peitos estufados ou de corcovas á mostra, em pôses marciais ou em tropega andadura, de mãos nos punhos da arma ou tropeçando nas bainhas.

Nesses militares, garbosos ou achamboados, a população ia reconhecendo donos de lojas, despachantes de

barcaças, escriturarios de repartições, agenciadores de assucar, mestres de meninos, condutores de bondes, meirinhos do fôro.

Por volta de 1903 a mania ganhara a mocidade. Emquanto os maduros e velhos ostentavam os galões de coronel e major, os rapazes se contentavam com as patentes de alferes e tenente, mais comodas de preço. Viam-se, então, nas retrêtas da praça da Republica, nas festas de Santa Cruz e Poço, nos pastoris da Torre, nos mêses de maio, nas noites de Olinda, a safra de oficiais jovens, janotas, guapos, provocadores...

Os novos cadetes de Gasconha... Contava-se, porém, que um desses alferes de olhar feroz para os civis namorava uma mocinha de uma rua boavistana, menina rica, bonita e filha de um senhor cioso de sua autoridade paterna. O "pelintra" insistia. Olhares, sorrisos, sinais.

Uma tarde ele passou por lá fardado e de espada. Viera de uma procissão. Um sinalzinho dos tais. Um desafio para o pai da moça, de mão no copo da arma.

O velho saiu a rua, disposto.

— Menino, deixe ver essa espada.

— Sr.! Eu sou um...

— Deixe de bobagem. Me dê e logo, ouviu seu pitiguari de boné?

A exigencia fôra pronunciada num tom decisivo, o rapaz olhou para os lados, viu a visinhança nas janelas, a namorada no portão quase chorando, e o velho com uma cara sinistra.

E o geito foi entregar a arma.

O primeiro avião

O Recife viu o primeiro aeroplano em 1912.

Trouxe-o o francês Gino San Felice. Um aparelho Bleriot. E a pista do velho Hipodromo do Campo Grande serviu de campo de aviação.

Tarde memoravel a do vôo de estréia desse aviador gaulês na terra pernambucana.

Até então tinhamos visto o balão que subia a esmo e ia cair aonde o vento o levasse. Agora, porém, seria uma nave domada pelo homem. E o fruto do invento de um brasileiro.

Os bilhetes para entrada no prado eram vendidos no Helvetica. Uma romaria de gente, encomendas, disputas, zangas, empurrões. A Trilhos Urbanos botara nas linhas de Olinda trens de 15 em 15 minutos. Os carros puxados a cavalos foram todos alugados. E alguns automoveis que já existiam na epoca exibiram-se com familias lórdes, causando inveja á maioria que ainda não provara o gostinho de "andar naquilo".

As arquibancadas do Hipodromo não aguentavam mais ninguem. Meninos vendiam "bolas de cambará" e "surpresas".

O general Dantas Barreto, governador do Estado, compareceu tambem. Ao chegar, a banda do 49 rompeu com os acórdes vibrantes da "Vassourinha" que fôra o hino revolucionario na campanha pró-Dantas ainda recente. E o povo, com o mesmo entusiasmo de um ano antes, nos dias sangrentos e arriscados da luta politica, entoou em côro:

Salvai, salvai, querido general
O nosso Estado das mãos do traidor.
Vem libertar um povo escravisado
Vem semear a paz, a luz, o amor...

Todos os olhos cravaram-se no avião que aguardava em meio da pista a ordem mecanica para voar.

Ás 5 e 18 a helice foi posta em movimento com grande estrepito. Gino, com a indumentaria caracteristica, pula para a cabine. O avião dá uma carreira, deslisa, desprega-se do sólo, alteia-se, vôa... Aplausos. Extasiamentos. Delirio. Comentarios!

400 metros de altura. 11 minutos no ar.

— Parece impossivel!

— Quase um quarto de hora voando, minha gente!

— Breve voar-se-á uma hora inteira.

— Vai-se daqui a Maceió num instante...

— Daqui a Maceió naquilo mesmo? Só eu vendo.

— Ora! Ha de se ir até na Europa...

— Deixe de maluquices!

O avião voltara. (Foi baixando, foi crescendo, foi caindo. E sentou de novo as rodas na pista para correr, para deslisar, para ficar quieto.

Um assombro!

E fôra Santos Dumont quem inventara o avião!

Todos se lembravam da passagem do aviador patricio pelo Recife em 1905.

Cheio de glorias o pai da aviação regressava do Rio a Paris. Viajava no paquete francês Atlantique que fundearia no Lamarão ás 4 da tarde. No tempo em que os transatlanticos ficavam lá fóra, no ancoradouro externo, longe do farol, ao sabor das ondas do alto-mar. Subia-se

a bordo ou dele se descia numa grande cesta pendurada no guindaste, como uma lingada de xarque ou de assucar.

A Linguêta desde cedo ficara repleta. Havia ido ao encontro do Atlantique um vaporzinho da antiga Companhia Pernambucana de Navegação: o "Beberibe". Embandeirado. Cheio de gente. Com a banda do 14 de infantaria. Em pleno oceano o vaporzinho jogou á vontade. Mar picado, vento aspero. O enjôo contagiou quase todos. A musica nem pôde tocar porque as bôcas estavam ocupadas...

5 horas... 6... E nada do paquete francês apontar. A espera demasiada impacientava.

Embora ninguem desistisse de ver o brasileiro que assombrava os parisienses e que inventara um gafanhoto para voar em cima dele. Quem não sabia das proêsas que Santos Dumont fizera em róda da Torre Eifel?

Disfarçava-se a ansiedade. Escurecêra de todo. Os minguados lampeões a gaz da Linguêta mal conseguiam alumiar o cáis. Havia gente trepada nas gameleiras. Os sobradões tambem de lotação completa.

Por fim um grito:

— Lá vem o vapor!

Vinha mesmo. Iluminado, bonito, puxando. Eram mais de 7 horas quando Santos Dumont botou o pé na rampa de Linguêta.

O povo arroxou.

Dizem que o aviador trajava terno de casemira escura, listrada, luvas amarelas, colarinho duplo, chapéu de chile — colarinho e chapéu que fizeram moda. Poucos viram o "homem", porque ele com medo da multidão, procurou fugir ao entusiasmo popular. Levaram-no para a Associação Comercial e ali ouviu discursos quilometricos O menor e mais suportavel por isso mesmo foi o do me-

nino Gustavo Pinto, "aplicado aluno do Ginasio Aires Gama". Depois, pelas ruas escuras e mal calçadas do Recife de então, carregaram Santos Dumont até ao palacio do governo num landô a que o povo quis tirar os cavalos.

Um delirio e um banzé!

O homenageado, de olhos regalados, temia mais a asfixia dos patricios do que uma tempestade nos céus estrangeiros.

Clandestinamente trouxeram-no de novo ao cáis, por itinerario diferente do marcado.

— Cadê ele? — perguntavam.

Ninguem sabia.

Nada de homem. Nem rastro.

Quando se soube já ele estava a bordo do Atlantique, socegado, machucado, aliviado.

E olhava ainda para o pisca-pisca vermelho e branco do farol com receios de outra manifestação.

Em terra, 95% da população, de calos doendo e roupa amarrotada, não vira o grande aviador.

No tempo do cativeiro

Quando eu nasci a escravidão estava de dias contados. E não durou além dos meus dois anos de idade.

A percussão tenaz do abolicionismo fizera afinal o 13 de maio — a libertação integral de todos os cativos. Sem compensações nem apêlos. Lei radical, lei bem brasileira no seu impulso de humanidade, embora, talvez, grandemente errada pelas suas consequencias.

Pernambuco, como sempre, déra toda a veemencia do seu entusiasmo, do seu apaixonamento, da sua credulidade civica a essa generosa idéa, numa propaganda que fez epoca. E, por isso, recebeu a vitoria, tambem, com todo o impeto já conhecido de seu contentamento e seu aplauso, transformando um dia de festa numa semana, num mez de jubilos.

Uma cidade inteira de juizo perdido. Bandeiras, festões, luminarias, musicas, passeatas, aclamações, discursos, delirio de todas as classes. O Poço da Panela, onde morava José Mariano e sua esposa d. Olegarinha, parecia "o caminho do céu". Nunca se tinha visto tantas luzes.

Festa de um povo, festa do coração, festa da bondade. Somente dois grupos sorriam.

Um, de amargura ironica, o dos que ficavam sem os escravos.

Outro, de perfidia interesseira, o dos politicos. Si na minha pequena inteligencia de menino que mal andava não pude dar a minissima atenção a esses notaveis fatos circundantes, por isso que só me tentavam os brinquedos e o prato de pirão com ovo, todavia, ao crescer, fui ainda recebendo os reflexos de doçura, de bem-querer, de aconchêgo e mesmo de malicia de alguns entes da raça liberta.

Apareciam em nossa casa, para diferentes misteres, como fôssem lavagem de roupas, costuras, vendagem de frutas, tapiocas molhadas, pamonhas de garapa, ou mesmo para passar dias e obter um auxilio, creaturas de ambos os sexos que já tinham deixado de ser escravas. Eram, de preferencia, velhas pretas de saias de chita com florões muito vivos, casacos de madapolão enfeitados de bicos de côres, cabeções que traiam peitos volumosos visados por meus olhos maldosos, chales de longas franjas, rodilhas sobre as carapinhas, taboleiros apetitosos... Apareciam tambem mulheres mais novas, algumas seu quê de bonitas, ciosas de alforria e já vaidosas o bastante para se vestir melhor. Muitas delas vinham da casa de umas parentas nossas, boleiras afamadas, que possuiam, com sua ternura de solteironas, um verdadeiro ninho de negras e mulatinhas sob o mesmo této.

A criação das creanças era feita nesse ambiente de falas mansas, respeitosas, quase ciciadas, todas entremeadas de "sinhás-moças", de "minha branca", de "sinhazinhas" e "yôyôzinhos"... No aposento das pretas, sentado no chão com elas, eu ia muitas vezes saborear o meu quinhão de papa de mandioca ou a minha sopa de estrelinhas, ouvindo historias, fazendo graças, tentando ousadias maliciosas que os primeiros arremessos do sexo explicavam.

— Esse menino está ficando!

Havia risinhos, olhares, cochichos. Talvez por isso, como acentuava minha tia Nenem, eu só gostasse de andar "no quarto das negras". E não seria apenas por essa irresistivel atração sexual, ainda inconsciente, nessa epoca. Havia, sobremodo, a tolerancia dessas mulheres para minhas travessuras; a impunidade para minhas palavras feias, os "nomes" que me saiam da bôca, e não passavam de uns inocentes "diabos", "safadas", ou, quando muito, alusão crúa á parte do corpo mal afamada, embora de todo prestadia... Sem falar nas frutas que me davam, ás escondidas, e eu chupava com toda a delicia das cousas proíbidas, porque meus pais não consentiam que eu comesse uma manga ou um sapoti sem estar em casa "descansada" pelo menos um dia, e depois de se certificarem por todos os meios não haver pingo de suor na minha testa nem sombra de febre nas minhas axilas. Cuidados com filho unico...

O cenario da minha infancia lembrava a todo o momento a éra do cativeiro pelas figuras negras que me cercavam e me serviam. Eram todos aqueles entes efeitos ao trabalho, á dedicação, ao sacrificio mesmo, disciplinados, afetuosos, tomando-nos a benção á entrada e á saída.

Sob o nosso této havia mesmo um ex-escravo. Esse deixara de sel-o muito antes do 13 de maio, por alforria que lhe déra minha avó paterna a quem pertencia. O preto Izidoro. Docil, disciplinado e bom. Salvo quando, de raro a raro, tomava na rua uma bicada. Então, invertia-se-lhe de todo o feitio. Passava a resinguento, malcreado e valentaço. Mas, vinha, com a repreensão sevéra de meu pai, o sono precedendo o imenso e sincero arrependimento do dia seguinte.

Izidoro foi, talvez, dos corações humildes abrigados no nosso lar e que fartamente me queriam bem, o que mais

bem me quis. Depois de sinha Aninha, a alma bonissima que me creou. Quando eu ainda de braço, ele me acalentava até adormecer. E mais tarde, suportando os impetos da minha curiosidade a despertar, contava-me historias, ajudava-me nos brinquedos, explicava-me as cousas. Nas tardes de procissões ia comigo até a esquina da rua do Hospicio para que eu não me privasse de ver o desfile das confrarias, dos anjos, dos andores, das musicas. E, no outro dia, podesse melhor imital-as, com os primos, as creadas e até meu avô, cégo pelas cataratas, que, patetamente, se prestava a empunhar um cabo de vassoura e pôr uma coberta vermelha no ombro para "brincar" de irmandade...

Era o Izidoro caído pelos assuntos militares. Ponto sensivel de maior contacto entre nós. Mal a corneta do 14 tocava corriamos ambos á janela para assistir aos exercicios do batalhão. Essa admiração de Izidoro pelo exercito, pela marcialidade, era platonica. Nas epocas de recrutamento, fôsse para o Lopez, para a revolta ou para Canudos, ninguem se escondia melhor do que ele.

Contava-se mesmo dele um episodio comico. Na noite de 18 de Dezembro de 1891, pouco antes de estourar a bernarda do largo de palacio, Izidoro saira para comprar umas bolachas numa padaria da "Princêsa Isabel". De repente o tiroteio. E cerrado. Izidoro poz-se no mundo, de volta a casa, correndo... E de tal modo que ao chegar, das bolachas só trazia o papel do embrulho...

Da escravidão, foi esse o ambiente que conheci. Evóco, entretanto, o que Tolenare conheceu em 1816, desembarcando no Recife. Logo na Linguêta um "movimento continuo de negros que vão e vêm carregando fardos e se animando mutuamente por meio de um canto simples e monotono".

Ha nessa explendida e rapida pincelada do nosso visi-

tante de um seculo atraz como que um panorama da cidade inteira naquele tempo. E as estampas de Debret, com as gravuras litograficas do velho Recife, aí estão para ilustrar essa epoca do cativeiro, de que tantas crueldades se contam, mas de que, tambem, e maiores, tanta doçura, tanto aféto, tanta volupia, tanta dedicação se evola...

Dias depois á da chegada, Tolenare acrescentava: "Um pequeno mercado junto de uma igreja oferece a minha vista montões de raizes de mandioca, bananas, ananazes, cajús, mangas e laranjas. As vendedeiras, muito sucintamente vestidas, algumas de cachimbo ao queixo, preparam grosseiros manjares para o povo; a sua nudez não é atraente, a algumas, porém não falta graça e elegancia nos movimentos. Grupos de negros de todas as idades e sexos, vestidos de uma simples tanga, acham-se expostos á venda, deante dos armazens. Estes desgraçados estão acocorados no chão e mastigam com indiferença pedaços de cana que lhes dão os compatriotas cativos que encontram aqui".

O mercado de escravos situava-se no meio da rua. Havia um, por exemplo, em plena rua dos Judeus, hoje Bom Jesus, perto do antigo Arco e nas visinhanças do forte do Quebra-Pratos. Ali, os negros aguardavam a felicidade da compra... Porque tudo seria preferivel ao martirio dos 20 e 30 dias de travessia num porão de navio. Tresentas, quinhentas creaturas sem ar, sem luz, sem quase alimentos, entre todas as sujidades imaginaveis, vogando num mar crespo ou mesmo tormentoso... De raro em raro levavam eles todos ao convés para arejar e... dansar. Vendidos, era o consolo de um sitio, de um lar, de um engenho onde por vezes encontravam piedade e abundante pirão.

Não seriam comuns os "senhores" que marcavam a fogo, com um L na testa os que furtavam uma cana; os que mandavam aplicar 300 chibatadas por um simples res-

mungo; os que arrancavam todos os dentes de uma rapariga com ciumes do marido ou do noivo...

Koster dá testemunho pessoal de levarem os escravos, pelo menos no norte do Brasil, vida relativamente calma e feliz. Quer nos engenhos, quer nos sitios, os castigos ferozes rareavam. Havia até da parte de varios senhores, sobretudo os frades beneditinos, muito de compaixão, de cuidados e de carinhos pelos cativos que lhes pertenciam. A alimentação, si não passava da carne do Ceará com farinha sêca, todavia era farta. Os repetidos dias de festas religiosas, obrigando a folgas, amenisavam a labuta das semanas já compensadas pelos domingos. Isso não excluia de todo, é claro, a existencia de senhores que marcavam tarefas extraordinarias, quinquigús, só pelo gostinho ruim de puxar pelos braços negros. O pisar do milho para as cuscusadas, o desmancho das farinhadas, a limpa dos cercados, obrigavam, por vezes, fóra de horas, os infelizes escravos a um dobrado esforço. Mas, não seria pecado da maioria.

Certas regalias vinham vindo, mesmo, mercê dos sentimentos de brandura e de afêto das "sinhás-donas", das senhoras de engenho. Não fôssem elas brasileiras! Os filhos dos negros iam se tornando, cavilosamente, afilhados do pessoal da "casa grande" e essa dependencia de fundo afetivo e religioso garantia proteção, tolerancia, preferencia, quando não traduzia logo ao nascer o titulo de fôrro. No minimo a mãe recebia todas as manhãs uma garrafinha de leite "para o minino", ganhava uns retalhos de chita para timões, e ela propria tinha licença de na cosinha servir-se da comida dos patrões, para ajudar a criação. Mais tarde, trazia o filho para o terraço da "casa grande" afim de fazer perna com os dos meninos-brancos. E quantas vezes, sem saber, ou mesmo sabendo, a senhora de engenho não estava apadrinhando um produto das escapadas extra-con-

jugais do marido com uma creoulinha de azougue nos olhos e de manhas no espirito, ou um rebento das iniciações sexuais do seu "mais velho" criado á solta e muito rondador da senzala!...

Ninguem ignora que dos pombais negros saiu muito pombo côr de café, café com leite e, por fim, quase leite puro...

Essa mistura amolecia bastante judiarias. E que houvessem sido em maior numero os reinadores, os malvados, os "Judeus". Que os barões ou viscondes daquele tempo, tentando tapiar Nosso Senhor com as capelinhas vistosas, os altares dourados, as missas cantadas, as confissões diarias, metessem á vontade o bacalhau nos escravos, usassem o tronco, tangessem palmatorias de ferro, separassem filhos de mães... Deixemol-os quietos nos suntuosos tumulos, si só cinzas, ou padecendo no inferno, si almas tambem eram.

Lembremo-nos apenas da escravidão pelo seu aspecto de ternura, de pitoresco, de contrabandos... A escravidão das mães-pretas, toda mimos, dengos, devotamentos. O leite que escorria dos peitos negros e fartos para as bocas brancas e avidas. As vigilias junto dos berços. A defesa na ameaça das surras. A patetice deante do menino que se creou e que mesmo já grande, rapazinho ou mocinha, ainda parece o treloso ou a sonsa de ontem... Quem, daqueles tempos, não teve a sorte de possuir uma "mãe preta", como um anjo da guarda que contava historias, fazia guloseimas, escondia os malfeitos!

A escravidão que coloria o Recife antigo com as negras da costa vendendo pamonhas e cangicas de milho verde; com os pretos de tangas carregando para a maré os barris cheios de sujidades; com os pagens fardados de amarelo ou vermelho conduzindo os palanquins das sinhazinhas; com as creoulinhas de vestidos de bolas levando escondidos

os bilhetes de amor de "Yaya moça"... No interior das casas, as "sinhás" liam romances de amor estiradas nos marquezões de jacarandá, rodeadas pelas cativas, de cocoras nas esteiras de pipiri, fazendo rendas ou bordados. Nas cosinhas, outras cativas preparavam os quitutes aprendidos na sua terra, com muito azeite de dendê e pimenta, que se comiam com as mãos aos bolotes nas ceias de garfo...

Os escravos, no Recife, como que obedeciam a duas classes: os que prestavam serviços domesticos, como cosinheiras, engomadeiras, copeiras, amas de criação e outros misteres internos; e os que exerciam sua atividade nas ruas ou em tetos extranhos, por conta de seus donos, como os artifices, boleiras, carregadores, creados. Os donos auferiam os rendimentos dessas tarefas, ou, pelo menos, parte deles.

Essa gente ia tomando amizade ás casas e ao povo que nelas viviam. Quando o traço de união não eram as pessoas idosas, seriam as creanças. Acostumavam-se a rir com as alegrias da familia ou a chorar com os seus desgostos Molequinhos e negrinhas que nasciam, gatinhavam, criavam dentes, faziam trélas, floravam e murchavam sempre junto dos senhores. Os casamentos dos escravos realisavam-se sob os tetos dos donos e si as puxadas eram longe, os quarto agasalhavam os casais e tudo ficava em casa. E quanto aféto, tambem, não repontava nas almas desses senhores para com um "cabrinha" que ali se fizera homem, falando grosso, mostrando buço, ajudando os trabalhos, ou para com uma "cabrochinha" que já "ficara moça", endurecendo-se-lhe os peitinhos e exibindo maiores cuidados nas suas brincadeiras de esconder com os meninos maldosos!...

Um dia, a tentação, a cabeça virada, uma barriguinha empinada e a fuga, por amor ou por medo. E logo aparecia nos jornais um anuncio assim:

> "Fugiu de casa á Trempe da Soledade, pegada á botica, a creoulinha Joana, de 17 anos, muito vistosa para a idade, rosto redondo, fala mansa e descansada, com uma pinta no olho direito. E' muito habilidade em labirinto. Costuma trazer o cabelo penteado e gosta de usar chale. Quem souber dê noticias na casa acima..."

Havia uma promessa de 100$000 para quem pegasse a fujona e a ameaça de cadeia para os que a acoitassem. Tudo traindo, possivelmente, o egoismo da posse da prestimosa cativa, mas, talvez, o ciume dos seus encantos...

Porque, em verdade, se percebe, sem apuros de faro psicologico, na maior parte dos anuncios sobre escravas um cheiro sensual, um gostinho de carne, um quê de desejo ou de aceno sensual. Quer da parte de quem solicitava, quer da de quem oferecia. Ambos sabiam do quanto o elemento feminino côr de chocolate se infiltrava pela vida dos brancos.

> "Compra-se por 1:500$000 uma mulatinha que regule os seus 15 a 18 anos, que seja ladina, de bonita figura, com dótes para mucama".

Este outro:

> Vai á praça a bonita escrava Mariana, de 22 anos, nariz afilado, olhos grandes, regular estatura, de côr amulatada, sem doenças no corpo, muito esperta para o trabalho. Cose bem, cosinha, sabe ser doceira, e é traquejada em todos os serviços.

Sempre o ressalto dos dotes fisicos como chamariz para a venda ou a compra.

E quanta cousa mais de interessante havia nos jornais de dantes, nessa epoca da escravidão!

A loja do Pavão vendia estamenha de algodão mesclada, propria para vestidos e roupas de moleques, a 200 reis o covado.

De uma casa fugira um menino filho de escravos levando uma perna de ceroula por acabar.

Fugira do engenho Consolo no dia 28 de Dezembro de 1868 um escravo de nome João Maria que era dentuço, tinha um geito no pé quando andava e comia com a canhóta.

Um negociante avisava que ia embarcar para o Rio, numa barcaça, o seu escravo cabra Joaquim com 27 anos de idade.

Apareceu debaixo de uma gameleira na Linguêta um negro coberto de feridas, quase nú e faminto, abandonado pelo senhor, por não prestar mais para o eito. Em Serinhaem morria uma escrava coberta de bichos.

Alguem trocava um escravo novo proprio para o serviço da guerra por uma escrava tambem joven e simpatica...

Alugava-se uma creoulinha de 16 anos para vender quitanda na rua. Comprava-se um moleque de 8 a 12 anos,

forrando-se no ato da compra, para ir ser pagem de um homem rico em Portugal, prometendo dar-se-lhe instrução e ordenado.

A este anuncio certamente acorreram candidatos como hoje aos empregos publicos. Liberdade, viagem á Europa e ordenado...

Um dos anuncios mais curiosos, porém, é este aqui:

"RAPTO"

"Na noite de 4.ª para 5.ª feira maior foi raptada uma escrava cabra de nome Guilhermina por um preto chamado Zuza, com barba de tres dedos de comprido no queixo inferior; é oficial de pedreiro e filho de uma negra bem conhecida por nome Maria, vendedeira de mocotó na calçada da matriz da Boa Vista. A escrava tem 24 anos, sêca, com um sinal assaz visivel em ambas as mãos, principalmente na esquerda, provenientes de queimaduras."

O homenzinho estava empenhadissimo em recuperar a sua Guilhermina. Tanto assim que, impaciente e zeloso, voltou a publicar o seguinte anuncio aditivo nas folhas de uns dias depois:

"Avisa-se constar que o preto Zuza, raptor da escrava Guilhermina, raspou a barba do queixo inferior".

O Zuza já previa a epoca da cara raspada. E a Guilhermina teria feito as sobrancêlhas?

E agora um episodio da abolição. No auge da ação

bemfazeja do Clube do Cupim, a associação abolicionista de José Mariano, Paula Mafra,, Numa Pompilio, João Ramos, Guilherme Pinto, Barros Sobrinho, Fernando de Castro, Sebastião de Arruda, Alfredo Pinto e tantos outros. Agiam em silencio, manhosamente. D. Leonor Porto e d. Olegarinha davam-lhe o apoio de seus corações altruisticos. Muitas joias transfomaram-se em auxilios para alforrias e fugas. As barcaças saiam do Poço de Panela, perto da casa de José Mariano, cheias de capim, porém, com escravos por baixo, escondidinhos.

Quantas peripecias arrojadas, penosas e tragi-comicas nesse afan de dar liberdade aos escravos!

Uma delas: Furtaram de um barão cativa que muito lhe merecia por ser excelente doceira. Pelo menos, por isso. O titular, muito caído pelos pasteis-de-nata e bons-bocados que a rapariga preparava, deu o desespero. E não poupou providencias nem gorgetas para prender a fujona. A policia poz vigias nos pés das pontes, junto ás barcaças, nas estradas de Olinda, de Caxangá, do Cabo. E nada!

José Mariano, João Ramos e Azevedo Marques agiam. Levaram a escrava para um sobrado. Retocam-na de pó de arroz, de carmim; vestem-lhe um trajo fino de modista; põe-lhe um chapéu de plumas e um véu de bolinhas; calçam-lhe uns borzeguins da moda... Ficou uma francêsa. E numa tarde, Azevedo Marques de braço dado a essa "francêsa" atravessa a cidade, de rumo á Linguêta, onde havia uma embarcação á espera. Na rua do Crespo, esquina do Krause, avistam o barão que dá uma prosa com outros graves titulares, sobre errados rumos da politica do paiz. E sobre moral... A mulata estremece:

— É meu senhor-branco!

— Tem nada, não, rapariga. Faça-se de forte. Finja que não conhece ele.

Sustentam o passo e a figura. Avançam. Enfrentam o barão. E Azevedo Marques, tirando a sua bacorinha, saúda-o com reverencia:

— Senhor Barão, meus cumprimentos!

O fidalgo, não menos circunspecto, levanta a cartola, e retribue:

— Senhor Marques, bôa tarde.

E inclinando-se, gentil:

— Minha senhora, meus respeitos.

Foi só.

O par afastou-se caminho da ponte do Recife.

E lá se foi, para sempre, a doceira do Barão.

Como o Recife viu a Republica

A principio ninguem levou a historia a sério. Nem os zangões da praça que bebiam umas botijas de cerveja preta nas mesinhas do shipchlander da Linguêta, nem os armazenarios de algodão do cais da Companhia Pernambucana entretidos com um grosso embarque no vapor Jacuípe, nem os trapicheiros do largo do Corpo Santo ás voltas com uma partida de manteiga francêsa em despacho sobreagua na alfandega, nem os corretôres da rua do Comercio mais interessados em fechar negocios nos bancos ao cambio de 27 1/2.

Não se alterou o rítmo da cidade naquela sexta feira 15 de novembro de 1889 com a noticia de um telegrama afixado na Linguêta.

— Que republica que nada!

— Isso é pomada dos jornais...

— Lá na Côrte pensam que nós somos matutos.

— Um barulho de bobagem da trópa de linha. A esta hora...

— Com o Ouro Preto ninguem póde. Aquele tem tutano!

E cada um tomava o rumo das suas ocupações num ar de descrença, de argucia, de ironia.

Continuaram a rodar as compridas carroças puxadas a bois atulhadas de sacos de assucar, continuaram os armazens de estivas da rua do Amorim a vender o seu vinho particular do reino a 7$000 o garrafão de tres canadas, continuaram as lojas da rua do Crespo a oferecer espartilhos finos com um tóque por 5$000, capelas para noivas, com véu a 6$500, carriteis de linha para maquina a 60 reis, ceroulas francêsas a dez tostões, córtes de casemira a 3$500, seda palha a 1$000 o covado e roupas de banho para senhoras a 10$000...

Tudo calmo.

Na propria rua do Imperador, sempre influida com essas novidades politicas, a cousa não lograra o acolhimento merecido. Havia gente ás portas da Provincia e do Norte, mas, sem entusiasmo. Conservadores e liberais espalhados pelas calçadas. escorados nos predios de esquinas, ás mesas dos cafés, entreolhavam-se tomando o faro dos acontecimentos. Aquilo talvez não passasse de uma simples queda de gabinete... Para que expansões fóra de tempo? Nada de atitudes precipitadas. Populares desocupados tambem se postavam ao longo da rua do Imperador curiosos dos "boatos". Apenas um grupo de republicanos, com a vontade natural da vitoria, dava tudo como uma realidade. E procurava contagiar o povo com o seu jubilo.

— É a republica mesmo?

— Ainda tem duvida, meu amigo? Não viu o telegrama?

— Sei lá...

— Então, ignora o que anda de quente pelo Rio de

Janeiro? A questão militar serissima... os generais desgostosos... a trópa toda humilhada pelo governo imperial... o 22 de infantaria mandado para o Amazonas... o imperador a fazer do Brasil uma senzala... Que quer mais? A vasilha encheu de mais... estourou...

— Sei de tudo, de tudo... Mas, republica?... Pedro II é muito estimado.

— Que estimado, meu amigo! Um tirano, um reprobo, um traidor. Só enxotado deste paiz.

— Enxotado? Na fôrca. Ele e todos os monarquistas.

— Nem merece fôrca. Um banana... Tirem-lhe o trôno e vejam como o Brasil vai progredir.

— Sei lá... sei lá...

O dia inteiro foi para comentar o acontecimento e aguardar novas noticias. Em todas as ródas só se falava na republica. E vinham á baila os episodios mais tipicos da propaganda republicana no Recife. Lembrava um a passagem pelo Recife de Silva Jardim na mesma data e no mesmo vapor, que trouxera o Conde d'Eu, por sinal o "Alagôas" tornado historico dentro em breve. Emquanto o principe consorte recebia no palacio do Campo das Princêsas as homenagens oficiais, o ardoroso propagandista, em toda liberdade, fazia um comicio flamejante contra a monarquia no pateo da matriz de Santo Antonio.

Outro recordava o assassinio de Ricardo Guimarães. Fato brutal e covarde. O conhecido republicano conversava com amigos na rua do Imperador, perto de uma gameleira quando recebeu um golpe subito e morreu. Pasmo na cidade, a principio, depois, revolta, indignação. Cercaram a redação da "Provincia" onde diziam estar homisiado o assassino. Correrias, lojas se fechando, ambiente de intranquilidade. A cavalaria, porém, veio para fóra do quartel e tudo serenou.

O pobre foi quem perdeu a vida...

Ainda havia quem se lembrasse do caso do Crispim. Este era um "jockei" famoso nas corridas do Hipodromo do Campo Grande e do Prado Pernambucano. Naquela epoca de fanatismos pelo espórte hipico e pelo tribófe. As tardes de domingos nos tres prados recifenses eram verdadeiras móstras de elegancia, de bom gosto, de beleza feminina. As damas tinham seus animais favoritos e iam animal-os nos pareos com seus gritinhos, suas palmas, seus entusiasmos. Os bilontras apostavam nos cavalos preferidos de suas "deusas". E, a par dos amôres permitidos, havia tambem outros clandestinos, verdadeiros tribófes sentimentais... Muito escandalo, muita separação, muita tragedia nasceu das arquibancadas desses prados. Um deles foi o do Crispim.

Cioso, envaidado, atrevido com as vitorias hipicas, ele apaixonou-se por uma moça de condição social superior á sua e raptou-a. Numa epoca de preconceitos ferrenhos, esse rapto foi uma bomba de dinamite no Recife. A familia da moça não poderia perdoar o ousio do "jockei" Antes vel-a morta do que unida a um méro montador de cavalos, digno de atenções quando metido na sua blusa bicolor e no seu boné vistoso, mas pessima aquisição para genro. E, deante da queixa recebida, Crispim foi preso e mandado para Fernando de Noronha.

A politica tomou conta do caso para dar-lhe uma feição partidaria. Ataca a imprensa republicana o governo pela "violencia" cometida. Todos se comovem. Crispim de um banal roubador da namorada passou a ser uma vitima da prepotencia monarquica, um martir. Ha comicios e juntas pró-Crispim. Nabuco, chegando do Rio, é convidado pelo povo em massa, numa passeata, para tomar conta da causa do "jockei". O grande abolicionista, com o seu senso da medida, e a sua polidez de diplomata, excusa-se

alegando ter estado ausente da terra natal e não conhecer bem a questão. Atacam-no. Chamam-no de monarquista. E o caso Crispim cada vez mais se acende, soprado pelos jornais republicanos. Fazem uma subscrição para o fretamento de um vapor que iria buscar o "martir" quando tivesse ordem de soltura. Preparam-lhe festas de recepção. E si não sai o seu retrato nas folhas é porque a gravura não se vulgarizara ainda no periodismo de sensação. Aparecem, porém, versinhos que são cantados com uma toada muito conhecida naquele tempo.

Afinal, Crispim é posto em liberdade. Chega. Recebem-no com mais ou menos demonstrações de alegria. A imprensa exulta com a vitoria. E, depois, o "jockei" cai no olvido, na indiferença, quiçá no ridiculo...

Tudo isso era lembrado na sexta-feira 15 de novembro de 1889.

A tarde soube-se que novo telegrama viera do Rio, mais positivo. O 17 de infantaria ia embarcar naquela manhã e as outras trópas do exercito haviam impedido esse embarque. Deodoro puzera-se á frente do movimento. Ministros tinham sido presos. Ladario fôra ferido. Proclamara-se a republica. Instituira-se o governo provisorio.

No Recife o presidente Sigismundo Gonçalves passara o governo ao comandante das armas.

— Assim só no teatro, só uma magica!

— Nunca pensei, não.

— E o imperador, minha gente, que fizeram do velhinho?

— Ninguem sabe.

— Coitado! Tenho pena dele. Não era tão ruim assim, não.

— Tinha suas qualidades, tinha... Mas o paiz estava á beira de um abismo...

— Lá isso estava...

— Felizmente vamos ficar livres desses ominosos vicios politicos.

Abraçavam-se conhecidos e extranhos. Cada um que quisesse aparentar maior satisfação. Não havia mais monarquistas. Todos batiam nos peitos com uma convicção republicana de longos anos ou mesmo do berço. Até os que ainda na vespera esperavam um titulo de barão ou de visconde. Vivas a todo instante. Lojas embandeiradas. Ruas enfeitando-se. Passeatas. A dos estudantes de direito, a dos caixeiros a dos operarios, a do povo em geral. Procissões civicas, no dizer da epoca. Todo mundo queria tomar parte nelas. E apareciam nos jornais os que se desculpavam por não tel-o feito: um calo inflamado, um acésso de maleitas, uma unha encravada, uma maxambomba atrasada...

O Norte publicava a 19 um boletim com as ultimas novidades da Capital Federal. Já não se pronunciava mais a Côrte. O comercio achava-se todo aberto e reinava inteira calma. As provincias de Santa Catarina e São Paulo tinham aderido. O imperador e a familia, depois de transportados para o cruzador Parnaíba, haviam se passado para o vapor "Alagôas" e partido para o exilio. A nação respirava mais á vontade livre daqueles maus brasileiros, daqueles indesejaveis. Ouro Preto estava prêso. O Banco Nacional declarara-se solidario com o novo Ministro da Fazenda. Continuava a loucura popular pela republica. Deodoro era aclamadissimo como idolo nacional.

E no Recife, tambem, a cousa não se fazia por menos. Em toda parte reinavam alegrias, esperanças, projetos, sonhos. Em cada cerebro, envolto no papelzinho de seda colorido do patriotismo, existia a idéa de uma melhóra, de um pedido, de um emprego. As proprias mulheres tão distan-

ciadas nos costumes das de hoje, mulheres que não andavam sózinhas nas ruas da cidade, não mostravam as pernas, não cortavam os cabelos, nem votavam, até elas trocavam seus comentos:

— Que foi mesmo que houve, comadre Nazinha?

— Disseram a Zezinho que botaram o imperador para fóra do palacio, lá na Côrte, e fizeram a tal de republica.

— Não é pomada sua, não?

— Juro por Deus.

— Então seu dr. Martins vai ser graúdo! Vou mandar meu Tonho pedir a ele um logarzinho na capatazia da Alfandega. Com os outros o pobre nunca arranjou nada...

— Eu não quero emprego, não. O que eu quero é ver as coisas baratas. Pagar 6$000 por mez por esta casa com tres quartos, duas salas, um quintal de nada, na rua Imperial, menina!

— Não sei não adonde a gente vai parar! Mas, agora, comadre... Se importe não!

— Carvão de cruzado a barrica! Ontem mesmo não me pediram na rua do Rangel mil e quinhentos por um fichú de lã e cinco tostões por um covado de fustão? Vejam só!

— Hoje o negocio é outro. Quem bota o governo é a gente, é o povo. Zezinho me explicou.

— Tomara que botem seu vigario. Um homem tão bom!

Surdiam alvitres e mudanças.

As ruas e praças iam ter outros nomes. Nada de rua do Imperador, Imperatriz, Conde d'Eu, Princêsa Isabel. Teriamos 15 de Novembro, Deodoro da Fonseca, Oitenta e Nove, Benjamin Constant, Republica, etc. Um vermelho insurgia-se contra **A Provincia** por não haver ainda trocado o

cabeçalho pelo de **O Estado.** A praça Conde d'Eu passou logo a ser Ricardo Guimarães.

Abrira-se uma subscrição nacional para pagar a divida do Brasil, a pesada divida herdada dos desmandos da monarquia.

Os negociantes da rua do Queimado declaravam dispensar doravante a guarda nacional por eles custeada para garantia de seus estabelecimentos, porque, agora, confiavam na vigilancia da policia.

Na Capital Federal absolviam ruidosamente o individuo que mezes antes atirara de revolver contra Pedro II ao sair do teatro.

As corôas eram arrancadas dos frontespicios dos predios.

Evitava-se dizer "senhor". Dizia-se "cidadão".

Todos estavam contentes.

Até os senhores de engenho que tinham ficado sem escravos com a abolição. Porque alguns pensassem que a republica, por pirraça á monarquia, lhes restituisse os cativos.

Um dialogo:

— Então, d. Miquelina, como vai sua mana?

— Comendo galinha...

— O que! Já? Não era no mez da Festa?

— Enganou-se nas contas, minha negra. Nasceu no dia 18.

— Menino ou menina?

— Um machinho... Gordo que nem o pai...

— Já tem nome para a pia?

— Oxente! E não é Deodoro!

Deodoro!

Era um hino na bôca de todo mundo.

O salvador!

Somente uma classe andava desconfiada, triste e arisca. A dos funcionarios publicos.

Porque, apregoavam os jornais, para salvação da patria iam diminuir-lhes os ordenados ou botal-os na rua.

Talvez por isso, menos de dois anos após o 1889, andasse pelo Brasil inteiro, cantados pelo povo, estes versinhos irreverentes:

Fui ao Campo de Sant'Ana
Beber agua na cascata;
Encontrei o Deodoro
Conversando com a mulata...

As maxambombas

A primeira paulada de rijo nas maxambombas, naqueles tremzinhos de brinquedo, sacolejantes, barulhentos, vagarosos, que atravessavam o centro da cidade com destino aos arrabaldes, foi a inauguração dos bondes elétricos para Olinda.

A 12 de outubro de 1914.

Faz quase vinte anos, mas nem parece. Ainda móra vivissima na lembrança dos velhos e maduros o alvoroço desse dia famoso na vida recifense e o aspecto dos vagõezinhos puxados pela machina minuscula passando a velha ponte da rua Formosa ou cortando os trilhos da Carril ali no Hospicio, num ruido caracteristico.

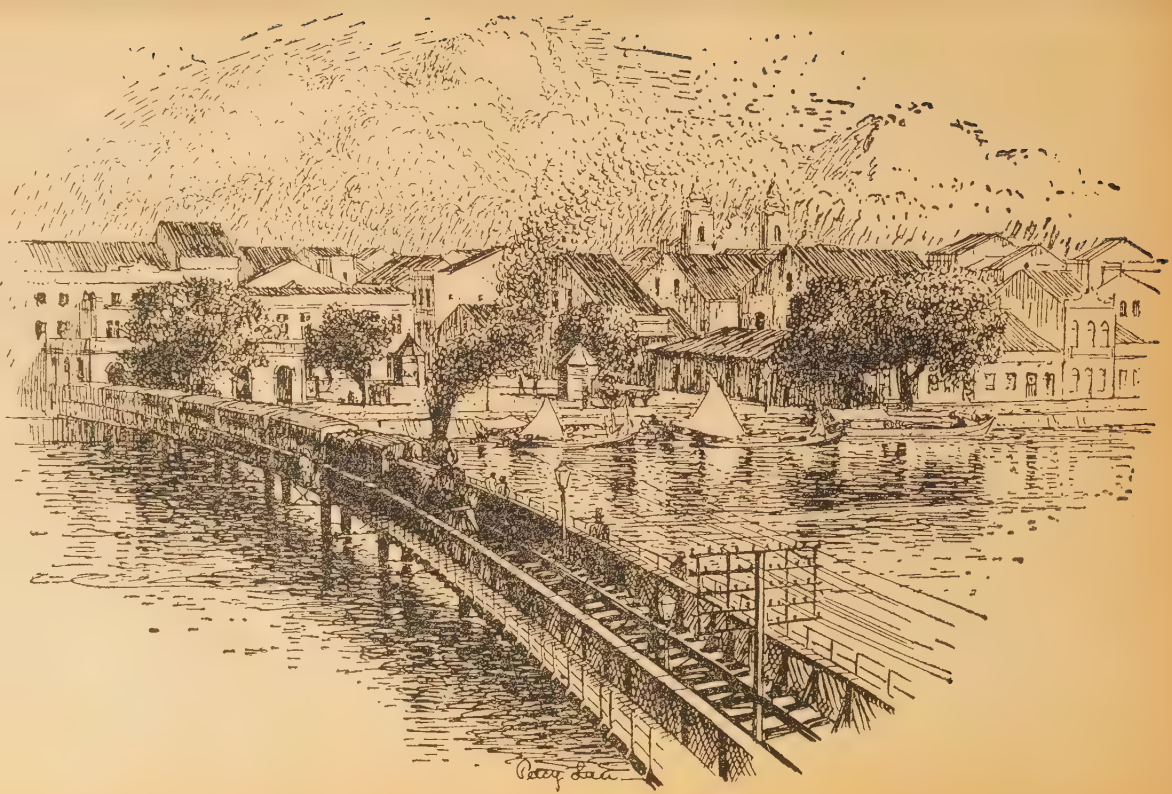
Uma tarde lindissima, por sinal, a dessa inauguração. Toda vestida de sol, com fartura de azul, no céu, com derrames de luz pelo mar, com muita tinta verde nos coqueirais. E uma amaviadora viração a soprar a quentura do verão. Bonito mesmo! Toda a Tacaruna, desde os mocambos enfeitados com bandeirinhas de papel de seda recortadas a tesoura pelas mãos proletarias aos sobradões historicos do Varadouro, de porte veneravel, e aos bangalôs da praia dos

Milagres, habitados pelos passadores de festa, tudo esperava o primeiro carro movido a eletricidade com os corações ansiosos e entusiasmados.

A fascinadora terra de Duarte Coelho, honrando a exclamação do donatario que lhe viera a servir de nome, envaidava-se do melhoramento que a ia libertar das maxambombas como estas já a haviam libertado da canôa e do onibus quarenta e tantos anos antes.

De quando em quando um foguête. Uma bóla de fumaça nos ares. Curiosos parados pelas calçadas. A alegria e a curiosidade atingiam oito pontos de tensão. Dentro das casas faziam-se toalétes. Pelas ladeiras, dos bairros mais humildes da Sé, do Bom Sucesso, do Amaro Branco, do Amparo, desciam familias; das praias vinham veranistas; nas torres do Carmo, de São Sebastião, de São Bento trepavam-se moleques; no planalto da Misericordia juntava gente vigiando a fita retilinea da estrada, mergulhando a vista em Santo Amaro, querendo surpreender os primeiros avanços do cortejo inaugural.

O bonde eletrico para Olinda era uma aspiração de mais de meio seculo. Em creança ouviamos falar nisso como uma iniciativa iminente. E nunca viera. Foi preciso o abalo politico da subida de Dantas Barreto para que, com outras transformações recifenses, o sistema de tração dos veículos de transporte coletivo se transformasse. E o inicio da viação eletrica para Olinda se dava coincidente ou propositadamente na epoca do Natal. Na temporada buliçosa dos banhos salgados, prometendo-se uma doidice de bôa. E foi mesmo. A mais pomposa, animada e festiva das que a historia do mundanismo olindense registra. Encheu-se o pateo do Carmo de barracas modernas, inauguraram-se os balnearios Atlantica e Beira-Mar com seus terraços para o



A ponte da maxambomba

oceano, aprontou-se o gracioso quiosque da sorveteria Etna, vieram carrousseis, mamulengos, o brinquedo dos aeroplanos, os tablados de pastoris. E os corêtos para as bandas de musica do 49, o batalhão querido da revolução dantista, e do regimento policial.

Uma Festa e tanto! Um Ano Novo da pontinha! Um 1914 pernambucano que contrastava com o da Europa onde os povos se estraçalhavam, mascarando ambições com o letreiro de patriotismo.

5 horas, afinal! Em meio de imenso vozerio, de um metralhar de girandolas, com repiques nos severos sinos dos templos coloniais, com apitos de fabricas, os tres carros amarelos da Tramways aproximavam-se da cidade "mamãe-dindinha" de Pernambuco. Traziam todos a vistosa taboleta OLINDA. Passaram em Santa Teresa no oitão do asilo, colhendo as palmas ingenuas e felizes das orfãzinhas; passaram pelo Piza saúdados pelos jangadeiros; atingiram emfim o Varadouro, portico olindense e provisorio ponto terminal da linha.

Tres belos carros, compridos, lustrosos, elegantes, cheios de autoridades e convivas. No da frente, uma banda musical tocava a Vassourinha, o hino dos dantistas.

De todas as bôcas espoucava uma frase de contentamento e de alivio:

— Estamos livres da maxambomba!

E havia, ali, no meio da gente nova, um velhinho ainda têso, ainda lucido, ainda animado, recordando-se de espetaculo semelhante a que assistira no correr do ano de 1870. Contava, então, as suas "vinte cinco primavéras". Rapaz agil, vigoroso, gamenho. Nascera em Olinda e lá se criara, muito se orgulhando disso. Um "papa-mamão" de raça. Para ele o Recife, com todo o seu progresso, com toda a sua juventude, com toda a sua boniteza, não passava de

um filho presunçoso, cheio de si, ingratão... Terra para se viver somente Olinda. Até os velhos tinham pena de ir se recolher ao cemiterio e teimavam em ficar no mundo. Com o seu extremado amor a Olinda, viera tambem para a rua se entusiasmar com o bonde elétrico. Todavia, a sua saudade ia visivelmente para o passado:

— Menino, para falar verdade, tempo bom era aquele. Eu morava com meus pais num sobrado com sotéa lá no alto da Misericordia por 6$000 de aluguel. Casa que dava para trinta pessoas: a minha gente e dez escravos. Cambio de 25... carne verde de 200 reis o quilo... queijo do reino de dez tostões... Avalie só! Eu ganhava 15$000 por mez no Arsenal de Guerra e andava lórde. Não perdia as "partidas"! Quebrava de redingóte e cartola... Fazia figura mesmo. Foi na éra de 70, mal acabara a guerra com os paraguaios, onde meu pai morreu, em Itororó, que a maxambomba veio para Olinda. Me lembra bem. Como si fôsse hoje!

E os olhos mornos do velhinho sensibilizavam-se visivelmente. Tomavam uma expressão de quem perfura o passado em busca de cenas deliciosas para seu coração de moço, como quem remexe uns papeis velhos á procura de uma carta ou um retrato antigo. E ia evocando, na sua linguagem evocadora, esse dia da inauguração dos trenzinhos que agora se extinguiam por imprestaveis e obsolêtos. Fôra naquele mesmo Varadouro a chegada da primeira composição. Todo o povo olindense viera ver o trem correndo, apitando, chegando num imperativo de progresso. Sobrecasacas pretas e vestidos de baréges, recheios de anquinhas e capotas de vidrilhos, balandraus sem capuz e pentes de chifre tapa-massa, chapelinas de veludo e chitas vistosas, fardas de voluntarios da patria e penachos da guarda-nacional, lenços brancos nas cabeças e cinturas aperta-barrigas... De

tudo se via. Fôrros e cativos. Velhos e moços. Mistura de jubilo, de interesses, de curiosidades. Todos querendo ver o "vapor". E nas bôcas da multidão a frase de contentamento e de alivio:

— Estamos livres da canôa!

Os olindenses, com a maxambomba, tomavam tambem uma desforra. Havia muito que eles viviam trombudos, enciumados, feridos no amor-proprio. Porque desde 1868 corriam os tremzinhos para Apipucos, o arrabalde "gosado" da epoca. Os moradores desse ramal, que por sinal fôra logo denominado soberbamente de Linha Principal, não escondiam a "prôa". Quando alguem anunciava a um deles tencionar ir passar a festa em Olinda, torcia o nariz e lamentava numa carêta de piedade: — Aguentar o onibus do Claudio! Você acaba indo para o céu com tripas e tudo...

Apipucos e Monteiro, sim, constituiam verdadeiros regalos no verão. Transporte moderno, elegante, rapido! E os habitantes dos dois suburbios preferidos enfunavam-se de vaidade ao irem para a estação esperar o trem. Enchiam a casinhola de madeira e ali se distraiam conversando com os visinhos. Assuntos banais: metiam o pau no imperador, queixavam-se do abismo em que o Brasil se despenhava, apontavam defeitos na administração atual, havia sempre um jornalista da oposição indicando uma diretriz de salvação publica, confiavam nas perfeições da republica, comentavam uma companhia lirica, combinavam os festejos do Natal, choramingavam a baixa do assucar... Quando não falavam da leviandade da filha do major Sinforio, uma "foguete" que com seus 17 anos não tinha vergonha de andar ainda de saia curta e não deixara crescer os cabelos.

— Já é moça e naqueles trajos!

— Tambem, a mãe, meu amigo... A mãe, você sabe.

Tem uns modos! Outro dia não viajou sózinha no trem, conosco! Sózinha!

— O marido parece que não liga.

— E, aqui para nós, dizem dela uma cousa horrivel. Si for verdade, córto a amizade lá para banda de minha casa. Nem mais cumprimentos...

— Que foi que lhe contaram? Gosto de ficar prevenido.

— Que ela se pinta... Que aquelas côres do rosto não são naturais...

— O que! Não é possivel! Feito uma comica!

A maxambomba vinha chegando. Uma locomotiva-mirim em que os maquinistas viajavam numa cabina sem toldo, puxando tres vagões de dois andares. O pavimento superior era muito apreciado ás tardes ou nas noites de luar. Os carros de um só andar vieram depois.

E, emquanto Apipucos, Monteiro, Poço de Panela gosavam os beneficios desse notavel melhoramento recifense. Olinda, a fidalga de outros tempos, a terra do fausto colonial em que "as damas trajavam tão bem quanto as de Lisboa", em que as sinhazinhas só saiam ás ruas em palanquins bordados a ouro, em que nos banquetes os vinhos finos de Portugal corriam á vontade nos cristais, em que os leitos eram de purpura, de seda e de veludo, em que as baixelas de prata se tornavam banalidades nos palacêtes da rua Nova e do Amparo, — Olinda continuava a ser visitada apenas pelas canôas e pelos onibus.

Uma vergonha! Uma afronta!

Um onibus pela manhã e outro á boquinha da noite. Só. Esquecida a simplicidade de suas praias graciosas, desprezados os seus banheiros de palhas de coqueiros para os banhos salgados, desdenhados os seus encantos de cidade colonial povoada de igrejas seculares, ricas de talhas e de

azulejos, e de mosteiros quietos, emotivos, com as beatas cochichando nos parlatorios pedindo missas ou trocando santinhos. Ninguem mais se lembrava das matas de cajús, dos passeios ao Monte, das pitangueiras da Sé, dos mariscos das praias, da capelinha dos Milagres, dos mocambos do Farol, do sino tão dôce do Carmo, das chegadas das jangadas trazendo cavalas e siobas ainda bolindo dentro dos samburás...

Esse desprezo irritava os olindenses.

Afinal, vieram da Europa num veleiro inglês trilhos e mais trilhos. Assentaram os primeiros na rua da Aurora, junto á ponte Santa Isabel, num barracão de madeira: a estação inicial. Era a linha ferrea a construir-se para Olinda. Houve quem só acreditasse indo ver com os "olhos que a terra havia de comer". Outros passaram a acoimar a iniciativa de "pretexto para roubar". Ou a atacasse pelos desastres que viriam a causar. Discutiram o local da estação; criticaram o traçado da estrada. Quem morava por perto, gostou; quem residia mais distante meteu a lingua. Os engenheiros, porém, tinham, no caso, a virtude de ser surdos ás murmurações.

Construiram um grande aterro, porque na epoca, a zona da Princesa Isabel era um grande mangue. Abriram um muro entre o atual Quartel General e o predio do Instituto de Proteção á Infancia para que o trem subisse pela rua do Principe. Nesse dia soltaram-se foguetes e beberam cerveja preta, em regosijo.

Os trabalhos prosseguiam ligeiros. Revolvimentos de terras, transportes de dormentos, nivelamentos de terreno, ajustes de trilhos, experiencia de vagões, construção de desvios. Agitação incessante de pás, de baldes, de trólis, de barricas, de gente.

Um matutino publicava em maio de 1870:

> "Viva o progresso!
>
> O assentamento dos trilhos da via ferrea de Olinda faz-se com rapidez.
>
> A locomotiva já caminha até a pontezinha de João de Barros, além da capela. No fim desta semana chegará á encruzilhada de Belém, si não for mais adiante. Até o fim do mez alcançará os Arrombados e antes de findar Junho fará ouvir o seu apito civilizador nas fraldas da pitoresca Olinda".

Não em Junho, porem, em Julho, a companhia resolveu, atendendo á ansiedade publica, fazer correr alguns trens a titulo provisorio. Pedia indulgencia para as inevitaveis falhas e dava instruções para a aquisição de bilhetes nas estações de Aurora, Encruzilhada, Arrombados e Varadouro, declarando de antemão: quem, ao descer dos carros, não apresentasse sua passagem, ficaria preso na estação até que a satisfizesse. Era no duro com os caloteiros — nada de "morcegar".

Os comboios largavam da rua da Aurora, seguindo o atual trajeto do bonde de Beberibe até a Encruzilhada e tomando o caminho de Campo Grande até o ponto final da linha. A inauguração de julho, como a de 1914, foi até o Varadouro, e justamente ambas por causa de uma ponte. Em 70, precisavam construil-a; em 914, reforçal-a. Depois é que a maxambomba alcançou o pateo do Carmo onde havia uma ampla estação com dois portões: por um entrava

e por outro saía a locomotiva em manobra para se atrelar ao outro extremo da composição e voltar ao Recife. Havia o apito de cinco minutos antes da partida, avisando os passageiros retardatarios ou que moravam perto.

Para se calcular a sensação desse dia inaugural, basta saber-se que nessas 24 horas viajaram para mais de 2.000 pessoas nas maxambombas! Os trens que de começo eram apenas seis por dia, ascenderam a oito sem demora. O ultimo, á noite, passou de 7 horas para 9, o que já exprimia uma tendencia do povo para as farras... Andar na rua a essa hora tardia constituia indicio de pouca seriedade, de vadiagem, de intenções maldosas... A menos que se tratasse de uma "partida", de um teatro, de um presépe, de um fogo de vista. As maxambombas já começavam a fazer das suas, alterando os costumes, e anunciando o que os bondes eletricos fizeram quatro decadas após neste Recife tão pacato, tão dorminhoco, tão timido. Até os namorados se aproveitavam delas para as viagens em comum com os olhares á distancia...

As musicas do tempo refletiam o exito do melhoramento urbano. "Caminho de ferro" era a quadrilha do gôto dos dansarinos. Havia uma polca "A maxambomba em folia". E decerto outras com denominações alusivas ao trem. Quadrinhas, estas enchiam as folhas:

Por falar-lhe deste assunto,
Que é mesmo assunto de arromba;
Recorda-me a maxambomba
Que dizem ser bem chibante...

Ou esta outra:

Eu que tambem tenho gosto,
E sou mulherzinha bôa,
Deixo a pesada canôa,
Quando lá for de morada
E fico emaxambombada...

E ainda esta:

Moça nenhuma
Me faça tromba
Que eu só embarco
Na maxambomba.

Os trens da Brazilian Street Railway, mais conhecida por Companhia de Caxangá, tinham seu ponto de partida no oitão do teatro Santa Isabel, lado da rua das Florentinas. Dali saíam para os tres ramais: Dois Irmãos, Arraial e Varzea. O trajéto era um só até o Entroncamento. Ali, trifurcavam-se as linhas. Apenas a da Varzea tomava caminho diferente das que seguem atualmente os bondes eletricos de identicos destinos. Seguia pela rua Numa Pompilio até os Quatro Cantos, infletindo para Joaquim Nabuco até ganhar a estrada de Caxangá, na Madalena.

Em epoca mais remota, as maxambombas dessa empresa partiam de junto do Arco de Santo Antonio, esquina da Livraria Ramiro. Jornais reclamavam, então, contra os despejos de imundicies que se faziam nesse sitio. Os escravos traziam dos interiores das casas as barricas cheias de materias fecais, por não haver esgotos nem fóssas, e atiravam essa carga mal-cheirosa ao Capiberibe. Os passageiros recebiam os aromas e presenciavam as cenas. Isto, aliás, não admira muito, porque no Recife de meu tempo de rapaz, não era raro os que viajavam nos bondes da Carril ou atra-

vessavam a pé as pontes, ver nas rampas do cáis individuos acocorados satisfazendo necessidades dificeis de serem satisfeitas em outra posição.

O ponto inicial da "Caxangá" tinha grande animação, principalmente á tarde e á noite. Virava esse trecho da cidade uma legitima feira. Samburás com peixes, taboleiros com miúdos, baús com bolos e midubins, pretas frigindo agulhas, rumas de abacaxis ou mangas, tijelinhas de cangicas, balaios com pães... Os freguezes das maxambombas faziam ali suas compras e levavam-nas debaixo dos bancos Vinham chegando esses passageiros habituais de cada trem. Os de 4 e 20 do Arraial, os de 5 e 14 da Linha Principal, os de 6 e 22 da Varzea. Uns, com embrulhos de generos, outros com as bolsas de couro, quase todos com os jornais da tarde. O Pequeno, o Correio do Recife, A Gazeta da Tarde, A Pimenta. Entravam nos vagões reconhecendo os companheiros, procurando os assentos prediletos. Este gostava de viajar de costas, por causa dos argueiros, e revirava o encosto do banco; aquele escolhia sempre o carro-salão onde iam as moças; aqueloutro preferia o banquinho do canto para melhor poder cochilar. Acomodavam-se. Trocavam-se comentarios sobre o calor, a politica, a festa, as camaras de sangue, o chumbo na agua, a chegada do Rosa, o ensaio do Caradura, o incendio da Alfandega... A machina que fôra beber agua na bomba da rua do Sol vinha recuando e num choque subito ligava-se á composição. Entravam ainda passageiros atrasados, tendo atravessado ás pressas a ponte Buarque de Macedo. Limpavam o suor, bufavam, sentavam-se depressa para descansar as pernas. O condutor dava o apitozinho do costume. Um silvo rouco da locomotiva. E o tremzinho fazia vagarosamente a curva do Liceu.

Nas estações suburbanas, quando a maxambomba passava em frente das residencias dos capitalistas, estes gritavam para a filha que os esperava no portão:

— Maroquinhas, mande o creado buscar as "cousas".

O molequinho corria atraz do trem e ia receber, na parada, os embrulhos que o patrão trazia.

A maxambomba de Olinda pertencia a uma empresa nacional. Sempre foi mais zelosa, mais limpa, mais pontual. Tinha uns vagõezinhos de xadrez, abertos, preferidos por quase todos. Em vez de janelas, possuiam umas cortinas de lona vermelha riscada de branco que se desciam quando fazia sol ou chovia. Partiam da rua da Aurora. De hora em hora em correspondencia com o que largava da estação do Carmo. Cruzavam-se na Encruzilhada e ás vezes no Hipodromo. Da Encruzilhada saía o trem do ramal de Beberibe. Pela manhã e á tarde corria um expresso. Vencia o percurso em 20 minutos, ao envez de 30. Mas, metia medo. Dansava nos trilhos e uma vez, em 1896, ia com tanta pressa de chegar que não chegou. Descarrilou nos Arrombados, entrando pela estação e matando gente. Comtudo, os desastres rareavam. Um ou outro esmagamento de pernas. A vitima era levada para o hospital numa padiola que guardavam na latrina da estação da rua da Aurora. Nem por tal deixa de haver ainda por este Recife gente com a canéla torada pela maxambomba...

Contrastando com a Trilhos Urbanos, a Companhia de Caxangá tirava o primeiro premio do relaxamento.

Os jornais abriam colunas para meter-lhe o pau. E ela impassivel. Escolheram-lhe um gerente que primava por ser uma estatua de gelo deante de reclamações, queixas, protestos. A tudo ele costumava responder fleugmaticamente: "Passageira não estar satisfeita vai a pé".

Tornou-se lendaria essa sua frase. Os carros andavam de bancos furados, de janelas pêrras, de telhados com goteiras, de rodas quadradas... As locomotivas não tinham pressão e pregavam á menor ladeira ou mesmo sem ladeira nenhuma. Os horarios nunca se respeitavam. Nem tão pouco os itinerarios dos trens. Nas festas do Poço, os fregueses da linha do Arraial tinham de dar a volta pela Linha Principal até o Monteiro, sem nada terem que ver com os festejos. As estações serviam de quitandas, de latrinas e de recursos... O soalho dos vagões, como dizia um semanario da epoca, era um mixto de pontas de cigarros, cascas de midubins e cuspo. O gerente, mister Fletcher, nem como cousa! De calça branca sem vinco, de paletó azul, de chapeu de palha, gordo, vermelho, risonho, para tudo olhava displicente e satisfeito. Na intimidade bom camarada, alegre, tomador de grógues. Bonancheirão mesmo. O povo já crismara a Caxangá de "maxambomba do Fletcher".

Dos tres ramais o enteado sempre foi o do Arraial.

Imaginem o que seria o enteado quando os filhos andavam maltrapilhos! Para ele os peores carros, as mais invalidas machinas, as baldeações... Num desses trens, o das 9 e 25 da noite, nasceu de um grupo de rapazes que nele viajavam habitualmente, de regresso ás casas, a idéa da fundação do Clube Carnavalesco 9 1/2 do Arraial. O cronista deu-lhe o nome. Foram seus fundadores: Nuno Guedes Pereira, Arnulfo Lins e Silva, Uriel Campêlo, Lafaiete Bandeira, Antonio Elisio de Gusmão, Paulo Guedes Pereira, Joaquim de Góes Cavalcanti, Francisco José Jaime Galvão e Mario Sette. A séde era no bêco da Estrela, numa dependencia da vivenda do velho Guedes Pereira que nas agitadas noites das nossas sessões mandava nos servir, como calmantes, deliciosos copos de

leite. E, ás vezes, vinha, sorridente, bonissimo, patriarcal, apreciar os nossos entusiasmos de vinte anos. 0 9 1/2 deu sorte depois no carnaval do Recife e só morreu quando lhe meteram na séde o jogo, as prostitutas e o sangue.

Maxambombas...

Apontamo-lhes os defeitos, mas, como a saudade lhes concede hoje virtudes! Como eram calmas e gostosas as viagens de outróra, nos seus carrinhos velhos, sacolejantes, encarvoados, havendo dentro de nós mocidade, sonhos, projetos, esperanças e amôres! O condutor apitava:

— Prrrrr...

A locomotiva silvava:

— Hú... hú...

E lá iamos nós pelas ruas da cidade, a principio, pelas estradas dos arrabaldes, em seguida. De estação em estação, umas tão perto das outras. Frescura e sombra da tarde. Cheiro de frutas, de mato, de resinas. Sitios com jagueiras e mangueiras debruçadas nos muros como para verem o trem passar, cêrcas nativas protegendo chalés amarelos ou vivendas brancas de cal, moças nos portões aguardando a passagem dos namorados, meninos empinando papagaios, vendedores de galinhas segurando os cavalos espantados, um palhaço de circo armado num pateo de igreja... E os nomes simples, expressivos, dôces das paradas:

> Caminho Novo. Aflitos. Quatro Cantos. Tamarineira. Iputinga. Rua dos Pires. Espinheiro. Oficinas. Chapeu de Sol. Mangabeira de Cima. Ponte de Uchôa. Parnamirim. Porta d'Agua. Milagres. Caxangá. Porto da Madeira. Ambolê.

Em cada um dos ramais havia denominações assim, cheias de poesia, cheias de ingenuidade, cheias de encanto para nossos ouvidos de recifenses.

Viagem socegada, lenta, monotona. Que diferença das campainhas dos eletricos, das arrancadas dos freios automaticos, das algazarras dos rebóques, dos sustos com os estouros dos motores! Maxambombas modestas que nos conduziam em paz a uma "partida" no Caldereiro, a uma noite de Festa em Apipucos, a um fandango na Varzea, a um mês mariano na Casa Forte, a um bumba-meu-boi no Chacon, a um banho em Beberibe, a um piquenique no Poço, a uma conversa de portão no Monteiro..

Maxambombazinha camarada! Até no passar devagarinho defronte da casa em que desejavamos saltar ou ver alguem querido... Quantas vezes gostamos daquela vagarosidade viajando ao lado de uma companheira com quem não nos era facil ou frequente conversar!

A locomotiva em marcha parecia dizer numa onomatópéa inventada pelo povo:

Vou com pressa...
Vou com pressa...
Estou chegando...
Estou chegando...

Mas era só de boca.

Nem ela se apressava, nem chegava antes do horario.

Embora no seculo do zepelin, mostremo-nos reconhecidos ás maxambombas de outróra. Cada um de nós que viveu no seu tempo guardará uma recordação amavel, esquecendo a poeira dos vagões, o sacolejo das rodas, as janelas sem vidraças, os atrazos nos desvios, os argueiros

de carvão e os pregos dos bancos que furavam as calças novas...

Olhamos, de longe, somente o lado bom das maxambombas. Sem cometer o gesto ingrato daqueles que recitavam os versinhos em vóga antigamente:

Trepei na bomba
Comi pitomba;
Atirei caroço
Na maxambomba...

Não o merecia. Ruimzinha, atrazada, feiosa, vá. Porem, prestimosa, tranquila, prudente.

E quasi nunca fazia gréve.

Largos, ruas e arrabaldes

De caras, de moradores e de costumes mudaram quase por inteiro varios recantos do Recife.

De uns trinta anos para cá, apenas.

Houve neles perfeitas revoluções, gerando predominio de uns que nunca pensaram em subir e atirando ao ostracismo outros que jamais sonhavam em cair. Tal e qual como na politica.

Trinta anos somente e que diferença! Não tencionamos prolongar a vista por um passado que exceda 1900, pintando um Recife dos tempos das visitas de Koster e de Tolenare. Muito embora a cidade conhecida pela nossa juventude ainda conservasse nos seus aspectos muito e muito da que os dois visitantes haviam habitado nos começos do seculo XIX. Ruas tortas, estreitas, desleixadas. Arrabaldes longinquos, tristonhos, abandonados. Um quê, ainda, de acanhado, de desalento, de provinciano nos modos da população. Almoço de 9 horas e jantar de 4. Ceia de 7 e dormida de 8. Bondinhos a burros. Carroças de bois. Noites de lua sem iluminação publica...

Porém, já não existiam os escravos de tangas curtas expostos á venda pelos largos esteirados de capim; as mu-

lheres de cabeções fazendo rendas sentadas em frente das portas de casa; as negras mercadejando fitas, lenços de labirinto e panos de croché nuns baúzinhos de flandres a mando das patrôas ricaças; as cadeirinhas de arruar a caminho das igrejas com as sinhazinhas lá dentro espiando pelas frestas das cortinas de veludo; as aguas sujas jogadas de varandas abaixo; negros acorrentados pelos pés conduzindo caixas de assucar para as barcaças; as conversas tranquilas nos banquinhos da antiga ponte da Bôa Vista; as mulatas vistosas, de chales gritantes e sapatinhos de setim tentando os homens; os balcões de madeira em xadrez ou de postigos em urupemas frisando os sobradões apoiados em grotescos cachorros de pedra...

Queremos simplesmente recordar um Recife contemporaneo da nossa adolescencia, o Recife que nossos olhos de moço viram e nossa alma de rapaz sentiram, um Recife que, paradoxalmente, não desejariamos fôsse hoje o que era, mas tendo pena de que haja deixado de ser o que foi.

A eterna incontentabilidade humana.

A Pracinha

A Pracinha. Era o seu nome vulgar, mixto de pejorativo e de carinhoso. Acanhada e tipica. De um lado e outro grupos de lojinhas que investiam umas para as outras como duas filas de dançarinos numa quadrilha, num "en avant tout", em que os pares extremos se destacassem dos demais. Entre as lojas das pontas e as que ficavam mais recuadas havia estreitas passagens mal-cheirosas porque servissem impudentemente de mictorios publicos. Vendiam-se nesses pequenos estabelecimentos, de pre-

ferencia, bilhetes de loterias, miudezas baratas, chapeus e calçados de carregação. Ainda nos lembramos da "A Briza", do "Sonho de Ouro", da "Loja do Samarcos". Por traz corriam dois bêcos: o do Peixe Frito e o das Cruzes. Num dêles ficava escondido o antigo predio do Diario de Pernambuco, baixinho e feioso. Pelo centro da praça, em duas direções, trafegavam os bondes da Carril. Ali tinham logar nos dias agitados, vibrantes, tumultuosos do Recife de ontem os comicios politicos que nem sempre terminavam mansos como os de João Teixeira ou os de Samuel Vieira, o Gravata Encarnada. A cavalaria da policia apontava na rua do Cabugá e o fecha-fecha era terrivel. Tiros, vivas, carreiras, portas batendo, mulas espantadas, bondes parando, sangue correndo...

1911 que o conte...

As lojinhas da Praça da Independencia foram abaixo em 1905.

Haviam sido construidas em 1788. Anteriormente existia ali uma cacimba de serventia publica tendo ao lado o posto da polé. Em redor deles reuniam-se os escravos que vinham, de baldes ás cabeças, buscar agua para os sobrados das ruas do Crespo, do Queimado, do Rosario, da Cadeia... Em 1788, porém, o governo resolveu construir na praça um mercado para farinha, cereais, legumes e inaugurou-o festivamente. Eram 62 casinhas, conta Pereira da Costa, formando um trapesio irregular, uniformente construidas, com um alpendre corrido que descansava sobre uma arcaria, correspondendo cada arco a uma casinha. Ficou mais estreita, mas ganhou elegancia, para a epoca, a pracinha. E passou a ser muito frequentada pelo povo, mesmo porque os preços eram convidativos. Si não o fôssem, os vendedores sofreriam a multa de "10$000 pagos na cadeia"...

Quando se expunha á venda farinha barata soltavam um foguetão anunciador. Ouviam-no os moradores de São José, da Trempe, do Mondego, de Fóra de Portas. E acorriam á pechincha. As bolças de palha se enchiam. As moedas de vintem tilintavam nas sacolas dos mercadores. E já de volta, cruzando com o visinho ou compadre, na ponte velha ou no atêrro, um perguntava ao outro:

— E' farinha de foguête?

No meu tempo já não havia mercado e as lojas tinham sofrido uma reforma, tomando outro aspecto. Não eram mais sessenta e duas, nem ostentavam a arcaria, porém continuavam a ser mesquinhas de espaço e desprovidas de graça. Tinham pinturas berrantes e letreiros vistosos. Sobre as portas desciam toldos de lona branca ou rajada. Nas paredes fincavam-se lampeões de iluminação a gaz. Tres ou quatro arvores, altas, esguias, esgalhadas davam um bocado de sombra aos transeuntes. Em frente a essas lojinhas, durante o dia e nas primeiras horas da noite estendiam-se vendedores de bolos, de midobins, de cangicas, de geladas. Em regra, velhas pretas, gordas, de falas dôces, com os cabelos brancos contrastando com a pele retinta, chales vermelhos nos ombros, saias de chita em ramagens, casacos de madapolão enfeitados a galões côr de rosa. Abriam os cavaletes portateis, ajustavam neles os taboleiros envidraçados e sentavam-se nuns tamboretes á espera dos freguezes. Ao escurecer acendiam os candieiros a acetilene muito fumacentos e catingosos.

Rondavam por ali, comprando mães-bentas, cangicas, mata-fomes, cocadas, creanças pelas mãos das amas, á tardinha. No correr da noite apareciam as mulheres-atôas das redondezas, acompanhadas dos "azeiteiros", gente quase sempre arrepiada, brigalhona, provocadora, muito dando

que fazer á policia do major Cazuzinha, do capitão Batistinha, do major Cavalcanti, sub-delegados da zona.

Do lado do Diario ficava o café La Puerta del Sol. Famoso nesses tempos. Convidativo pela sua calçada larga onde eram postas mesinhas para se gosar a fresca da noite, o movimento da praça e a beleza do céu. Ponto de conversa, de se fazer hora para dormir. Apareciam "raparigas" da Pensão Siqueira ou dos sobrados da rua do Imperador. Cambio mais alto no mercado dos amôres faceis. Viam-se tambem velhos viciados ou saudosos da mocidade. Lá dentro um pianista de dedos azougados tocava todas as musicas em vóga num só compasso: o do acabar depressa. Para ele o andamento do pas de quatre Nair era o mesmo do dobrado Horacio Rios, o da valsa Sonho de Virgem não diferia do da cançoneta. E durma-se com um barulho destes!...

9 horas. Batia o sino de Santo Antonio. Sinal grave e imperioso, indiscutivel. Fechava-se o comercio em atropêlo. Saiam os caixeiros ansiosos de liberdade. Um velhinho, com uma comprida vara, apagava os combustores da praça e lá se ia na mesma missão pela rua do Cabugá afóra. Passavam bondes cheios de gente para os arrabaldes. Com a escuridão, o silencio. E o sono. As vendedoras de bolos punham nas cabeças os taboleiros, enfiavam os cavaletes nos ombros, endireitavam as rodilhas, trançavam os chales e partiam tambem. Varandas dos sobrados cerravam-se.

Saiam da Puerta del Sol alguns pares, aconchegadinhos, derretidos, sensuais.

O pianista deglutia os ultimos acórdes apressados de um trêcho do Tim Tim:

Uma flor no peito
Quer dizer respeito...

Campo das Princêsas

Campo das Princêsas. Era assim que minha avó paterna o chamava. Lembrando-se de muitas festas a que ali assistira, em moça, principalmente a da chegada do Imperador Pedro II ao Recife. "Fôra um desadouro". E os seus olhos já meio baços pela velhice como que conseguiam recuperar o brilho de uns cincoenta anos atrás, o da sua juventude, o dos seus tempos de mocinha e de namorada. Porque, afinal, si minha avó, a minha Dindinha, dava muxoxos a todos os anuncios de namoros e casamentos de agora, casara-se e tivera o seu coió. Um coió talvez associado ás homenagens do povo ao seu imperador.

Campo das Princêsas. Outros nomes já os tivera esse logradouro publico. Praça do Erario, na epoca em que ali ficava o tesouro colonial. Foi desse tesouro, por sinal, que não se desviou um só "dobrão" durante toda a revolução republicana de 1817. Nessa mesma epoca, recebeu o nome de Campo da Honra porque lá se benzeram as bandeiras pernambucanas, numa ceremonia belissima e empolgante. Depois, tambem teve a crisma de Praça dos Martires, dados os enforcamentos dos revolucionarios na reação lusitana. Os mesmos patriotas que haviam entregue ás trópas os pavilhões de Pernambuco livre, sofreram naquele largo a pena ultima com a coragem dos que sabem morrer por alguma idéa que fica.

Antes de tudo isso já o Campo das Princêsas merecêra a sua fama e realce. Nele se situara o palacio das Torres de Mauricio de Nassau, o explendido palacio de maravilhas e suntuosidades, do flamengo de inteligencia e de bom gosto, rodeado de jardins magnificos, de escadarias para o Capiberibe, de mirante para Olinda em rui-

nas, de aves exoticas e canoras a enfeitarem copas de palmeiras, de mangueirais, de uma porção de arvores nossas. Ali, nesses salões e nesses jardins, recreavam-se as damas e os cavalheiros da alta sociedade pernambucana, na epoca, dando tréguas aos odios e ás lutas, mercê da tolerancia e da bondade do principe; ali, teceram-se idilios entre jovens oficiais batavos todo mesureiros com seus chapeus de plumas e formosas morenas recifenses prensadas nos seus vestidos de pafos; ali, jogaram-se as cavalhadas e as argolinhas garbosas e ageis; ali, ouviram-se em tocatas nas nossas inimitaveis noites de luar, rentezinho ao Capiberibe, as bandas dos regimentos holandezes; ali, o pintor Post pintou os seus admiraveis quadros de aspectos nossos, flagrantes de nosso viver de outróra; ali, reuniu-se o nosso primeiro congresso, sem direito a subsidios...

Desse grandioso passado a minha meninice nada conheceu, é claro. Porém, já taludo ouvia contar a historia de uma noite agitada e terrivel naquela praça que já era da Republica, embora a denominassem familiarmente de "largo de palacio". Fôra isso em 1891, nos começos da republica, ao esfriar dos entusiasmos de 1889 e ás primeiras brigas dos que haviam se reunido para abater o trono.

O governo que subira não agradava mais aos partidos contrarios. No Rio já Deodoro havia "dado o fóra", como se diz hoje. Não servira. Floriano assumira a presidencia. No Recife, tambem, acharam que o governador era "indesejavel". Deviam apeal-o. Si um imperador fôra botado abaixo, que diria um méro governador do Estado! Começaram as encrencas, os bate-bôca de jornais, as prisões de adversarios, os boatos de "bernardas", os comicios e carreiras na rua do Imperador... Os oposicionistas chamavam aos governistas de "delete-

rios"; estes aos da oposição de "violões". Os batalhões do exercito eram suspeitados de simpatia aos "violões". Veio um novo general para comandante das armas. O governador creou mais tres batalhões de policia. Ia-se defender a autonomia do Estado, embora do Rio garantissem que essa autonomia não seria absolutamente arranhada.

Mas, todo mundo já via o governador no chão.

Muitas familias trataram de ir para as casas dos parentes e compadres nos arrabaldes distantes ou em Olinda. Porque, os boatos não eram de brinquedo...

E, afinal, á noitinha de 18 de Dezembro, o 14 saiu de manso do quartel do Hospicio e foi se postar defronte do teatro Santa Isabel. O 2.º imitando-o deixou a Soledade e foi se meter dentro do jardim do largo do palacio. A policia tambem se preparou: — entrincheirou-se no terreno onde hoje fica o Tesouro. Um outro corpo, o 3.º, estava dentro do parque de palacio. Veio ainda uma bateria do 5.º de artilheria.

De repente um tiro. Foi a conta. O tiroteio rompeu e durou! Balas para todas as bandas. Com vontade... Até que o governador resolveu entregar a prebenda ao general. Toques de corneta: cessar fogo! Voltara a paz.

José Maria, um dos "deleterios" que organisara a resistencia, escapara-se pelo Capiberibe. O cadête José Borges, do exercito, era morto a punhal quando subia as escadas de palacio em busca de José Maria.

Lá fóra, muito soldado morto e as palmeiras furadas de balas...

Francamente, essas e outras bravuras me interessavam muito pouco em 1903 quando eu frequentava o jardim da praça da Republica nas tardes de domingo para ouvir as

retrêtas da Charanga, encontrando nelas quem não me era facil ver de perto nos dias de semana. Retrêtas concorridas, elegantes, famosas no Recife de ontem. Faziam-se vestidos para elas. E os repertorios das bandas constituiam verdadeiros requintes de seleção musical. Musica para se desfilar gravemente pelas alamedas, as moças seguidas dos pais, e os rapazes de longe. Nada de remeleixos de fox-trot nem de samba; nada de agarradinhos; nada de "coisinhas doidas"... Os proprios noivos pareciam ir para a igreja receber a benção: de braço dado, hirtos, comedidos.

O parque ainda conservava o gradil.

E só se animava, tambem, nas noites de espetaculo no Santa Isabel ou nos circos de cavalinhos que se armavam no terreno proximo ao Tesouro. Deu sorte, igualmente, a praça da Republica na epoca em que o ator Lira explorou, ali, um carroussel mecanico, o primeiro visto no Recife, talvez. Deu sorte não tanto pela novidade do engenho, porém pelas cenas brejeiras e pecaminosas desenroladas depois das 9 horas da noite. "Depois das 9", então, no Recife, resumia um mundo de cousas proibidas e maliciosas. Porque, os moços de familia raramente gosavam permissão para ficar na rua após esse limite. A ceia, a cama e a vigilancia paterna os esperava em casa. Batendo o sino de Santo Antonio era uma verdadeira corrida para os lares. Como nos tempos da escravidão, os "cabeças sêcas" não podiam demorar mais por fóra.

O carroussel atraía até 10 e 11 horas boemios, viciados, mulheres. Rodavam todos nos cavalinhos de páo ao som de fanhoso realejo aparentemente movido por um boneco de cara preta e roupa vermelha.

Durante o dia, a praça era socegada e meio de-

serta. Transitavam por ela apenas os politicos vindos de palacio com uma promessa de reeleição ou com um desengano de prestigio. De raro em raro, um estremeção na vida quieta do logradouro.

As cornetas tocavam marcha batida. A guarda de palacio formava. O governador ia a passeio num landô com um piquete de cavalaria atrás de lanças em punho encimadas por bandeirinhas encarnadas.

Rua do Hospicio

Outra que mudou bastante de cara. Na parte inicial, que vai da matriz da Bôa Vista ao atual teatro do Parque, era uma garganta. Só passava um bonde e como que se espremendo. De um lado, na embocadura, a loja do Ganches, do outro, a venda do Martins. Mais adiante o Instituto Pasteur e a quitanda de "seu Delfino", especialista em obras de flandres e de barro. Um sapateiro num pé de escada. Uma ruidosa republica de estudantes num sobrado, celebre pelas discurseiras que escorriam de varanda abaixo e pelas vaias dadas nos transeuntes.

Este trêcho transformou-se por completo.

O final rivalisava com uma brenha. De meter medo depois das 9 da noite. Do quartel do 14 para cima, atreviam-se os heróis da epoca. Não porque houvesse trincheiras a expugnar ou metralhadoras a tomar, mas justamente porque não se visse ninguem. E o cemiterio, com suas assombrações, ficasse perto. Quando muito haveria algum par amoroso dentro dos matagais do chamado "jardim 13 de maio" que ainda hoje dá que falar. Trafegava por ali, de hora em hora, um moroso e vasio bonde de "Santo Amaro-Hospicio". Tambem, naquele tem-

po, só se ia a Santo Amaro com duas finalidades tristes: levar os conhecidos á cova ou visitar doentes no asilo.

Deixem lá falar que Santo Amaro tomou tambem sua desfórra das bôas. Quem o vê hoje de calçamento moderno, bonde eletrico, automovel de luxo, cinema, mercado, caminho elegante de Olinda, hein?

No seu trêcho central do bêco do Camarão á esquina de Riachuelo, é que a rua do Hospicio pouco mudou e sempre foi da pontinha, como se diz hoje. Manteve a linha da moda, da graça, do encanto. Rua das moças de renome pela boniteza, pelo bem trajar, pelos travessos namoros. Namôro tipico de postigo — "chamêgo". Chamêgo era o contacto furtivo de mãos, de rostos, de labios. Aperitivos de casamento... Cada casa possuia sua coleção de tipos femininos cubiçados nas rodas dos rapazes. E alguns com a prometedora sobrecarga dos contos de réis dos papais... Dali sairam casamentos dos mais pomposos do Recife de ontem; daqueles realisados, com cortejos de cem carros, na capela do Pritaneu, no Hospital Português, no palacio do Bispo, no Ginasio...

A rapaziada não estava nos seus passeios por aquela apetecida rua boavistana. "Moça da rua do Hospicio" tinha fama. Salas iluminadas e postigos cheios. A's vezes, as calçadas. Ouviam-se pianos, conversas, risadinhas. Trocavam-se frases, flores, cartas, postais. Arriscava-se até uma palestra na esquina quando o "velho" ainda não fechara a loja ou fôra conversar na farmacia da pracinha. Mal ele aparecia, de longe, o "fóra" era fatal...

Enchia tambem de rumores a rua do Hospicio a meninada do colegio Porto Carrero, nas horas de recreio ou de saída. Na esquina de Riachuelo, existira o antigo convento dos jesuitas assaltado e queimado nos tempos da questão religiosa. Depois, reconstruido, foi o Colegio Eu-

caristico. Havia sempre coincidencia nos encontros das meninas de tranças e saias curtas com os preparatorianos de calças compridas e gaforinhas insolentes.

Havia ali uma cruz verde pregada na parede com uma caixa de esmolas. A cruz das almas.

Muito deu que falar a rua do Hospicio. Muito mesmo.

Moças bonitas e caminho da Faculdade... Para que dizer mais?

Arraial

Filho engeitado que vence na vida e se faz feliz.

Enteado que encontra o seu dia de vitoria e olha com sobranceria para os que o humilharam, vendo a muitos sabe Deus como... Nos tempos da maxambomba ninguem fazia caso dele. Arraial?... Muxoxos... Fim de mundo e ruimzinho. Para lá iam somente os que não podiam pagar casas caras, os fracos do peito, os convalescentes das febres rebeldes, ou os dotados da excelsa virtude da paciencia...

Porque, salvo o clima, no Arraial nada prestava. Nem agua, nem luz, nem condução. Valia-lhe apenas a beleza natural dos seus sitios, a doçura das suas jacas, a suavidade das suas noites. O resto? Vagões de bancos furados, de dia sujos e de noite ás escuras; locomotivas invalidas pregando na subida da Mangabeira de Cima; estações, quitandas ou mictorios; baldeações em plenos aguaceiros de inverno no Entroncamento; atrazos de horarios; descarrilamentos; supressões de trens; agua de cacimbas suspeitas; gaz carbonico mofino; lama, muita lama pelos caminhos; ladrões de galinhas á vontade... tudo para o Arraial.

Torcia-se o nariz, compunha-se a de piedade quando alguem nos anunciava sua mudança de residencia para a Mangabeira ou para a Casa Amarela. E si havia intimidade:

— Onde você foi se meter, homem! Logo no Arraial... Um buraco!

Até maliciosamente pejorativa era essa expressão "linha do Arraial".

E, no entanto, aquelas jacas enormes e dôces, aquelas mangas rosadas e cheirosas; aqueles chalés pitorescos ou solares convidativos; manhãs explendidas e noites caricio-sas; um aroma constante de mato e de flôres; e um passado historico para quem se importasse com esse luxo de historia.

Não fôra ali que Matias de Albuquerque resistira durante tantos anos aos holandezes?

Inutil. Arraial era peixe de ultima classe.

Veio, porém, o bonde eletrico, e com ele o milagre, o grande e justo milagre. Uma desforra mesmo! O Arraial não se satisfez em melhorar de sorte; passou para a primeira linha.

Calçamento, luz eletrica, bangalôs, coloniais, cinema cantado, feira de nota, gente de automovel, terrenos caros, nome na ponta.

Quem não conhece alguem parecido com o Arraial, hein?

Poço da Panéla

Toda moeda tem avêsso. Aqui temos o contraste do Arraial. O Poço da Panéla. Um espectro do que foi. Um decaído. Arrabalde, saudade, museu. Nem o novenario da Nossa Senhora da Saúde, outróra um explendor e hoje

um aguado arremêdo, consegue injetar-lhe animação, brilho, fama. Que nada!

Dantes essa festa da Saúde interessava ao Recife inteiro. Era de rigor para a alta sociedade e para as camadas humildes. Móstra de luxo, de riqueza, de encantos, de importancias sociais. Um explendor! A bandeira era trazida da residencia da Juiza em procissão, num carro alegorico, seguido de centenas de mocinhas vestindo seda branca e de véo. O cortejo levava horas a desfilar pelas ruas do arrabalde. E ser Juiza dessa festa não era para qualquer.

Que bandeira é esta
Que vamos levar ?
E' da Mãe de Deus
Para fazer novena.

Durante o novenario as noites tinham patronos que se consumiam em dar o maximo realce ás que lhes cabiam patrocinar. Noite dos caixeiros, dos empregados da via ferrea de Caxangá, dos estudantes, dos comerciantes, dos casados, dos solteiros e das solteiras... As maxambombas puxavam dezenas de vagões em que não cabia mais um menino siquer. E corriam de meia em meia hora. Cocheiras esvasiavam-se para transporte das familias abastadas nas suas berlindas, coupês, landôs e vitorias a 100$, 200$ e 500$000 cada um. Para a epoca esses preços constituiam verdadeiras loucuras de prodigalidade. E a noite da Festa transformava o Poço em sucursal do paraizo.

E, por falar em paraizo, lembramo-nos de que Tolenare, aquele francês que visitou o Recife em 1817, já falava, nas suas impressões de viagem, no Poço da Panela. Com muitos gabos e alguma maldade. Elogiava-lhe a paizagem, o ar, o pitoresco e os banhos de rio. Neles se viam muitas

vezes moças de familia deliciando-se com a frescura das aguas do Capiberibe. Algumas delas afoitamente saiam do recato dos banheiros de palha e nadando para fóra mostravam lindezas de curvas dos seus corpos morenos. Um ensaio do nudismo atual. Já naquela epoca os recifenses preferiam o Poço para "passar a festa". A vida, ali, constituia um morrer de descanso, de fartura, de jogos, de brinquedos e de namoros. Apareciam nos jornais, de anos após, versinhos de amor dedicados a beldades ali veraneando, as formosas sinhazinhas de saias redondas, corpetes justos, mangas balões, cabelos em cachos. Namoros todo romantismo, poesia, platonicos... Nem sempre, talvez. As amplas arvores dos sitios, as longas alamedas de pitangueiras, as visinhanças dos tanques dos jardins, os recantos dos muros, protegeriam, por certo, muito aperto de mãos, muito abraço escondido, muito beijo apressado. Quando não se verificava uma fuga escandalosa, por oposição paterna.

Poço da Panela... Nem significação historica e politica lhe falta. Ali viveu por muitos anos José Mariano, o grande abolicionista pernambucano, o fogoso liberal. Ele e sua bonissima esposa d. Olegarinha. Seu sobrado de moradia, hoje arruinado, presenciou cenas inolvidaveis. Conferencias politicas, conspirações revolucionarias, planos de ataques parlamentares ao governo, reuniões de abolicionistas, escondimentos de escravos, jubilos de alforriações. Era dali que os cativos fugiam para o Ceará metidos em barcaças de capim, bem disfarçados por baixo dos feixes, para que os capitães de mato não os descobrissem. Foi ali o festejo triunfal da chegada de José Mariano, vindo da prisão da ilha das Cobras, no tempo de Floriano. Foram ali as manifestações estrondosas de vitoria e de alegria quando a princeza Isabel assinou a lei de 13 de Maio. O povo parecia ter ficado doido!

Hoje o Poço é um dos suburbios mais pacatos, mais tristes, mais silenciosos, mais esquecidos do Recife. A' margem do Capiberibe, entre arvoredos, com os seus velhos sitios, as suas casas solarengas, as suas ruas primitivas, guarda apenas o encanto da sua maravilhosa vegetação e o perfume do seu inolvidavel passado. Mangueiras de copas fartas como feitas para acolher gerações; sapotiseiros de troncos altos e viris como a altivez da terra; jaqueiras carregadas numa expressão de franqueza e de bondade para a fome alheia; casarões hospitaleiros, barrados de azulejos, tesourados de janelas, com terraços de tijolos muito gastos, jarros de louça portuguêsa, bancos de cimento, balaustradas invadidas de trepadeiras...

Cenarios das "partidas", das "funções", dos amôres nos tempos idos.

Ha mesmo um ar de saudade, de evocação, de reminiscencia em tudo, por ali. Sai-se do presente indo-se passear no Poço da Panela de hoje.

Dir-se-a que, ali, as tranças não cederam logar ao cabelo a homem, as anquinhas não se deixaram vencer pelo vestido transparente, o amor-distancia ainda se sobrepõe ao amor-contacto...

Encruzilhada de Belém

Vinham apitando de longe os trens do Recife, de Olinda e de Beberibe. E ali cruzavam-se. Era um espetaculo curioso e agradavel o encontro dessas tres composições. Paravam um perto do outro. De vagões a vagões olhares, cumprimentos, perguntas, frases...

— Hoje, não. Domingo irei passar o dia.

— Pois não. Teremos uma cavala gorda...

Ou:

A estação da Encruzilhada (As maxambombas)

— Não tomou banho ontem?

— Estava meio "constipado". Acordei espirrando.

Ou ainda:

— Não deixe de ir de noite ao Carmo, ouviu?

— Sim.

— Eu espero você na barraca Liberdade. Tenho muita cousa que lhe contar...

— Já sei... Sobre aquela "pessôa"?

— Dela mesmo...

Conversa de tempo de festa.

Dali a pouco novos apitos e os trens tomavam seu rumo.

Ponto de movimento a Encruzilhada. Mas feioso e sujo de carvão de pedra. As fachadas dos predios nunca estavam limpas. Uma estação no centro do pateo com tres alpendradas e tres platafórmas.

Umas oficinas da maxambomba. E uma feira ignobil com barracas de toldo imundo com detritos de verduras e frutas pelo chão, a semana inteira. Arrabalde de valentes, de brigas, de má nota.

Agora, mercado, comercio moderno, bangalôs, cinema excelente, jardim, monumento, bondes eletricos, automoveis de praça, prestigio, vida propria, gente educada.

Ouve radio. Antigamente contentava-se com o equivoco pastoril de Herotides.

Rua da Imperatriz

Caso interessante o dessa arteria recifense. Tipico de quem cai e arranja sempre geito de subir de novo. Tivéra honras de chiquismo, de bom tom, de aristocracia. As familias preferiam-no por ficar no bairro da Bôa Vista, mais acessivel e mais recatada. Contava estabelecimentos de

nota: Ave do Paraiso, Bazar do Alfredo Lopes, Casa Apolo, barbearia Odilon, Atelier das Viégas, fotografia do Flosculo, a séde do Filomomos, um cinema improvisado, exposições de figuras de cêra... Por voltas de 1905 a rua andou de pernas bambas. Diversas firmas desapareceram. E as quitandas, as vendas vagabundas, os sapateiros, as lojinhas fobós invadiram aquele cenario de antiga fidalguia social, aquele ambiente frequentado pelos sevéros barões e viscondes e pelas pretenciosas condessas e baronesas. Até os letreiros denunciavam essa decadencia. Existiu um assim: "Petit fabrique de chapéos de sol". Nem mesmo á fresca das noites vinham com a frequencia antiga as familias fazer compras, nuns trajos caseiros. De subito, a renascença. Inaugura-se o teatrinho Helvetica com um perturbador exito. Todo o Recife correu a ver o novo e moderno cinema que logo se transformou em café-concerto. Bôas companhias, depois, ali se apresentaram. A rapaziada fez da porta do Helvetica seu ponto habitual. E de lá dentro, o ponto de pecadinhos, malicias, conquistas... O comercio foi se reformando aos poucos e readquirindo brilho. Cessou o trafego dos bondinhos da Carril; correram os carros grandes da Tramways. Luz eletrica, letreiros luminosos, automoveis, zonofones. As quitandas e vendolas procuraram outro pouso. As fachadas dos predios tambem se reformaram numa tendencia de imitação progressista. Os antigos carros a cavallos foram sendo substituidos pelos fórdes. Os balcões remoçados das lojas já não viam fidalgas da monarquia porém conheciam as esposas dos industriais, dos donos de cinemas, dos proprietarios de garages, dos ricaços de outra éra.

A danadinha da rua da Imperatriz arranjara protetor de força e subira novamente. Tirara o avental de creada e cingira o abandonado trajo de patrôa.

Ponte do Recife

Hoje, cimento armado e nome justo: Mauricio de Nassau.

Houve quem a conhecêsse de madeira, com umas lojinhas de um lado. Transitavam por ela os palanquins, os comboios de algodão, as negras boleiras, os escravos acorrentados, os frades pedintes, as carroças da alfandega.

Nessa éra recuada, primitiva, a ponte da Bôa Vista, com os seus banquinhos servia para as conversas, o descanso, os tribófes de amor... A do Recife, com as lojinhas, prestava-se para os negocios, a usura, os ganhos, os tribófes do interesse...

Nós a conhecemos de ferro, tipo estrada de ferro, gemea da da Bôa Vista, com o centro para os bondes da Carril e os passeios laterais de taboinhas, sempre estragadas e por vezes soltas, para os peões, o que dava margem a esta ironica reclamação de um jornal em 1831: "Participa-se á Camara Municipal que apareceram novamente buracos na ponte de Recife".

Num extremo, o Arco de Santo Antonio. No outro extremo o Arco da Conceição.

Em ambas as extremidades quiosques e gameleiras. Nesses quiosques juntavam-se carregadores, matutos, meretrizes, moleques, vagabundos em conversa, bebendo café, tomando bicadas, promovendo arruaças. Nas rampas proximas á ponte não era raro se ver individuos satisfazendo necessidades pouco apresentaveis...

Ao lado, no barro do Recife, o trapiche Conceição. Construção sobre agua, com alpendrada de zinco, onde encostavam alvarengas para descarregar mercadorias de

pronto despacho aduaneiro. Ali acostavam tambem os navios bacalhoeiros do Seixas e do Camorim.

A alfandega erguia os seus quatro torreões pintados de amarelo e a rua da Cadeia principiava junto ao Arco, esguia, torta, mal calçada, a caminho do largo do Corpo Santo e da Linguêta.

A ponte primitiva foi construida em madeira no governo de Mauricio de Nassau. Por sinal que no dia da inauguração houve festas muitas. Era a primeira da terra. O povo encheu as ruas da Mauricéa. Anunciaram que um boi ia voar. Boi voar?! Aqueles holandêses eram capazes de tudo. Na hora marcada, de um sobrado á beira do rio, saiu mesmo um boi. E voou. Mas era de pano e cheio de vento... O povo, tapiado, não teve outro geito senão achar graça...

Rua do Imperador

Foi sempre a rua politica do Recife.

Foi e é.

Outróra, debaixo das gameleiras que a enfeitavam reuniam-se governistas para gabar o poder e oposicionistas para ataca-lo. Politicos da monarquia, barões disso, viscondes daquilo e graves conselheiros, todos barbados, de sobrecasacas, cartolas, sisudos e medidos; politicos da republica já mais democraticos nas atitudes, nos paletós sacos, nos simples bigodes... Até chegarmos aos ultra-democraticos de roupas brancas, camisas de sêda, caras raspadas e costelêtas. Acertavam-se conspirações, esboçavam-se artigos fulgurantes, tesouravam-se adversarios, choravam-se maguas do ostracismo, lubrificavam-se esperanças de fastigio, ironizavam-se figuras de prôa, reconciliavam-se politicos, tramavam-se perfidias... Tanta cousa! E os boatos

que num fremito sorrateiro partiam dali para rapidos atingirem os arrabaldes e os sertões com as suas noticias falsas e tremendas!

Tempos agitados, sombrios ou temerosos do periodo Barbosa Lima, com a cavalaria abaixo e acima; do estado de sitio de Floriano com a ameaça da ilha das Cobras; da prisão de José Mariano, Gonçalves Maia, Paula Mafra, Albino Meira e tantos outros; do tiroteio de 18 de Dezembro no pateo de palacio e da fuga de José Maria para o "ôco do mundo"; da propaganda da republica e do assassinato de Ricardo Guimarães; da campanha pró-Dantas Barreto com os comicios violentos á porta do "Pernambuco"; do quebra-lampeões no quatrienio Rodrigues Alves; do joquei Crispim, o "martir" na epoca; dos jornalistas engulindo em pilulas as trovas irreverentes que publicavam.

A tudo a rua do Imperador assistiu.

Ali ficavam as redações dos jornais mais famosos do Recife pela sua intrepidez de oposição. A Provincia, o Pernambuco, a Gazeta da Tarde, o Correio de Recife, A Concentração... E ainda hoje lá estão o Jornal do Recife, o Jornal Pequeno, o Jornal do Comercio, o Diario da Manhã.

Mesmo com os prelios revolucionarios transferidos, agora, para as ruas socegadas da Bôa Vista, a rua do Imperador conserva, pelo menos, o primado dos boatos e das maledicencias: a esquina da Lafaiete. E' o "rendez-vous" dos que têm muito o que falar e nada que fazer.

Rua historica, impavida, gloriosa. Desde a epoca em que Frei Caneca dormiu suas derradeiras noites na Cadeia Velha e dela saiu para patibulo do largo das Cinco Pontas. Desde a epoca em que o Conde d'Eu passou por ela, com todas as honras de principe consorte, seguido por Silva Jardim que pregava a republica. Desde a epoca em que,

deante da multidão entristecida e chorosa, abafando a revolta, trouxeram para a redação da Provincia o cadaver de José Maria asassinado numa secção eleitoral. Desde o dia em que José Mariano transitou por ali, sob arcos de folhagem, bandeiras, vivas, de volta das enxovias da ilha das Cobras. Desde a epoca em que os batalhões de voluntarios iam por ela a caminho do Paraguai. Desde a epoca em que Nabuco derrotando um candidato do governo poz a cidade em polvorosa e a rua do Imperador toda enfeitada. Cantava-se, então, estes versinhos:

Vamos, vamos, minha gente,
Que Nabuco já chegou;
Vamos vêr o ceu aberto
Na rua do Imperadôr.

Em discursos flamejantes oradores de folego ou mediocres atacaram o imposto de vintêm, a tirania do Rosas, a ignominia da escravidão, a carestia da vida, a molesa do imperador, a arrogancia de Deodoro, as diabruras do Antonio Conselheiro, a derrota de Moreira Cesar, os arreganhos do general Pando, as violencias de Floriano, o monarquismo de Saldanha da Gama, os tributos de Campos Sales, as manhas de Pinheiro Machado, o militarismo de Hermes, a politicagem do Rosa, a voluntariedade do Dantas, tudo isso em mistura com protestos contra a vacina obrigatoria, a moda saia-calção, os depositos de flandres para lixo, o saturnismo das aguas da Companhia de Beberibe, os desmandos da maxambomba, as chinêsas que tiravam bichas dos olhos, os artigos do pastor nova seita Salomão Ginsburg, a queima das biblias por Frei Celestino, a prisão de D. Vital, os capoeiras de frente de musica, a guerra do Transvaal, a demolição dos Arcos.

Até chegarmos ao "exilio" do Ulisses José dos Santos.

De tudo a rua do Imperador tem visto. Tipos populares como Pensamento, Bochêcha, Cazuza. Ou Tinisco vendendo bilhetes de loteria. Era um mulato alto, magro, malcreado. Tinha o apelido de "Castiçal do inferno".

Habituais da rua do Imperador eram, tambem, o comendador Veiga, muito dado aos teatros, de fraque, flor no peito; o Angelo Sabiá, da casa Agra, folgazão, empulhando os que receavam a morte, com um clube de ataúdes por sorteio; o dr. Pereira da Lira, do Banco das Classes; o alferes Ambrosio Leite levando para os jornais umas estiradas historicas que principiavam assim: "Faz hoje trezentos e vinte dois anos..."; o Pedro Salgado, do Hotel de Londres; o coronel Quintino Galhardo, velho oposicionista ao rosismo; o J. Carlos Mariz, sempre empertigado, sempre idealista; o Quintas vendendo livros e discutindo Bernardo Vieira de Melo; o Cristovam Fumaça, fazendo em voz alta comentarios politicos...

Quanta gente mais!

Quem, já quarentão pelo menos, não conheceu pelas calçadas da rua do Imperadôr, pela redondesa da Faculdade de Direito, pelas portas das redações, pelos bancos dos cafés, a figura tipica e infalivel do Bodião de Escama?

Era "popularissimo, loquaz, palrador, mas ignorante". Vivia constantemente no pórre e dizia asneiras á vontade em discursos bestialogicos e sentenças originais e estapafurdias.

Bodião vivia de preferencia em róda das mesinhas de botequins fazendo jús a alguma bicada ou ás voltas com os estudantes que o espicaçavam para ouvir-lhe as extravagancias e inconveniencias.

Tanta influencia teve na sua epoca, na vida recifense, que a sua alcunha passou a constituir o simbolo da toleima

e da asneira. Qualquer individuo pernostico ou bestialogico era um "bodião" e as tolices que emitia "bodionices".

Conta-se que vendo passar um enterro descobriu-se e desejou ao defunto: "A terra lhe seja brilhante". E que a um céo estrelado definiu assim: "As estrelas são ovos estalados na frigideira do infinito".

Bodião morreu, passou. Outros ficaram a encher as calçadas da rua do Imperadôr...

Na sua vida mundana e alegre tambem teve horas de movimento, de brejeirice, de entusiasmo. Lá estavam o Hotel de Londres e a Pensão Siqueira, pouso transitorio de artistas de teatro e mulheres de alto-bordo. Daquelas a que o povo chamava de "francesas", porque trajassem bem, pintassem os rostos, e se mostrassem coquétes. Eram mulheres de mãos familiarisadas com pelégas de 100$000, soma fabulosa nesses tempos de um par de botinas de 20. A pensão Siqueira e o Hotel de Londres mereciam a frequencia de maridos endinheirados e a maldição das esposas economicas...

Tambem por essa arteria desfilavam as passeatas de estudantes de Direito, no 11 de Agosto ou nos trótes aos calouros, vindas da Faculdade que ficava visinha á igreja do Espirito Santo. Dias de vibração academica, de espirito, de ruido. Calouros de mãos amarradas, de paletós pelo avesso, de chapéus de mulher, de camisas por fóra das calças... E obrigados a discursos bestialogicos de quando em quando.

Quanto desembargador respeitavel de agora passou por ali, assim!

Rua do Imperador da confeitaria Crispim com as suas celebres empadas de camarões; do club carnavalesco do P. M. intrigando os ingenuos com as suas iniciais maldosas e encabulando os reformados no amôr; da agencia do Agos-

tinho com os seus gazeteiros de "34 descalço" apregoando A Pimenta e O Besouro; da alfaiataria Moreira Reis, ditadora da moda com promessas de "bom e barato"; da Casa Machado Pereira, de habitos austeros; dos bilhares Luso Brasileiro, ponto da estudantada; dos sobrados suspeitos em cujas varandas se ofereciam vultos femininos pouco vestidos — isto é — como andam nas ruas hoje...

Rua dos vagabundos, dos boemios, dos jornalistas, dos estudantes, dos meirinhos, dos advogados e dos frades de São Francisco. Sobretudo, rua das encrencas, das blagues e dos pecados. Ha ali o contraste entre os frades e as meretrizes.

Mas, acima de tudo, a rua do Imperador é a nossa rua politica. Tão politica que em 1889 foi das primeiras a mudar o nome para 15 de Novembro e depois, menos arrebatadamente, voltou a se chamar de Imperador, como outrora.

Ela tem visto de tudo, no genero. Conservadores, caiados, liberais, monarquistas, deleterios, republicanos, escravocratas, violões, abolicionistas, pés de chumbo, dantistas, civilistas, hermistas, marrêtas...

E hoje ainda vê outros rotulos. Não vale o gosto aprecia-los. Os de outróra, á distancia, são mais "gosados".

Foi nela que se verificou um dos episodios marcantes, e, pode-se dizer decisivos, pelo efeito do ridiculo, da campanha pró-Dantas. A cidade inteira vivia em polvorosa ha alguns mêses. Comicios fogosos. Entusiasmo popular. Lutas com a policia todas as noites. Intervenções do exercito. Mortes, ferimentos, carreiras, sustos, exodo de familias, o diabo. Todas as casas ostentavam nas vidraças o retrato do general salvador dentro de uma bandeirinha

verde-amarela. Tudo caminhava para a queda do rosismo e a vitoria do dantismo.

Todavia, o governo do Estado reagia, defendia-se, resistia. Tinha ainda a força publica ao seu lado.

Mas uma tarde, em plena rua do Imperador, ouviram-se vivas a Dantas Barreto saindo do quartel do 1.º corpo de policia que ficava na esquina da praça da Republica. O povo alvoroçou-se. Exultou. Juntou gente muita na calçada. Vivas a Dantas Barreto dentro de um quartel do governo estadual só poderia traduzir uma adesão valiosa á causa dantista.

E a noticia correu rapida: A policia aderira ao General. Tocou-se a Vassourinha. Cantou-se de novo o

Cantemos, pernambucanos,
Cantemos, pernambucanos
Um hino santo em louvor.
General Dantas Barreto
General Dantas Barreto
E' o nosso salvador.

No outro dia, porem, um orgão oficial explicou a cousa. Antes não o fizesse. Caiu no gôto do povo a explicação: os vivas não tinham sido ao General Dantas Barreto, como parecera, e sim a um soldado de apelido Marrêta que fazia anos.

A politica explica tudo.

Rua da Aurora

Quem nasce bonita...

A rua da Aurora sempre o foi. Pelo menos desde quando passou a se chamar assim, deixando de ser o "pantano do Casimiro". Porque, no contar de Pereira da Cos-

ta, aquilo tudo não era dantes senão um imenso mangue, caminho de canôas e regalo de carangueijos e aratús.

Esse tal Casimiro de bom gosto e de afinada sabedoria conseguiu aforar esse alagado por 1$480 anuais e aterrando-o construiu as primeiras casas da futura rua da Aurora, E estava assim fundado um dos mais lindos trêchos do Recife. Em breve outras arterias foram surgindo do antigo "pantano do Casimiro": — as da Saudade, da União, da Princêsa Isabel, Formosa, Riachuelo...

A rua da Aurora merecia gabos e atraía admiradores mesmo no tempo em que não dispunha ainda dos trajos modernos de agora: — calçamento impecavel, arvores podadas, balaustrada elegante e até um começo de comercio. Sempre foi graciosa e aristocratica. E' uma rua singular, uma especie de varandim, de terraço de onde se mira á vontade o passeio vagaroso, suave e imponente do Capiberibe. O rio pernambucano tem dali uns aspectos maravilhosos. Ora ao contacto centelhante do sol, ora franzido nas tardes de ventania, ora riscado pelas ióles de regatas, ora transitado pelas jangadas de pesca, ora coalhado pelas baronêsas das cheias, ora pingando de luzes das pontes, é inalteravelmente belo, é caracteristicamente recifense.

E a rua da Aurora é o mais feliz ponto para admiral-o. Rua da Aurora, nome adequado, expressivo, da pontinha.

Desde a monarquia foi fidalga. Alinhavam-se nela palacêtes da nobrêsa imperial. Vastos e velhos edificios, de fachadas respeitaveis, interiores amplos, severos, sombrios. No alto das portas, brazões. Solares das familias nobres de antanho: do Conde da Bôa Vista, do Barão de Beberibe, da Baronêsa de Morenos. Lares rigidos, imponentes, selétos. Cenarios das "partidas" de outróra, das dansas da epoca toda em meneios, etiquetas, ao som dos pianos lentos e melodicos. Lá voltearam os cavalheiros de

casacas finissimas debruadas de gorgurão, colarinhos altos e pontudos, gravatas de enrolar, peitilhos duros e lustrosos, e as damas de saias-balões, penteados em cachos, diademas nos cabelos, seios premidos pelas baleias dos espartilhos, leques de plumas... Frases de amor mal consentidas num rodeio de valsa, num "balancez" de quadrilha, num frenesi de galope, numa mesura de lanceiros.

Nunca perdeu a rua da Aurora esse ar de fidalguia, de bôa linhagem, de finura.

Nela se sitúa ainda o Clube Internacional, a sociedade de alta róda do Recife, sucedendo ao não menos requintado Clube Carlos Gomes. E este foi o salão escolhido dos bailes de antigamente.

Nem a nota politica faltou nunca á rua da Aurora. Ficavam ali a Camara dos Deputados e o Senado, antes da revolução outubrina. Graves senadores de croisês e cartolas e mais jovens deputados de fraques e chapeus de côco por suas calçadas transitavam todos os dias, cogitando das novas leis provinciais ou estaduais e, tambem, não menos, das suas interessantes reeleições. O palacio do governo demorava tão perto! Era só atravessar a ponte de Santa Isabel. Na volta, muitas vezes, com as decepções, nasciam os grandes oposicionistas...

Ultimamente já os croisês e fraques eram substituidos pelos ternos brancos. Mas, nos cerebros, as idéas não mudavam. Nem as mutações...

Não faz muito tempo a rua da Aurora tinha seu calçamento ruinzinho. Em vez do varandim, umas correntes de ferro apoiadas em frades de pedra. Gameleiras esgalhadas e sombreadoras. Uns quiosques ao pé das pontes. Um cheirinho ruim do antigo esgôto. Na esquina da Princêsa Isabel a estação da maxambomba de Olinda. Movimentada de hora em hora á partida ou chegada dos trens. Si-

netas, apitos de maquinas, barulho de engates, cheiro de carvão de pedra. Gente a entrar, gente a sair. Nas calçadas engraxates, baús de pães, taboleiros de miúdos, balaios de mangas e mangabas, vendedores de gasparinhos...

Tudo passou.

Hoje é o bonde eletrico, o onibus, o automovel. E o Zepelin que passa por cima numa larga, numa radiosa, numa singular visão do Recife que se embala, que boia, que trepida sobre as aguas mansas e tremulas do Capiberibe.

Rua da Aurora. Balcão de beleza, de fidalguia, de louçania.

Nem mesmo o tom mistico lhe falta. A igrejinha dos inglêses, tão simples, tão retraida, dentro do seu jardim e entre as suas palmeiras...

O Derbi

A principio pista de corridas de cavalo com uma arquibancada. O prado do Derbi. Nessa epoca o Recife tinha tres prados: — o Hipodromo, o da Madalena e o do Derbi. E os recifenses morriam de amôres pelo hipismo. Apaixonados mesmo. Coudelarias, joqueis e cavalos tiveram fama, geraram partidos, provocaram barulhos. Não foi uma só vez que uma corrida terminou em taponas, tiros, refles da policia e ataques histericos nas senhoras.

Porque as senhoras tambem se deixavam acalorar pelas corridas, pelos animais favoritos e até pelos joqueis mais treinados. Haja vista o caso Crispim.

O jogo era forte e cerrado. Contos de réis. E o "tribófe", tambem. Até no amor... O prado constituia o domingo do recifense de ontem. Ponto de digestão, de

palestra, de negocios, de namoros, de conquistas, mesmo de politica.

Muitas ovações houve neles a Nabuco, a José Mariano, a Martins Junior nos dias agitados da abolição e da republica.

Depois a mania esfriou. O Derbi fechara. Liquidara-se antes do Hipodromo do Campo Grande.

Delmiro Gouveia, um matuto inteligente e trabalhador que teve a afoitesa de dar exemplos a muito politico falador e esteril, adquiriu o Derbi e transformou-o num mercado. Com generos baratos para o povo, lá dentro, e divertimentos cá fóra para todos. O Derbi ganhou outra especie de fama. Luz eletrica, carrousseis, orquestrofone, barraquinhas de prendas, retrêtas, regatas, teatrinho...

Um céu no Recife sombrio e quieto de dantes.

Os bondes iam para ali todas as noites com as lotações excedidas.

Era o assunto obrigatorio.

— Você ainda não foi ao Derbi?

— Todo dia estou firme... Aquilo se perde!

— Logo vi!

— Agora estreou a companhia infantil.

— Só a Consuelo... hein?...

Não havia quem não gostasse do Derbi.

Só quem não gostou foi a senhora Politica. E bastou. A implicancia dessa senhora é peor do que inveja de solteirona.

E uma noite o mercado do Derbi pegou fogo.

O pateo virou novamente pasto de cabras, de cavalos, de cobras. E ninho de amôres vagabundos.

Mal o bonde atravessava o matagal.

O revide veio no governo Sergio Lorêto. Tratou-se de asseiar e aformosear aquilo. Os graves senhores do pessi-

mismo, da inercia e da maledicencia soltaram-se, ajudados pelos inefaveis patriotas da oposição. Meteram o pau nas obras. Disseram aquelas cousas já conhecidas e a que nenhum governo de atividade e de coragem deve dar ouvidos.

E o Derbi de ontem passou a ser o vasto e lindo parque de hoje.

Fôssem atender aos criticos e aos patriotas...

Rua do Cabugá

Era o corredor de ligação entre a rua Nova e a pracinha da Independencia.

Um perfeito corredor pela acanhada largura e pelo curto comprimento.

Os seus passeios rebelavam-se com os pares de transeuntes; só permitiam a marcha a um de fundo. E isso mesmo com certa prudencia porque os bondes da Carril passavam renteando as calçadas.

De um lado e do outro uma maioria de altos e velhos sobrados, daqueles de telhados em biqueiras, varandas sobre cachorros de pedras e janelas em guilhotina. Apenas, á direita de quem ia para a Bôa Vista, uma fila de casas terreas onde se aninhavam pequenas lojas de miudezas, chapéos de sol, fazendas: A Camelia, a Casa Areias, o Lirio.

Já se fazia notar naquela epoca a Chapelaria Colombo, de Augusto Fernandes, na esquina da matriz de Santo Antonio. Defronte, justamente no correr dos predios demolidos para o alargamento atual, ficavam o Armazem do Cristovam com suas guloseimas de alto preço, a loja de joias do Couceiro, ponto predileto de conversa do vigario Silva nas folgas de sua parochia, o Anel de Ouro, do velho

Barros, o Grande Oriente com umas bandeiras vermelhas de reclamo ás portas.

Ligando os dois lados da rua havia uns arcos que se acendiam, a gaz carbonico, nas noites festivas da cidade, nas noites de gambiarras de antigamente. Datas nacionais, como o 13 de maio e o 7 de setembro, dias de Carnaval, procissão de Enterro, chegada do Rosa e Silva, aniversario do governador...

Nos tres dias de Momo os sobrados dali eram cubiçados. Viam-se tão bem os prestitos dos Filomomos e dos Cavaleiros da Epoca, as manobras dos cordões das Pás, Caiadôres e Beatas de São José, as dansas dos maracatús, os brinquedos de bisnagas e papeis picados do povo! As familias dos comerciantes ocupavam os primeiros andares geralmente aproveitados como depositos de mercadorias em estóque. Vinham de tarde e regressavam á noite ás suas residencias. Algumas aboletavam-se ali para passar a semana de Carnaval, trazendo camas, comendo de hotel, convidando parentes. Outra tarde grande para a rua era a da procissão dos Passos — exibição pomposa de vestidos de seda preta, de joias, de capotas ultimo modelo.

Houve uma epoca em que substituiram a iluminação a gaz carbonico por lampadas a alcool. Inauguração festiva. Estava á frente da campanha pró-alcool o dr. José Bezerra. A luz bonita e branca, mas as lampadas desafiadoras da paciencia humana. Mandaram muita gente para a Tamarineira. Encrencavam sempre nos momentos menos propicios e uma vez encrencadas... Duraram pouco. O gaz voltou a reinar.

A rua do Cabugá, não obstante resumida e angustiada, dispunha inegavelmente de uns ares de fidalguia, de altivez, de austeridade que não se podiam definir. Assemelhava-se a uma dessas senhoras magrinhas, baixas, de ves-

tuario sóbrio, de maneiras simples, mas irradiando respeito, simpatia, nobreza, talvez sem dar por tal.

Da origem do seu antigo nome, depois trocado pelo de Sigismundo Gonçalves, contam os historiadores o seguinte: — Morára ali, remotamente, um ourives que emprestava dinheiro sob penhores. A quebradeira é uma contingencia de todos os seculos. Mesmo a dos governos. Chamava-se áquela operação de "esbrugar". O ourives tinha um filho pequeno e de fala ainda atravessada, mas com inteligencia bastante para ajudar as transações paternas. A cada pessoa que entrava na loja indagava logo na sua meia-lingua: "Que bugá?", isto é, quer esbrugar? Daí saiu cabugá.

Em 1905 o prefeito Martins de Barros mandou alargar a rua do Cabugá. Ficou ela com uma banda toda nova e bonita. A outra banda, aos poucos, imitou-a. E deu no que é hoje.

Porém, perdeu a sobranceria, a seriedade, o cunho fidalgo de outróra. Deu para saracotear com os sambas que uma eletróla vive ali a tocar...

Pateo de Santa Cruz

Hoje, ás vezes, me esqueço de que ele ainda existe.

De raro passo por lá e de raro tambem ouço falar no seu nome.

E, no entanto, dantes...

Dantes, sim, o pateo da Santa Cruz andava na bôca de todo mundo. Como o de São Gonçalo em epoca mais remóta.

Pateo da Santa Cruz! Pronuncial-o, sozinho, é despertar nessa assonancia de vocabulos, todas as impressões de outróra, impressões de moço, de recifense, de boavistano.

Quem acreditará nesse apogeu antigo, vendo-o agora escuro, deserto, silencioso?

Dantes. Movimento, alegria, namoros, festas, fama!

As moças do pateo da Santa Cruz. Os estudantes de Direito saiam das republicas das ruas do Aragão, Rosario, Imperatriz e vinham encher as calçadas certos de encontrar essas moças passeando juntas, braços dados, de vestidos de fustão ou de cambraia, tranças soltas, raminhos de flôres aos peitos...

Nas esquinas, trocavam-se frases, risos, olhares, bilhetes, rosas.

— Amanhã, na missa das 9...

— Ali na Santa Cruz?

— Não. Na Matriz...

Ou:

— Recebeu o retrato?

— Está linda!

— Mangador!

Ou ainda:

— Estou zangada, sabe?

— Porque?

— Vi você falando com Elisa.

— Ora! E' minha prima.

— Prima... Eu sei...

A's quinta-feiras á noite ia-se a São Gonçalo visitar o Senhor Bom Jesus dos Pobres Aflitos. Pretexto da mocidade para um contacto mais demorado entre os dois sexos. Subia-se de um em um por escada acanhada e ingreme que ficava por traz da imagem e beijava-se-lhe a fimbria da tunica. Dessa visita, certamente, nasceram muitos casamentos, porém tambem devem ter se originado varias aflições...

No Carnaval o pateo da Santa Cruz dava sua nota.

As sédes das Pás e dos Lenhadores coincidiam se instalar em sobrados visinhos. E um mez antes dos tres dias da Folia já se esquentava o largo com os ensaios, os passeios, as marchas, as fanfarras, o frêvo...

Pelo pateo da Santa Cruz trafegavam nesse tempo os bondes de Madalena e de Torre, tomando pela rua do Sêbo, e os de Pedro II que seguia pela rua do mesmo nome do pateo, vindo, porém, todos tres, pela rua do Aragão.

Davam-lhe, esses bondes, vida, luz, realce.

O acontecimento maximo daquele logradouro recifense era sua festa de igreja, a festa da Santa Cruz. A mais expressiva do Recife porque fôsse de todo familiar, num bairro honesto, recatado, limpo. As da Penha, do Carmo, de Santo Amaro atraiam tambem a promiscuidade de elementos suspeitos dos arredores. A da Santa Cruz, entretanto, escoimava-se dessa gente que não se atrevia a vir perturbar a serenidade dos festejos num ambiente mais seléto ou não se sentia á vontade nele.

Reuniam-se ali todas as familias da Bôa Vista e dos arrabaldes em nove noites seguidas, animadas, explendidas. Calçadas e janelas cheias. Pateo de espremer quem lá se metesse. Igreja sem um lugar vasio. Luzes, barraquinhas, bandeiras, corêtos, fogos de vista, taboleiros de bolos, geladas, foguetes. A Charanga tocando. A 7 de Setembro tocando. A banda do 14 tocando.

As familias que residiam no pateo tinham hospedes durante o novenario inteiro. Camas pelos corredores, pela sala de visitas, pelos sotões. E as mesas elasticas com todas as taboas...

Na semana santa, havia uma procissão emotiva e famosa que interessava o pateo de Santa Cruz. Era a do Encontro. Num domingo. Nossa Senhora da Soledade saía da igreja ali existente e Nosso Senhor dos Passos vinha

de São Gonçalo. Dois cortejos. O encontro da Mãe Angustiada com o Filho Sofredor dava-se no pateo. Nossa Senhora parava olhando para Jesus que se arcava sob o peso da Cruz e trazia o rosto banhado de suor e gotejando sangue. A dôr imobilisava-os uns minutos defronte um do outro.

Evolavam-se da igreja os canticos das moças e os aromas do incenso. Os sinos dobravam.

Era uma cena tocante.

Depois a procissão, uma só, percorria o bairro, unindo os dois andores — o Filho, á frente, levando a cruz; a Mãe, atraz, carregando a sua amargura...

Rua do Brum

Mudou bastante tambem a rua do Brum.

Perdeu até a sua celebre "escola". Tinha historia essa "escola" a que alguns, mais maliciosos, chamavam mesmo de "faculdade".

Era ali que ficavam, outróra, as cocheiras dos burros da Carril. Os bondes, regressando dos arrabaldes, estacionavam quase no final da rua e, emquanto os condutores viravam os bancos, os cocheiros tomavam uma bicada na venda, os serventes trocavam as parelhas do veículo. Dois burros iam satisfeitos lá para dentro mastigar um pouco de capim e outros dois vinham resignados aguentar o trabalho de puxar o carro até Afogados, Santo Amaro ou Fernandes Vieira.

E porque ali morassem tantos "orelhudos", quando se queria afirmar ser alguem tapado de idéas ou titulado sem meritos para o pergaminho, era fatal a classificação pejorativa: "Aquele é da faculdade do Brum".

Tinha um aspecto tipico o trêcho final da rua desse nome. Calçadas cheias de arreios, de candieiros a acetilene, de tabolêtas, de chicotes. Carroções descarregando farelo, capim. Outros retirando das cocheiras estêrco que impregnava as redondezas com o seu cheiro caracteristico e pouco agradavel.

Os burros viviam ali a sua vida laboriosa, sofredôra, pachorrenta. De quando em quando chegava ao lamarão um vapor com um carregamento dêles; para substituirem os mortos, os cansados, os invalidos. Conheciam toda a parte da cidade e dos arrabaldes por onde passavam os trilhos da Carril, apezar de usarem nos olhos umas anteparas laterais que só lhes permitiam ver para a frente. Os oculos de couro, como tambem maldosamente as denominava o povo. Todavia os animais arriscavam uma olhadela de banda e já estavam familiarisados com certos pontos do caminho e com muitos dos freguêses dos bondes.

Incontestavelmente era a antiga Ferro Carril que dava movimento e ruido á rua do Brum. Principalmente depois de 17 horas quando se fechavam os armazens de assucar, as fundições, os trapiches. Ficavam somente os cocheiros, os condutores, os serventes animando a arteria, e abertos uns cafés de infima ordem para atender áquela gente sempre mal alimentada e tresnoitada.

Corria o ultimo bonde antes de meia-noite e partiam os primeiros mal clareava. Destes, uns iam até a praça Maciel Pinheiro buscar os tomadores de banhos salgados na praia do Brum.

Porque o Brum tambem possuiu esse aspecto quase elegante. Antes das obras do porto, a praia que renteava a velha fortaleza, tinha os seus frequentadores e as

suas predileções. Os que não podiam veranear em Olinda, iam se meter no mar, ali no Brum. Lá estavam as filas de banheiros de palhas de coqueiros e os banheiros solícitos em dar as mãos ás senhoras e carregar os meninos para poupal-os das arremetidas das vagas, dos perigos das quedas.

Muita gente frequentava os banhos daquela praia. Uns iam a pé, outros de bondes, alguns a carro. Atravessava-se a cidade adormecida, silenciosa, alcançava-se o velho bairro do Recife com as suas ruas tortas, feias e cheirando a assucar, para afinal gosar-se meia duzia de mergulhos no oceano, bem á bôca da barra.

Por sinal banho meio arriscado pela violencia das correntes e pelas visitas costumadas dos tubarões. Mesmo assim, não se registraram accidentes de monta com esses tubarões. Outros, de terra, deram que falar em proêsas noturnas nos banheiros de palha da praia...

O Brum tambem teve as suas historias de amor...

Talvez por já não tel-as guerreiras.

E hoje... Ganhou em beleza e asseio, é verdade. Mas, sem vibração. Esquecida. Agua-morna.

Senhora que passou a se vestir bem, sim, porém perdendo os adoradores. Nem mais o traço malicioso da sua "faculdade" que, no entanto... Onde estará funcionando?

Linha principal

Não precisavam as maxambombas desse ramal ter um vagão mais comprido do que os outros da composição, nem uma taboleta indicadora de destino.

Porque todos ao ver passar um trem da Linha Principal distinguia-o logo dos de Arraial e de Caxangá.

Por causa dos inglêses e inglêsas que conduzia.

Eram esses seus passageiros caracteristicos e infaliveis.

Eles, uns tipos altos, sêcos, angulosos, de paletós azues e calças brancas, fumando uns cigarros de cheiro ativo, com uma volumosa revista ilustrada nas mãos. Elas, umas mulheres louras, tambem magras, de vestidos claros, pele rosada, olhares distantes, porte senhoril, carregando flôres.

Desciam quase todos nas estações da Jaqueira, de Parnamerim, Casa Forte, Monteiro. E procuravam suas residencias em pitorescas e amplas vivendas, metidas entre arvores, com terraços rendados de trepadeiras, de avencas, de jasmineiros. Ali moravam, lendo ou conversando em vimes confortaveis, cuidando de roseiras, jogando tenis, ouvindo musica, num exemplo aos recifenses de outróra que trajavam croisés de casemira preta, só enfiavam nas cabeças cartolas e bacorinhas estufas, só iam ao quintal para prender o cachorro brabo, temiam o sol e o sereno, enchiam a casa' de reposteiros e tapetes pesados, e tinham uma sala bem mobiliada sempre fechada, para as visitas...

Nos seus chalés sempre arejados, de estores brancos, de ares sadios e alegres, os inglêses contrastavam com os brasileiros que viviam nos fundos dos seus palacêtes sombrios, empoeirados e arrogantes do Caldereiro, da Ponte de Uchôa.

A Linha Principal sempre manteve fóros de fidalga. Quando se inauguraram as maxambombas no Recife foi o ramal preferido. Daí o seu nome. Naquela epoca Apipucos, Poço da Panela e Monteiro gosavam de fama e de destaque. Todos iam ali passar os mezes de Setembro a Março. A festa do Poço alvoroçava todo mundo.

Apipucos e Monteiro deixavam de ser dois bisonhos engenhos de assucar para serem dois arrabaldes da móda.

E a inauguração do tremzinho para ali, imagina-se o sucesso que foi.

Ficaram ambos os suburbios recifenses cheios de si. Acolheram a melhor gente da terra para o passar da festa. Tiveram teatros. Viram muito vestido de seda e muita sobrecasaca francêsa.

Zombavam dos onibus e canôas ainda servindo os outros arrabaldes. Foram tomando aquele ar de importancia, de superioridade que por muitos anos conservou.

Mas, depois, decairam bastante. Aguentaram a maxambomba até virem os bondes eletricos.

E hoje vêm Dois Irmãos, com o seu parque, passar-lhes a perna...

Avenida Riachuelo

Quem a vê hoje de passeios de pedrinhas, com refugios centrais, cupulada de arvores agasalhadoras, percorrida de automoveis, toda ares de mocidade, de alegria, de espirito moderno, não acreditará fôsse a macambuzia, a acanhada, a esquecida de ontem.

Parece-se com uma matuta desageitada que de repente se desembaraça. Na rua do Riachuelo antiga tinha-se impressão de imensa distancia. Triste, silenciosa, sombria. Descalça, raros lampeões a gaz, cortiços, matagais, sapos, mangues. As raras vivendas sempre fechadas com uma vida de familias muito lá para dentro. O local destinado á Faculdade de Direito um pantano. Enfiavam estacas que se sumiam de agua abaixo. Num trêcho menos hirsuto de vegetação o 14 de infantaria vinha fazer exercicios a toques de cornêtas e rufos de tambores.

De hora em hora, ao longe, passava o trem de Olinda.

Transeuntes rarissimos.

Não se denominava ainda "avenida". Era ainda "rua", com o seu trêcho final, o que ia até á Soledade, menos desprezado por ser passagem dos bondes Fernandes-Vieira.

Dizem cronicas que em epoca mais recuada uma cambôa passava muito de seu pelo centro da rua indo ter até em frente do quartel do Hospicio, ao quartel do 14, outróra hospital, o que deu nome ao local. Por ali subiam canôas conduzindo tijolos, areia, frutas...

Os moradores, porém, implicavam com a cambôa e com razões. Para se passar de um lado para o outro da rua ou se metia os pés dentro d'agua ou se fazia um danado de "arrodeio". Pediam á municipalidade uma pontezinha. Pediam e nada. As municipalidades sempre sofreram dessa doença auditiva. Maximé si ali morasse algum oposicionista.

E os infelizes habitantes da rua do Riachuelo resolveram fazer por si o que o intendente não quis realizar pelos cofres publicos. Quotizaram-se e construiram uma pinguéla. Uma tôsca pinguela de madeira.

Era prestimosa e ao mesmo tempo ironica...

Serviu até o completo atêrro do local.

A rua do Riachuêlo vingou-se. Hoje é a excelentissima senhora avenida. Formosa, faceira, feliz. Toda entusiasmada, toda não me tóques. Com onibus de luxo, com desfile de automoveis, com um palacio de Direito, com um calçamento de primeira, com uma guarda de honra de figos-benjamins. E tendo nos seus extremos a vigilancia de dois pernambucanos de valor, em estatuas: o Conde da Bôa Vista e Martins Junior.

Este mundo...

Largo do Entroncamento

Um paraizo de mangueiras. Talvez a praça mais linda do Recife de agora. Pernambucana da gema com as suas mangueiras tão nossas, e tão belas, tão acolhedoras.

Imaginemos a de dantes.

A de ontem. A de 1911, por exemplo.

Um capinzal riscado de veredas e ao centro a feiosa e suja estação do Entroncamento. Tres platafórmas de cimento já gasto. Uma alpendrada de zinco enferrujado e carcomido.

De dia, uma tristeza.

De noite, um ermo.

Um rapido traço de vida apenas quando passavam as maxambombas da Fletcher. Era ali que se cruzavam os tres ramais da estrada. O do Arraial, o de Dois Irmãos e o de Varzea.

Longos apitos de chegada e de partida. Caras de martirio, de impaciencia, de fome, nas janelinhas dos vagões. Os condutores com uns bilhetinhos coloridos nas mãos. Sopros de vapor, desentorpecimentos de engates, rodadas de trilhos afóra...

Depois, os sapos tomavam conta do largo, á vontade:

— Foi... foi... foi... foi...

Largo do Espirito Santo

Tantos nomes antigos. Pateo do Colegio, Praça Pedro II, Largo do Espirito Santo, Praça 1817...

Agora vive socegada, deserta, esquecida.

Num Recife de trinta anos atrás foi um dos pontos mais movimentados e divertidos da cidade.

Porque ali ficasse, ao lado da igreja do Espirito Santo, no antigo convento dos jesuitas, a Faculdade de Direito.

Durante os dias os estudantes transbordando dos baixos e desconfortaveis salões onde lhes ministravam as aulas juridico-sociais os drs. Adolfo Cirne, Gomes Parente, Augusto Vaz, Constancio Pontual, Adelino Luna Freire, Tito Rosas, Neto Campelo, Gervasio Fioravanti, Virginio Marques, ou dos sombrios e monasticos corredores onde se discutiam programas e teorias, enchiam o jardim da praça 17 que ainda tinha gradil.

E, ali, no esfusiamento e no ruido das expansões da idade e da classe explodiam as conversas, os discursos, as risadas, os trótes, as gargalhadas, as vaias, as diabruras de toda ordem... O jardim era um reduto ocupado. Ninguem se atrevia a atravessal-o temendo uma irreverencia, uma pilheria, uma pulha.

No dia 11 de Agosto ali se organizava a grande passeata do ano. E ali, tambem, nas horas de civismo pernambucano ou brasileiro, vibrava a alma da mocidade em orações flamejantes ou em adeuses comoventes. Foi no embarque do 14 para Canudos, no incidente com a Bolivia, na questão da Trindade, no enterro de Martins Junior, na visita de Lucilia Simões, na passagem de Nabuco...

Na praça 17, no jardimzinho do Espirito Santo, revelaram-se inteligencias, oradores, culturas que depois andaram e andam servindo e honrando o Brasil.

Outro ensejo de vibração e de alegria para o pateo do Espirito Santo era o das missas de meio-dia, aos domingos. A missa elegante e aristocratica do Recife de dantes. Missa de quem dormia até tarde e de quem possuia indumentaria no rigor da moda para mostrar e fazer inveja.

Ceremonia de mais vaidade do que fé.

Quem se tivesse em conta de gente da alta sociedade não comparecia a outra. Nem mesmo a de 11, na matriz da Bôa Vista, que já se revestia de lordeza.

A igreja era uma móstra de toalétes ricas, modernas, cheirando ainda a costureira e a alfaiate. Os perfumes de Houbigant, de Piver, Roger-Galet, mais em vóga impregnavam a nave e iam bolir com o olfato do sacerdote lá no recesso da sacristia.

Carros ficavam á porta, carros de bonitas parelhas. Particulares e de aluguel.

A rapaziada formava alas na entrada para ver chegar as mocinhas das familias de destaque na epoca. Excelentes partidos para um casamento — pela formosura e pelo dinheiro.

Os bondes descendo dos arrabaldes deixavam grupos e mais grupos na esquina da Livraria Francêsa, na rua 1.º de Março com Imperador. E já dali os "bilontras" acompanhavam as suas preferidas, máo grado o olhar prevenido das mamães ou a bengala agressiva dos velhos.

Na missa do Espirito Santo inauguraram-se as modas mais sensacionais do Recife de ontem: — as saias balões, as blusas de gola alta, os chapéos de longas plumas, as saias-estreitas, as zitas, os penteados de cachos supostos, os mitaines, os boléros escossêses, as gravatinhas com ponteiros de metal, as marrafas douradas e os vestidos de meia manga até que a tantas solteironas de braços finos fizeram torcer os narizes e protestar:

— Indecentes!

Houve, tambem, uma epoca de grande animação no pateo do Espirito Santo: — foi quando o padre Julio Maria, famosissimo orador sacro, realisou na igreja, á noite, uma serie de conferencias.

Concorridissimas.

Por sinal que numa delas o chefe de policia foi roubado no relogio de ouro por um celebre gatuno chamado Cabeção.

Rua Nova

Esta nunca transigiu, nunca foi "decaída", nunca perdeu seu primado de prestigio elegante. Epocas transitam, modas passam, gerações fenecem, situações politicas agonisam, e ela as assiste, as aprecia, as comenta, as elogia, as condena, sempre como arteria-maxima do Recife. Todos os recifenses têm ido, ali, mostrar sua meninice, sua juventude, sua maturidade, seu declinio vital. E, de envolta com essas estações da vida, os seus encantos, os seus ridiculos, os seus garbos, os seus amôres, ora na plenitude da mocidade ora no crepusculo da velhice.

Outras ruas hão embaciado no explendor, outras se tornando luminosas. A rua Nova soube manter-se a favorita da cidade. A cortejada. Debalde as municipalidades lhe têm mudado o nome. Debalde, seja qual for o pretexto. Ou a homenagem. Ela é e será a Rua Nova que os versos de um fox-tóot já esquecido afirmava ser "um beijo e uma canção". Rua Nova: curto, expressivo, formal. Nova sempre. A invalidez não foi feita para ela. Como certas damas de nosso conhecimento de creanças que á medida da multiplicação de nossos cabelos brancos, nos aparecem de ondulados bem negros, de pele bem maciosa, de olhos bem rutilos.

Os seus passeios, outróra de aspero cimento, e hoje de pedrinhas branco-pretas, viram passar os mais extranhos e diferentes trajos na sucessão das modas e dos tempos. Os gibões de veludo e os corpetes de damasco, os fardões

com passamanes de ouro e os chapeus de plumas, as librés dos pagens e os chales das negras da costa, os farrapos dos escravos e os fraques rabo de galo, os redingotes de diagonal e as luvas de seda bordadas a missangas, as anquinhas e as manga-balões, as saias amarradas e as blusas de golas altas, as cartolas peludas e os guritões da linha, as calças tabicas e os feltros desabados, os espartilhos estranguladores das formas femininas e os revela-seios de bicos artificiais, as roupas de baixo de madapolão e as combinações transparentes, os paletós fendidos nas costas e as camisas integralistas, as sobrancelhas peladas e as meias pelo avêsso...

De nada ela se admira e tudo aceita sorrindo.

Viu o palaquim e hoje vê o automovel. Viu o balão do Zé da Luz e hoje vê o Zepelin.

Todos a homenagêam e a incensam porque ela faz consagrações: de beleza, de arte, de pecado, de frivolidade, de favor politico. Por ela passa o desfile senhoril das mulheres e petroniano dos homens. Campo dos atrevimentos da puberdade e das pretenciosidades dos velhos. Cenarios das varandas de dentistas, dos balcões das casas de módas, de sala de espera dos cinemas, da móstra da indumentaria, das pescas de casamentos...

Colonial ou monarquista, abolicionista ou republicana, revolucionaria ou perrepista, ditatorial ou constitucionalista, sovietica ou patrionovista, ela será imperturbavelmente a rua Nova.

Aprendeu a habilidade de aderir. Não tivesse bons mestres!

Quem muito viver ha de vel-a um dia, na grande transformação das epocas e do pudor, o paraiso moderno do nudismo...

Um desembarque na Linguêta

A Linguêta era um dos aspectos mais tipicos do velho bairro do Recife.

Daquele bairro do Recife de antigamente, de que os moços não fazem siquer uma idéa, todo recortado de ruas angustiadas e tortas, de bêcos minusculos e acanulados, de travessas em fórma de funil, de sobradões parecendo dar cabeçadas de velhice, de varandas de madeira, de mansardas curiosas, de pateos silenciosos e misticos, de nichos em ressalto nos fundos das igrejas.

Bairro do Recife com os seus nomes lendarios e poeticos de logradouros publicos. Rua do Encantamento, por causa de um padre que seguiu de noite uma mulher bonita, acompanhou-a a um sobrado e foi encontral-a já em cima morta num ataúde; rua da Senzala em alusão aos escravos que ali eram vendidos; rua do Vigario em homenagem ao primeiro paroco da freguezia; bêco das Sete Casas ligando a rua do Apolo á da Cadeia; bêco "de quem vai para o Corpo Santo"; rua da Cadeia Velha; rua da Guia recordando o nicho que lá existira numa esquina com a imagem de Nossa Senhora, merecendo dos moradores, todos os anos, uma grande festa; rua da Moeda; largo do Corpo

Santo com o templo secular e vistoso, com o seu ar de quietude, de recolhimento, de saudade, só quebrado no dia da procisão dos Passos...

E a Linguêta ficava tambem ali por perto. Ligava-a ao largo do Corpo Santo, a rua do Comercio com os edificios dos bancos e das firmas opulentas da epoca.

Ninguem, dos que a conheceram, a esquecerá. Todos lá foram um dia pelo menos na agonia de uma despedida, no alvoroço de um desembarque, no impulso de uma curiosidade.

Haverá sempre nas almas dos que viveram no seu tempo a lembrança de um beijo de partida, de uma benção de chegada, de um abraço de reencontro.

O nosso modesto vestibulo de outróra. Modesto, pobre, sem arte, realmente, porém com um ar muito nosso, com um quê de acolhida a mais bonancheirona e simples, a mais familiar e sincera.

O cáes da Linguêta... Gameleiras de copas amplas, de troncos anósos, rodeados por banquinhos de ferro muito convidativos pela sombra, pela brisa do mar, pelo espetaculo do porto. Banquinhos democraticos. Neles tanto se sentava o "assucareiro" fechando uma forte venda de assucar para o sul com o corretor da praça, como o embarcadiço que conquistava uma mulatinha da rua do Bom Jesus; tanto nele repousava a dama da alta sociedade a espera do desembarque do marido que vinha da Europa como o vendedor de abacaxis cansado de esperar freguezes.

Calçamento rudimentar, ruim de se andar. Pedras que disputavam maior ou menor altura. O pavilhão da guarda-moria com uma barra de azulejos. A Associação Comercial de gradil na frente e dois pinheiros como sentinelas. O quarteirão de predios fronteiros ao mar de paredes manchadas pela salsugem, uns de dois, tres e

O cais da Linguêta

quatro andares, outros de um só pavimento como que acocorados com receio dos mais altos. Nêles se alojavam o Hotel Defrance, uma casa de cambio, Hotel d'Europe, uma loja de frutas, macacos e gaiolas de passarinhos, o shipchlander... Quase rente ao cáis havia botezinhos de nomes pitorescos, com uns tapetes enrolados sobre os bancos, dançando nas aguas do Capiberibe. Marujos, soldados, catraeiros, meretrizes, nunca faltavam ali. Espiando a maré, a vida, o amor... Defronte a Casa de Banhos trepada nos arrecifes com medo de se molhar. Fundeavam ao largo os antigos paquetes do Loid Brasileiro de canos pintados de preto com faixa branca; o Espirito-Santo, o Maranhão, o Alagôas, o São Salvador. Um ou outro alemão de passageiros e muitos cargueiros. Veleiros. O Norseman, da Western. Um velho brigue "Recife". Mais para dentro do porto, o Una, o Beberibe, o São Francisco, da Companhia Pernambucana.

No Lamarão, batido por enormes vagalhões, largara ferro um Mala Real de tres mastros e duas chaminés.

— E' o Clyde?

— Não, é o Madalena.

Informara um embarcadiço de roupa de azulão e cinto com grande fivela dourada. Chegada de gente lórde regressando da Europa.

Proêsa de admirar essa viagem porque o cambio descêra dos 27, em 1889, para pouco acima de 7.

Iam chegando familias para o desembarque. Vestidos de seda com ares de desacostumados ao sol; chapéus de longas plumas e de grandes passaros; blusas de mangas fôfas; saias de arrastar. No naipe masculino; fraques de asas em bico, croisês de duas carreiras de botões, bacorinhas francêsas, botinas Bostock; roupinhas de marujos nas

creanças. Moças de faixas escossêsas nas cinturas. Encontros, conversas, comentos.

A proxima Festa em Olinda. A Traviata, no Santa Isabel. A Prima dona cantara a aria final que só mesmo uma tisica. Agora estavam usando muito supostos de cabelos em cuias para fingir cachos. Eram os novos "niniches". O mar espatifava-se nos arrecifes.

— No Lamarão deve estar horrivel, hein?

— Não eu que fôsse lá. Augusto foi.

— Na alvarenga?

— Não. Na baleeira da Alfandega.

— Deus me livre de subir naquela cêsta puxada por um guindaste.

— Mas subir pela escada, minha negra, é uma cousa medonha. Além do banho e do perigo de cair n'agua...

Baixa a voz por causa dos homens: — ... a gente móstra as pernas até os joelhos. Imagine!

— Eu só fui lá fóra quando Papai — Dindinho veio do Rio. Depois da revolta da esquadra. Para nunca mais!

Os carros das cocheiras do Valéte e do Zé Luiz alinhavam-se, vasios, pela calçada dos predios. Os boleiros conversam ou cochilam nas boléas. Os cavalos quedam pensativos. Um pardo velhusco vende pequenas jangadas muito bem feitas e "com tudo dentro". Um balaeiro apregôa:

— Eh! mangaba madurinha, freguês!

Sons se misturam. Cantigas de cégos, risadas de mocinhas, vozes de homens, apitos de rebocadores, rodar de carroças... E por fim Pensamento, tipo popular, tocando na frauta a valsa "Sobre as ondas".

Paira no ar um cheiro ativo de comida escapulido dos hoteis. E o aroma aspero da maresia que se escapole do oceano.

O Capiberibe corre calmo, aveludado, espelhante sem se importar com a raiva do mar mordendo o arrecife. O rio pernambucano nunca teve temor de carêtas. Os galeões holandêses tambem fizeram barulho e um dia lá se foram embora, depressa e murchos...

Chegam afinal as baleeiras. Todos se movimentam. Os remos vão alto e os cróques principiam a fisgar a amurada do cáes. Encostam nas rampas. Mãos agitadas, chapéus, gritinhos, exclamações:

— Olhe Margarida... Como voltou gorda, minha gente!

— E Raulzinho como cresceu. De calças compridas! Que engraçado!

— Minha mana veio mais magra, reparem.

— Tambem, com as saudades do filho!

— Oh! lá! Seu Zéca, como se foi com as francêsas do Moulin Rouge?

Sobem os viajantes, de trajos novos, bem na moda, cheirando a camarote de vapor. As mulheres reparam tudo e sonham já em tirar os moldes para fazer vestidos iguais. Cochicham sobre o comprimento das saias, a estreitesa das mangas, a finura da cinta, o tamanho dos punhos. Abraços, beijos, chôros de alegria. Retalhos de frases com preponderancia das palavras: Bon Marché, Opera, Paris, Sud-Express, Sará Bernardt, Chiado, Maçãs, Frio, Touradas, Boulevard, Jogo de milhas, Enjôo, Libras esterlinas...

Tomam os carros. Chicotes estalam. Partem pelo bêco que vai dar á rua do Bom Jesus. As rodas fingem trovoada longinqua. Vão os recem-chegados para os abraços dos que ficaram em casa e para o almoço que os espera na mesa posta de vespera.

A Linguêta retoma seu aspecto de calmaria. As gameleiras dão sombra. Os corretores dão cotações. A aragem dá sono. A igreja do Corpo Santo dá meio-dia.

Quando o Lopes virou cobra

No tempo da guerra do Paraguai...

A frase saía de quando em quando das bôcas de pessoas mais velhas, na minha meninice. Ora iniciando uma narrativa, ora pontilhando um comentario. E eu não lhe prestava a atenção devida porque aludisse a uma epoca em que não era nascido. Lembra-me bem, entretanto, de que ao findar a luta fratricida de Canudos, espalhando-se a noticia de ir ser levada para um museu, no Rio, o craneo de Antonio Conselheiro, meu avô paterno pilheriara:

— Agora, podem botar o boné de Lopes na cabeça do Conselheiro.

Comum naqueles tempos era perguntar-se a alguem que aparecesse coxeando, com um braço na tipoia ou com o rosto amarrado:

— Você veio da guerra do Paraguai?

Tudo isso indicava o profundo vinco de impressão deixada naquela gente pela longa peleja com o paiz visinho. Porque essa guerra fôra, como é natural, para o Recife de 1865 a 1870, não somente um agitado periodo civico, um doloroso transe de sacrificios, um sobressaltado lustro de

mortes, de dôres, de luto, de esperanças, de saudades, mas, tambem, uma grande novidade.

O Recife dessa éra já longinqua não passava de uma inalteravel pasmaceira. Vida provincianissima, toda salpicada de escravos, com aguas servidas jogadas das varandas de pau á rua sem calçamento, com muita maré onde agora ha parques elegantes, com onibus para Olinda, com quitandeiras e boleiras na calçada da matriz da Bôa Vista, com as lavadeiras do cáis de Apolo pondo roupas a secar nas grades da ponte. Um dispositivo municipal proibía os matutos entrarem na cidade com as camisas por fóra das calças; as ruas viviam cheias de cabras; causavam escandalo os atropelamentos dos que disputavam logares nos bondes para ir á festa de Hospital Portugues; na noite de São João, de volta do banho no rio, uma mulher tivera as coxas queimadas porque um buscapé indiscreto lhe entrara pelas saias; uma missa do frade custava 1$000 e de padre 2$000; as machinas Singer vendiam-se a 80$000; havia exposição de figuras de cêra na rua da Imperatriz; a Aguia Negra era a loja de miudezas da rua do Cabugá mais barateira; Madame Tomaz, parteira francêsa, oferecia seus serviços; um córte de casemira listada, para calças, custava 4$000; o extrato da moda: yangyang; no pateo do Carmo um bando de meninos em dois grupos jogavam pedras de maneira admiravel, uma promessa de futebol; toda a rua Princeza Izabel não passava de um espêsso jurubebal; tocava-se muito a polca Elefante de botas; Tobias Barreto ensinava filosofia na pracinha Maciel Pinheiro; as livrarias anunciavam como "vem de aparecer": Atala, de Chateaubriand, Falenas, de Machado de Assis, Pata da Gazela, de Alencar, Gramatica nacional, de Aulete...

Foi nesse Recife que se passou o quinquenio da guerra do Paraguai.

Na casa de meus pais havia o constante convivio de duas pessoas que tinham participado dessa carnificina. Uma delas era um tio, major Horacio Pires Galvão. Perdera um braço em Tuiutí e trazia a manga do fraque azul-marinho dobrada e presa quase a altura do ombro. De barba fechada e grisalha, bigode crestado pelo fumo, um grande ar de doçura e um não menor poder de simpatia. Meio folgazão, ele atraía minha curiosidade infantil pelo seu espirito bonacheirão e pelas historias que contava. Demais, era, para mim, um homem que brandira uma espada maior do que a minha de flandres numa guerra de verdade. E que, perdendo um braço na briga, ficara com aquele "cotôco" que ele sungava num séstro todo seu quando queria ajudar um pouco o esforço do são.

O outro guerreiro que conheci em pequeno foi o compadre Basilio. Deu-me uma afilhada quando eu já era rapazola. Basilio exercia a profissão de "abridor" da Alfandega, sendo muito dedicado e grato a nossa casa. Tão dedicado e grato que acabou se enamorando da nossa Chichica, cria de minha avó, com quem se casou afinal. Ele sempre por lá aparecia a pretexto de regar as plantas do jardim, mas com o sentido em ver a "menina". Hoje o que me causa extranhesa é um individuo calmo, pachorrento, bondoso, como Basilio, ter ido se alistar como soldado e se meter em bravatas. Ou o patriotismo faz desses milagres mesmo ou então ele foi um dos voluntarios de pau e corda... Não li algures ter havido no Maranhão, numa cidade do interior, um orçamento municipal em que se incluia a despesa com uma algema para um voluntario da patria?...

Verdade, porém, é que no Recife quando se veio a saber com a lentidão das noticias na epoca que o Lopes virara cobra, muita gente se decidiu a ir matal-o na cabeça.

Embarcaram, sob vibrações indescritiveis as tropas regulares. Paulino Camara renuncia ao logar de promotor da capital para ser soldado raso. Não havia acumulações renumeradas nem para morrer... E Paulino Camara partiu com o primeiro batalhão de voluntarios precisamente no dia 27 de Abril de 1865. Esse embarque registraram-no as cronicas da epoca como uma legitima apoteóse.

Pernambuco honrou seu nome nessa guerra. Tobias Barreto escrevera uns versos famosos onde se louvava esse assomo do "leão":

Pernambuco, eriça a coma
Abaixa-te um pouco e toma
O peso do Paraguai.

Esse peso ele tomou mesmo. As estatisticas não mentem. Em 1868 já o nosso Estado contribuira para o exercito com 8.693 homens e com 1.028 para a armada. Pernambuco só se abaixa para suportar tributos dessa ordem: os que salvam o Brasil. Guararapes aí está para prova.

Não havia ainda telegrafo e as novidades do "campo da luta" chegavam via postal com quase um mez de velhas. A cada vapor do sul corria-se para a Linguêta onde se espalhavam logo as noticias das vitorias ou dos revêzes. Depois toda a cidade sabia. Não faltavam os estrategistas amadores, gizando planos para Osorio, Barroso, Gurjão e Caxias... Quando se verificava uma derrota os pessimistas espalhavam boatos desalentadores e exagerados. "Isto é um paiz perdido!" Os jornais clamavam contra os confrades derrotistas. Raça que não se extingue. Não ha papel com breu que sirva...

A 7 de março de 1868 o Recife perdeu a cabeça. Fundeara no porto o "Cruzeiro", da Empresa Brasileira de

Navegação, "veneranda genitora" do nosso Loide, e viera nesse vapor a nova passagem de Humaitá. Reboliço formidavel. As ruas encheram-se de gente. Até os escravos tiveram um quêzinho de liberdade. Repiques de sinos de todas as freguezias. Estralejar de girandolas, passeiatas com musicas, luminarias nos pontos centrais, retrêtas no Aterro da Bôa Vista, no largo do Arsenal, no Campo do Colegio, na rua dos Judeus. Lopes levara uma bôa...

Nesse mesmo paquete aportaram ao Recife alguns prisioneiros paraguaios, entre eles o capitão Pedro Scobar e o alferes Domingos Seara.

Outra festança a do dia em que se soube da tomada de Assunção. E, emquanto lá pela sua patria a artilharia trovejava, os prisioneiros paraguaios tratavam de fazer, em Pernambuco, a sua vida menos acida, nostalgica e penosa. Fraternisavam com os pernambucanos, mostrando bem a imensa besteira da guerra. Sobretudo com as pernambucanas de procedimento meio arrepiado. Trabalhavam nas obras publicas durante os dias e ás noites se distraiam com as mulheres tambem publicas. De tal modo que num cortiço existente da rua do Socêgo, por sinal paradoxalmente de propriedade de um padre Antonio, a cousa atingiu tais extremos de licenciosidade que uma folha reclamou contra "aquele antro de perdição", onde se reuniam soldados de linha, guardas-nacionais, invalidos da patria e prisioneiros paraguaios "por causa de umas camelias ali residentes". As camelias já deveriam estar bem maculadas... Favorecia ainda mais o escandalo, frisava o jornal, a circunstancia de não ter o cortiço iluminação. Eram tocatas de violão, ceias de garfo, carangueijadas com pirão e pimenta, requebros, dansas, olhares, beijos e até facadas...

Si as nossas "camelias" se mostravam assim caídas para os adversarios da patria, por sua vez as mulheres de Lopes

se manifestavam vencidas pelos nossos soldados. Passou pelo Recife, finda a guerra, o 59.º batalhão com um efetivo de 530 praças acompanhadas de 40 raparigas paraguaias, 40 corações pacifistas, precursoras de uma politica pan-americana do amor.

O termino da luta proporcionou ao Recife aspectos mais alegres, mais tranquilizadores, mais entusiasticos. Voltavam as tropas vencedores. Exaltavam-se os heróis nacionais. Mudavam-se os nomes das ruas. A chegada do 53 voluntarios foi uma cena nunca vista na pacata cidade do Capiberibe.

As costureiras tiveram o que fazer. E os alfaiates tambem. O avistar do transporte da marinha desencadeou um temporal de foguetes, de apitos, de dobrados, de vivas, de sinos. O brigue real Itamaracá deu as salvas regulamentares com seus canhões de bronze.

O desembarque efetuou-se debaixo de palmas. O desfile pela cidade, do Arsenal á fortaleza de Cinco Pontas, durou seis horas. Folhas de canela pelo chão, colchas de seda nas varandas, festões pelas paredes, cordeis com bandeirolas, corêtos em todas as praças.

De quando em quando um discurso, uns versos. Na rua Direita, canto da travessa de São Pedro, diversas meninas trajando branco com fitas verde-amarelo nas cinturas ofereceram um ramo de rosas para ser posto na haste da bandeira do batalhão. Depois entoaram um hino.

E as tropas passam, desfalcadas, exaustas, maltratadas, porém com o grande e alto orgulho do triunfo e a infinita alegria pelo regresso.

Sessenta anos. As gerações transitaram pelo mundo, os povos se aproximaram, o odio esfriou, a paz perdura como sinal de juizo. Lopes levou a bréca. Bem merecida-

mente pela loucura de seu espirito belicoso. E hoje a guerra do Paraguai quase só é lembrada em versos ingenuos como estes que ouvi certa vez da bôca de um cégo, na feira de Caruarú, vestindo uma tunica velha da policia:

Sordado, cadê a roupa
que te dei para guardá?
Seu tenente me adiscurpe
a roupa eu mandei lavá,
que inda onte eu cheguei
das guerra dos paraguá...

O balão do Zé da Luz

Voar sempre foi desejo de ousados e timidos. Todos nós, em meninos, gostavamos de, em noites de São João e São Pedro, soltar aqueles balõezinhos de gomos coloridos, cheios de luz, tontos pelo ar a principio, depois serenos, indo cair longe, numa distancia que a imaginação infantil mais aumentava pelo elance do misterio e da fantasia. Sonhavamos com as visinhanças das estrêlas, da lua, do céu...

No arremesso da memoria pelos seculos a dentro vamos encontrar tentativas de vôo em varios povos e em varias epocas. Dir-se-ia que a humanidade nunca deixara de querer voar — uns por cima dos outros e outros por cima dos demais. Porque nessa especie de exercicios aviatorios muita gente incapaz de subir a uma barquinha, é perita. Talvez se originem daí as expressões tipicas da sabedoria popular: "Cortar-lhe as asas"... "Formiga quando quer se perder cria asas"... "Quem menos corre vôa"... "Ele é um aguia"...

Até os quelonios nutriram veleidades de imitar as aves nos seus passeios aereos. Ninguem desconhece a historia do cágado que se fez convidar para um casamento na morada celeste e para lá se dirigiu ás costas de um urubú

camarada. Em meio do caminho houve talvez "panne" no motor do abutre ou um gesto humano de falsidade e o pobre do cágado desabou do alto, numa bruta quéda, ficando desde essa epoca com o casco remendado e a cantar:

Réu... réu... réu...
Quem de uma escapa
Nunca mais bodas ao céu.

Os recifenses não podiam escapar á fascinação dos vôos. Ainda hoje, quando a passagem dos aviões de carreira comercial constitue banalidade e o Zepelin, essa cavala perna de moça do espaço, nos visita bi-mensalmente, muita gente afaga o imenso desejo de dar um giro pelas alturas.

Em 1868, os olhos do Recife viram pela primeira vez um cristão se afoitar pelo céu num balão. Era um tal Julio Burlay e subia no pateo do antigo teatro S. Antonio, levando pendurado na barquinha um trapesio para executar acrobacias perigosas quando estivesse bem alto. De uma das vêses foi cair em Pau d'Alho, contam os jornaes antigos.

Na minha infancia, por voltas de 1893, no prado da Estancia um outro aeronauta tambem fizera ascensões arriscadas e bonitas, caindo agarrado num para-quedas. Lembro-me disso perfeitamente. Nunca consegui esquecer a impressão daquele homem se despregando do balão, naquelas alturas e vindo ter ao chão com o seu chapéu de sol vermelho, sem um arranhão...

Em 1905 tivemos o Ferramenta, capitão português de garboso porte e fartos bigodes, que veio mostrar aos recifenses a sua destemerosidade e o seu aerostato. No primeiro dia, e creio que tambem no segundo, foi um fiasco medonho. Gente muita e com entrada paga, e nada... Não conseguiu se levantar do sólo nem um metro. A multidão saiu decepcionada e com ironia pelas ruas:

O pau rolou, caiu,
Seu Ferramenta não subiu.

Culparam, em desculpa, o gaz da companhia de iluminação da cidade. Seria fraco para botar o balão nos ares.

Das outras vezes, porém, o luso andou majestoso e atrevido pelos ares, embora já navegados...

Tudo isso, no entanto, tem pouca significação, para nós, deante do exito que foram as ascensões do nosso legitimo aeronauta: o Zé da Luz. O musico asilado do exercito José Pereira da Luz, pernambucano da gema, bravo da campanha de Canudos, deixara-se excitar pelas proêsas aeronauticas. Fizera leituras apuradas do assunto. E quando aqui esteve o Ferramenta de tal modo se interessou pela cousa que construiu, a titulo de experiencia, um balão de papel grosso protegido por uma rêde de cabinho, não obtendo, porém, o resultado que desejava. Não desanimou. Quem por tantos mêses tocaiara os jagunços de Conselheiro não iria desistir de um ideal ao primeiro fracasso. Arranjou outro aerostato e tentou nova experiencia. Dessa vez na fortaleza de Cinco Pontas, onde se aquartelava o 40 de infantaria. E nada ainda. O envolucro não resistiu ao impeto do gaz e rasgou-se, murchou.

A fé do Zé da Luz é que não murchava. Antes, entumecia-se mais e mais. Vendeu um piano, juntou dinheiro, seduziu amigos para uma subscrição e mandou vir da Europa um balão igual ao do Ferramenta, ao "Portugal". A chegada desse balão constituiu festa para o Recife antigo. Saiu dos armazens da Alfandega num carroção da Carril todo enfeitado, com uma banda do exercito á frente. Num landô vinha o Zé da Luz fremente de jubilo e inundado de esperanças. O povo enchia as calçadas. As janelas povoa-

vam-se como em tarde de procissão. O molecorio dava vivas.

Estavamos em 1906. E o dia 7 de outubro foi marcado para o primeiro vôo.

Como se tratasse de um pernambucano era, e ainda é natural que aparecessem os incredulos, os descontentes e os criticos, somando todos eles apenas uma classe: os invejosos. Remoques, descrenças, ironias, fingidos receios... Até para a policia apelaram. Tornava-se necessario impedir essa doidice. Onde já se vira um filho de Pernambuco voar? Que o fizessem alemães, gregos, portuguêses, chinas, argentinos, vá lá. Ou mesmo filhos de outros estados brasileiros. Mas, daqui!! Gente do Capiberibe ou do Una, de Garanhuns ou de Afogados de Ingazeira, qual! Deixassem o pobre diabo vegetar com o seu sonho... A policia, no entanto, fechou os ouvidos, talvez almejando que o pernambucano levasse logo a breca...

E á tarde a multidão se mexeu para a rua do Sêbo onde de um sitio Zé da Luz iria subir. Parecia ter contagiosissima doença acometido a população recifense. Peor que a "espanhola". Bondes atulhados; carros em fila; maxambombas dando prégos de cheias; grupos e mais grupos a pé. Ruge-ruge. Impaciencias. Pisadelas. Empurrões Graçolas. Resmungos. Desaforos. Risadas. E o balão engulindo gaz.

Dali a pouco chega o aeronauta. Vem numa vitoria aberta e fardado. Todo de azul com botões dourados. E recebido com desconfiança, em silencio. Monsenhor Freitas benze o aerostato. Zé da Luz sobe para a barquinha depois de haver abraçado o padre e beijado uma filhinha.

E solta a ordem de comando:

— Larga tudo!

O balão eleva-se, eleva-se, vai para o azulado impecavel do céu. Muita luz, muito sol, muita beleza. Tarde de verão pernambucano. O aeronauta feliz, triunfante, comovido agita o boné em saudação á sua gente. E olha embevecido do alto a sua terra.

O povo é bom. Arrepende-se da frieza, da duvida, da incredulidade. Entusiasma-se, vibra, explode. Vivas, palmas, pulos, gestos, foguetes, musicas. E o balão bem nas alturas lá se vai, lá se vai, deixando o centro, tomando rumo dos arrabaldes. Conjectura-se:

— Cai em Tijipió...

— Cai na Boa Viagem...

— Cai em Tijipió...

Caiu mesmo neste suburbio. Corre a multidão para ali. Encontram o aeronauta dentro do mato com o seu balão e sem ter sofrido nada. Trazem-no em triunfo. Um povão de acompanhamento ao carro. Galopam dezenas de cavalerianos. Discursos de quando em quando. Aclamações delirantes. Um banquête.

O povo nas ruas canta:

Subiu, subiu e subiu
Subiu o balão brasileiro!...

Outras ascensões realizou Zé da Luz no Recife.

Arranjaram-lhe uma patente de capitão da Guarda Nacional e ele passou a cingir a competente farda com os tres galões.

Afinal, embarcou para o sul, e no Rio, depois de varios exitos, quebrou uma perna numa das ascensões pelo céu carioca.

Esse acidente ficou celebrisado no Recife por esta quadra:

Zé da Luz era tenente
Passou a capitão.
Quebrou a sua perna
Na subida do balão...

A procissão dos passos

A imagem do Bom Jesus dos Passos que vem ás ruas da nossa catolica cidade, numa sexta-feira da Quaresma, possue a sua lenda e bem significativa.

Em uma noite de grande trovoada e de formidavel aguaceiro desses que anunciam no Recife a entrada do inverno, um pobre velho, andrajoso, tropego, doente, pingando agua, foi bater á porta do Convento do Carmo. Entre o estalar de dois pavorosos trovões, o leigo, lá dentro, interrompendo o sono, ouviu extranhas pancadas e veiu, de andar arrastado, esfregando os olhos, de mau humor, ver quem era o afoito que lhe perturbava o repouso. Ladeou o claustro todo inundado e abriu o postigo do parlatorio.

— Quem é?

A' voz acida do leigo respondeu a voz mansa do mendigo.

— Um agasalho pelo amôr de Deus!

— Aqui não é hospedaria. Vá dormir debaixo da ponte...

O leigo vira, ao abrir de um relampago, a roupa esfarrapada do velho e não teve medidas para repeli-lo.

Foi-se o pobre, resignado e humilde, debaixo do temporal, em busca de této mais cristão. E, caminhando a esmo, viu-se no largo do Corpo Santo. Ainda existia o templo que a "estetica dos engenheiros" derrubou para substitui-lo em outros pontos da cidade pelos arranha-céus... Subiu os degraus de marmore e bateu á porta da sacristia.

Não foi preciso bater muito. O vigario atendeu e mandou-o entrar. — Durma aí nesse banco, irmão.

No outro dia, ao clarear, indo despertar o hospede, o paroco não o encontrou mais. Ao envês dele, achava-se na sacristia do Corpo Santo a bela imagem do Senhor dos Passos.

E ali ficou até que a igreja foi abaixo. E dali começou a sair em procissão desde aquela epoca.

Contam que os carmelitas, ao saber do fato, protestaram, exigiram a entrega da imagem sob alegação de que Jesus fôra primeiro pedir abrigo no Carmo, manifestando assim preferencia de moradia. Mas o juiz a quem coube desenlinhar o caso, decidiu em favor do Corpo Santo, por haver sido mais humano e mais gentil, mesmo antes de conhecer a divina identidade do falso mendigo. Como ficha de consolação, resolveu-se que o Bom Jesus todos os anos passaria uma noite e um dia no templo carmelita.

E tudo ficou de bem. No meu tempo de menino ouvia dizer que si por qualquer circunstancia a imagem não podesse regressar na sexta-feira de Passos ao Corpo Santo, passaria a pertencer ao Carmo. Muita gente acreditava nessa outra lenda. Por isso, em 1895, quando uma chuvada inclemente e incessante não consentiu que a procissão se realisasse, meu espirito de creança se alvoroçou logo com a noticia trazida pelo preto Izidoro, lá da rúa, de que dessa vez Nosso Senhor ficaria para sempre no Carmo. Mas não era mais que um **boato**...

Outro acontecimento notavel, — neste eu ainda não fôra convocado para servir no mundo — muito falado no Recife e assustando a muita gente, foi o meteoro que iluminou o céu na noite da procissão dos Passos em 27 de Março de 1871. Um clarão subito, enorme, encandeador. Houve quem pensasse no fim do mundo... Houve quem o atribuisse a algum pecado cometido durante o desfile religioso... Um olhar, um aperto de mão, um beliscão, um gracejo, um cravo roubado do andor para dar a uma sinhazinha que viera num palanquim azul...

A procissão dos Passos sempre teve no Recife honras de explendor e de fama. Marcava mesmo uma etapa do ano. Um mez antes, quem dispunha de recursos, tratava de encomendar o vestido de seda preta lavrada ou de gorgorão. As mocinhas contentavam-se com as cambraias de seda com salpicos. As matronas exigiam dos maridos as capas de damassé com vidrilhos e as severas capotas com enfeites de veludo. Dos guarda-roupas para o banho de benzina saíam croisés e fraques de casemiras negras.

Quem morava em rua onde passava o cortejo, tomava precauções. Era preciso robustecer a munição da dispensa. As familias amigas e os parentes não faltavam. No Recife quieto e silencioso desse tempo, ao quebrar do meio-dia começavam as igrejas a dobrar. Não havia bondes eletricos, nem caminhões, nem automoveis de escapação aberta para infernar os ouvidos, e, por isso, o toque das igrejas tomava ares de um escandalo de ruidos. Os livre-pensadores queixavam-se, explodiam. As irmandades passavam, de cruzes alçadas, para o Carmo.

Na quinta-feira era a procissão chamada do Encêrro, porque a imagem do Senhor dos Passos ia do Corpo Santo ao Carmo, coberta. Ao escurecer, o Corpo Santo iniciava os seus dóbres lentos, dolorosos, tristes. As ruas do velho

Procissões

bairro do Recife pouco a pouco se movimentavam e o comercio em grosso fechava por completo. Grupos iam se adensando pelas calçadas e pelas pontes. Varandas enchiam-se. Punham-se nas janelas e sacadas castiçais com vélas protegidas por mangas de vidro. Nos Arcos da Conceição e de Santo Antonio havia tambem muitas luzes. Os vetustos sobradões da rua da Cadeia, de ordinario fechados e desertos, ganhavam uma vida que êles só haviam conhecido em epocas mais remotas.

O longo, belo e tocante cortejo noturno saía por volta das 7 horas e vinha se estendendo pela ponte do Recife para ganhar o bairro visinho. Duas imensas e tremulejantes fileiras de barandões acêsos com umas angelicas de papel de seda resguardando as chamas. Entrava pela rua do Crespo, transpunha a pracinha, enfiava-se por Cabugá e Nova...

Em todo trajéto gente muita a espera. A imagem de Jesus, velada por um docel de sêda roxa, era carregada pelos oficiais da Guarda Nacional. Via-se apenas a ponta da cruz de fóra. Musicas, povo. E um cheiro de incenso que ficava depois por alguns momentos nas ruas vasias...

No outro dia, á tarde, voltava o Senhor dos Passos a sua igreja. O comercio cerrava as portas mais cêdo. Nas esquinas os mesmos grupos classicos de mulheres que vinham de longe e traziam creanças que choramingavam. Todos queriam "pegar canto". Velhotas arengando. Moleques tomando pagode com as beatas de lenços brancos nas cabeças e de balandraus ruços. Rodavam carros com familias lórdes. Abriam-se varandas de primeiros andares que serviam de depositos das lojas.

E enchiam-se os predios da rua da Cadeia, da rua do Crespo, da rua do Cabugá, da rua Nova... Iam transitando anjos procedendo das casas das "vestideiras". Algumas eram celebres em São José e tinham muito gosto em

fazer as saias armadas, bem redondas, ensinando as creanças a gingar, — fazer o "passo" dos cherubins.

Afinal surdia a procissão, depois de uma espectativa de duas ou tres horas, ouvindo os sinos e espreitando a bôca da rua.

— Lá vem o pendão!

— Minha gente! Côrra!

— Vem perto!

Havia sempre alguem lá por dentro e todos acorriam á varanda. Aí é que era o péga para arranjar canto. Os mais sabidos já estavam abancados. Os donos da casa sempre ficavam por traz, trepados nas cadeiras.

E o grande pendão, como o seu S. P. Q. R. que o povo traduzia por "Sopa, pão, queijo, rapadura", passava seguro pelo Rodrigão, o homem mais alto do Recife. Em seguida os guiões das Almas e do Sacramento. Os colegios: o Instituto Pernambucano, o Aires Gama, o 9 de Janeiro, o 19 de Abril, o Salesiano... As irmandades, as confrarias, o andor enfeitado com cravos e alecrins, as ordens terceiras, o seminario, o palio, o governador Gonçalves Ferreira, o bispo D. Luiz, os oficiais da linha, da Policia, da Guarda Nacional, as musicas, o povo...

Um desfile extenso, colorido, bonito, empolgante! De quando em vez se via no meio do prestito um homem com um rabecão, outro com um violino, outro ainda com uma musica na mão. Era a orquestra que ia tocar num dos passos. Ali o andor parava, dando as quedas do ritual. A multidão arrojava...

Cercava a imagem um grupo de soldados de cavalaria com espadas desembainhadas. No tempo da monarquia, seguia-se um batalhão.

A oficialidade da Guarda Nacional oferecia um pitoresco muito da epoca, na procissão dos Passos. Era um

dia grande para esses militares porque lhes ofereciam ensejo de mostrar o garbo do fardamento. Mas, havia alguns que não tinham nada desse garbo, e apareciam em publico com umas fardas mal ajustadas aos bustos, as espadas tronchas, os bonés de banda. Mesmo assim iam exultantes de entusiasmo, de marcialidade. Maximé quando ouviam voz feminina, na multidão, apontando-os:

— Lá vai seu Anacleto da botica, feito major.

— Nem parece aquele de mangas de camisa, hein, Licóta?

— E seu Augusto do açougue da Cabanga, de general.

— Que general, menina! Ele é coronel.

— Vai "besta" mesmo!

Eles sorriam, aprumavam-se ainda mais, punham a mão no punho da espada ou endireitavam o penacho.

A procissão ia desaparecendo aos olhos daquela gente. Calçadas se esvasiavam. A musica tocando mais distante a marcha tipica em que sobressaiam o bambo e os pratos. Anjos voltavam com caras de quem traz os pés a arder, a curiosidade satisfeita e o sono perto. Nos dedinhos as cestas de bolos vasias. Irmandades desciam a ponte apressadas, com as opas cheias pelo vento, tremulando, tremulando... E o sino do Corpo-Santo a afirmar: "Já chegou... já chegou... já chegou".

Todos tinham aquela impressão mixto de cansaço, de saciedade, de tristeza, de fastio que deixam as festas acabadas e os espetaculos que de antemão já se sabe serem sempre iguais. A propria emoção religiosa estava gasta. Maxambombas apitavam, bondes de burro tornavam a se mover.

Depois da procissão ia-se correr os "passos" armados aqui e acolá, uns em nichos especiais, outros em portas de

sacritias, todos enfeitados de flores e cheios de luzes. Era o da Conceição dos Militares, do Arsenal de Marinha, da rua do Crespo, dos fundos do Corpo Santo...

Dentro das casas as visitas demoravam. Havia sempre um velho fraque preto e calça branca que evocava a procissão de seu tempo. "Aquelas, sim, faziam gosto". E pormenorizava: Varriam-se as ruas de manhãzinha, punham-se folhas de canelas. Nas janelas colchas de seda e tapete de pelucia. As moças usavam vestidos aperta-barriga, muito em moda. As velhotas vinham á rua de "timão", com balandraus de capuz. Saia dos baús muito trajo ruço fedendo a azeite, rapé e barata. Os escravos ajoelhavam-se pelos caminhos. Os palanquins traziam as damas lórdes da Trempe, do Mondego, do Chóra Menino, de Fóra de Portas. Formavam as tropas com seus penachos verde-amarelo e suas bandas vermelhas. Depois do palio, o presidente da provincia, o comandante das armas, o bispo, os juizes, os oficiais. Tantos anjos! As vestideiras não davam conta das encomendas.

— Aquilo é que era procissão. Hoje...

A conversa tomava outros destinos. As senhoras comentavam os vestidos das amigas e conhecidas. Não tinham gostado de d. Nana com aquelas mangas de babados. E a blusa de Mariquinhas com uma góla de veludo espantadissimo! Maria da Anunciação, do dr. Carrapateira, botara saia comprida. Tinham visto?

— Tambem, está em tempo, minha gente. Ela nasceu com o meu Elpidinho. Fez 15 anos...

Sorrisos e olhares de malicia. Ainda houve tesouradas no passarinho do chapéu de d. Quiteria Gameleira.

— Não se enxerga.

— Da minha idade.

— E não é! Em vez de botar logo capóta, anda com chapéus daqueles...

Vem da cosinha um cheirozinho agradavel de carne guisada e de pirão com bem manteiga. Simulava-se vontade de ir embora.

— Fiquem para jantar.

— Qual! Tanto incomodo!

— Que nada! Agora o trem está muito cheio, comadre Isabel.

— Um horror... Cada empurrão...

— E depois as afoitesas. Com essas meninas...

— Tinha graça. Sairem daqui de barrigas vasias.

Ficavam, como nas procissões anteriores. A rua cada vez mais escura, mais quieta, mais silenciosa. Os proprios "passos" atraiam menor curiosidade.

Ultimos grupos de retorno ás casas E a frase invariavel, insatisfeita, incisiva:

— Eu gostei muito mais da do ano passado.

Maracatús

Eram tipicos no carnaval de antigamente.

Tipicos, numerosos, importantes, suntuosos.

No meio do vozerio da mascarada, dominando as marchas dos cordões, ouvia-se ainda longe o rumor constante, uniforme, monotono dos atabaques.

Bum... bum... bum... bum...
Bum... bum... bum... bum...

Era um maracatú.

Havia os que gostavam dele e esperavam-no com curiosidade.

Havia os que protestavam contra a revivescencia africana e resmungavam.

Bum... bum... bum... bum...

No fim da rua, por cima do povo, surdia o grande chapéu de sol vermelho, rodando, oscilando, curvando-se. E o batuque cada vez mais perto, mais perto.

Dali a pouco desfilava o cortejo real dos negros.

Vinha o rico estandarte de côres vivas com bordados a ouro. Seguiam-se as alas de mulheres ostentando turbantes, saias bem rodadas, corpetes enfeitados de vidrilhos. Traziam fetiches religiosos nas mãos. Depois, o rei e a rainha, em trajos majestosos, debaixo da ampla umbéla de sêda encarnada com franjas douradas. Empunhavam os cétros, vestiam longos mantos, e tinham as cabeças coroadas. Na retaguarda do prestito, os atabaques, as marimbas, os cangás, os pandeiros, as buzinas...

As canções que todos entoavam eram ordinariamente nostalgicas, como numa ancestral saudade da terra de berço, ficada tão distante.

Costumavam tambem cantar assim:

Bravos, Yoyo!
Maracatú já chegou.
Bravos, Yaya!
Maracatú vae passá...

Uma das mulheres empunhava uma grande boneca de pano toda engalanada de fitas, e repetia numa toada dolente:

A boneca é de seda... .
A boneca é de seda... .

Os maracatús paravam em frente ás casas dos protetôres e ali dansavam durante alguns minutos. Antigamente licenciavam-se dezenas deles e apresentavam-se com verdadeiro luxo. Nas sédes havia demoradas festas, com dansas e batuques, a que assistiam os "soberanos" sob um docél de veludo. Todos os negros da costa, tão comuns no

Recife de ontem, — aqueles mesmo que se reuniam, tambem, religiosamente, na igreja do Rosario, — lá se achavam para tomar parte nos "tóques".

O maracatú hoje excasseia e já não tem mais o explendor de dantes.

Em menino eu tinha medo dos maracatús. Medo e como uma especie de piedade intraduzivel. Aqueles passos de dansa, aqueles trajos exquisitos, aqueles cantos dolentes, me davam uma agonia... Eu me encolhia todo, juntando-me á saia de chita de minha mãe-preta, com receio talvez de que os negros do maracatú a levassem tambem.

E eu não sabia ainda ser o maracatú uma saudade... Hoje é que a compreendo, que a sinto, recordando os maracatús de minha infancia e de minha terra, vendo os carnavaes de outras cidades e de outra epoca...

Parece-me perceber ainda o batuque longinquo, cada vez mais remoto, cada vez mais indeciso, quando, na alta noite da terça-feira, no silencio e na tristeza do Carnaval acabado, o derradeiro maracatú se recolhia á séde...

Bum... bum... bum... bum...
Bum... bum... bum... bum...

E lá se ia, como se foi, o meu maracatú de menino...

Indice

PASTORIS 9
LOJAS, MODAS, AMÔRES E DANSAS 23
SEMANA SANTA DE OUTRORA 39
CARNAVAL DE MEU TEMPO 51
OS BONDES DE BURROS 61
UM SERENO DE CASAMENTO 77
PERNAMBUCO É UM CEU ABERTO 87
TIPOS DE RUA:

Os ciclistas 97
A negra da costa 101
Os tocadores de tachas 102
Os homens das opas 103
A fanfarra alemã 104
Os carregadores de pianos 105
As velhas de lenços nas cabeças 106
As antigas boleiras 108
Os brabos 110
Os bombeiros 115
As saias amarradas 117

TEATROS 121
PASSADORES DE FESTAS 131
CINEMAS E PEQUENAS DE DANTES 139
UMA VELHA NOITE DE FESTA 149
CENAS E USANÇAS:

Nosso pai 161
O quatorze 164
Mez mariano 169
O grafofone 174
O homem do dedo 176
O enterrado vivo 179
O comedor de vidro 180
Os Lucas 181
O salto da morte 182
Os antigos cafés 185
Festas dos arcos 189
As padiolas 194
Cartões postais 197
O primeiro automovel 200
Os velhos medicos 205
As bandas de musica 208
A briosa 212
O primeiro avião 215

NO TEMPO DO CATIVEIRO 219
COMO O RECIFE VIU A REPUBLICA 233
AS MAXAMBOMBAS 243
LARGOS, RUAS E ARRABALDES:

A Pracinha 261
Campo das Princêsas 266
Rua do Hospicio 270
Arraial 272
Poço da Panéla 273
Encruzilhada de Belém 276
Rua da Imperatriz 278
Ponte do Recife 280
Rua do Imperador 281
Rua da Aurora 287
O Derbi 290
Rua do Cabugá 292
Pateo de Santa Cruz 294
Rua do Brum 297
Linha Principal 299
Avenida Riachuelo 301

Largo do Entroncamento 303
Largo do Espirito Santo 303
Rua Nova 306

UM DESEMBARQUE NA LINGUÉTA 309
QUANDO O LOPES VIROU COBRA 315
O BALÃO DE ZÉ DA LUZ 323
A PROCISSÃO DOS PASSOS 329
MARACATU'S 339

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Grafica da "Revista dos Tribunais", Rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo-Brasil, para as Edições Cultura Brasileira.